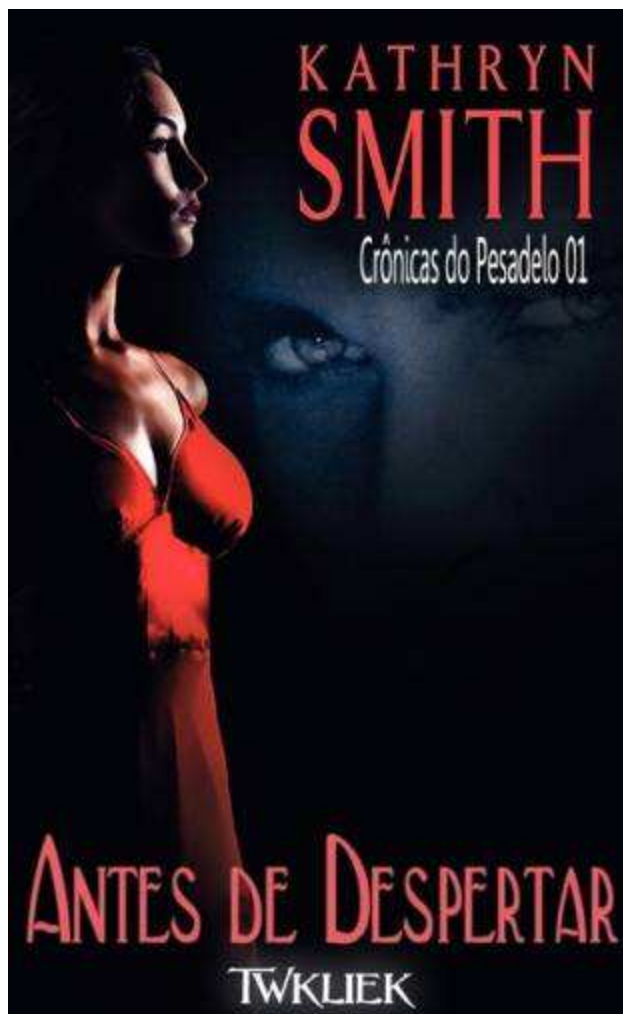




TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01



*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*

Crônicas do Pesadelo 01

*Pode chamá-lo um emprego de sonho...*

*E de certo modo, não é errado. Pagam-me para estudar os sonhos das pessoas. No final, resulta muito mais simples que meus empregados no Centro do Sonho não suspeitem que eu, Dawn, sou filha do rei do mundo dos sonhos, e que posso vagar pelos sonhos de outros, combatendo os pesadelos que os acoçam.*

*Eu chamo um pesadelo...*

*Sinceramente, não me viria nada mal uma boa noite de sonho. Mas desde que conheci Noah Clarke, sinto-me, se pode ser, dividida entre os dois mundos. Inteligente, sexy e capaz de controlar seus próprios sonhos, Noah poderia ser o homem perfeito para mim, salvo que está sendo açoitado nos sonhos por um mal sobrenatural, empenhado em destruí-lo... E o mundo inteiro.*





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

**Disp em Esp:** Kalosis  
**Envio do arquivo:** Gisa  
**Revisão Inicial:** Cris Reinbold  
**Revisão Final:** Lú Salvatore  
**Formatação:** Sandra Maia  
**Capa:** Elica Leal  
TWKliek

**Comentário Cris Reinbold:** *Estou nos braços de Morpheo!* Quantas vezes dizemos essa frase sem perceber que realmente estamos caindo entre os braços de um rei. E tomando conta de nós está Pesadelo, velando por nossos sonhos, para que esses não sejam repletos de Terror!

**Comentário Lu Salvatore:** Tudo bem que geralmente estamos nos braços de Morpheo, mas termos uma guarda de Pesadelos (Verek) velando nossos sonhos não está nada mal.

## CAPÍTULO 1

— É um Pesadelo.

— Desculpe? — Detive a garrafa de refresco a uns centímetros de meus lábios e fiquei olhando para o idoso que veio por trás de mim no supermercado. O coração batia nas costelas de tão forte que pulsava.

O homem tinha a pele da mesma cor e textura que o couro, e seu cabelo era uma massa gordurenta de cachos grisalhos. Mas tinha o olhar tão claro como o de um guri.

— É um Pesadelo, garota. O que está fazendo aqui?

Olhei a meu redor para ver se alguém ouviu a assombrosa — e clara — acusação do tipo, mas se algum dos outros clientes percebeu, estava fingindo que não.

Tão somente era um pobre velho louco. Não tinha do que me preocupar. Não tinha que fazer nada.

— Senhor não sabe do que está falando.

— Você não pertence a este plano — insistiu, e movia o pé de um modo tão estranho que me perguntei se estaria fazendo pipí — Não teria que estar aqui.

Afastei-me um passo se por acaso a bexiga do idoso terminava dando por vencida. Foi um ato reflexo, puro instinto de sobrevivência. Quando se vive em Nova Iorque, termina por aprender que nem todo mundo respeita as mínimas normas de educação.

E, além disso, o homem me deixava os cabelos em pé.

— Certo, de acordo, não teria que estar aqui. — Voltei a colocar a tampa na garrafa de refresco e esperei a que a caixa terminasse de passar minhas coisas. Uns minutos mais e poderia ir dali. Teria que ir para casa diretamente ao sair do trabalho, mas precisava absorventes.

— Sabe, não é assim?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Tinha a esperança de que ao dar razão a ele desse a conversa por concluída, mas parecia estava errada.

— Se souber o que?

— O que é. — Estava me olhando como se estivesse alucinado— OH, merda. Aposto o que queira que nem sequer sabe como veio parar aqui.

— Caminhando. — Mas nem louca ia para casa a pé. Deus, oxalá encontrasse um táxi assim que saísse do super. Nunca desejou tanto estar em outra parte.

O homem voltou a dar golpes com o pé, mas esta vez os acompanhou com uma careta de exasperação. Dava outro passo mais.

— Não me refiro aqui, a não ser na Terra.

Engoli saliva. Sentia a garganta como se tivesse comido um pedaço de carpete.

— Senhor, eu nasci aqui. Igual a você. — Talvez fosse por todos os anos de psicologia, ou possivelmente porque sentia um pouco de medo, mas tinha que conseguir que aquele homem voltasse para a realidade. A nossa realidade.

Ele me olhou fixamente, com muita intensidade para meu gosto.

— Possivelmente tenha nascido aqui, pequena, mas não pertence a este mundo. Pergunto-me como conseguiu escapar.

Queria sair dali apitando. De que diabo estava falando aquele homem?

— Suponho que tive sorte.

Olhou-me com olhos cansados, mas atentos.

— Que sorte nada. Quantos anos têm?

— Não penso dizer senhor. — Seguro que depois me perguntaria quanto pesava, e então teria que matá-lo.

— Vinte e oito.

Sua voz ressonou em minha mente como um gongo. Acertou. Agora estava dez vezes mais assustada que antes. Possivelmente tivesse adivinhado por acaso, mas eu duvidava.

— Já é adulta — me informou— alcançou seu máximo potencial. É impossível saber quanto dano pode causar.

Já teve o bastante. Soltei o dinheiro para a caixa — não ouvi quanto dizia o total, assim confiei que fosse suficiente— peguei a bolsa e corri para a porta, dando obrigado pela primeira vez na vida por ter pernas tão longas. A caixa não me insultou, assim deduzi que paguei o que devia.

Milagrosamente, havia um táxi frente ao supermercado; coloquei-me dentro em um salto. Enquanto o veículo se afastava, olhei pela janela e vi o idoso de pé na calçada, junto à porta, me olhando. Estava bebendo um refresco, certamente pago com meu troco. Saudou-me, e gritou algo. Não pude entender o que dizia, mas a meus ouvidos paranoicos pareci entender: *VOCÊ. NÃO. PERTENCE. AQUI.*

Isso eu já sabia. A questão era como demônios ele sabia?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

A primeira vez que minha mãe me disse que eu era um Pesadelo, tinha seis anos. Comecei a chorar porque acreditei que estava me insultando, mas então me sentou em seu colo e disse que eu era especial, pois não havia nenhum outro menino na Terra cujo pai fosse o rei dos sonhos. Disse-me que podia sonhar o que quisesse e quando quisesse, e que em meus sonhos podiam fazer tudo o que desejasse. E acreditei.

Perguntei a meu pai como era isso de ser o rei dos sonhos, e me disse que não sabia do que estava falando. Até mais tarde, não compreendi que ele não era meu pai. Meu verdadeiro pai era o que brincava comigo em meus sonhos, que fazia sorrir a minha mãe. O homem ao que eu chamava *papai* me olhava como se não me conhecesse, e a minha mãe como se soubesse que a estava perdendo para outro contra ao qual não podia competir.

Não se importava que de pequena eu gostasse mais estar no reino dos sonhos que no mundo real? É obvio, havia zonas do reino dos sonhos às que meu pai me proibiu ir, sonhos dos que me disse que tinha que me manter afastada. Parecia que meu tio Ice deixou escapar algumas de suas *criações*. Dado que Ice se ocupava dos espantos e dos terrores, decidi fazer caso a meu pai e nunca me aventurei fora do castelo, temerosa dos monstros que pudesse encontrar e do que estes pudessem me fazer. A essa idade, já sabia que tinha que andar com olho na névoa que rodeava o reino.

A mim, minha infância pareceu normal, e até o instituto não comecei a me dar conta de que algo não ia bem. Que eu não ia bem. Jamais me ocorreu pensar que eu pudesse ser diferente, apesar de que minha mãe me disse isso bem claro. As pessoas normais não acreditavam que os sonhos fossem de verdade. As pessoas normais não consideravam que seus sonhos tivessem importância.

Jackey Jenkins gozou de mim sem piedade. Era pequena, loira e delicada, com o bronzado e a roupa perfeita. Em troca eu era alta, com curvas, e estava tão pálida que parecia o fantasma Gasparzinho. Ela sempre levantava a mão na aula, enquanto que eu só falava quando me perguntavam; entretanto, nas disciplinas em que coincidimos, tirei melhores notas que ela. Em retrospectiva, posso ver que o que acontecia com Jackey era que estava com ciúmes de mim. Odiava-me porque eu tinha o que ela tanto ansiava sem que me custasse nenhum esforço. Apesar de ser tão diferente de todos, eu tinha muitos bons amigos e estava acostumada que as pessoas gostassem de mim, em especial os professores. E Jackey reagiu do único modo que podia: convertendo minha vida em um inferno.

Um dia às **regras** vieram no instituto. Eu não esperava e passei o resto da manhã com a jaqueta amarrada na cintura. Quando ia sair do instituto para ir para casa me trocar, Jackey puxou a jaqueta e mostrou a todo mundo (e já pode imaginar a quantidade de gente que havia) a parte traseira de meu jeans. As pessoas riram. Nem todo mundo, mas sim muitos.

Estava tão zangada, tão humilhada, que os olhos encheram de lágrimas, o que, é obvio, provocou que Jackey transbordasse de felicidade. Lembro que disse que ia fazê-la pagar.

E cumpri minha ameaça. Foi meu momento Carrie. Essa noite entrei em seus sonhos e a torturei como só uma adolescente é capaz de fazer. Não queria ser bom, justamente o contrário:



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

assustei-a, e acredito que isso fez que Jackey me odiasse ainda mais. Não me senti tão satisfeita como acreditei que me sentiria, e a sensação ficava cada vez pior quando ela me olhava como se fosse um inseto estranho.

Pouco tempo depois, inteirei-me de que Jackey estava indo ao psiquiatra porque tinha medo de dormir, e à medida que foram aumentando as olheiras ia perdendo atrativo. No final, ela se recuperou, mas eu não.

As pessoas normais não se metem nos sonhos de outros. As pessoas normais não podem fazer tal coisa. E se pudessem, não iriam por aí assustando a adolescentes.

Converti-me em um dos monstros sobre os que me advertiu meu pai.

Depois disso, deixei de brincar com os sonhos. Construí meu pequeno mundo e não deixei entrar nele nem minha mãe nem meu pai Morpheo, nem ninguém. Eu ia ser normal ou morreria na tentativa.

Evidentemente, minha mãe se sentiu muito decepcionada comigo.

Depois do incidente com Jackey, consegui terminar o instituto sem voltar a atuar como Freddy Kruger, e fui à universidade de Toronto, onde me licenci em Neuropsicológica. Tirei notas à cima da média, mas foi meu trabalho de investigação sobre os sonhos o que chamou a atenção do doutor Phillip Canning, um sócio de meu mentor. O doutor Canning era o melhor no campo da ciência do sonho. Eu li todos seus artigos e todos seus livros sobre parasonias<sup>1</sup> e pesadelos pós-traumáticos. Pode-se tirar a garota do mundo dos sonhos, mas, parecia, ao pode-se tirar o reino dos sonhos da garota, e não há mais que falar. Não preciso ler meus livros de psicologia para me dar conta de que uma parte de mim precisava trabalhar nesse campo.

Tinha que ajudar às pessoas a dormir, tinha que ajudá-los a se proteger dos perigos que espreitavam em um mundo que eles consideravam inofensivo e que só existia *em sua imaginação*. E por estranho que pareça, também precisava negar a existência desse mundo.

Em resumo, sou doutora em Psicologia e membro em jornada completa da equipe do doutor Canning (embora ainda seja o último bonito) na Clínica do Sonho e Centro de Investigação MacCallum. Meus dois anos de testes já estão a ponto de terminar e logo poderei exercer por minha conta. Dado que sou a que tem menos categoria, faço um pouco de tudo, tanto na clínica como no centro de investigação, mas a maior parte do tempo trabalho na análise do sonho e em sua terapia, com especial dedicação aos pesadelos.

E eu que queria negar que existissem...

Essa manhã, quando cheguei à clínica, Bonnie, a recepcionista, informou-me com ar de sabichão:

— Está aqui.

Soou como a menina do Poltergeist. Não tive que perguntar a quem se referia, e muito menos atrás para ver que a frase ia acompanhada do levantamento de suas sobrançelas

---

<sup>1</sup> Parassonia é uma manifestação noturna em forma de movimentos anormais durante o sono, resultando em interrupções do sono. São exemplos de parassonia o despertar confusional, a transpiração, terror noturno, sonambulismo, pesadelo, distúrbios alimentares noturnos e o distúrbio comportamental do sono REM, entre outras.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

depiladas. Bonnie era uma quarentona que se mantinha estupenda, sempre vestida à última moda e nunca sem batom. Se a isso acrescenta o acento do Brooklin, resultava impossível não adorá-la.

Tratei de olhá-la com certa recriminação enquanto pendurava o casaco no armário e pegava a bata.

— Não deveria falar assim de um paciente.

— Já, e agora me diga que não apertou o estômago ao saber que está aqui — respondeu ela sem sentir absolutamente arrependida— Se quer dar uma olhada, ainda está dormido. — Bonnie não me tratava igual aos outros membros da equipe, mas não sei se era porque me via muito jovem, porque gostava de mim, ou porque usava uma bata rosa com botões brilhantes.

A bata me deu uma paciente chamada Irene que poderia ser minha avó e que estava convencida de que as mulheres deviam ir sempre de rosa e brilhar em todas as horas. Não estou muito de acordo com ela, mas a verdade é que sempre que visto a bata me sinto muito feminina.

— Se você tanto gosta Bonnie, possivelmente deveria pedir um encontro.

— Não — levantou uma mão de manicura perfeita e a luz se refletiu nas unhas vermelhas— Faria mal, pobrezinho.

Sorri. Não disse nenhuma tolice. Bonnie não era uma mulher robusta, mas não cabia dúvida de que tinha intensos apetites, e corpo para aguenta-los. Noah Clarke, de trinta anos, era certamente muito maior e muito *frágil* para que Bonnie aceitasse sair com ele.

Tirei uma pinça para o cabelo do bolso da bata e preendi a juba em um coque frouxo.

— Tem a pasta de Noah?

— Aqui está. — Bonnie pegou uma pasta a transbordando no alto do envelope que tinha em cima da mesa e me deu isso.

Eu a olhei com suspicacia, e um pouco de diversão.

— Quantas vezes olhou as fotografias?

— Algumas — confessou descarada e sorrindo.

Ri a gargalhadas.

— Está fatal, sabe, não?

O sorriso de Bonnie se alargou; seu batom combinava com as unhas.

— E me sinto muito orgulhosa disso. Seu paciente a está esperando, doutora.

Adorava me chamar assim. Eu não era a única mulher da clínica, mas comecei a trabalhar ali antes de me formar e Bonnie foi uma das primeiras pessoas que me abraçou no dia que acabei o curso, bem depois de meu irmão, que viajou a Toronto para a ocasião. Minhas irmãs e meu pai não puderam vir, e minha mãe...

Bom, digamos que minha mãe tampouco pôde vir. Ela foi o motivo de que não viessem outros. Não se viram capazes de afastar de seu lado, *no caso de*. No caso de despertar.

É obvio, não despertou. Se eu tivesse sido capaz de falar do assunto sem perder os estribos, diria que não se preocupassem com ela. Claro que então teria tido que explicar como sabia que não ia acontecer um milagre, e teriam acreditado que estava louca.

— Uma coisinha — disse Bonnie antes que me afastasse— , Canning e Revello estão de mau





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

humor por algo. Não sei o que é, mas eu se fosse você os evitaria, a não ser que queira descobrir.

Bonnie não tinha muita boa opinião do doutor Canning. Não sabia o motivo, mas sim senti em minha própria pele como era difícil o homem. Era um grande médico, e naquela clínica estava fazendo um trabalho fabuloso, mas acredito que em algum momento do caminho começou a preocupar-se mais por sua reputação profissional que por seus pacientes. Uma vez foi ao programa da Oprah, e pendurou uma foto deles dois bem atrás de seu escritório, para que todo mundo a visse.

— Irei com cuidado. — Agradei a Bonnie a advertência com um sorriso.

Ainda sorria quando me afastei da recepção com a pasta na mão. Abri e cruzei o corredor acarpetado, de paredes verdes. Entendia perfeitamente que Bonnie estivesse olhando as fotografias de Noah enquanto dormia. Eu não fazia parte da equipe que estudava seu caso, mas dado que ele era meu paciente particular, também tinha acesso ao prontuário. Acordado, Noah era alto, moreno e sexy, e dormindo era igualmente atrativo. Não era um desses tipos que dormem com a boca aberta e babando. De fato, fazia de barriga para cima, com os braços em ambos os lados do corpo, com se fosse um ator de televisão. Um aparelho —recordei a mim mesma— que eu via em excesso.

Noah era uma das poucas pessoas que eu conheço que estivesse disposta a enfrentar os problemas causados por seus sonhos. Era um de meus pacientes mais especiais: um sonhador lúcido. O mais consistente que vi. Não importa o que sonhe, Noah pode resolver qualquer conflito dentro de sua mente sem despertar.

Levava pouco tempo trabalhando em seu caso, mas era o único paciente que de verdade tinha vontade de ver; e não era nada pessoal, bom, ao menos não de tudo. Conhecemos quando ele veio para participar de uma aula sobre o sonho. Perguntei se importaria em me ajudar com um dos meus estudos, e ele aceitou sem pestanejar. Havia outros pacientes com diferentes graus de lucidez durante seus períodos de sonho, mas nenhum como Noah.

Eu adorava falar com ele sobre o que sonhava. Sempre me explicava como mudou as coisas e como moldou o sonho a vontade, e eu anotava tudo enquanto analisávamos juntos os possíveis significados do mesmo. Os sonhos de Noah eram tão reais, que quando me contava isso quase podia imaginar eu mesma passeando por eles. Invejava-o. Preocupava-me com ele.

E também por mim, porque Noah era o único paciente que me fazia ter vontade de derrubar os muros que escolhi construir em minha mente. Queria ver seus sonhos em pessoa, queria ver como os dobrava a sua vontade e aplaudi-lo em direto.

Através dele, pretendia ajudar os pacientes cujos pesadelos amarguravam a vida. Ajudá-los a tomar as rédeas do mundo dos sonhos, em vez de permitir que estes os dominassem. Essa era minha paixão não tão secreta: recolher os recursos que utilizavam os sonhadores lúcidos com mais frequência, com fim de ensiná-los às pessoas que padeciam de pesadelos crônicos.

Porque eu sabia melhor que ninguém que um pesadelo é algo mais que um pesadelo. E porque era a melhor maneira de me vingar de meu pai.

O doutor Canning e a doutora Revello estavam no corredor dos dormitórios, falando em voz





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

baixa. Pareciam estar excitados por algo... E gotejavam culpabilidade. Não havia modo de esquivá-los.

Levantaram o olhar quando me aproximei deles.

— Acontece algo? — perguntei.

O doutor Canning limpou os óculos com o extremo da gravata.

— Leu o jornal desta manhã?

— Ah, não. — As notícias eram deprimentes, e as evitava a todo custo.

— Houve outro caso do SUNDS<sup>2</sup> — me informou a doutora Revello. Era uma mulher de uns cinquenta anos que me recordava muito Katherine Hepburn, e intimidava igualmente.

Assim que esse era o motivo de que estivessem tão contentes... E que se sentissem tão culpados. Os casos de morte súbita em adultos eram muito pouco habituais, e estavam acostumados a acontecer em homens procedentes do Sudeste asiático, ou em pacientes diabéticos ou epiléticos. Não me importava que meus colegas estivessem excitados. Nem que se sentissem culpados por se alegrar com a morte de outra pessoa.

— Outro? — perguntei alarmada. Quando digo que os casos de morte súbita em adultos são pouco habituais, quero dizer que se dá uma entre centenas de milhares. As pessoas sãs não estão acostumadas a morrer enquanto dormem sem nenhum motivo aparente. Ao menos, não que eu saiba.

A doutora Revello assentiu, e uma mecha de cabelo escapou do coque frouxo que levava no alto da cabeça.

— O quarto em dois meses.

— Não pode ser SUNDS — insisti —, não tão seguidos. Tem que haver alguma explicação, possivelmente tenha sido uma parada sinusal.

Ambos os doutores me olharam zangados e então me dei conta do meu engano. Questionei-os, e ganhei *o olhar*.

— Não há indícios de que sofresse uma parada sinusal — assinalou contundente o doutor Canning— Esta manhã, a polícia se pôs em contato comigo. Não têm nem ideia do que podia matar essa pobre gente, e me pediram que fosse seu assessor externo.

A doutora Revello estava entusiasmada.

— Imagina o que suporia para nós se pudéssemos averiguá-lo? Os psicólogos de todo o mundo se fixariam na clínica, por não falar da comunidade médica.

— Bem — disse, levantando o prontuário que levava na mão, Noah estava esperando— Boa sorte — desejei com um sincero sorriso.

Eu tinha minhas dúvidas de que aquelas série de mortes inexplicáveis se devessem a casos de parassonia — transtornos do sonho— mas quem era eu para dizer? Não era para que me contratassem como *assessor externo*.

---

<sup>2</sup> *Sudden Unexpected Nocturnal Death Syndrome: síndrome de morte súbita noturna. (Se utiliza as siglas en inglés em todo o mundo).*



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Segui meu caminho para os dormitórios. Eram individuais, e estavam decorados em diferentes estilos e cores para diferenciá-los um pouco dos típicos quartos de hospital. Pedíamos aos pacientes que escolhessem o que parecesse mais relaxante. Noah estava no número seis, azul escuro, e, segundo ele, o escolheu na falta de um com as paredes negras.

Bati na porta tratando de ignorar que meu coração acelerou. Isso é o que acontece quando não se tem vida social fora do trabalho, começa a olhar a quem não deve.

— Entre — disse uma voz adormecida de dentro.

Girei o pomo. Tudo aquilo era ridículo. Noah Clarke nem sequer era meu tipo.

Estava sentado a um lado da cama desfeita, com os antebraços nus e apoiados em cima das coxas cobertas pela calça de algodão do pijama. As botas, velhos jeans e uma camiseta negra estavam em cima da cadeira que grudava à parede, junto com um casaco de pele e um capacete de moto.

Era evidente que acabava de despertar, e perdi a pouca compostura que ficava.

Noah ficou em pé assim que fechei a porta. De repente, o dormitório me pareceu muito menor. E mais caloroso.

— Olá, doutora — saudou carinhoso.

Sorri. Ele me chamava doutora como se fosse um mote, e me arrepiou para ouvir a voz rouca que tinha.

— Olá, Noah.

Minha avó diria que aquele homem tinha presença, e o haveria dito embora não tivesse a sorte de vê-lo vestido só com umas calças de pijama.

Noah media algo mais de um metro oitenta, o suficiente para que eu tivesse que levantar a cabeça para olhá-lo nos olhos. Era magro e de ombros largos, como um nadador. Graças a seu prontuário, sabia que era artista, e que praticava artes marciais. Até um mês depois da primeira visita, não começou a me falar dele, e inclusive então foi reservado. Não era arrogante, simplesmente, não falava muito.

Eu gostava de Noah. E seguiria gostando mesmo não fosse tão poderoso no mundo dos sonhos. Também parecia que gostava de mim. De fato, acredito que apreciava que eu encontrasse sentido ao que acontecia, e que não o considerasse um inseto estranho.

Pergunto-me o que pensaria de mim se soubesse que eu sim era um inseto estranho. O que aconteceria soubesse que essas coisas que ele acreditava ter criado em seu subconsciente existiam de verdade? Provavelmente ele aceitaria como se não fosse nada. As pessoas criativas estão acostumadas a aceitar melhor este tipo de coisas.

Noah era um artista, e me dava à impressão de que não se importava o mínimo se alguém era um pouco estranho ou diferente. E isso que ele não era absolutamente. Só às vezes usava a roupa tão enrugada que parecia que a comprava de uma loja de segunda mão, ou ia com o cabelo alvoroçado e mau penteado; não em plano artificioso, mas sim como se adormecesse. Noah não se importava com o que outros pudessem opinar de seu aspecto físico. Ele era assim, e ponto. E eu o admirava por isso.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Esse dia estava mal barbeado. Não era muito peludo, o que ressaltava seus músculos, perfeitamente visíveis sob sua pele dourada. Tinha os olhos negros, ou quase negros. Sua complexão falava de antepassados caucásicos, mas o cabelo e os olhos escuros, e a curva do nariz deixavam entrever algo mais exótico.

Noah era exótico, inclusive com aquele torpe sorriso que sempre me dava de presente. Foi o sorriso o que me matou, o que me fez me perguntar se poderia haver algo mais entre ele e eu que uma relação médico paciente. Não tinha direito a me fazer essas perguntas, mas como podia evitá-lo quando o via com aquela calça de pijama parecendo tão sexy?

Ah, sim, mencionei já que Noah está como um trem?

— Sinto interromper— disse— mas queria perguntar se poderia passar minha consulta para conversar um momento.

Isso formava parte de nosso acordo: ele participava de um grupo de estudos do sonho para a clínica, e antes de ir parávamos para conversar do que sonhou. Outras noites, quando não ia ao centro, dava alguns exercícios para que os provasse em sua casa e logo também os analisávamos.

Aquilo foi dúvida? Noah ficou imóvel durante um segundo antes de responder.

— Claro que sim.

Não sou convencido. Que estranho, nunca dava medo enfrentar seus sonhos, tratassem do que tratassem.

— Acontece algo? — O que de verdade queria perguntar era: *aconteceu algo*? Chamem-me paranoica, mas nunca o vi assim antes.

Quase como se estivesse assustado.

— Se quiser, podemos saltar a sessão — acrescentei. Não queria saltar nada, mas disse pensando nele. Ou ao menos tentei.

Noah pigarreou e negou com a cabeça. Parecia que a sugestão o incomodou.

— Não. Em seguida vou.

Assinalei o quarto para trocar e fiz caso omisso dos estremecimentos que sempre me produzia sua voz rouca.

— Então, deixarei que se vista. Vemos-nos em meu escritório?

Ele sorriu e agarrou a roupa.

— Claro. Né, doutora...

— Sim?

Aproximou-se com a roupa nos braços.

— Importa se sair um momento por um café?

Devolvi o sorriso e recuperei um pouco a compostura, apesar do estranho da situação.

— Claro que não. — Havia um Starbucks duas portas mais abaixo.

Percorreu-me com um olhar tão íntimo como uma carícia.

— Como você gosta?

Deus, o que daria para interpretar mal essa pergunta. Não cabia dúvida de que seu tom de voz desceu uma oitava, ficando mais profundo e sedutor. Ultimamente, se aproximava, flertava



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

mais comigo. Eu já sabia que não devia fazer muito caso, mas me sentia adulada. Ele era meu paciente, e eu respeitava essa relação.

— Com leite e adoçante. Obrigado.

Noah sorriu. E nem todo meu respeito pôde evitar o desejo de ficar nas pontas dos pés e provar aquela boca.

— Doc?

— Sim?

Seus olhos negros brilharam.

— Tenho que me vestir.

Claro. OH, Deus. Ri envergonhada.

— Então, o melhor será que vá e o deixe a sós.

A diversão suavizou seus traços.

— Provavelmente.

Estava quase segura de que aquilo equivalia a um convite para que ficasse. Por isso mesmo girei sobre meus calcanhares e virtualmente saí dali correndo.

— Espero em meu escritório — repeti, já de costas, antes de sair.

Quinze minutos mais tarde, minha mente voltava a estar centrada no âmbito profissional, mas isso não impediu que acelerasse o coração quando vi Noah entrar na sala. Estava tão bonito vestido como meio nu. Levava uma mochila pendurada de um ombro e uma bandeja de papelão com dois copos de café na mão. Tanto os jeans como a camiseta eram bastante folgados para que se sentisse cômodo, e para esconder os músculos de baixo. Nem sequer usava a camiseta por dentro, mas sim caía relaxadamente por cima do quadril. Essa falta de vaidade me pareceu muito atraente.

Peguei os cafés e ele deixou cair à mochila no chão. Então, sem me perguntar fechou a porta e nos deixou presos em meu diminuto consultório com o ar cheirando a café e aquele aroma de baunilha tão particular de Noah.

Deveria deixar de trabalhar com ele, mas preferia passar um momento ruim a deixar de vê-lo.

Sentou na cadeira que havia frente à mesa, e eu na minha. Dava um gole ao café antes de falar.

— Mmm. Perfeito. Obrigado.

Reclinou-se na cadeira e me olhou com aberto interesse.

— Acredito que é uma pessoa muito sensual, doc.

Arqueei uma sobrancelha. Se estivesse bebendo, teria engasgado.

— Desculpa?

Noah bebeu um pouco e sua resposta me fez esperar.

— Você gosta das coisas que pode saborear sentir, tocar — disse por fim, encolhendo os ombros.

Isso sem dúvida explicava meu gosto pela comida.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Suponho que sim.

— A comida de sabores intensos — acrescentou ele inclinando a cabeça— A música que chega à alma. Os tecidos que acariciam a pele.

Vá Por Deus. Engoli saliva. Sua voz voltava a soar grave e eu tinha o pulso descontrolado. Noah não disse nada inapropriado, e mesmo assim me sentia como se tivesse despido. Acertou em tudo. E se eu não voltasse a tomar as rédeas da situação, acabaria por segui-lo aonde ele quisesse.

— Os sonhos que podem alterar — aponte eu, aliviando um pouco a tensão.

Noah baixou o olhar para o copo de café que segurava nas mãos.

— Alguma vez tem pesadelos, doutora?

— Claro, você, não?

— A maioria dos meus sonhos é até as mudanças.

— É muito habitual nas pessoas criativas ter pesadelos — respondi, mudando completamente de assunto— Em uma ocasião, li que entre noventa e noventa e cinco por cento dos sonhos que têm os artistas, escritores e gente dessas profissões são pesadelos ou, no mínimo, sonhos perturbadores.

— Eu antes acreditava que os pesadelos eram algo mau, mas agora já não estou tão seguro.

— Não? — perguntei curiosa— Por quê?

Levantou seus olhos negros e encontrou meus.

— Acredito que às vezes há pesadelos que querem nos ajudar.

Engoli saliva. O modo como estava me olhando me fez sentir como um animal enjaulado, um animal exótico para ser mais exata. Era minha imaginação ou se referiu aos pesadelos como se fossem pessoas?

Deus era impossível que Noah soubesse a verdade. Não? Mas o idoso sabia. Acaso publicaram um maldito anúncio sem me avisar?

— Os pesadelos são a via de escape que o subconsciente está acostumado a utilizar para enfrentar nossos medos ou nossas más lembranças.

Ele se inclinou para frente, assim que eu fiz o mesmo. Não ia deixar que me intimidasse, nem tampouco queria que acreditasse que tinha medo. Não estava tratando de me assustar, mas me ocultava algo, e isso eu não gostava.

— Esta noite tive um pesadelo — disse em voz baixa— Era você.

Isso sim que era uma surpresa.

— Eu? — Depois de vê-lo assentir, perguntei— E que fazia?

Noah sorriu um ligeiro sorriso que iluminou os olhos de tal modo que fui incapaz de discernir se tratava de ser amável ou se desconfiava de mim.

— Estendia a mão.

— É lógico que me visse fazendo isso, tendo em conta nossa relação profissional.

Ele deixou de sorrir.

— E logo tirava uma faca e me degolava.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

## **CAPÍTULO 2**

Seguia pensando no sonho de Noah quando abri a porta de meu apartamento mais tarde, esse mesmo dia. Evidentemente, havia uma explicação: seus problemas para confiar nas pessoas. Ou assim me supunha. Mas mesmo assim, e depois do encontro com o idoso no supermercado, sentia-me incômoda.

Poderia dizer a mim mesma que estava exagerando. Certamente, o idoso me viu sair da clínica e isso desencadeou sua... Extravagância. O homem não sabia nada sobre mim. Era impossível. Nenhum humano sabia nada sobre mim.

Tinha que deixar de pensar nisso. Não tinha importância. Jamais voltaria a ver aquele velho. Lancei a bolsa no chão e decidi esquecer o incidente. Noah era outro assunto, mas já me ocuparia disso se o pesadelo voltasse a repetir.

Meu apartamento não era nada do outro mundo, mas era meu. Graças a meu pai — o homem que me criou —, que pagou minhas aulas universitárias, não tinha dívidas, e podia me permitir viver amplamente. Isso não implicava, entretanto que estivesse disposta a investir quase todo meu salário em aluguel, assim tinha uma companheira de andar: minha amiga Lola. Sim, de verdade se chama assim. Vivemos juntas em um bonito apartamento no Murray Hill.

Por bonito quero dizer que é simples. Está em um edifício sem elevador de antes da guerra, tem dois dormitórios e a cozinha está separada do salão, algo que é para agradecer. O banheiro é enorme e tem uma banheira impressionante, algo pelo qual damos obrigado diariamente.

Meu gato Dulce estava sentado me esperando no chão da cozinha quando entrei e deixei a sacola de plástico a seu lado. Moveu o focinho negro para farejar o conteúdo e logo me olhou e miou.

Escutei as mensagens da secretária eletrônica enquanto dava de comer a Dulce. Tinha uma de minha amiga Julie me perguntando se queria sair sábado de noite, e outra de minha irmã mais velha, Ivy para saber se iria para casa no outono.

Ao pensar nisso procurei com o olhar a foto de família que tinha em cima do televisor. Estava muito longe para vê-la bem, mas tampouco me fazia falta apreciar todos os detalhes. Conhecia aqueles rostos à perfeição, o suficiente para saber que meu não encaixava no grupo.

Eu era a mais pálida da família, parecia mais um vampiro que um ser humano saudável e robusto. Era a única que tinha os olhos azuis e os lábios carnudos, mas ao menos tinha a mesma cor de cabelo e as mesmas sobrancelhas que meus irmãos.

Parecia-me um pouco a mamãe — de quem herdei o cabelo e as sobrancelhas —, mas de meu pai nada absolutamente. Dado que era a pequena da família, meu irmão e minhas irmãs me acusavam de ser a preferida de minha mãe, e talvez fosse verdade, mas em todo caso não se devia a que me parecesse fisicamente a ela.

Meus irmãos não teriam puxado tanto meu cabelo, se soubessem a verdade.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Preparei uma omelete de claras de ovo para jantar; essa semana estava usando a roupa de *gorda* e queria colocar a de *magra* na próxima segunda-feira. Algumas de nós não nascemos para estar sempre magras, eu inclusive.

À omelete seguiu um iogurte de cereja com poucas calorias, e tive o bom critério de não tomar um café, apesar de que morria de vontade.

Mandeí um e-mail a Julie enquanto preparava um chá no micro-ondas e disse que podíamos sair no sábado, e logo enchi a banheira. Não devolvi a chamada de minha irmã. Ela sempre queria falar de mamãe, e eu não gostava. Ligaria no dia seguinte do trabalho, assim teria uma desculpa para desligar. Bebi o chá na banheira e fiquei lendo um livro romântico até que a água ficou gelada.

Com Dulce em meu colo, vi um capítulo de Smallville que gravei, e logo fui à cama. A que parece uma selvagem?

Os sonhos sempre foram como uma via de escape para mim; umas mini férias de minha vida normal. Às vezes eu gosto de me deixar levar por eles e me afastar daqui. Esse dia tinha a esperança de sonhar o mesmo que o anterior; que David Boreanaz me puxava pelos braços de um incêndio e me lançava sobre uma cama coberta de pétalas de rosa.

Não tive tanta sorte.

Estava no Central Park, sentada em um banco, comendo sorvete e escutando um jovem saxofonista que tocava a meu lado. Interpretava uma canção de uma conhecida série da televisão de cujo nome era incapaz de me lembrar. Odeio quando acontece isso.

— *Facts of life*.

Levantei o olhar. Era o idoso do supermercado. No sonho não me dava medo. Aquele era meu mundo.

— Como diz?

Sentou-se a meu lado, colocando bem as calças, como fazem os homens maiores antes de sentar.

— A canção que está tocando é a trilha sonora do *Facts of life*.

— Ah. — Claro, agora que o dizia a reconhecia perfeitamente— Eu gostava dessa série. Sempre quis ser Jô.

— Era a bonita ou a antipática?

— A antipática. — Comi um pouco mais de sorvete de cereja.

— Vá, que estranho.

Engoli o sorvete.

— Também era bonita.

— Isso sim. — Não me olhou, mas pôs alguma distancia entre os dois— No final se converteu em uma mulher muito atrativa.

Ficamos sentados um momento, escutando a música, até que dei a volta para olhá-lo.

— Por que está aqui?

— Sempre venho por aqui.





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— O que quero dizer é por que está aqui agora, comigo.

— E eu que sei pequena. Eu ia passeando tão tranquilo, me ocupando de minhas coisas, e de repente te vi aqui sentada como se estivesse esperando alguém, a mim ou a outra pessoa.

— Pois não — respondi, encolhendo os ombros. Onde diabos se colocou David Boreanaz?

— Já sabia eu que cedo ou tarde apareceria por aqui. Mas acreditava que demoraria um pouquinho mais.

— Do que está falando?

O homem me olhou, apoiou uma magra mão em sua mirrada perna e me lançou o que minha avó teria chamado um *olhar exaustivo*.

— Leva tanto tempo fingindo que quase convenceu a você mesma, não é assim?

Sacudi a cabeça e desejei estar em qualquer outra parte. Meu sorvete estava derretendo e aquela conversa não me agradava no mínimo.

— Já sei que você acredita que sou um Pesadelo, mas se me permite que seja sincera, preocupa-me sua saúde mental.

O homem riu.

— Com certeza que sim. Seguro que frequentemente também questiona se você esteve certa.

O idoso havia tornado a dar no ponto. Às vezes, quando me permitia pensar nisso, preocupava-me estar ficando louca.

Voltamos a ficar sentados em silêncio. O saxofonista estava tocando a canção dos *Jefferson*, e o pé de meu acompanhante se movia como um possesso sobre o chão.

— Eu adoro que toque canções que sei dançar.

Meu pé também começou a mover e atirei a casquinha de sorvete já vazia. O homem tinha razão, era uma canção muito pegajosa.

— Agora irei e deixarei sozinha — disse ele parando de repente para ficar em pé.

— Espere! — Pus uma mão no antebraço — Como se chama? — Essa informação poderia me resultar útil para preencher a ordem de afastamento.

— Antwoine. E você?

Duvidei uns segundos, mas ao final me arrisquei.

— Dawn.

O idoso riu.

— Quem pôs o nome tinha muito senso de humor. — o sorriso desapareceu — Adeus, pequena Dawn. Se cuide.

— Você também. — Observei-o partir com um sentimento próximo à tristeza.

— Dawn?

Levantei o olhar e ali, frente ao sol, estava o homem ao que estive esperando: David Boreanaz. Estava como um trem.

— Que casualidade encontrar aqui. — Baixei o olhar.

— Sim. — Parecia muito preocupado, e quando se sentou a meu lado, parecia saído de



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

*Angel*, a série que fez depois de *Buffy*— Olha, tenho que dizer uma coisa. Há algo que deve saber...

E então, de atrás dos arbustos, apareceu uma adolescente de cabelo negro e olhos azuis e atravessou o coração com uma estaca. Sério. Passou de estar desfrutando da sensação de ter a coxa de DB grudada a minha, a estar coberta de cinza de vampiro... E com a boca aberta.

A caça vampiros tinha os olhos tão claros que apenas se via a magra circunferência negra que limita a íris, mas foi seu sorriso o que me pôs arrepiada, ou possivelmente era culpa da fuligem que me cobria da cabeça aos pés. Que asco, aquilo era uma parte de cabelo?

— Salvei Dawnie.

Fulminei com o olhar enquanto sacudia restos de vampiro do pulôver.

— Do que? É de dia, por todos os Santos!

A garota se apoiou no banco em plano desafiante e olhando. Tinha o ventre plano e tinha um rubi no umbigo.

— De que escutasse algo que sabe de sobra que não quer ouvir.

Olhei-a de novo e odiei por algo mais que por seus abdominais. O que poderia ter saído dos lábios de DB que pudesse me prejudicar?

— Como se você soubesse o que eu quero ou não escutar.

A caça vampiros se inclinou para frente e me beijou. Na boca! Tinha os lábios suaves e quentes, mas ao senti-los contra meus me enjoou. E não porque estivesse coberta de restos de vampiro, nem porque fosse uma garota, mas sim por que parecia real.

— Conheço Dawnie, e eu gostaria de conhecer um pouquinho mais.

Estava flertando comigo!

— Ou se não o que? — perguntei, me comportando como se as mulheres me insinuassem diariamente— Enfiará uma estaca no coração?

Lambeu um pouco de cinza que ficou no lábio, me repassando com o olhar de tal modo que um calafrio me percorreu o corpo.

— Poderia enfiar isso em outra parte.

Levantei-me de um salto. A situação estava descontrolando. Eu não deveria estar ali. Ela não deveria estar ali, dentro de minha cabeça, em meus sonhos. A aparição do idoso certamente tinha justificativa mas aquilo não.

— Tenho que ir.

A arrepiante caça vampiros negou com a cabeça.

— Não pode ir a nenhuma parte onde não possa a encontrar.

Ao longe, ouvi um zumbido familiar que eu gostei e me chateou em partes iguais. Era meu despertador?

— Está errada — disse— Posso despertar.

E fiz.

Parei o despertador e nem sequer tentei dormir cinco minutos mais. Fiquei ali deitada, olhando o teto branco de meu dormitório e pensando naquele sonho que ia desvanecendo de minha mente. As imagens não me consolaram o mínimo.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Os pesadelos sempre voltavam.

Às 10.01 em ponto da noite seguinte, enquanto estava sentada no sofá vendo televisão com Dulce ronronando em meu colo, soou o telefone. Sabia quem era antes inclusive de olhar a tela. Ivy. Ligou antes do trabalho e sai com a secretária eletrônica. Já sabia que eu não teria que ter deixado nenhuma mensagem.

Estive tentada de não pegá-lo, mas era minha irmã, e sempre me entregava à paranoia de que possivelmente chamasse para me contar que houve uma mudança no estado de mamãe: para melhor ou para pior.

Assim despreendi o auricular em forma de boca e respirei fundo.

— Olá, Ivy.

— Dawnie, graças a Deus que está em casa.

Parecia preocupada, o que conseguiu que em seguida me sentisse culpada.

— O que acontece? Mamãe está bem?

— Estaria melhor se tivesse a todos seus filhos em casa.

Droga.

— Disse isso ela? — Era uma punhalada pelas costas, e sabia. Mamãe não disse nada a ninguém desde fazia muito tempo.

— Sabe muito bem que não.

— Então, como sabe você que isso a faria feliz? Possivelmente está perfeitamente tal como está. — De fato, eu estava quase segura de que era assim.

— OH, Dawn.

Bom, a um suspiro sim sabia como reagir; era um recurso melodramático pensado para me manipular. Resultava-me mais difícil enfrentar o tom decepcionado de antes. No final, Ivy era minha irmã mais velha, e passei quase toda a vida tratando de imitá-la.

Evidentemente, não consegui.

— Olha Ivy, a não ser que tenha havido alguma mudança no estado de mamãe, não sei do que serviria que eu estivesse ali. — Minha mãe não se inteiraria, ao menos não enquanto não estivesse no mundo real.

— Ela sabe que sua família está a seu lado.

— Acredita que gostaria que deixasse meu trabalho para ir sentar em sua cama? — Nem pensar. Minha mãe levava muito a sério o de perseguir os sonhos, e não estou tratando de fazer uma piada— Não faria nenhuma graça que ficasse pasmada junto a ela como se estivesse morta. E muito menos quando eu soube a verdade.

— Se pôr à defensiva não levará a nenhum lado, Dawnie.

— Sei, e deixa de me chamar assim. — Odiava que me tratasse como uma menina pequena. Odiava que ficasse em plano Ophra comigo. No final, eu era a psicóloga, maldição.

Eu podia ajudar as pessoas que tinham problemas para dormir e os que sofriam pesadelos. Podia ajudar aos meus pacientes para que dormissem bem e sem sobressaltos, mas não podia



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

despertar minha própria mãe. E não porque não o tentasse, mas sim porque mamãe não queria retornar a nosso mundo. A única esperança que tinha de despertá-la era me esquecer de tudo o que aprendi, me colocar no mundo dos sonhos e ir atrás dela, mas preferiria comer vidros quebrados antes que fazer isso, que equivaleria a prestar atenção.

— Não posso ir para casa — disse a minha irmã— Ainda não tenho férias. — *E mamãe pode ir fritar aspargos.*

— Não pode vir um fim de semana?

Para que? Para ver como minha mãe dormia?

— É muito caro, Ivy.

— Agora é médica, pode permitir isso.

O som que saiu de minha boca foi uma mescla de risada e ganido. Dulce saltou de meu colo.

— Vivo em Nova Iorque.

Um suspiro — um dos compridos e resignados— me chegou ao ouvido.

— Se mudasse aqui, não teria problemas de dinheiro.

Outra vez não.

— Tenho que desligar.

la fazer justamente isso quando ouvi que Ivy dizia:

— Dawnie! Dawn espera!

Voltei a me colocar no telefone em forma de boca na orelha.

— O que?

— Sinto muito, é que... Você é a única que possivelmente possa ajudá-la.

Essa frase me derreteu o coração mais rápido do que deveria ter feito.

— Não posso Ivy. — Eu não gostava de reconhecê-lo, mas era a verdade. Embora fosse ao reino dos sonhos e falasse com minha mãe, não havia nenhuma garantia de que conseguisse trazê-la de volta comigo. Se ela queria despertar, despertaria sem mais. Por desgrça, a única que entendia que mamãe não queria abrir os olhos era eu.

— Às vezes acredito que não quer despertar — disse Ivy com a voz entrecortada, como se acreditasse que estava confessando algo que não devia.

Certo, possivelmente eu não fosse à única que entendia o que acontecia com minha mãe. Eu não gostei de ouvir minha irmã tão doída. Era muito mais fácil justificar minha ausência se estava zangada com minha família.

— Antes que acontecesse, mamãe estava muito estranha — prosseguiu Ivy— Era como se preferisse dormir a estar conosco; exceto quando você estava em casa.

Sua amargura era tão evidente que penetrava pela linha telefônica até chegar a meu ouvido. Sim, quando minha mãe estava *doente*, gostava de me ter a seu lado, e por isso passei quase todo o verão com ela antes de voltar para a universidade em setembro.

— Só era porque sabia que tinha que voltar para a universidade. — E porque queria me convencer de que visitasse Morpheo e a minha outra *família* antes de ir.

— Já. — Ivy não engoliu.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Olha não se zangue comigo por algo do que eu não tenho a culpa, certo? — Estava pondo à defensiva? Não deveria me sentir culpada. Não era culpa minha que mamãe se foi, e embora dissesse a verdade a respeito onde estava meus irmãos não acreditariam.

— O único que digo é que você é sua preferida. E não me importa sobre tudo se com sua voz conseguimos despertá-la.

— As últimas duas vezes que fui para casa não funcionou.

— Esta vez será diferente.

Suspirei.

— Não. Olha, Ivy, amo você, mas tenho que desligar.

— Acredita que mamãe despertará algum dia?

De novo outra das típicas frases de minha irmã, dita com aquela voz angustiada, conseguiu que não desligasse o telefone. Antes nunca nos zangávamos. Tenho fotos de quando éramos pequenas e Ivy me tratava como se fosse sua boneca preferida.

Agora estava preocupada com mamãe, e, além disso, ela estava em casa, ocupando-se de tudo diariamente. Isso não queria dizer que eu não pensasse em nossa mãe cada dia, embora provavelmente não tivesse os mesmos sentimentos caridosos que Ivy. E não tinha que enfrentar eles.

E além não tinha que ver papai. O que significava que ele tampouco tinha que me ver. Acredito que ambos preferíamos assim.

— Não sei — respondi com sinceridade — Mais certo.

A risada de minha irmã me tirou o peso que tinha nos ombros.

— Isso é o que mais eu gosto de você, Dawnie. Está convencida de que a vida cometeria uma estupidez negando-te algo.

— Possivelmente possa convencer à vida de que é assim, o que parece?

Esse era meu papel na família. Eu era a palhaça, divertida. Também a que, com uma atitude xula — que era tão autêntica como a bolsa de Kate Spade que comprei em uma lojinha da rua na primavera passada — punha um sorriso no rosto de todo o mundo.

— Acredito que sinto falta de você.

Fez-me um nó na garganta.

— Eu também de você. Olha, irei para casa no Natal. Tratarei inclusive de chegar alguns dias antes, se puder. — Uma parte de mim desejou que não pudesse. Sou horrível, não? Amava minha família e sentia falta deles, mas ao mesmo tempo não tinha vontade de vê-los. Bom, para falar a verdade, o que não tinha vontade de ver eram as expectativas que eles depositaram em mim.

— De acordo. Faz o que possa. Ligarei dentro de uns dias. Amo você.

O nó da garganta se estreitou; a esse passo logo não poderia respirar.

— Eu também.

Desliguei. Dois segundos mais tarde, e quero dizer dois segundos exatos — nem sequer tive tempo de processar a conversa que acabava de ter com minha irmã — soou o telefone.

— Diga?



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Ligou Ivy? — Era meu irmão Mark.

A risada me afrouxou a garganta.

— Como sabe?

— Falei com ela antes. Tentei ligar para avisar, mas quando ouvi três vezes seguidas a secretária eletrônica soube que ela a pegou.

A conversa com Ivy me pareceu muito mais longa.

— Queria me avisar?

— Pensei que se ligava antes e comunicava, Ivy se cansaria de tentar e se daria por vencida.

— Fez uma pausa e mudou o tom de voz — Foi muito mal?

Apesar de que Mark não podia me ver, encolhi os ombros.

— Um pouquinho.

— Está bem?

— Estarei.

— Quer falar disso?

Enrolei o cabo do telefone com o dedo.

— A verdade é que não.

O alívio de meu irmão quase foi evidente. Mark, embora tivesse um grande coração, não gostava muito de falar de sentimentos.

— Certo. Pois então a deixarei descansar. Boa noite, Campainha.

Sorri.

— Boa noite, Idgit.

Essa vez, quando desliguei, jurei que se voltasse a soar deixaria que caísse na secretária eletrônica.

Fui ao banheiro e comecei a encher a banheira. Inspeionei meus sais. Precisava algo que relaxasse; ah, iria sair da banheira com aroma de bolachas recém feitas. Se não podia comer bem podia me impregnar com seu aroma.

Prendi o cabelo, pus o último CD do Bon Jovi, peguei o último livro de Lisa Kleypas, e pendurei o penhoar no toalheiro. Entrei naquela água com aroma de confeitaria e li até que Bon Jovi deixou de cantar. A essas alturas, tinha um aroma delicioso e os músculos tão relaxados como as pálpebras de Paris Hilton, além da cabeça cheia de fantasias cujos protagonistas eram um atraente e misterioso moreno e eu. Se alguém mais tratava de enfiar uma estaca em David Boreanaz em meus sonhos, ficaria muito furiosa.

Entre na cama e assim que minha cabeça tocou o travesseiro, fiquei adormecida. Fui flutuando até meu mundo secreto e comecei a sonhar.

Estava na ópera com Clive Owen, mas antes que as coisas pudessem ficar interessantes, fui parar, não sei como, em meu antigo instituto, onde me dava conta que me esqueci de estudar para um exame. Clive também estava ali, mas estava embevecido com Amy Druftesne, um inseto pau que se sentava atrás de mim na classe de história e que nunca gostei.

Amy e Clive desapareceram e eu apareci em meio de um dormitório, um muito velho.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Parecia tirado de um filme sobre um livro de Jane Austen; era enorme, e as paredes estavam decoradas com um papel com centenas de pássaros pintados à mão. Toquei-o e notei a textura na ponta dos dedos.

Tinha o cabelo e uma camisola comprida e imaculada. Debaixo estava nua, sem roupa íntima. Sentia-me estupenda.

Abriu a porta. À luz do abajur — por que não me dei conta antes que houvesse um abajur?— vi um homem. Aproximou-se, os saltos de suas botas ressonavam a cada passo que dava. Saiu da escuridão e vinha para a luz.

Era muito bonito e musculoso. Usava calças negras muito ajustadas, botas de pele e uma camisa branca com os botões do peito desabotoados. Seus olhos pálidos eram familiares, mas não conseguia identificá-lo de tudo. Parecia tirado de uma capa de livro romântico, mas melhor. Era a viva imagem de tudo o que eu gostava em um homem, e me afrouxaram os joelhos.

Ele não disse nada, simplesmente me abraçou, com uns braços muito, muito, muito fortes, e me beijou. Juro Por Deus que desmaiei pela intensidade do beijo. Quando digo que era o homem perfeito, digo a sério.

Agachou e levantou-me em seus braços como se não pesasse nada e se aproximou comigo da cama. Podia ouvir o som das botas sobre o tapete. Aferrei a seus ombros, temerosa de que me soltasse, mas ao mesmo tempo segura de que não ia fazer.

— É linda, Dawn — murmurou ao me depositar com gentileza sobre o leito— Não posso acreditar que tenha tido a sorte de te encontrar.

— Eu estava pensando o mesmo. — Estava tão perto que podia ver cada matiz de sua íris e cheirar o jasmim em sua pele. Inclusive a incipiente barba que obscurecia a mandíbula era perfeita; nem muito fechada nem muito pobre. Na orelha esquerda usava um rubi. Normalmente, eu não gosto dos homens com brincos, mas ficava bem. Franzi a testa. Havia algo que não encaixava, era isso?

— Deseja-me? — Estava em cima de mim, tinha uma coxa sobre uma das minhas e podia sentir cada centímetro de seu corpo. Estava excitado. Muito excitado.

— OH, sim — respondi, me esquecendo do brinco— O desejo.

Ele riu e estendeu uma mão. Notei que me acariciava o peito por cima da camisola, senti o calor de seus dedos. Beliscou-me os mamilos, mas não me fez mal.

E então agarrou o pescoço da camisola e arrancou isso. Ouvi o som que fazia o tecido ao rasgar e logo notei o puxão. Meu misterioso amante separou as duas partes e deixou os seios descobertos para poder centrar-se neles. Uma série de *ohs* e *OH, Deus* saíram de minha boca e comecei a ter muito calor entre as pernas. E isso que aquilo era só o princípio. As mãos dele estavam por toda parte. Senti sua pele quente e musculosa sob as palmas. Nunca tive um sonho tão real. Aquele homem me excitava muitíssimo, e a julgar pela tenda de campanha de suas calças, diria que eu a ele também.

Foi deslizando para baixo, me beijando as costelas e o umbigo, e logo se colocou entre minhas coxas, e juro que tinha como mínimo duas línguas, com uma de pelo menos quinze





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

centímetros. Penetrou-me com essa língua e a moveu como se fosse seu pênis, e com a outra me lambeu o que eu chamo carinhosamente *meu botão mágico*. Uma tensão muito familiar foi crescendo em meu interior e meu corpo reagiu; levantei os quadris, segurei o cabelo e me movi frenética contra seus lábios. Um pouco mais e chegaria ao final.

Então meu amante parou. Confesso que gemi de frustração, e ele riu afetuosamente em resposta. Devagar, colocou-se em cima de mim. Desapareceram as calças e ao olhar abaixo vi o membro mais impressionante que vi em toda a vida. Assustei-me um pouco e o olhei nos olhos. Ele sorriu... Era tão bonito.

Colocou entre minhas coxas e eu voltei a olhar para baixo, nervosa e insegura. Um segundo... Agora era um pênis comum. Devia ter imaginado seu tamanho anterior. Seguiu sendo impressionante, mas não tão grande para dar medo; grosso, mas nada preocupante. A tensão se desvaneceu de meus músculos e quando ele colocou a ponta daquela poderosa ereção perto de mim, separei as pernas e suspirei (só um pouco).

OH, era perfeito, muito bom para ser verdade.

Então, por que tinha a sensação de que algo está errado? Beijou-me, e quis me afastar. Por que senti asco quando voltou a me tocar os seios? Por que tinha a sensação de que seus dedos estavam frios e sujos? Beijou-me com mais força. Mordeu-me o lábio e notei o sabor de sangue. Tinha mal halito, cheirava igual a um baú que esteve fechado muito tempo.

Empurrei-o pelos ombros para sair de cima. Não queria estar com ele. Embora só fosse um sonho, não queria estar com ele.

— Para.

Ele inclinou a cabeça para baixo e sugou o mamilo até que comecei a sentir prazer. Deus, fisicamente eu gostava muito, desejava muitíssimo, mas ao mesmo tempo não queria estar com ele.

Consegui empurrá-lo um pouco, não muito.

— Saia de cima! — gritei.

Ele me sorriu e sua branca dentadura resplandeceu na escuridão.

— Em seguida acabo.

Fiquei petrificada debaixo dele, consciente da ereção que tinha me pressionando a coxa. Certo, o desconhecido era muito bonito, mas havia um pouco retorcido em sua beleza. Tinha os olhos vazios, como se não houvesse nada em seu interior, exceto aquelas pupilas negras. Tinha o olhar frio e duro, e dava muito medo.

Voltei a tentar. Apertei a mandíbula para evitar que me batessem os dentes.

— Saia de cima!

— Não pode parar meu amor — murmurou me beijando o pescoço com aqueles lábios que agora me queimavam— Não sabe como fazer.

Meu corpo estava em chamas, ardendo de desejo. Por muito desagradáveis que fossem as carícias de meu misterioso amante, por muito que quisesse que parasse, ao mesmo tempo queria que seguisse adiante. Mordeu em lugares onde não sabia que eu gostaria, embora, para falar a



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

verdade, não sei se senti prazer quando me mordeu ou quando deixou de fazer. Chupou-me, beijou-me e me lambeu. Seguro que me deixou algum *chupões* nas coxas ou no traseiro. Penetrou-me com os dedos, Deus, pôs em tantas partes que me fez estremecer de gosto. Em sentido literal. Fez-me coisas que jamais deixei que fizessem ninguém, coisas que roçavam a degradação, mas conseguiu que me sentisse condenadamente bem.

Gritei de prazer quando entrou em mim, incapaz já de distinguir o prazer e a dor. E inclusive assim, meus quadris procuraram ansiosos o ritmo dos dele. Apesar de que minha mente estava horrorizada, meu corpo agradecia as investidas do dele. Não queria estar com aquele homem, mas não podia fazer nada para evitá-lo, não podia controlar a reação de meu próprio corpo, que desejava contra minha mente.

Olhou nos olhos e seguiu movendo-se em meu interior.

— Fomos feitos um para o outro, Dawnie, e eu sempre voltarei com você — disse com um sorriso fanfarrão e ameaçador. Meu misterioso amante sentia mais prazer em saber o que estava me fazendo que o ato em si.

Tratei de afastar o olhar, mas não pude. Odiava. Queria fazer mal, mas ele me retinha as mãos por cima da cabeça. Queria me soltar, embora rodeasse a cintura com as coxas. Estava tremendo, sentia meu sexo palpitar entre as pernas. Quanto mais fortes eram suas investidas, mais eu gostava da dor que me causava mais me excitava. Estava esgotada. Cheia de roxos, e tão a borda do orgasmo que já não podia suportá-lo mais.

— Não pode parar — burlou movendo-se ainda mais rápido. Eu não podia me afastar de seu pútrido fôlego. Deus cheirava a morte— Vou gozar Dawnie. Vou gozar e não pode fazer nada para impedi-lo.

Enfrentei aqueles olhos horripilantes.

— Sim posso.

Despertei tremendo, com pequenos espasmos me percorrendo a virilha. Possivelmente impedi que ele ejaculasse, mas eu sim alcancei o orgasmo.

### **CAPÍTULO 3**

Senti náuseas.

O pobre Dulce saltou da cama com um miado horrorizado quando me afastei frenética dos lençóis e tirei as pernas trementes de baixo.

Consegui chegar ao banheiro. Vomitei até que senti contrações nos músculos do estômago. Quando por fim me acalmei, peguei um rolo de papel higiênico e arranquei uma parte. Limpei a boca enquanto o rolo seguia se desfazendo. Atirei o rolo e me apoiei no lavabo para me levantar e olhar ao espelho.

Tinha os lábios ensanguentados. Sorvi pelo nariz e assoei, e um pedaço de papel higiênico ficou grudado. Tirei isso com uma mão enquanto com a outra secava as lágrimas. Aproximei-me



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

do espelho para ver melhor.

Tinha um corte no lábio inferior. Mordi durante o sonho. Isso explicaria por que notava os lábios inchados e aquele mau sabor na boca.

Não podia o homem do sonho ter feito isso. Não era um oniros — uma criatura do reino dos sonhos —, mas tampouco era um humano. Seguro que o conjurei eu mesma; uma manifestação culpada que sentia depois de falar com Ivy. Por isso não pude parar.

Bateram na porta do banheiro. Uma voz amortecida soou depois da madeira.

— Dawn, está bem?

Era Lola. Merda. Despertei-a. Abri a porta.

— Sim, sinto muito.

Minha companheira de apartamento encolheu os ombros.

— Prefiro que me desperte se esta mal.

Tratei de sorrir, mas me doía o lábio.

— O que acontece é que é uma fofoqueira e quer saber tudo, embora seja asqueroso.

Ela sorriu.

— Isso também é verdade. Vamos sério, está bem? Tem um péssimo aspecto.

Lola MacIntyre media um metro e meio e me fazia sentir como uma gigante. Era sardenta, tinha o cabelo negro encaracolado, e tetas tão impressionantes que desafiavam a lei da gravidade. Mas via comigo Forrest Gump sempre que pedia, e isso a convertia na melhor amiga do mundo.

Naquele instante, usava calças curtas e uma camiseta com o desenho do *Starsky e Hutch*; a série, não aquele horrível filme.

— Estou bem, de verdade.

Lola franziu a testa, e com a luz do banheiro pareceu uma menina.

— O que aconteceu no lábio?

— Acredito que mordi isso enquanto dormia.

— OH. Algo que comeu fez mal?

Oxalá.

— Tive um pesadelo.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Que estranho você não costuma ter.

— Sim, bom... — Lola tinha razão, e que tivesse dois tão seguidos era mais estranho ainda.

— Quer que fiquemos acordadas um momento? Podemos pôr um filme.

Estava tentada a recorrer ao Forrest para desconectar um pouco, mas Lola tinha que trabalhar pela manhã, e não ia me comportar como uma menina assustada necessitada de mimos.

— Obrigado, mas acredito que escovarei os dentes e irei para cama. Deixamos para outro dia?

Minha amiga sorriu.

— Claro. Mas se mudar de opinião, veem me buscar. Já sabe onde estou. De acordo?

Assenti. Não ia mudar de opinião. Apesar do muito que me afetou aquele pesadelo, não



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

queria contar a ninguém, e não ia permitir que me impedisse de dormir.

No final, só era um sonho. Todo mundo tem pesadelos, inclusive eu. Apesar de minha herança genética, às vezes os sonhos são o único meio que pode recorrer à mente para lutar com nossos problemas. Nessas ocasiões, os sonhos são só isso, sonhos, e me deixam levar por eles. Possivelmente com aquele pesadelo eu fiz isso inconscientemente. Por algo o chamam subconsciente.

Mas aqueles olhos horripilantes voltaram a aparecer em minha mente. Os vi antes em alguma parte.

Abracei Lola, escovei os dentes — e a língua — com pasta com sabor de canela, e voltei a ir para cama. Tinha o lábio inferior inchado, mas ao menos já passou os estremecimentos do orgasmo.

Nunca me aconteceu nada igual, e que acontecesse na metade de um sonho tão perturbador era preocupante. Para mim, sonhar sempre foi uma via de escapamento; um mundo cheio de promessas e aventuras. E agora, acabavam de violar esse mundo.

Pensei em quando era pequena. Minha mãe estava acostumada me sentar em seu colo e me envolvia com uma manta enquanto cantava uma canção de ninar. Sempre eram melodias diferentes, mas a letra era a mesma; repetia *na-na* uma e outra vez. Em ocasiões, quando custo dormir, canto algo similar em minha cabeça.

Cada noite, depois de cantar, minha mãe me colocava na cama e me desejava doces sonhos. Embora a essas alturas eu estivesse já meio adormecida, lembro que me dizia que queria que à manhã seguinte contasse tudo o que sonhasse. Claro que ela estava frequentemente presente em meus sonhos, ela é Morpheo.

Onde estava meu suposto pai enquanto me violavam em seu reino? Vá com o de ser o senhor dos sonhos. Os muros que eu levantei em minha mente não podiam retê-lo, não? Acaso não sabia o que acontecia seu próprio reino?

Maldito Morpheo; teria que ter dado uma bofetada naquele cara tão asqueroso. Se soubesse mais sobre mim mesma e sobre meus dotes, saberia como reagir.

Mas não fez, e isso me preocupava mais que o pesadelo em si mesmo.

*Vou gozar, Dawnie. Vou gozar e não pode fazer nada para impedi-lo.*

Deitei de lado ao notar que me revolia o estômago. Tinha que deixar de pensar nele. Precisava esquecê-lo. Já passou. Estava a salvo. Era só um sonho e os sonhos não podiam me fazer mal.

Mas apesar de tudo, demorei um momento em conciliar o sonho, e tive que cantar seis canções de ninar para voltar a ficar adormecida.

Quando mudei a Nova Iorque, estava convencida de que viver em uma cidade tão grande e com tantas pessoas não ia me afetar. No final, eu era de Toronto. Vivi em uma grande cidade.

Como estava errada.

Parte do encanto de Nova Iorque reside em que é uma cidade única no mundo, e não é que



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

eu tenha viajado muito, mas acredito que posso afirmar sem temor de errar. Há dias em que é suja e ruim, e as pessoas vão sem se importar com os outros. Mas logo há dias nos que o sol brilha entre os edifícios da Quinta Avenida e o mundo parece um lugar maravilhoso. Há manhãs, quando as ruas estão ainda úmidas, em que cheira o asfalto molhado e sente que a cidade acordada. Há bruma no horizonte, mas a brisa é suave e não há nem rastro do fedor dos táxis, nem de urina no metro.

De caminho à clínica, uma banda de mariachis subiu a meu vagão e tocou uma canção enquanto passavam o chapéu. Os únicos que os olharam sem dissimulação foram os turistas; eu já dominava a expressão de aborrecimento, mas segui gostando de ver atuações. Embora os bailarinos de break-dance ainda me assustam. Sempre penso que alguém me dará um chute na cabeça ou que alguém vai perder um olho.

Em Nova Iorque, em especial em Manhattan, estão obcecados pela estética, mas me atrevo a assegurar que o próximo mascate que encontre me saudará me chamando *linda*, ou algo pelo estilo. Os asiáticos — quase todos os vendedores são — gostam de minhas curvas voluptuosas. Por outra parte, embora os de Toronto tenham um caráter típico de cidade, em Manhattan me disseram em mais de uma ocasião que preciso *olhar mais*.

Eu estava acostumada a dar de garota de cidade, mas estava muito errada. Agora sim que sou; caminhando pela rua com meu traje de jaqueta negra comprado nas ofertas e meus óculos de sol extragrandes. Falsos, igual à bolsa de Kate Spade. Os sapatos de marca também são de ofertas. Esse dia me arrumei tanto para ocultar que me encontrava mal. No final, não dormi nada.

A clínica está no lado leste da Rua Oitava, junto à Universidade de Nova Iorque, e dei uma olhada nos estudantes enquanto subo pela rampa de deficientes. Os consultórios estão no segundo andar do edifício e, embora normalmente vá a pé para fazer um pouco de exercício, hoje peguei o elevador.

Assim que cheguei ao segundo andar vi Noah me esperando na recepção. Durante um segundo me senti envergonhada de que me pegou bebendo um enorme copo de café, mas logo vi que ele segurava outro idêntico de cor verde em uma mão. Tomei um gole cheirando a baunilha e o açúcar. Pergunto-me se o café de Noah também terá duplo creme.

Assim que me viu ficou em pé. E ao ver as olheiras do pobre me esqueci de por completo de meu decadente café. Parecia, eu não era a única que não pregou olho aquela noite. Claro que ele estar cansado fazia parecer ainda mais bonito, com o cabelo alvoroçado e mau barbeado.

— Olá, doc. — Franziu a testa um segundo — Tem um aspecto ruim.

Se não fosse porque eu opinava o mesmo de mim, me ofenderia.

— Você também — respondi. Graças a meu mau humor, fui capaz de dizer a verdade.

Bonnie observou o intercâmbio com supremo interesse.

— Os dois estão de mal humor pelo mesmo motivo?

Lancei um olhar que dizia abertamente *se cale*.

Noah a olhou com o que poderia ser certa surpresa, mas duvido. A verdade é que acredito que a pergunta fez graça.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não.

Era necessário que respondesse tão taxativamente, como se fosse tão impossível que nossos rostos se devessem a que tivéssemos estado juntos?

— Acontece algo, Noah? — Possivelmente a pergunta foi algo brusca, mas estar ali parada diante dele com aquele aspecto não me fazia nenhuma graça.

Seus olhos escuros fecharam nos meus, mas se manteve inexpressivo.

— Preciso falar com você — disse com voz também monocórdia.

Quem não soubesse que Noah Clarke conseguia muito bem esconder suas emoções, teria acreditado que estava completamente tranquilo. Mas em seu caso, quanto mais ausente parecia, mais preocupado estava. Aquilo não parecia nada bem.

— Vamos ao meu consultório. Se chegar a senhora Kinney, — acrescentei, olhando Bonnie— ofereça uma xícara de café e dê à última *Cosmopolitan*.

Ela me saudou como um militar, e seus anéis cintilaram à luz fluorescentes.

— Não se preocupe.

Noah não me seguiu pelo corredor como a maioria de meus pacientes. Ele caminhou a meu lado. Ao ser médico, as pessoas estavam acostumadas a me tratar com certo grau de deferência. Noah em troca, nunca se importou.

— Abobora?

— Como diz? — Sua tentativa de conversa me deixou completamente deslocada.

— Seu café. — Assinalou o copo.

— Ah. — Ruborizei um pouco. Não estava brincando comigo.— Sim.

— Certo — disse ele antes de beber um pouco do seu— Minha mãe estava acostumada a fazer bolo de abobora. Por que tem um aspecto tão ruim?

Voltei a me surpreender, e a me ofender.

— Não é nada, mas obrigado por preocupar-se por mim.

Noah deve ter percebido o sarcasmo; teria que ter sido estúpido para não dar-se conta.

— Sinto muito. É que... É que sempre está tão bonita. — Olhou nos olhos— Tão bonita.

A adulação me reconfortou.

— Ontem de noite tive um sonho horrível — confessei, enfrentando seu olhar durante uns segundos mais do necessário— Um pesadelo.

Noah pareceu surpreender-se. Olhou-me como olharia qualquer mecânico que dissesse que não tinha carteira de motorista, ou a um oncologista que sofresse um câncer; com incredulidade.

Abri a porta de meu consultório e indiquei que entrasse. Passou pela frente e seu aroma de baunilha e cravo me envolveu. Ficou de pé no meio do carpete, com o olhar fixo no copo de café durante uns segundos.

— Obrigado por aceitar me ver, doc.

Sentei-me atrás da mesa, cruzei as pernas e coloquei bem a bata.

— Pareceu que era importante. — E quando digo importante o que de verdade quero dizer é que queria pensar em algo que não fosse meu pesadelo.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Noah observou as fotografias que pendurei na parede. Não parecia ter pressa por falar.

— É sua mãe?

Já viu antes essa foto e nunca fez nenhum comentário. Não foi culpa dela, mas com essa pergunta, e depois da conversa com minha irmã Ivy, Noah conseguiu que voltasse a me sentir culpada.

— Sim. — Era uma fotografia que tiraram de minha mãe quando estava grávida de mim. Parecia tão feliz, quase tanto como estava agora, completamente adormecida. *Nos braços de Morpheo*, disseram os médicos. O que era apropriado. Ficou adormecida e ninguém podia despertá-la. Não aconteceu nada, suas ondas cerebrais eram normais.

A muito puta só estava adormecida.

— É muito bonita. — Noah me olhou— Se parece um pouco com ela.

Aquilo era um galanteio ou um insulto? Era tão bonita como ela ou menos?

— Não acredito que quisesse me ver para falar de minha mãe.

Respirou fundo e apertou o copo de papel com os dedos.

— Não.

OH, merda. E se queria me dizer que já não desejava seguir colaborando comigo? Noah era um dos grandes atrativos de meu trabalho. Patético mas certo. Sua habilidade para moldar sonhos me fascinava. Não queria perder isso.

Não queria perdê-lo.

Mas não podia ficar ali sentada, em silêncio.

— Noah, por que queria me ver?

Levantou o olhar e me olhou fixamente nos olhos.

— Acredito que meus sonhos estão tratando de me matar.

## **CAPÍTULO 4**

— O que? — Não foi uma resposta muito inteligente, mas o cérebro foi para os pés e manter a moderação nunca me deu bem.

Noah se moveu incômodo na cadeira que ocupava e foi para frente para apoiar os antebraços nas coxas. Os jeans estavam tão gastos que logo rasgariam.

— Sei que parece uma loucura...

— Não estou aqui para julgar. — A sério disse isso? Frequentemente me esqueci de que sou médica, mas até agora nunca recorri à fraseologia psiquiátrica.

Ele piscou e esfregou a mandíbula com dedos manchados de pintura.

— Sei que parece uma loucura. Sei — afirmou, soando completamente cordato, o que me deu medo. E não por razões médicas.

Nesse momento supunha que tinha que dizer que estava errado, ou que eu não gostava que dissesse isso.





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Mas você está convencido de que é assim.

Esta vez Noah não piscou, mas sim sustentou o olhar sem titubear.

— Acredita que estou louco?

— Não — respondi sem duvidar. Mas estava passando algo estranho. Se um homem com seu controle afirmava algo assim, era por algo. Embora ainda não estivesse preparada para me expor que pudesse ter algo que ver com o mundo dos sonhos. Ainda não.

— Por norma geral, esse tipo de sonho tem sua origem em um algo pouco mais profundo; algum medo ou algum conflito interno muito enraizado. Em seu caso poderia ser algum trauma de infância. — Ele nunca me falou do divórcio de seus pais, só me disse que ele e sua mãe foram viver sozinhos. E jamais, disse nada de seu pai.

Noah riu uma risada amarga e profunda que me sobressaltou.

— Não tem nada há ver com minha infância.

Uma voz em minha mente me sussurrou que sim, que os sonhos de Noah estavam tratando de matá-lo. Como sabia eu que isso era possível? É muito difícil manter objetivo quando se sabe coisas que podem desafiar à ciência, quando as pessoas mesmo são uma dessas coisas. O melhor seria focar o problema de Noah no sentido profissional.

Ele estava convencido de que o que estava dizendo era verdade, e o que eu opinasse a respeito não importava. Embora só fosse por um momento, não ia expor a possibilidade de que alguma criatura da noite queria fazer mal a ele, ia tratar como faria qualquer terapeuta. Porque isso era exatamente o que Noah esperava de mim. E se eu expusesse durante um segundo qualquer outra possibilidade se devia unicamente a minha recente experiência pessoal. Já deveria saber que não se pode mesclar a vida particular com a profissional.

— O que aconteceu para que ache que seus sonhos querem te prejudicar?

— O que aconteceu? — perguntou incrédulo e bravo. Não gostava de como decidi focar o assunto, e, francamente, a mim tampouco— Porque um sonho tentou me matar.

Voltei a insistir. Tinha que haver uma explicação. *Por favor, que haja uma explicação.*

— Estiveste nervoso ultimamente? Teria que confrontar alguma mudança importante? Poderia ser que seu subconsciente estivesse tratando de adaptar a essa mudança e que essa adaptação fez acreditar que está em perigo.

Olhou-me durante um segundo.

— Não ponha em plano científico, doc. Comigo não. Vim ver porque acredito que é a única pessoa que pode me entender, não porque não possa enfrentar à realidade.

Suas palavras me emocionaram.

— Sinto muito, Noah. A verdade é que nunca me encontrei com... Com um problema como o que está contando.

Aqueles lábios cor pêssego esboçaram um ligeiro sorriso.

— E tem um paciente esperando.

Várias vezes fantasiei sobre como seria beijar Noah. Em centenas de ocasiões ri escutando as



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

palavras que saíam de sua boca. E agora, ao ver aqueles mesmos lábios, senti tristeza, e um sentimento de culpabilidade maior do que estava disposta a admitir.

Não questioneei a saúde mental de Noah. Não me perguntei se precisava uma ajuda que eu não podia dar. Mas até no caso de que alguma criatura estivesse realmente tratando de matá-lo em sonhos, eu não era a pessoa adequada para salvá-lo.

*Ele quer que o ajude*, sussurrou uma voz.

— Sim, tenho um paciente esperando, mas...

Noah me interrompeu ficando em pé.

— Não é nada, doc. Direi a Bonnie que me dê uma hora. — meteu as mãos nos bolsos do casaco e andou para a porta.

Depois do mal que o tratei, ia voltar?

— Noah. — Não pude suportar a ideia de que fosse acreditando que não acreditava nele.

Ele deu meia volta, seu rosto seguia inabalado, mas estava claro que o decepcionei.

Não me disse nada.

Respirei fundo e afastei a cadeira da mesa.

— Saio às seis. Quer jantar comigo? — Era meu dever ajudá-lo, e a verdade era que queria fazer.

O meio sorriso voltou a aparecer, mas foi acompanhado de algumas rugas na testa.

— Está pedindo um encontro?

Sorri algo insegura; uma careta que sem dúvida me favorecia muito. Certo que estava pulando um montão de normas que não deveria pular.

— Paga você.

— Claro — afirmou ele — Você gosta do McDonald's?

O horror que senti deve ter refletido em meu rosto, porque seu meio sorriso se converteu em um sorriso completo. Tinha dentes perfeitos. De pequeno deve ter usado aparelhos. Quando sorria estava muito bonito. Olhei com descaramento, inclusive depois de perceber que estava tirando sarro.

— Não se preocupe doc. Embora não pareça, tenho um pouco de classe. Pegarei às seis.

E foi. Assim que fechou a porta, desabei sobre a cadeira como um molho de nervos. O que fiz? Acabava de pedir a um paciente que fosse jantar comigo. Certo que profissionalmente o irritei, mas isso não era tanto para que pedisse um encontro a um rapaz. Algo que eu não fiz desde... Bom, desde nunca.

Fiquei uns segundos em estado de choque, e pouco a pouco comecei a sorrir como uma idiota. Ia jantar com Noah Clarke.

*Já verá quando contar a Bonnie.*

As 5.50 me despedi de meu último paciente e tirei a escova e a pequena nécessaire que guardei na primeira gaveta da mesa. Soltei o cabelo e escovei com presteza, para depois retocar a maquiagem.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Eu adoro me maquiar. Eu gosto de pensar que meu rosto é um tecido que posso pintar como gosto. Tenho a sorte de ter boa pele, ou ao menos uma que tem bom aspecto depois de uma camada de creme autobronzeador. Meus olhos são meu maior atrativo, e os pinto de verde ou azul para assim ressaltar a cor. Tenho os lábios carnudos, de modo que não os pinto de cores suaves, a não ser que queira chamar a atenção. Quando era pequena, era amargurada com isso; em troca, agora, todos os brilhos labiais anunciam dizendo que aumentam o volume, e inclusive há cirurgiões que injetam colágeno para conseguir *morrinhos*. Sabem que inclusive me perguntaram se são meus de verdade?

Pus sombra nos olhos e, com um pincel — esse que vendem na Sephora que é tão bom —, fiz o risco. Um pouco de pó solto para a zona T e o brilho Black Honey, um presente dos deuses, da Clinique nos lábios e dei por acabada a transformação.

Para falar a verdade, de transformação tinha pouco, mas me sentia um pouco mais preparada para sair em público com Noah.

Deixei a bata em cima do respaldo da cadeira, peguei a bolsa e fechei a porta ao sair.

Noah já chegou e estava conversando com Bonnie, que o olhava como um gato faminto olharia um canário.

Ele deu meia volta ao ouvir que me aproximava. Eu gostaria de dizer que ficou boquiaberto ao me ver mas não foi assim. O único que fez foi calar e me olhar de uma maneira que não saberia descrever, mas que me reconfortou da cabeça aos pés.

Barbeou, e usava o cabelo despenteado, mas de um modo estudado, nada casual. Vestia jeans não desgastados, e pulôver cinza sob uma jaqueta de pele que tinha melhor aspecto que seu casaco habitual.

Arrumou-se, e o que era mais importante, fez para mim.

— Acontece algo? — perguntei ao me aproximar e ver que estava olhando a cabeça. Comecei a pensar que podia deixar toda uma série de objetos potencialmente humilhantes.

O intenso olhar de Noah desviou um pouco para baixo e parou em meus ombros.

— Nunca a vi de cabelo solto.

— OH. — Que mais podia dizer?

— Estava tratando de decidir que cores utilizaria para pintá-lo — explicou perplexo — seu cabelo, quero dizer.

Sorri. Perguntei-me se estava acostumado a se inspirar no que via.

— E decidiu?

Franziu a testa dubio.

— Há um par que poderiam servir, mas não estou certo de que sejam os adequados.

— Bom, possivelmente o averigue durante o jantar. — Voltei para Bonnie — Retornarei antes das oito. — Aquela noite tinha que trabalhar para o doutor Canning, o que significava que devia me encarregar da sala de observação dos dormitórios.

— Passem bem — despediu ela com a mão.

Noah disse adeus a Bonnie e esta esperou que ele desse meia volta para piscar um olho. Eu



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

levantei as sobrancelhas resignada.

Fazia uma noite muito agradável, assim fomos caminhando. Supus que o passeio me daria à oportunidade de conhecer melhor Noah, mas no final falei quase todo o tempo. Não é que ele seja antipático, simplesmente não gosta de falar de si mesmo. Possivelmente se tivesse perguntado por seus quadros não teria se calado, mas cometi a estupidez de perguntar por sua família, de querer saber coisas sobre ele. Estava claro que não era nada egocêntrico, porque me respondeu com a maior brevidade possível e esforçando para fazer que a resposta soasse a mais aborrecida.

Essa reticência fez que perguntasse o que estava escondendo. Fui pôr um plano de doutora, e não me refiro a brincar de médico em um sentido sexual, mas sim que estava convencida de que ele tinha que assumir o que tanto tratava de negar, fosse o que fosse.

Por sorte, só caminhamos alguns ruas. Fomos a um restaurante indiano muito familiar que havia na Sexta. Senti um formigamento no corpo ao recordar o comentário que fez Noah a respeito de que eu gostava da comida picante, deduzindo disso que eu era uma pessoa sensual.

Pedimos bebida, algo para apimentar o jantar. Esperei até que o garçom nos servisse as bebidas e as entradas antes de abrir a boca.

— Está bem, me diga por que acha que seus sonhos estão tratando de matá-lo.

Noah pegou uma batata com molho de grãos-de-bico picante. Nunca me lembro de como se chamam os pratos indianos, só sei que são muito bons.

— Não são meus sonhos, a não ser o que aparece neles.

Eu também peguei um pouco de molho com o garfo.

— E o que é o que acha que aparece exatamente?

Levantei o olhar e vi que estava olhando.

— Está rindo de mim? — perguntou zangado.

Deixei de mastigar e engoli. Se ele soubesse...

— Não. — Não, estava rindo, mas sim que desejava com todas minhas forças que tudo aquilo fossem imaginações dele.

— Olha — disse Noah atrás de um suspiro— se importaria deixar de insinuar que estou inventando isso?

Sim, importaria. Não queria expor outra alternativa.

— Não acredito que esteja inventando isso.

— Mas tampouco ache que tenha acontecido de verdade.

Se dissesse que sim, acharia que sou louca?

— Nem sequer sei do que estamos falando. — Suspirei também— Noah me dedico a estudar a psique humana, meu trabalho consiste em tratar de averiguar o que é que o faz sentir assim, para logo tentar ajudar a confrontá-lo. — Não estava dizendo tudo isso para deixá-lo zangado, mas sim porque, sendo a cientista que se supunha que fosse, não podia acreditar que uma parte do subconsciente de Noah se manifestasse e tivesse tentado matá-lo.

Minha parte racional se negava a acreditar que os sonhos pudessem matar as pessoas. Mas minha parte não humana sabia que isso era possível e estava assustada.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Voltei a tentá-lo.

— Por que não me conta isso, para ver se assim consigo entender.

Noah deixou o garfo no prato. A luz do restaurante acentuou seu cansaço. Não importava o que eu acreditasse, era evidente que algo não o deixava dormir.

Além disso, era meu trabalho. E ele era muito mais que um paciente. Eu gostava de Noah, e queria ajudá-lo. Suponho que, embora soasse estranho, considerava-o meu amigo.

A quem estava tratando de enganar? Estava no Top cinco de homens dos que me apaixonei, bem depois de Johnny Deep e antes de Jensen Ackles.

— Tudo começou faz umas semanas — me explicou, com o olhar fixo no prato— Tratei de mudar o sonho mas não pude.

Algo incomum nele, mas nada surpreendente. Às vezes, o subconsciente é muito forte. Ou às vezes um sonho se nega a ceder.

— Isso já aconteceu antes, não?

Ele assentiu e me olhou. Apoiou os antebraços na mesa e eliminou a distância que nos separava, nos deixando fechados em nosso canto particular no mundo.

— Por isso não dei importância. Mas logo as coisas pioraram.

— Em que sentido?

— Apareceu um cara. — Franziu a testa e deu vontade de acariciar a testa— Não sei quem é, mas um dia se apresentou em meus sonhos. No princípio, só falava, mas depois, começou a ficar violento fisicamente.

Isso me pareceu muito familiar.

— Em sentido sexual?

— Não, Por Deus, doc — respondeu ofendido.

Tirei importância do comentário, e tratei de dissimular o alívio, e a inveja, que senti. Noah saiu melhor parado que eu de meu pesadelo.

— Tem que ser mais concreto.

— O cara ficou agressivo, desafiante, queria me provocar para que brigasse com ele. Ontem à noite tratou de me apunhalar, mas despertei.

A frase me fez pensar na *punhalada* que recebi em meu sonho.

— Lembra de que aspecto era?

A frente de Noah se enrugou mais ao tratar de lembrar. Com os dedos da mão direita acariciou a esquerda. Me arrepiou, mas acredito que ele não percebeu.

— Tinha olhos muito estranhos. Nunca vi nada igual.

Olhos estranhos. Bom, essa definição abrangia muitas coisas. Não tinham por que ser azul claro com íris má definidas.

— Frequentemente, quando sonhamos com um estranho significa que temos medo do desconhecido. E quanto o da agressão... Está seguro que não está preocupado por nada?

Ele negou com a cabeça.

— Tenho uma exposição dentro de uns dias, mas nada fora do habitual.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Fiquei pensando durante uns segundos. A futura exposição podia o ter angustiado, mas era pouco provável que fosse a catarse de um sonho tão violento.

— Doc — Noah empalideceu do outro lado da mesa— , tratei de mudar o sonho, mas esse homem me roubou isso. Já não era meu sonho, era o seu.

Essas palavras, junto com sua expressão, fizeram que um calafrio percorresse as costas. Noah esteve lúcido durante o sonho; lúcido e indefeso. Os habitantes do mundo onírico podem alterar os sonhos dos humanos, mas não podem apropriar-se deles. Não está permitido.

Pensar que uma criatura tivesse feito isso me deixou furiosa. Muito furiosa.

— Disse que o homem falou com você. — Minha vertente de terapeuta estava perdendo frente à do Pesadelo— O que ele disse?

— Disse que ia vir, e que nem eu nem o pesadelo poderíamos parar. — Fez uma careta, como se tratasse de sorrir mas não pudesse conseguir— Não tem muito sentido, não?

Se o sangue de uma pessoa pudesse converter em gelo, naquele instante eu teria podido afundar o Titanic. Era impossível. Impossível.

— Não — convim com voz rouca— Não muito. Tem alguma ideia do que poderia significar?

Ele negou com a cabeça, mas quando me olhou tinha um brilho especial nos olhos.

— Nem ideia. Mas pensava que possivelmente você teria.

— Eu? Por quê?

— Porque ninguém sabe tanto dos sonhos como você.

Sim, suponho que nisso tinha razão. Muito mais do que imaginava. Aceitei o cumprimento com um sorriso e voltei a ficar em plano profissional.

— Como se sentiu?

Noah me olhou durante um segundo, consciente de que não estava dizendo tudo o que pensava.

— Indefeso — confessou em voz tão baixa que apenas o ouvi.

— Teve medo?

Apertou a mandíbula e tremeu um músculo na bochecha. Como os homens faziam isso?

— Sim.

Não gostava de reconhecer que teve medo. Acaso alguém gosta? Mas isso me deu que pensar.

— Todo mundo desagrada ser uma vítima. — Observei-o atenta para não perder sua reação; obscureceram levemente os olhos— Possivelmente tem medo de converter em uma vítima, ou o foi no passado.

Nunca vi Noah zangado, mas seguro que quando estava tinha o mesmo aspecto que naquele instante. Ou pior. As fossas nasais dilataram, tinha a respiração acelerada, os olhos brilhantes e as bochechas ruborizadas.

— Possivelmente.

Não ia contar nada mais. Maldição.

— Noah... — tratei de manter um tom de voz tranquilo— , de verdade acha que seus sonhos



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

querem fazer mal?

Inclinou para frente, o tecido da camiseta que usava esticou sobre seus bíceps e seus ombros. Alguns centímetros mais e nos estaríamos beijando.

— Acredita que é possível?

Segurei o olhar e o disse o que jurei não dizer.

— Sim.

Ele ficou muito quieto e me olhou com o que poderia dizer que era uma mescla de alívio e incredulidade.

— Acha de verdade.

Por sorte, chegou o garçom com o jantar e não tive que responder. Depois do último tombo que deu o estômago não tinha muita fome, mas não ia permitir que toda aquela comida estragasse.

Servi um pouco de basmati a ambos e, milagrosamente, consegui recuperar a voz.

— Sim. Ou poderia ser que estivesse preocupado por algo ou por alguém. Ou que tenha que confrontar algo. Ou que tenha que se esquecer de algo. Ou inclusive poderia ser que seu subconsciente esteja tratando de dizer que trabalha muito.

Ele me olhou como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Mas não acha que esteja louco.

— Não, não acredito que esteja louco.

Me violaram em meu sonho. Possivelmente o de Noah de verdade estava tentando matá-lo. Evidentemente, essa presunção ia contra todo o me ensinaram na carreira, mas também que minha mãe ficou adormecida e ninguém pudesse despertá-la. Eu sabia que os sonhos eram muito mais do que acreditavam Jung, Freud e qualquer terapeuta que jamais tivesse existido. Eu mesma era a prova vivente disso, mas não tinha ideia de como funcionavam.

Só sabia que podiam ser perigosos. Assim, antes de perder a calma e decidir ir a esse outro mundo em busca de respostas, ia fazer tudo o que pudesse neste.

— Se quiser, esta noite pode ficar na clínica. Se voltar a sonhar com esse homem, ao menos poderei ver os efeitos que o sonho tem em sua fisiologia. — E estaria ali quando despertasse. Os detalhes seriam então mais precisos. Se a descrição do indivíduo de Noah coincidia com o de meu sonho, ou com qualquer outro ser onírico, então saberia o que enfrentava.

O oferecimento surpreendeu Noah, ou gostou, às vezes me custa distinguir.

— Faria isso por mim?

Assenti.

— Se pedir um sorvete, lerei uma história. — Flertando. Estava flertando com um paciente.

Ele sorriu devagar e estive tentada me jogar para frente e dar o beijo que estava procurando.

— Trato feito.

Bebi um pouco de água. Precisava me refrescar.

— Não tinha planos para esta noite?





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— A verdade é que sim — respondeu Noah— mas os cancelei. Seguro que ela me perdoará.

— OH. — Senti-me como quando, nos anos noventa, inteirei de que Chris Cornell dos Soundgarden ia casar. Já sabia que não tinha nenhuma possibilidade que olhasse para mim, mas o casamento o convertia em inalcançável.

— Peço também perdão de minha parte — disse com um sorriso.

Olhou-me surpreso, mas ao mesmo tempo com tanta intensidade que fiquei atônita. Não me dou muito bem com os homens, mas estava quase certa de que se me insinuasse a Noah, este aceitaria.

— Minha mãe gostaria do detalhe.

Quase ri. Estava me comportando como uma adolescente.

— Agora mesmo estaria comendo frango assado — prosseguiu ele enquanto servia um pouco de molho masala— Não diga a ela, mas isto está muito melhor.

— Seu segredo está a salvo comigo. — Peguei o garfo. De repente estava faminta— Tecnicamente falando, já não estou de serviço quando começar o turno de noite, mas se vier à clínica comigo conseguirei uma cama.

— Certo doc — sua voz era como chocolate quente— se outra me dissesse isso, acreditaria que estava dando em cima de mim.

Sei que ruborizei, porque engasguei e não tinha nada que ver com o frango vindaloo que estava comendo. Apesar de tudo, consegui rir.

— Você abra o olho, Clarke — disse— , ou atacarei quando dormir.

Noah molhou em meu prato um pedaço de galinha e arqueou uma sobrancelha. Consequia que a comida parecesse sexy.

— Acredito que prefiro que me ataque acordado.

Devo ter ficado vermelha como um tomate, porque ele riu.

— Sinto — desculpou— espero não ter ofendido.

Ofendido? Ficou louco?

— Certo — respondi com um sorriso— Assim, virá à clínica mais tarde? — Possivelmente estava sendo um pouco paranoica, mas ao menos assim Noah estaria mais tranquilo e poderia dormir um pouco. E no pior dos casos, se tinha um pesadelo eu estaria a seu lado para falar com ele quando despertasse. Depois de tudo o que me contou, eu não gostava da ideia de deixá-lo sozinho.

— Temos um encontro — afirmou.

Um encontro e ele ia passar dormindo. Não era meu dia de sorte.

— Não estará entrando em uma confusão por minha culpa, não?

Neguei com a cabeça e guiei Noah até o dormitório verde. Passavam uns minutos da meia-noite e, além de outro paciente que era responsabilidade de outro médico e que ocupava um dormitório no final do corredor, na clínica só estávamos Noah, o pessoal de serviço e eu. Os guardas de segurança trabalhavam para todo o edifício, e certo que Joe, o vigilante noturno,



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

passaria mais tarde por dónuts.

Dónuts que eu não ia comer, prometi a mim mesma.

— Não tirei ninguém para que você pudesse ficar. Além disso, se alguém perguntar, direi que está me ajudando com um experimento.

— Um experimento? — Noah arqueou uma sobrancelha negra e lançou a jaqueta em cima da cadeira que havia em um canto do dormitório— Parece perverso.

Sorri. Começava a pegar suas brincadeiras.

— Descobriu meu lado escuro. Já inventarei algo; não quero que cobrassem por algo que foi minha ideia.

Ele esticou, igual nos filmes quando alguém se ofende por algo.

— Posso me permitir pagar seus honorários, doc — remarcou distante, tanto física como emocionalmente.

— Jamais insinuei o contrário — respondi, embora na realidade acabava de fazer exatamente isso. Que Deus nos libere da fragilidade do ego masculino— Quer que cobre a visita?

Ele assentiu com um ligeiro e decidido movimento de cabeça.

— Sim.

Dado que estávamos em um contexto profissional, seria de mau gosto que levantasse as sobrancelhas até a raiz do cabelo, apesar da vontade que tinha de fazer.

— De acordo. Amanhã pedirei a Bonnie que prepare a conta. Podemos seguir?

— Doc — disse, em um tom que, junto com a caída de olhos, foi ao mesmo tempo zombador e carinhoso— , trata assim todos seus encontros?

— Como? Cobrando as horas? Não, e além disso, nunca saio com eles. — *Serei linguaruda!*

Qualquer outra pessoa teria se incomodado, ou possivelmente teria desculpado pela pergunta, mas Noah não. Ele me olhou com curiosidade e interesse, e eu senti uma comichão nas costas.

— Por que não? — perguntou, abrindo o zíper da sacola que usava.

Melhor que fosse sincera, embora me doesse. Dada à inexpressividade do rosto de Noah, tampouco daria conta que parecia chateado por mim.

— Os homens que conheço não me acham atrativa.

— Certo. — pendurou as calças de pijama no ombro e me olhou com seus inescrutáveis olhos escuros— Pequena tolice.

— Tolicie? — Arqueei uma sobrancelha.

— É uma tolice que ache isso.

Abri a boca ao mesmo tempo em que ele abria a porta do banheiro. Desapareceu atrás dela e me deixou a sós, me sentindo confusa e como uma tola.

Retornou uns minutos mais tarde com a calça do pijama vestida, e eu tratei de não pensar em que estava a sós no que basicamente era um dormitório com o homem mais sexy que conhecia, e que além disso estava meio nu. Nem sequer a possibilidade de que existissem sonhos assassinos conseguiu me centrar. Aquelas circunstâncias não eram diferentes das outras noites em



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

que Noah ficou no centro, mas como tínhamos ido jantar, e que tínhamos paquerado, a situação me pareceu meio estranha, e tensa.

Noah entrou na cama e eu me concentrei em meu trabalho. Não me resultou difícil, não sou tão tola como parece. Liguei o equipamento e coloquei os eletrodos na cabeça e no torso.

— Sinto que estejam tão frios. — Sempre dizia o mesmo.

Ao ver que não respondia, baixei a cabeça e peguei me olhando.

— Noah?

— Já sei de que cores o pintaria — respondeu sério— Seu cabelo.

Passou todo jantar pensando nisso? Não estava segura de como me sentia a respeito, mas suponho que sabe que não pude evitar perguntar:

— De quais?

— Negro com algumas notas avermelhadas nas mechas e possivelmente um pouco de dourado.

Sorri.

— Deveria trabalhar para Clairol. Boa noite, Noah.

— Boa noite, doc. — Segurei minha mão e apertei — Obrigado... por tudo.

Assenti e fugi dali. Se ficasse um pouco mais e continuava falando de meu cabelo e dando obrigado, terminaria por deitar-me na cama com ele. Perderia o orgulho, por não falar de minha carreira profissional.

E nem sequer Jensen Ackles, Johnny Depp e Josh Hartnett juntos mereciam tal sacrifício.

Depois de deixar Noah, dirigi-me à sala de controle para observá-lo enquanto dormia e poder monitorar suas respostas no computador.

Sentei-me com uma xícara de café. Danny, o bolsista, trouxe donuts para Joe. Eram caseiros e os reaqueceu no micro que havia no refeitório. Meu regime não tinha nenhuma possibilidade. Inalei e logo lambi as pontas dos dedos. Danny não perguntou o que Noah fazia, e eu não expliquei.

O açúcar junto com a cafeína limpou um pouco, mas uma hora mais tarde começaram a pesar as pálpebras. A falta de sono e o nível de glicose estavam passando a fatura.

Noah não deu sinais de nenhuma atividade incomum, assim que me recostei na cadeira e fechei os olhos. Só seriam uns minutos, é óbvio. No final, sou uma profissional.

O som de alguém gritando de dor me pôs de pé de repente.

E nem digo como me senti. Olhei a meu redor ainda tremendo.

— Que diabos...? — A sala de controle desapareceu. Estava em uma casa, uma casa que me era desconhecida, mas estranhamente familiar ao mesmo tempo. A sala era espaçosa, e o mobiliário funcional, quase todos os móveis pareciam cômodos e gastos pelo uso. Na sala se mesclavam todas as cores, tinha o teto abovedado e enormes e maravilhosos quadros penduravam das paredes. Não sabia onde estava, mas ali me sentia segura. E tinha vontade de explorar.

Devia estar sonhando, mas eu jamais me senti tão confusa em um sonho; exceto



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

possivelmente a noite anterior. Não conhecia aquele lugar, e em meus sonhos eu sempre sabia onde me encontrava.

Caminhei para frente, para um sofá cor bordo. Só deu uns passos quando o vi.

— Noah?

Estava no chão, com as calças de pijama, tratando de levantar. Os braços tremiam pelo esforço, e marcavam os músculos sob a pele dourada. Tinha o torso e as costas arroxeadas.

Ajoelhei a seu lado e instintivamente coloquei a mão no peito para ajudá-lo a levantar. Notei a pele gelada.

— Noah, está bem?

— Dawn? — Alguma vez antes me chamou pelo meu nome— O que está fazendo aqui?

— Não sei — respondi sincera, mas apostaria o que fosse que nenhum dos dois estava acordado, ao menos não no sentido tradicional— Passe o braço sobre os ombros.

Pela primeira vez na vida me alegrei de ser tão alta: podia ajudar facilmente Noah a ficar em pé.

— Olá, Pequena Luz.

Conhecia aquela voz. Um homem se aproximou. Olhei-o, enquanto seguia segurando Noah, protegendo-o. Era o que o atacou e que levava tempo assediando seus sonhos.

E então vi o rosto. Era o bastardo que me violou.

— Quem é? — exigi saber, tão indignada e furiosa que não podia sentir nada mais— Onde estamos?

Ele olhou a seu redor.

— No lugar que ele criou. — Assinalou a Noah— Pergunta a ele.

— Meu sonho — respondeu Noah me fulminando com o olhar— Como é possível que esteja em meu sonho?

Fiz caso omisso.

— O que fez?

A criatura onírica encolheu os ombros.

— Poderia tê-lo matado, embora agora me alegro de não tê-lo feito. Pode resultar útil.

Acelerou o coração, embora tratei de controlar o pânico. Noah ia ficar bem. Não me importava o que eu tivesse que fazer, ou o que me acontecesse, mas ele ia ficar bem.

A criatura seguiu falando.

— Seu nome significa *despertar* Sabia? Suponho que puseram isso em honra a sua tia Eos.

Franzi a testa. Sua voz me dava calafrios.

— Quem é...?

De repente, estava diante de mim. Sorria.

— Já disse que ia voltar. Ou acaso acha que brincava?

— Conhece-o? — perguntou Noah segurando as costelas com um braço— Que demônios é isto?



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Tinha que sair dali, tinha que escapar. Tinha que fazer algo. Tinha que...

— Se despertar, deixará o pobre Noah aqui sozinho comigo — disse o homem lendo o pensamento— E você não quer deixá-lo aqui, não é? E muito menos comigo. Agora não o matei, mas possivelmente a próxima vez consiga.

Aquela voz me dava asco, e entretanto me atraía sem remédio. Como era possível que uma mesma coisa me repugnasse e eu gostasse ao mesmo tempo? Acariciou-me a bochecha com um dedo gelado e ressecado que deslizou até meus lábios. Colocou isso na boca. Eu mordi com todas minhas forças, mas o único que consegui foi morder o ar.

O cara riu. Seguia parecendo um herói de novela romântica, mas agora era uma versão mais retorcida que a do primeiro sonho.

Noah foi para trás dele. Seguia tremendo, mas ficou em pé e enfrentou aquela coisa.

— Se afaste dela.

A criatura riu.

— Homenzinho, teria que ser você a se esconder atrás dela.

Noah nem sequer me olhou, mas vi a expressão que refletiu em seu rosto. Estava mais zangado que surpreso.

— Vai para o inferno.

A risada foi aumentando.

— Que tolices diz.

Disse que despertava deixaria Noah sozinho. Como podia ser assim se estava em meu sonho?

Porque não era meu sonho, compreendi, e senti como se caísse em cima um jarro de água fria. Era o sonho de Noah, e eu ali não tinha nenhum poder. Ou sim?

Como era isso possível? E como consegui que aquela coisa entrasse em meus sonhos? Eu tinha meu próprio mundo. Ninguém podia atravessar os muros que eu mesma construí. Conseguiu saltar os muros? Ou acaso o muro começou a cair?

— Não sabe como controlar este lugar — disse a criatura com um sorriso gelado— Tem um poder infinito e não tem nem ideia de como utilizá-lo.

— O que quer dizer? — Apesar da assustada que estava, e estava muito, queria que aquele homem, aquela coisa, seguisse falando. Se fizesse, possivelmente me ocorresse um modo de que Noah e eu pudéssemos sair dali.

— Sua mãe teria que ter explicado isso.

— Minha mãe? — Que diabos tinha a ver minha mãe com tudo aquilo?

Levantou suas largas mãos e as moveu diante de seu rosto tão repugnantemente atrativo.

— Certo que foi sua preferida, sim? Com certeza que sim, e mais tendo em conta quem é seu pai.

A criatura sabia quem era eu. Sabia o que era eu.

Riu.

— Parece muito a ele, e não tem ideia de nada.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Mantive imóvel embora morresse de vontade de dar um empurrão e afastá-lo.

— Não me pareço com ele.

— Tem medo, não? — aproximou-se um pouco mais, esquivando Noah, que seguia nos observando, tenso e preparado para atacar— Não sei como conseguiu sobreviver. Deve ser mais forte do que parece, embora seja difícil de acreditar.

O coração pulsava descontrolado. Sim, tinha medo. Medo daquele sonho, medo de que estivesse dizendo a verdade.

Quando voltou a me tocar o rosto, tinha os dedos quentes, igual à noite anterior. Meu corpo estremeceu com sua carícia ao tempo que revolia o estômago.

— Este é seu mundo, Pequena Luz. — A sensual comichão de meu interior foi aumentando— por que não fica?

Era tentador. Queria ficar com ele.

Durante um segundo.

E então Noah aproximou.

— Não acredite, Dawn.

— Por que não? — perguntou a criatura com uma careta— Depois de tudo o que passamos juntos.

Olhei Noah.

— Se for com você, o que acontecerá a ele?

— Será útil para outras coisas.

Eu não gostei da frase. Aquele homem era um dos monstros sobre os que me advertiu meu pai.

— E que planos tem para mim?

Uns dentes muito brancos para ser autênticos resplandeceram em meio de seu rosto.

— Primeiro a foderei, logo a matarei, e depois levarei seu cadáver a seu pai para dar umas risadas.

Juro Por Deus que naquele instante parou o coração. Estava tão assustada que fiquei tão petrificada como qualquer tia boa de filme ruim de terror. Levantei a mão e peguei a de Noah.

— Vamos, Dawnie — disse o monstro aproximando seu rosto ao meu— Veem comigo.

Gritei.

## **CAPÍTULO 5**

Voltei para mundo real ainda gritando.

Estava na cama com Noah, grudada a ele, segurando a mão. Ele tinha a respiração entrecortada. Eu tinha a respiração entrecortada. Poderia ter sido muito romântico, se não estivesse tão assustada.

Podia sentir seu reconfortante calor a meu lado. O coração pulsava frenético sob minha



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

outra mão, e seu musculoso torso bronzeado brilhava de suor.

A mim também acelerou o coração. Ia ter um enfarte de um momento a outro.

Soltei a mão mas não tive forças, nem vontade, para sair da cama.

— Que diabos aconteceu?

— Estava ali — disse ele com voz rouca, levantando contra os travesseiros, com os eletrodos que coloquei antes em uma mão. Tinha o lençol preso na cintura, as pernas ainda cobertas com o pijama. Noah não saiu da cama. Noah não se moveu; fui eu.

— Sonambulismo — assenti atônita— devo ter ficado adormecida e ouvi gritar. — Ou possivelmente entrei realmente no mundo dos sonhos, corpórea inclusive. Era isso possível?

Não sabia. Não sabia nada.

— Estava em meu sonho. — Noah ficou convexo me olhando, confuso e surpreso— dentro de minha cabeça.

Neguei com a minhas com todas minhas forças.

— Isso não é possível. — Não estava mentindo. Não estive dentro de sua cabeça, estive em seu sonho, que era diferente.

Bastou olhar o rosto para saber que queria acreditar, mas que ao mesmo tempo parecia impossível.

— Não, mas é o que aconteceu.

Poderia ter discutido. Eu teria feito se soubesse o que dizer, mas não pude. Nunca antes aconteceu nada parecido. Eu sempre tinha o controle de meus sonhos. Ninguém entrava neles, e eu nunca saía deles. O mundo de Morpheo não interagia com o meu.

O braço tremeu ao me apoiar nele. A adrenalina corria pelas veias e fazia bombear o coração igual se bebesse dez expressos. Olhei os olhos negros de Noah; neles vi um monte de sensações. Estava me contemplando como se eu fosse a criatura mais fascinante do universo, e como se estivesse duvidando entre fazer uma reverência ou sair dali correndo. Poderia tê-lo beijado então e ele teria permitido isso. E logo teria se arrependido.

— Está bem? — perguntei.

Ainda deslocado, assentiu.

— E você?

Ri. Não era bom sinal.

— Não, mas o estarei assim que encontre sentido a tudo isto.

Noah afastou os lençóis e jogou as pernas por um lado da cama. Inclinou a cabeça para me olhar com olhos ardilosos.

— Essa coisa a conhecia.

Merda. Se contasse a verdade, já não haveria volta atrás. Não poderia fingir que havia uma explicação razoável para o que acabava de acontecer.

— Sonhei antes com ele. — Comecei a me perguntar se aquela coisa era sobre o que quis me avisar minha versão onírica de David Boreanaz.

— Sonhou antes com ele? — Olhou-me zangado. Inclusive furioso— Sonhou com essa coisa





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

e, apesar disso, quanto contei o que acontecia me tratou como se estivesse louco.

Optei por me sentar eu também e levantei as mãos em sinal de rendição.

— Noah, possivelmente a que está louca sou eu.

— Essa coisa é real. — levantou-se — Não me diga que necessita mais provas.

Não precisava prova. Sabia que aquela criatura era real, e sabia que era perigosa.

Levantei o olhar. No torso perfeito de Noah haviam os círculos dos eletrodos que acabava de arrancar. Minha vida se tornou tão estranha que nem sequer desfrutei das vistas.

Ele estava cheio de roxos, de roxos que não tinha quando entrou na cama.

— O que preciso é um pouco de tempo para pensar — disse, com uma voz com a que pretendia transmitir que tinha a situação sob controle.

Estendeu a mão e fiquei olhando. Deveria pegar como uma adulta e aceitá-la? Ou seria melhor que pegasse como uma cabeçuda mal educada e me levantasse sozinha? Minha tendência ao dramatismo me disse que rechaçasse e que aumentasse assim aquele rancor que instaurou entre os dois e que só se apoiava no medo.

Posei minha mão na de Noah e deixei que seus dedos se entrelçassem com meus e puxasse a mim. Fiquei em pé e vi que as pernas tremiam mais do que teria gostado de admitir.

— Como conseguiu despertar?

Aquela era exatamente a pergunta que não estava preparada para responder, assim que me limitei a negar com a cabeça. Ele não engoliu, mas não insistiu.

— Acompanharei para casa — foi o único que disse, me olhando com olhos inescrutáveis. Parecia decepcionado comigo, e isso era pior que se estivesse zangado.

Assenti, tinha a garganta muito seca para falar. Noah foi ao banheiro e saiu vestido com os jeans e a camiseta. De caminho à saída do edifício não dissemos nada. Suponho que ambos seguíamos alterados pela experiência que acabávamos de viver.

Noah tinha um segundo capacete na moto e me disse que pusesse isso, e eu agradei o detalhe; para mim, a segurança é muito importante, e mais se a zona que pode resultar machucada em um acidente é o cérebro. Dei meu endereço sem me preocupar o mínimo que tivesse essa informação tão pessoal, e subi na moto. Como não usava casaco de pele nem nenhum outro amparo exceto o capacete, estava algo nervosa, assim rodeei Noah com os braços e aferrei a ele com todas minhas forças até chegar a casa. Não o soltei até que parou frente a meu edifício.

Ele levantou a viseira do capacete e olhou enquanto eu descia da moto; um elegante modelo cor vermelha escura, que exsudava velocidade e sexo. Tirei o capacete e passei os dedos pelo cabelo.

— Obrigado por me trazer.

Noah assentiu.

— Vai para casa? — perguntei. Não era meu assunto, mas me sentia responsável por ele. Acredito que ele sentia o mesmo por mim.

— Sim. — À luz das luzes, seus olhos pareciam completamente negros — Provavelmente passe o resto da noite pintando.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Pensei que Noah tinha que ser muito valente para reconhecer que tinha medo de ficar adormecido.

— Tome um Vicodin, ou bebe algo, o que seja. Ajudará a dormir. — Diante de seu olhar atônito, acrescentei— Os antidepressivos suprimem o REM. Nunca recomendaria tomá-los diariamente, mas a verdade é que diminuem muito a possibilidade de sonhar.

Ele me olhou sem alterar, mas eu sabia perfeitamente que estava tomando nota de cada detalhe. E sabia que, para ele, aquele conselho equivalia que reconhecesse que havia algo em seus sonhos que dava muito medo. Por sorte, pareceu aliviado.

— E você o que fará?

— Deixarei KO — confessei— Amanhã pela manhã irei ver alguém que talvez possa nos ajudar. — Possivelmente minha ideia fosse uma loucura, mas era a única que me ocorreu. Minha outra opção... digamos que não podia nem me expor isso.

Noah não me perguntou com quem ia falar, nem me exigiu que respondesse a nenhuma das perguntas que provavelmente rondavam pela cabeça. Deus sabia que eu tinha milhões.

— Estará bem sozinha? — foi o que me perguntou.

— Lola está em casa, minha companheira de apartamento. E, você?

— Estarei bem.

Dei conta de que não disse se tinha ou não companheiro de apartamento. Se o convidava a minha casa, daria uma impressão errada? Qual era a impressão correta? Preocupada como estava por ele, se oferecia que passasse a noite em meu sofá, ou, muito pior, em minha cama, nossa relação medico paciente ficaria comprometida.

Como se isso não tivesse acontecido já a aquelas alturas. Além disso, provavelmente Noah começasse a expor toda uma série de perguntas que eu não estava preparada para responder.

— O que queria dizer com o de sua mãe?

Perguntas como essa. Não, não estava preparada para respondê-las.

— Não estou certa — meio menti— A você chegou a dizer o que queria?

Afastou o olhar.

— Não. — Isso também era meio mentira.

— Bom — disse, a falta de outra coisa— , boa noite.

Antes que pudesse ir, Noah pegou a mão. Tinha os dedos frios, mas segurou com força.

— O que é?

Ri, embora soou mais como um pranto.

— Disso tampouco estou muito segura.

Ele me deixou ir.

— Me ligue.

Não foi uma exigência nem um rogo, mas resultou igual de imperativo.

— Farei — assenti.

Ele esperou que eu cruzasse a porta para ir. Sei por que fiquei do outro lado do vidro e o vi partir. E com ele desvaneceu qualquer possibilidade de que minha vida voltasse para a



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

normalidade.

No sábado não tinha turno, o que resultou ser uma sorte porque no final tomei Xanax para conciliar o sonho e não despertei até o meio-dia.

Lola já tinha ido trabalhar quando saí do quarto. Durante a semana trabalhava como secretária em uma agência literária, e nos fins de semana em uma loja de roupas. Era genial. Conseguia livros grátis dos autores representados pela agência e grandes descontos em roupa.

Depois de tomar um café, tomei banho. Depois, servi um pote de cereais e me sentei frente a minha penteadeira para passar um pouco de creme hidratante corante, brilho de lábios Xai de Cargo e rímel do Benefit, que fazia que os cílios ficassem super eretos. Não assinaria nenhuma marca de cosméticos por um bilhão, mas ao menos, meia hora mais tarde, quando saí do apartamento, sentia-me medianamente humana.

Peguei o metro para a cidade e fiz uma parada técnica no Sephora da Quinta Avenida para comprar um frizador de cílios, e logo segui até Central Park.

Durante o dia, era uma armadilha para turistas; um refúgio cheio de cacas de cavalo no que gente que normalmente vivia estressada podia encontrar um pouco de paz, mas de noite... bom, digamos que todos ouvimos histórias horripilantes a respeito do que pode acontecer a uma mulher que vá sozinha há essas horas pelo parque. Conheço mulheres que passearam sozinhas de noite e não as violaram nem atacaram, mas eu não gosto de tentar a sorte, não é seguro. Claro que, ultimamente, minha cama tampouco era muito segura.

Sabia exatamente aonde tinha que ir, e meus pés me levaram até ali dando um passeio. Não tinha sentido que tivesse pressa. O homem ao que ia visitar me esperaria; de fato, acredito que estava me esperando.

Algo estava mudando no mundo dos sonhos, mas não sabia exatamente o que. O único que sabia era que passei anos tratando de me manter afastada desse mundo e que não consegui. O idoso, Antwoine, disse que eu alcancei todo meu potencial. Tinha isso algo haver com o que aconteceu?

Fazia um dia precioso; o bastante quente para usar só jeans e um pulôver. O frio que me impregnava os ossos não era culpa do tempo. Se seguia adiante, já não poderia retroceder. Ia reconhecer o que eu era de verdade diante de outra pessoa, e fazia muitos anos que não fazia nada igual.

O chão estava coberto de folhas. O outono era minha estação preferida, mas cada ano sentia tristeza por todas aquelas folhas. O sol brilhava entre as árvores e iluminava os diferentes tons de dourado, vermelho e castanho. No parque a vida transcorria devagar. As pessoas passeavam, não corriam. Algumas estavam sentadas em umas rochas, ou nos bancos, lendo ou simplesmente falando. Outros observavam a outros.

Eu ia pelo caminho, um caminho com um corrimão negro em ambos os lados e bancos encarados ao parque. Uma vez, sentei-me em um com um antigo namorado para escutar um violinista, e ali era onde, em um de meus sonhos, cravavam uma estaca em David Boreanaz. E o



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

mais importante: era onde se supunha que ia encontrar aquele estranho idoso.

Não errei.

O homem estava sentado sozinho em um banco de madeira. Tinha os braços relaxados e as pernas estiradas para frente, com a cabeça arremessa para trás para que batesse o sol. Estava tão moreno e curtido como o recordava, mas já não parecia tão nervoso como no supermercado. Parei diante dele.

Abriu um olho e me olhou durante um segundo antes de voltar a fechá-lo.

— Sente, menina. Tampa o sol.

Sentei a seu lado, no banco, e levantei o rosto em busca do calor que penetrava por entre as árvores. Era muito agradável. Era relaxante, e eu precisava relaxar, embora agora que encontrei o idoso já não estava tão nervosa como antes.

— Estava perguntando quando apareceria — me disse com aquele acento seu sulino.

— Sim? — disse eu, muito expressiva.

— Fazia muito tempo que não pensava em uma formosa mulher. Suponho que tem muitas perguntas que me fazer.

Deu no ponto.

— Você sabe o que sou, não é assim?

Ofendido, olhou-me com a extremidade do olho.

— Qualquer um com um mínimo conhecimento do mundo dos sonhos sabe o que é, menina.

Suspirei e olhei a uma criança que usava patins de rodas.

— Genial.

O idoso girou a cabeça para mim mas manteve o resto do corpo imóvel.

— De verdade chama Dawn?

— Minha mãe gostava — afirmei.

Riu, as comissuras dos olhos se enrugaram como as pranchas de uma saia. Tinha os dentes grandes e brancos como à neve. Quarenta anos atrás, seguro que se parecia com Denzel, mas agora recordava mais Morgan Freeman.

— Seu pai é Morpheo?

— Isso me disseram.

Bebeu um pouco de água de uma garrafa que até então eu não vi.

— Tem seus olhos.

Como diabos conhecia aquele velho Morpheo?

— É amigo dele?

Antwoine negou com a cabeça e uma leve expressão de tristeza se refletiu em seu rosto.

— Nossos caminhos se cruzaram há uns trinta anos.

E igual à Forrest Gump, aquilo era tudo o que tinha que dizer a respeito.

Trinta anos atrás. Antes que eu nascesse. De ser assim, aquele homem não podia me ajudar muito.

— Vá. Pensei que possivelmente poderia esclarecer algo em relação aos sonhos que estou



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

tendo ultimamente. Sobre mim.

Repassou-me com o olhar.

— É um Pesadelo — sentenciou, tão pesaroso que me deu um tombo o coração.

— Sei. Um sonho horrível, essa sou eu — respondi sarcástica. Porque, sério, quem quer ser um pesadelo? Vi o quadro; aquela pobre mulher com um feio gremlin no peito.

— Não sabe nada de nada, não é assim?

Seu tom cortante me fez levantar as sobrancelhas.

— Desculpe?

Possivelmente não fosse um gênio, mas excetuando as perguntas de política, jogando corriqueiro podia dar uma surra a qualquer um. Tinha um doutorado, por todos os Santos.

Antwoine se voltou para mim. Era um homem pequeno e enxuto, e ainda assim não duvidei nem por um instante de que podia me soltar um bom tapa.

— Os Pesadelos não são tão insignificantes como os sonhos menores. É uma Guardiã do reino dos sonhos. Supõe que tem que nos proteger.

Um momento. Minha mãe nunca me disse nada a respeito de proteger ninguém. Claro que fazia muito tempo que não falava com ela. E antes disso, nunca a escutava quando queria me falar dessas coisas. Mas eu gostaria de acreditar que ela teria encontrado a maneira de me dizer algo tão importante.

— A quem? E do que?

— Dos sonhadores de todo o mundo. E de sonhos que podem nos fazer mal, como esse que anda matando gente enquanto dormem.

Esqueci-me do da *Guardiã* durante um segundo.

— Matando gente?

A julgar pela expressão de Antwoine foi evidente que se scandalizou que eu não soubesse do que estava falando.

— Todas essas pessoas que morrem enquanto dormem. De que diabo acredita que vai tudo isto? Não me dirá que de verdade ache que morreram de morte súbita.

Não sabia, nem sequer expos isso. E assim que o fiz fiquei gelada. Aquela criatura que apareceu em meus sonhos e nos de Noah era o assassino? Se não posso proteger a mim mesma, como ia proteger a outros?

O idoso ficou olhando, e não ocultou como estava decepcionado.

— Como pode ser a filha de Morpheo e não saber?

— Não vi o me... Faz muito que não o vejo.

Outro olhar, tão fulminante que me mexi incômoda.

— De modo que assim estão as coisas. Isso explica tudo. Assustou-me. Durante um segundo pensei que possivelmente fosse idiota.

Resisti à tentação de corrigi-lo e demonstrar que não era.

— Pode me ajudar?

Levantou os ombros, que ocultava debaixo de uma jaqueta de couro vermelho dois cortes



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

muito grande.

— Possivelmente, mas não do modo em que está pensando. Você quer respostas, e o único que pode dar isso é seu pai.

A pesar do desprezo que sentia para este, pelo visto ia ter que falar com ele se de verdade queria ajudar Noah.

E nem sequer expos a possibilidade de não ajudar Noah. Meu trabalho consistia em dar uma mão às pessoas, mas a verdade era que Noah além disso me importava. Noah era alguém que confiava em mim. Ou possivelmente era porque viu que eu era diferente e não importava. Fosse qual fosse o motivo, ou a desculpa, que eu queria utilizar para justificar a necessidade que sentia de ajudá-lo, dava igual. O único que importava era que podia fazer.

O idoso ficou em pé e alisou as rugas do Dockers.

— Se não quer que mora mais gente enquanto dorme, tem que parar essa coisa.

— Eu? Espere um momento...

Os olhos de Antwoine me deixaram presas no banco.

— É seu dever, menina. Você é uma dos poucos que podem fazer.

— Nem sequer sei que diabo é!

— O mais provável é que seja um Terror Noturno.

Pisquei confusa.

— Um Terror Noturno. Como esses que assustam as crianças pequenas quando dormem?

Ele assentiu. Teria rido se não o visse tão sério.

— Em alguns círculos, ouvi que o chamam Karatos.

— Como entrou em meus sonhos?

— Do mesmo modo que nos de todas essas pessoas, suponho.

Pequena merda.

Antwoine inclinou para frente e apoiou os cotovelos nas coxas.

— Agora que penso, possivelmente o Terror andava procurando você. Talvez estava procurando o modo de entrar em sua fortaleza. Diga ao rei. Interessará sabê-lo.

Deduzi que com *o rei* se referia a Morpheo.

— Se sabe tantas coisas, por que não conta você mesmo a meu pai? — E por que diabos não podia responder ele a minhas perguntas? Por que tinha que ir ver Morpheo? Acaso Antwoine não se dava conta de que eu era uma covarde?

Ele me sorriu sem humor.

— Não posso. Morpheo me expulsou do reino dos sonhos. Não poderia entrar embora quisesse.

Expulsou? Jamais ouviu tal coisa. Como podia expulsar alguém do reino dos sonhos? As pessoas tinham que sonhar.

— Mas essa conversa deixaremos para outro dia, senhorita Dawn. Agora vai, e volta para me ver quando ver seu pai. Então ajudarei no que possa.

Levantou e deu meia volta para ir. Conseguiu dar alguns passos antes que eu recuperasse a



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

fala.

— Espere!

Olhou-me por cima do ombro.

— Sim?

— Como se chama?

— Antwoine Jones.

— Me... Morpheo se lembrará de você se disser que estivemos conversando?

Nessa ocasião, sorriu com um pouco de alegria.

— Mais certo. Tentei matá-lo.

## **CAPÍTULO 6**

Na segunda-feira fui trabalhar com os olhos injetados de sangue e com a sensação de que a cabeça pesava uma tonelada. Depois de minha estranha e crítica conversa com Antwoine, passei toda a semana tratando de encontrar minha mãe e Morpheo no reino dos sonhos. Nem sequer pude sair de minha fortaleza. Parecia, era muito mais fácil entrar que sair. Genial.

A grande maioria das pessoas acredita que os sonhos têm lugar no subconsciente, e em certo modo é verdade. A mente de um ser humano comum não pode entrar no mundo dos sonhos, apesar do que diga Kate Bush em sua canção ou Neil Gaiman em seus gibis. Alguns humanos conseguiram, mas evidentemente não era comum. O que sim pode fazer o subconsciente é aumentar o portal dimensional que separa este mundo do dos sonhos. Dito de outra maneira: os sonhos não vão às pessoas, mas sim as pessoas vão aos sonhos. Isto foi assim desde que Ama, a criadora do reino dos sonhos, teceu sua primeira rede.

O que significa que, embora eu fizesse parte do mundo dos sonhos, ainda tinha que aprender a me mover por ele. E deixem que diga uma coisa: pode ser um lugar horrível se não sabe aonde vai. Os preparativos para a viagem me deixaram esgotada, e isso que ainda não encontrei nem minha mãe nem seu queridíssimo amante.

Vá. Isso de minha mãe e seu amante soava muito anos setenta, mas dizer minha mãe e meu pai, ou meus pais, parecia uma traição para o homem que de verdade me criou, que pagou a universidade e que me mandava uma felicitação em todos meus aniversários.

A paciente que estava atendendo não parecia importar que estivesse dormindo em meio de sua sessão. De fato, a senhora Leiberman estava atravessando o que poderia considerar um episódio de felicidade maníaca. Possivelmente teria que ter me preocupado mais por seu estado, mas estava muito cansada. E era agradável vê-la sorrir, para variar.

— Tem bom aspecto, Nancy.

Sorriu-me coquete, algo que resultou inquietante no rosto habitualmente cansado daquela quarentona.

— Sinto-me bem. O trabalho vai muito bem, e conheci alguém maravilhoso. Estou...





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

contente.

— Alegra-me ouvir. — Lá vamos— E o que me diz de seus sonhos? Como estão?

— Também muito bem.

Havia tal surpresa em sua voz que quase estremeci. Fazia quatro meses que Nancy era minha paciente; outra psicóloga enviou-a porque preferiu abrir um consultório de terapias cognitivas na República Dominicana para ajudar uma mulher que não podia fechar os olhos sem sonhar coisas horríveis.

— Bem? — *Bem* é uma palavra de três letras que se usa muito. *Bem* é muito genérico, muito fácil, em especial em uma paciente como Nancy.

Eu suspeitava que a mulher sofreu abusos quando era pequena, pois insinuou algo em sessões anteriores que disparou alarmes em minha cabeça. Durante a faculdade, ensinaram-me a detectar esse tipo de sinais. Possivelmente os sonhos sejam minha paixão, mas quando Nancy descobrir a origem de seus pesadelos, tenho intenções de estar aí. Se quiser recorrer a um terapeuta com mais experiência, dependerá dela. A verdade estava enterrada em seu interior, e fosse o que fosse o que aconteceu, estava atormentando seus sonhos.

Horríveis e sangrentos pesadelos. Assim, me digam se depois de dois anos de sonhos horripilantes, depois de dois anos de vício-desintoxicação a soníferos, era normal que agora o que sonhava estivesse *bem*. *Bem* não bastava como explicação.

— Sim. — Era evidente que Nancy estava tão surpreendida como eu. Isso, ou merecia um Oscar de Hollywood pelo bem que estava enganando; quase me convenceu de que seus temores se desvaneceram.

Em efeito, sou uma pessoa desconfiada por natureza, o que acontece?

— Pode dizer o que sonhou estas últimas noites?

— Eu adoro como diz isso — respondeu com um sorriso.

Contive para não suspirar exasperada. Estava a quatro anos nos Estados Unidos e ainda riam de meu acento. Podia passar meses sem que notasse, mas sempre havia alguma frase que delatava. E que conste que eu não arrasto as vogais, como outros canadenses.

— Nancy, começo a suspeitar que não quer me contar o que sonhou. Se for assim, não acontece nada, mas não posso ajudá-la se não me conta isso.

— Disso se trata exatamente. — inclinou-se para frente— Acredito que já não necessito sua ajuda, doutora Riley. Parece que me curei.

— Desculpe? — Acredito que consegui dissimular minha surpresa. Em todo caso, minha reação não pareceu incomodar Nancy o mínimo.

— Os pesadelos desapareceram. Curei-me.

Fiquei olhando-a. Nunca me aconteceu nada igual. Que diabos podia dizer?

— Me alegro muito de que durma melhor, Nancy, mas...

— Não é que durma melhor. Curei-me — repetiu, ainda sorrindo com uma determinação que antes não vi em seu rosto. Sofreu uma espécie de ataque? Porque, me perdoem a expressão, parecia estar como uma cabra.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

O que passou? A única novidade era que estava saindo com alguém. Acaso essa pessoa disse que abandonasse a terapia? Ou algo pior, não disse que ele poderia curá-la?

— Nancy...

Ficou em pé tão rápido que a cadeira caiu sobre as pernas traseiras antes de voltar a ficar quieta sobre o chão.

— Agradeço muito tudo o que tem feito por mim, doutora Riley. — estendeu a mão — Direi à recepcionista que cancele todas as consultas que tinha programadas.

Atônita, limitei-me a apertar a mão.

— Por que não espera? Só no caso.

Ainda sorria quando soltou a mão.

— Não, não precisa. Obrigado de novo. Digo a sério, você é maravilhosa. Adeus.

E foi, me deixando ali de pé, olhando a porta como uma idiota.

Um paciente acabava de deixar atônita e não deixei vir, não fiz nada para impedi-lo. Senti-me como quando, no instituto, Mike Robbins decidiu que queria uma namorada loira e mais magra.

Claro que deixando um lado que Mike Robbins era um porco, não tinha os problemas de saúde mental que tinha Nancy Leiberman.

E se acontecia algo errado? E se ia para casa e se suicida? Isso era algo extremo, sei, mas onde terminava minha responsabilidade? Fazia tudo o que estava em minha mão para impedir que abandonasse a terapia?

Eu sabia que inclusive sob meu estado de choque e minha ansiedade, fizera todo o humanamente possível por Nancy. Esta podia decidir por si só, e o único que eu podia fazer era respeitar sua decisão.

Mas isso não impediu que cinco minutos mais tarde plantasse frente à mesa de Bonnie e dissesse que não cancelasse a próxima consulta de Nancy, só no caso. Frase que me fez ganhar um sorriso dos reluzentes lábios de nossa recepcionista.

— É uma boa garota — disse — Não, melhor dizendo, é uma boa doutora.

Senti-me adulada. E então, uma das loiras sobancelhas de Bonnie arqueou ao olhar atrás de mim. Seus olhos verdes brilharam de tal modo que soube quem acabava de entrar.

Voltei-me. No meio do vestibulo, vestido com pulôver e jeans negros e com as mãos nos bolsos, estava Noah. Uma tensão, ardente e espessa, encheu o espaço entre os dois e me custou respirar ao ver como olhava com seus olhos negros. Veio em busca de respostas, e não iria consegui-las.

— Noah. Olá.

Ouviu minha voz estrangulada e olhou intrigado. Não importava que o visse há duas noites, meu coração acelerou como estivesse semanas sem saber dele. Além disso, estava nervosa. Jamais contei a ninguém de minha outra vida, e agora aquele rapaz ao que quase acabava de conhecer ia saber mais coisas de mim que minha melhor amiga.

— Olá, doc. Tem um minuto?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Claro. — *Minha última paciente acabava de me despedir.* Mostrei o corredor para que se dirigisse para meu ridículo consultório. Não olhei Bonnie, porque sabia que sua reação me daria esperanças. Certo que acreditava que Noah estava ali porque eu gostava. Graças a Deus, jamais ocorreria pensar que foi ver porque eu era uma espécie de invasora de sonhos.

Fechei a porta atrás de mim, e não dei nem um passo quando Noah deu meia volta e me pegou entre seu torso e a parede.

Tinha uma pele preciosa, dourada e sem manchas. E ao ter tanta luz pude detectar cócos castanhos naqueles olhos negros. Tinha uma pequena cicatriz no lado esquerdo do lábio superior e outra na testa. Perguntei-me como a fez.

Cheirava muito bem, a bolachas recém feitas.

— Está olhando — me acusou com voz sensual como a manteiga derretida.

— Está muito perto — contra-ataquei, como se fosse uma desculpa.

Aproximou um pouco mais, e o calor que emanava de seu corpo transpassou a roupa e deixou arrepiada. Estremeci da cabeça aos pés. Uma mão de dedos largos apoiou junto a minha cabeça, na porta. Estava presa, me deixando uma só maneira de escapar se por acaso queria sair dali.

Não queria.

— Está nervosa, doc?

Tentou alguma vez não tremer? É condenadamente difícil, mas isso era exatamente o que estava tratando de fazer quando Noah falou com aquela voz só apta para o dormitório.

— Deveria estar? — perguntei, olhando nos olhos com uma valentia que estava longe de sentir.

Um leve sorriso apareceu em seus lábios.

— Possivelmente um pouco.

*OH, Deus.* Engoli saliva.

— Como dormiu o fim de semana?

— Sozinho. E você?

Ele nunca foi tão descarado comigo. Suponho que o fato de que me meti em seu sonho mudou as coisas. Embora, pensando bem, Noah começou há flertar um pouco antes.

— Como um bebê — respondi com voz rouca — Tomou algo?

— Sim. — Baixou um pouco o braço e me aproximou mais. Só uns milímetros nos separavam. Podia sentir seu fôlego acariciando a bochecha — Não respondeu a minha pergunta.

— O que pergunta?

Brilharam os olhos e me vi refletida neles.

— Dormiu sozinha?

Tinha vergonha reconhecer, apesar de que ele fazia parecer muito sexy.

— Não é teu assunto. — Tinha que me afastar dele sem demora. Dava um passo para a esquerda.

Ele levantou o outro braço e apoiou a palma contra a porta para me interceptar. Suspirei e



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

meu seio roçou com o seu peito. Senti o contato incluso na ponta dos dedos dos pés.

— Fecho os olhos e a vejo — murmurou algo tenso— Aparece em meus sonhos. Preciso saber, doc, quando estou sozinho na cama pensando em você, você está pensando em mim?

Meus olhos arregalaram.

— Está insinuando que faço algo para que pense em mim?

Noah riu.

— Não, mas já que menciona, faz?

— Não! — exclamei horrorizada— Não seja tão crédulo.

Não se ofendeu o mínimo. De fato, sorriu e inclinou para mim.

— Pensa em mim.

O rubor que tingiu as bochechas foi à única resposta que necessitou. Grudou o torso ao meu e sua barba incipiente arranhou o rosto ao me sussurrar junto ao ouvido:

— Quem é? O que é?

Foi o *que* o que impediu que derretessem os joelhos, o que me deu uma força que não sabia que tinha. Levantei uma mão e o segurei pela nuca. Notei seu cabelo entre os dedos e grudei a ele, me deleitando com cada músculo que marcava sob a roupa. Aproximei os lábios à curva de sua orelha.

— Algo que não viu jamais — sussurrei. E então pus ambas as mãos no peito e o empurrei. Com força.

Peguei-o despreparado e Noah foi o bastante para trás para que eu pudesse escapulir e me proteger atrás de minha mesa. Quando voltei a olhá-lo estava divertido e muito, muito interessado. Quantas vezes fantasiei que me olhasse desse modo? E agora que estava fazendo... vá. Deu-me um pouco de medo. E me excitou muitíssimo.

Tinha vontade de lançar a seus braços sem pensar nas consequências.

— Quero saber o que está acontecendo — me pediu em voz baixa.

Já somos dois.

— Ainda estou tratando de descobrir.

Ele inclinou a cabeça.

— Não tem intenção de me contar isso verdade?

— Aqui não — respondi— Não tenho tempo. E tampouco tenho todas as respostas.

— Mas têm algumas.

— Sim.

Aproximou do escritório e eu engoli saliva e me segurei à mesa. Se voltava a se aproximar tanto, se voltava a me tocar, estava perdida. E acredito que Noah sabia, maldição.

Deu um cartão com o endereço de uma galeria de arte na Chelsea.

— Amanhã de noite é a inauguração.

Note em que não me perguntou se queria ir, nem me disse que gostaria que fosse. Não sabia muito bem o que significava isso, mas tinha que significar algo, não? Se fosse freudiana, seguro que já teria encontrado vários significados.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Inauguração? Da exposição de seus quadros? — A ideia de ver a obra de Noah era estranhamente excitante.

— Não, doc, os de outro. — Suavizou o sarcasmo com um sorriso— Sim, de meus quadros. Era incrível como mudava o semblante aquele sorriso, quão jovem o fazia parecer.

E também era incrível o sexy que pareciam as rugas que formavam na comissura dos lábios. Eu gostava muito mais daqueles sulcos que marcavam nas bochechas quando sorria que os impressionantes abdominais.

Por sorte, Noah tinha ambas as coisas.

— De acordo — aceitei— Ali estarei.

O sorriso foi aumentando e adquiriu uma aparência predadora. Se eu não gostasse tanto de Noah, possivelmente teria me ofendido, mas que precisamente ele me olhasse como se fosse o lobo feroz e eu Chapeuzinho Vermelho, não me incomodou o mínimo... Justamente o contrário.

Perguntei-me como reagiria se o beijava. Não ia fazer, claro está, ele era meu paciente e estávamos no consultório. Mas OH, Deus, que vontade tinha.

Foi justamente Bonnie que evitou que me humilhasse profissional e emocionalmente, ao me chamar para me dizer que o doutor Canning queria me ver.

A tensão entre Noah e eu se aliviou um pouco e pude voltar a respirar. E ele perdeu um pouco de intensidade.

— Será melhor que vá — disse.

Poderia dizer que ficasse, que o doutor Canning só queria que desse algo que me pediu, mas não fiz.

— Verei amanhã.

Assim que chegou à porta, Noah deu meia volta para me olhar.

— Amanhã de noite averiguarei todos seus segredos.

— Uma garota nunca revela todos seus segredos, Noah — sorri coquete.

Devolveu o sorriso.

— Se você me contar os teus, eu contarei os meus, doc. — E desapareceu, deixando um rastro daquele seu aroma de baunilha e cravo e eu com as pernas tremendo.

Cai na cadeira e levei as mãos à boca para conter a risada nervosa. Noah Clarke pensava em mim quando fechava os olhos.

E o que pensaria quando eu os abrisse?

Essa noite, fui à cama decidida a encontrar Morpheo.

Meu quarto estava decorado ao estilo mediterrâneo. Pintei as paredes de um quente tom alaranjado e nas janelas penduravam pesadas cortinas douradas e azuis combinando com a colcha que cobria a cama de casamento. As paredes estavam nuas de adornos, excetuando a cabeceira, que era uma impressionante estrutura de ferro forjado. Tinha uma cômoda negra, um armário e uma penteadeira, e um candelabro de pé também negro que devia medir mais de um metro e no que podia colocar nove velas. No chão havia tapetes de várias cores, e na cama almofadas de



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

tecidos brilhantes.

Certo que a muitas pessoas pareceria horrível, mas eu gostava. Era meu santuário, meu pequeno oásis de calma em meio de uma cidade que nunca dorme.

Vestida com uma camiseta de homem e cueca, entrei entre os lençóis púrpuros e suspirei. Estava muito cômoda.

Tem graça, mas às vezes me custa dormir. A não ser que me proponha expressamente visitar o reino dos sonhos. Mas se quero sonhar, zás, em seguida fico fora de combate. Essa noite ia ser uma dessas; cheguei ali apenas uns segundos depois de fechar os olhos.

Apareci em meio dos muros que eu mesma levantei, mas nesta ocasião me resultou mais fácil mudá-los; encontrei a maneira. Pensei no lugar como se fosse meu castelo: uma mansão inglesa digna de ser o lar dos Darcy, os Rochester e sim, os Heathcliff. Era grande e muito confortável, e abandoná-la resultou mais difícil do que estava disposta a admitir, mas abri a porta e saí fora.

De fato, depois do que fez a vez anterior, pareceu inclusive muito fácil.

É difícil explicar como é o mundo dos sonhos. Quando os humanos visitam, tem o aspecto que eles querem que tenha, mas a verdade é que possui suas próprias normas estéticas.

Imagine que é sua Matrix particular sem Keanu Reeves. Pode parecer que não existe, mas é real. Muito real.

Era de noite. No mundo dos sonhos quase sempre é de noite. A luz do dia só dura umas horas, a não ser que o sonhador deseje o contrário. Como eu era uma criatura desse mundo, podia vê-lo tal como era: enorme e rodeado de névoa. A grande cidade se elevava no extremo de um escarpado; cúpulas e ganchos prateados resplandeciam sob a luz da lua. E mais névoa. Recordei o que se escondia atrás dessa bruma e comecei a andar. Depressa.

Se estivesse mais bem preparada possivelmente poderia me plantar diretamente diante do castelo de Morpheo, ou inclusive dentro, mas fazia muito tempo que não praticava, e ainda tive sorte de parar ali. Ao menos, consegui aparecer frente à porta do reino. Fiquei parada observando a grade de chifre e marfim e esperei a que alguém me reconhecesse. A luz da lua iluminou o rosto e o chifre e os marfins brilharam, me enchendo de força.

Um homem topou comigo. Levantei o olhar para dizer algo e vi cara a cara com uns olhos azuis que já conhecia. Era o Terror Noturno, mas não o vi como nas outras vezes. Não sabia muito bem o que era, mas exalava falsidade.

— Pequena Luz. Que alegria voltar a ver.

O coração subiu à garganta e quase me afogo de tão rápido como me pulsava.

— Karatos.

Um sorriso de satisfação apareceu em seu rosto.

— Incomodou em averiguar como me chamo, que detalhe.

Detalhe? É uma merda.

— Está me acoissando? — perguntei.

Ele cruzou os braços sobre seu impressionante torso. Era perfeito, e olhá-lo era um prazer



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

para o olhar, mas apesar de tudo resultava desagradável, um insulto a tanta beleza.

— Acossando parece muito feio, pensava que entre você e eu havia algo especial. Eu gosto de pensar que estamos nos conhecendo.

Fiquei olhando. Meu coração voltou para seu lugar, mas seguia pulsando como se fosse explodir de um momento a outro. Não tinha medo de que o Terror queria me fazer mal. De algum modo, sabia que não me ia fazer isso só queria me assustar.

— Por que quer me conhecer? O que sou eu para você?

Sorriu. Seus perfeitos dentes brancos resplandeceram a luz da lua.

— OH, não só para mim, Dawnie. É o que é para todos nós. Ainda não deu conta?

Dar-me conta do que? Para todos nós? Abri a boca para fazer outra pergunta, mas nesse instante abriu a grade de chifre e marfim que tínhamos ao lado.

— Tenho que ir — disse Karatos com lástima. E então me beijou e desvaneceu na névoa.

A névoa que ia rodeando. Era o cão guardião do reino. Juro que naquele instante tive a sensação de que o maldito estava me sussurrando. Não podia entender o que me dizia, mas o tom não era nada amistoso.

Dei meia volta e corri para a porta, para o coração do reino de meu pai. Ali estaria a salvo de Karatos e daquela horripilante névoa. A grade de chifre e marfim, analogia do real e do falso, fechou atrás de mim, eliminando qualquer possibilidade de fugir. Não queria estar ali, mas tampouco tinha alternativa. Karatos matou pessoas. Fez mal a Noah. Violou-me e fez com que eu gostasse. Ia pagar por isso, embora para isso tivesse que engolir meu orgulho e pedir ajuda a Morpheo. O que quis dizer o Terror com o de *nós*? A que diabos se referia?

Percorri o caminho de paralelepípedos e respirei o aroma a jasmim que impregnava o ar da noite. Caiu o coração. O jasmim era a flor preferida de mamãe.

Frente a mim, destacando por cima dos outros edifícios, estava o castelo circular de Morpheo. Caía ameaçador e pálido, com suas cúpulas e suas torres que parecia que queriam arranhar o céu. Observei as sombras púrpura, azuis e prateadas das paredes e me perguntei de que cor o pintaria Noah.

A luz que escapava de muitas das janelas dava um aspecto mais agradável à fria fortaleza. A música flutuava na brisa junto com o aroma de algo quente e delicioso. Joguei a cabeça para trás e respirei fundo. Bolacha?

Esperavam a mim. A bolacha — uma das coisas que mais eu gostava quando era pequena — ele deixava claro. Parte do medo que sentia evaporou. Nem minha mãe nem Morpheo teriam conjurado uma bandeja de bolacha se não fosse bem-vinda em sua casa.

Os guardas do castelo, umas criaturas humanoides de pele negra e com enormes asas de morcego, fizeram uma reverência ao me ver subir os degraus. Pesada a porta de madeira abriu diante de mim igual fez a grade principal. Respirei fundo e entrei.

Se o exterior da mansão de Morpheo era impressionante, o interior deixava sem fôlego. O chão do salão principal era de mármore dourado, as paredes de alabastro, com delicados arcos que apontavam ao teto, que estava a uns vinte metros por cima de minha cabeça. Os muros





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

estavam flanqueados por esculturas clássicas, e as janelas resplandeciam como cristal fino.

Em meio de tudo esse esplendor vi um homem e uma mulher. Ela era de estatura média, magra, cabelo castanho e um sorriso como tirada de um anúncio de creme então. Usava uma blusa branca, jeans e sandálias. Ele era alto, corpulento e ia vestido também com jeans, um pulôver de caxemira cinza e botas. Tinha um aspecto rude, o cabelo castanho e os olhos azuis. Olhos idênticos aos meus.

— Ah... — Esclareci garganta— Olá.

— Minha menina! — Os olhos de minha mãe encheram de lágrimas e equilibrou sobre mim. Do impacto cai para trás. Não queria abraçá-la, mas se segurava a mim com tanta força, que comecei a notar uma ardência nos olhos.

Morpheo ficou onde estava. Talvez nos parecíamos mais do que eu acreditava, porque estava claro que Morpheo intuía que eu não estava preparada para aquele recebimento. Minha mãe provavelmente também sabia, mas não importava. Simplesmente, alegrava-se de me ver.

Oxalá não me alegrasse tanto de vê-la. Quero dizer, era fantástico estar com ela, mas não podia deixar de pensar em minha família em Toronto. Meus irmãos e meu pai deixaram estacionadas suas vidas para cuidar de uma mulher que simplesmente estava dormindo. Só de pensar fiquei furiosa e a soltei. Fiquei imóvel até que ela me soltou também.

Olhou-me com tristeza, mas não me afetou. Não me afetou, maldição.

— Suponho que mereço isso — me disse.

— Sim, suponho que sim — respondi, sustentando o olhar.

— Já é muito grande para vir para casa para pedir algo, não parece, Dawn? — falou Morpheo com voz fria e distante.

Saltava à vista de quem herdei meu orgulho, e minha amargura. Olhei-o e me vi naqueles olhos azuis, nas mechas avermelhadas de seu cabelo.

— Não estaria aqui se você estivesse fazendo bem seu trabalho.

Minha mãe ficou boquiaberta e me... Morpheo apertou os dentes. Suponho que não o questionavam frequentemente.

— O que saberá você de meu trabalho?

— Sei que uma de suas criaturas está fazendo mal às pessoas.

— Como sabe?

— Porque me fez isso.

E nesse segundo, o rosto de Morpheo passou de furioso a preocupado, e logo há um pouco mais feroz, que tenho que reconhecer que eu gostei.

— Se explique.

Fiz, e muito rápido além disso. Contei o que sabia de Karatos, o que fez a Noah e algo do que me fez. Não fui capaz de confessar que não sabia me defender. Eu disse que suspeitava que o Terror matou a várias pessoas, mas não disse nada a respeito de Antwoine. Se era verdade que Morpheo o odiava, não queria que isso influísse na hora de parar aquela coisa que andava por aí matando gente.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

A ele parecia preocupar mais o que me fez Karatos que não o que encontrasse este na porta principal quando cheguei.

— Se Karatos acredita que fazendo mal conseguirá me provocar, tem razão — declarou com expressão dura e desumana. Eu não gostaria de ser o Terror quando o deus dos sonhos desse com ele— Eu encontrarei e o destruirei.

— Obrigado. — Suspirei aliviada.

— Com uma condição.

Olhei nos olhos. Que diabos?

— Essa coisa me... deu uma surra, e você vai pôr condições? — Minha mãe retrocedeu para me ouvir gritar.

Mas Morpheo se mostrou firme e olhou nos olhos sem amedrontar-se. Era o rei dos sonhos. Era imortal, um deus, e não se dobrava diante de ninguém, nem sequer diante de sua filha.

— Karatos não é minha criatura — me informou; como se isso tivesse alguma importância. Como se toda a dor que aquele ser causasse fosse desdenhável — É de seu tio Ice-o. — Segundo a mitologia, e o álbum de família, Ice-o-se encarregava dos pesadelos e dos monstros.

— Karatos forma parte deste mundo — cometi o engano de lembrar— E é seu mundo.

Morpheo deu um passo para mim. Minha mãe se interpôs entre os dois, como se seu corpo miúdo pudesse me proteger de nada. Mas eu não precisava que me protegesse. Minha mãe era uma humana normal e corrente.

Eu em troca não. Eu pertencia a aquele mundo tanto como Morpheo, embora decidisse abandoná-lo. Enfrentei o deus com valentia, apesar de que estava morta de medo. Era ele quem tinha que arrumar toda aquela confusão, não eu.

— Você é um Pesadelo — disse Morpheo com uma voz que ao menos descendeu uma oitava— Uma Guardiã do reino. Nasceu para proteger os humanos que nos visitam de coisas como esse Karatos.

— Não jogue a culpa disto. Faz anos que não tenho nada a ver com vocês.

— E de quem é a culpa?

Surpreendeu-me ver como estava doído. Ao renegar seu mundo fiz muito dano. Comportei-me como uma menina malcriada e não teve em conta a dor que minha decisão podia causar. E logo, quando minha mãe ficou adormecida e abandonou sua família, ainda me afastei mais dele.

Abri a boca para falar mas Morpheo me impediu isso.

— Teria que saber se proteger quando Karatos a atacou, mas foi daqui antes que pudesse ensinar.

— Eu...

— E eu permiti isso. — A escuridão escureceu seu semblante— Teria que ter feito retornar. Ao menos assim possivelmente teria podido se defender.

Minha mãe se afastou de mim e aproximou dele para colocar uma mão no ombro. Ela sempre me abandonava para estar com Morpheo. E não só a mim, a todo mundo. E isso doía.

Não queria ficar ali mais tempo. Queria voltar para casa. Para minha cama. Queria voltar



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

para mundo que conhecia porque naquele...

Naquele lembrava todo o bom que me aconteceu, e me sentia culpada. Eu também formava parte do que destruiu minha família, e pelo que continuava destruindo.

— Disse que tinha uma condição — lembrei — Qual é?

Morpheo levantou a cabeça e fulminou com seu olhar glacial.

— Que aprenda a ser um Pesadelo. Que aceite o que é.

Aceitá-lo? Nem pensar. Mas podia aprender no que consistia, se com isso conseguia nos proteger Noah e a mim.

*O que significa para todos nós.* Quem eram nós?

— De acordo — acessei.

Morpheo me olhou suspicaz. Conhecia muito bem e sabia que aceitei muito facilmente.

— Isso significa que terá que passar tempo neste mundo. Conosco.

Olhei-os, primeiro a ele e logo a ela; a raiva quase me fez engasgar.

— Suponho que tenho mais sorte que seus outros filhos, não?

Mamãe empalideceu como se tivesse a esbofeteado. Não me senti satisfeita, e a doutora que havia em mim morria de vontade de me explicar por que. Eu disse que se calasse. Ia me comportar como uma menina abandonada um pouco mais.

Morpheo a rodeou com o braço e a aproximou dele, mas me olhou pormenorizado.

— Então, temos um trato, Dawn Marie?

Assenti tensa.

— Sim. — Aprenderia no que consistia ser um Pesadelo. Passaria tempo com eles. Mas se Morpheo esperava que me comportasse como a perfeita filha e os perdoasse, sinal de que estava pior do que pensava e que precisava terapia urgente.

Ele sorriu e mamãe também, embora, para minha surpresa, seguiu sem me olhar nos olhos.

— Quando quer começar?

Encolhi os ombros.

— Que tal agora? — quanto antes aprendesse, antes poderia me ocupar de Karatos e voltar para meu mundo.

E quem sabe? Possivelmente aprenderia algo útil.

Algo que pudesse obrigar minha mãe a despertar e enfrentar à família que abandonou.

## **CAPÍTULO 7**

Morpheo me deu uma surra.

Não no sentido literal, claro está, mas estou convencida de que esteve tentado. Era um jogo muito simples; estávamos acostumados a jogar isso quando eu era pequena. Ele criava algo com a matéria dos sonhos e desafiava que o mudasse. Acreditem, meu pai inventou a palavra *metamorfose*.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

No princípio pareceu muito fácil e confiei um pouco; até que ele começou a me lançar coisas. Nada perigoso, tão somente algumas bolas de neve. Quando era pequena, puxava as bolas de espuma, assim suponho que agora queria ser um pouco mais duro. Teria que ter convertido essas bolas imediatamente em vez de perder tempo pensando no que podia convertê-las. De verdade importava se as convertia em pássaros cinco vezes seguidas? Por não fazer tinha os braços e os ombros cheios de roxos. Não muitos, três ou quatro, mas de um tamanho considerável.

Não me importava que Morpheo me fizesse mal. A verdade era que poderia ter esquivado as bolas com relativa facilidade, e que me sentia como uma tola por ter sido um branco tão fácil. Resultou que não estava em forma. Mas o que de verdade me incomodava era que já não ia poder pôr aquele diminuto vestido negro para a inauguração de Noah.

Quando chegou o momento, não sabia o que vestir.

Nunca estive em uma galeria de arte. Fui ao museu, mas nunca visitei uma exposição de verdade, dessas nas que as pessoas opinam e bebem champanha, e logo saem na televisão.

Fazia uma noite agradável, assim no final optei por calças negras e um pulôver de pescoço voltado cor chocolate. Completei o traje com um colar que minha tia fez com uma longa corrente de ouro e olivina, granada e água marinha. Enrosquei no pescoço para que as três pedras parecessem uma gargantilha e deixei que o resto da corrente caísse sobre a roupa. Então pus os brincos combinando. Botas de pele marrom, bolsa e casaco completaram meu traje. Escovei o cabelo e pus um pouco mais de brilho de lábios Black Honey da Clinique antes de olhar no espelho.

— Não está mal — murmurei. Era inegável que eu não era uma dessas garotas pequenas e delicadas, mas arrumada não estava nada mal. Se era um ato formal, não pareceria errado, e se no final a inauguração resultava ser mais relaxada, tampouco. Viva eu!

A galeria de arte estava em Chelsea, assim peguei um táxi. O trajeto me permitiu pensar nas coisas que deixei estacionadas enquanto me vestia.

O que ia dizer a Noah? Sobre seus sonhos, quero dizer. E sobre Karatos? Ele já sabia que eu entrei em seu sonho mas até onde podia contar para que não questionasse minha humanidade? O que estava permitido dizer sobre o mundo dos sonhos? Supunha que as criaturas como eu não existíamos.

Isso sim que não ia contar que eu era única, e ponto. Um ser a cavalo entre dois mundos, capaz de viver em ambos e não encaixar em nenhum.

Não. Não podia dizer algo assim a Noah a não ser que fosse completamente necessário.

O que sim podia comunicar era que já não devia ter medo de dormir. E não dar muitos detalhes.

Morpheo cumpriria sua promessa. Seguro que Karatos seguia com vida, não ia ser por muito tempo. As criaturas como ele, horripilantes e tenebrosas, pertencem a meu tio Ice-o, mas meu pai é o amo e senhor do mundo dos sonhos, e ele se ocuparia daquele Terror. E não só porque fosse o correto, mas sim porque, se fazia, eu passaria mais tempo com ele e minha mãe no castelo.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Essa lembrança me deixou com um gosto amargo na boca, mas eu sempre cumpria minha palavra. E possivelmente uma pequena parte de mim — uma parte microscópica— queria ser parte daquele mundo. Durante os cinco minutos que passei ali na outra noite, senti uma paz que há muito tempo evitei.

Quando o táxi parou frente à galeria de arte, na rua Vinte e cinco, já decidi o que ia dizer a Noah e como ia fazer para não parecer uma louca. Tirei o espelho da bolsa e me assegurei de ir bem penteada e maquiada, e puxei bem o pulôver para que não marcasse nenhum Michelin.

Depois da pesada porta de cristal e madeira negra, um homem de aspecto europeu deu boas vindas, pegou o casaco e indicou onde estava o bar. Balcão livre. Alegrei de vestir o pulôver de caxemira pois, a julgar pelo que via, aquele evento era mais sofisticado do que acreditei a princípio.

Aquela galeria se afastava muito do local alternativo que imaginei. E havia muitas pessoas. O ar vibrava com a conversa, os saltos agulha ressonavam por cima da música ao bater nos ladrilhos. Pedi uma taça de vinho branco e me aproximei dos quadros em vez das pessoas.

Eu não entendo de arte, mas em mim se cumpre o clichê que diz que uma pessoa sabe o que gosta embora não saiba por que. Eu gosto das cores. Eu gosto das coisas bonitas e um pouco tristes. E eu não gosto da agressividade.

Por sorte para minha delicada sensibilidade, a obra de Noah encaixava com meus gostos. Pintava com cores sensuais mas nada estridentes. A maioria de seus quadros incitava à introspecção. Olhando descobri muitas mais coisas a respeito dele que em um mês de terapia.

Possivelmente isso era uma tolice, mas não me pareceu isso. Em suas obras havia vulnerabilidade, escolhia assuntos muito sensíveis. Havia quadros melancólicos que ao mesmo tempo irradiavam força e beleza.

Menos mal que me arrumei. Havia homens com traje e mulheres com vestidos de coquetel, embora em geral o ambiente era elegante mas informal. Claro que, para muitas daquelas pessoas, informal equivalia a ir vestido de DKNY ou Armani. Reconheço que me senti um pouco intimidada, mas se aquelas pessoas tinham dinheiro, sinal de que podiam se permitir comprar os quadros de Noah, e gostasse do dinheiro.

Ou ao menos isso acreditava eu... Até que o vi.

Estava de pé no meio da sala, rodeado por um grupo de homens e de mulheres pendurados em cada palavra que dizia. Ia vestido com calça negra americana, e uma camisa branca com os botões do pescoço desabotoados. Usava um cinturão negro tão reluzente como os sapatos. Parecia cômodo e depravado; seguro que sua camisa valia mais que toda minha roupa.

Barbeou para a ocasião, e a mandíbula parecia suave e dourada. Estava bem penteado, mas uma mecha de cabelo negro caiu na testa quando riu por algo que disse uma mulher. Maldita prostituta. Ciumenta? Sim, estava.

Não podia me mover. Pela primeira vez desde que nos conhecíamos, tinha medo de me aproximar de Noah. Aquele era seu mundo, não o meu. Ao vê-lo assim, percebi como foram estúpidas minhas ideias sobre as dificuldades de um artista para chegar ao final do mês. Passou o



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

me sentir superior a ele, ou seja que Noah estava completamente fora de meu alcance, e para isso só teve que cruzar a porta da galeria de arte.

Podia ir. Podia ir e dizer que não o vi. Ou, melhor ainda, podia dizer que aconteceu algo e que no final não pude ir a inauguração.

Perdi qualquer possibilidade de mentir quando ele levantou o olhar e pegou olhando.

Sorriu. Um sorriso lento apareceu em seus lábios e enrugou as comissuras, e eu tremi dos pés à ponta das orelhas. Consegui devolver o sorriso, ou ao menos tentei. E sendo a idiota que era, inclusive levantei a mão para saudá-lo.

Ele disse algo a seu grupo de fãs e, depois, afastou-se deles. Algumas mulheres o observaram enquanto ia, e soube que estavam me olhando e perguntando quem era e por que Noah as deixou para ir falar comigo. Uma parte de mim mesma também se fez a mesma pergunta, apesar de que meu coração estava dançando lambada em meu peito só o vendo aproximar.

— Doc — disse com aquela voz tão sua parando diante de mim. Segurava uma taça em uma mão, e a outra pôs no bolso— veio.

Parecia surpreso. Possivelmente não estava tão certo de si mesmo como acreditou. Sorri.

— Por nada do mundo ia perder a oportunidade de ver seu trabalho.

Percorreu com o olhar.

— Está muito bonita. Viu algo que você goste?

Além dele?

— Acabo de chegar.

Pelo modo em que me olhou, adivinhei que andava em busca de um elogio.

— Vamos, quero mostrar algo. — Com a cabeça mostrou a parte traseira da galeria.

A última vez que um menino me disse isso, terminei vendo mais partes de Jason Lewis das que gostasse, mas segui Noah de todos os modos. Este não permitiu que fosse atrás dele, mas sim diminuiu o ritmo para caminhar a meu lado, e então colocou a mão nas costas e guiou para onde queria ir.

As pessoas nos olhavam ao passar. Certo que estavam perguntando quem era eu, e que relação tinha com o protagonista da noite.

Passamos pela frente de vários quadros e um em concreto me chamou a atenção. Parei para observá-lo, e Noah fez o mesmo sem deixar de me tocar nem um segundo.

Era um quadro muito grande, de ao menos um metro oitenta de largura, e nele se mesclavam azuis, verdes e cinzas formando redemoinhos. Uma mulher de camisola estava deitada no chão, com as mãos na cabeça, como se estivesse se protegendo de algo. Ao olhá-la, senti sua ansiedade, seu medo, sua tristeza. Desviei os olhos até a pequena placa de metal que tinha no quadro. Titulava Mãe. Atônita, voltei-me para Noah. A obra era já de por si provocadora, mas que colocasse esse nome resultava perturbador. Noah não queria que perguntasse o que havia atrás daquele quadro. Sabia por que tinha a mesmo rosto que em muitas de nossas sessões. Comecei a me dar conta de que era para ele uma técnica de auto proteção.

— Deixou-me triste — disse.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Ele assentiu e me fixei em que relaxou um pouco os ombros, aliviado de que não dissesse nada mais.

— Supõe que esse é o efeito que tem que provocar — me explicou, antes de me empurrar ligeiramente com a mão— É por aqui.

Avançamos uns poucos metros antes que um homem muito alto viesse ao nosso encontro. Tinha a pele clara e o cabelo escuro, olhos castanhos, nariz longo e uma boca pequena. Não era o típico bonito, mas resultava muito atrativo. Os dedos de Noah me apertaram as costas.

— Noah — disse o homem sorrindo— Sinto interromper, mas tenho que partir. Nos vemos depois da inauguração?

Ele assentiu.

— Warren, esta é Dawn Riley. Dawn, apresento meu irmão Warren.

Noah já me falou dele antes. A mãe de Noah se casou com o pai de Warren quando se mudaram a Nova Iorque durante sua adolescência. O doutor Edward Clarke adotou Noah pouco tempo depois do casamento. E também recordei que tinha uma meia irmã chamada Mia. Além dessas quatro coisas básicas, não me contou muito a respeito de sua família, mas tinha a impressão de que parecia muito unido a todos seus membros.

— É um prazer conhecê-la — ele disse, apertando a mão que ele me estendia, e que cobriu a minha por completo.

— O prazer é meu. Tinha muita vontade de conhecê-la — respondeu, com uma voz condizente com sua estatura— Entendi que é psicóloga.

Tinha vontade de me conhecer?

— Sim, trabalho na clínica MacCallum.

Warren assentiu, resplandeciam os olhos e tinha um sorriso encantador.

— Eu estudei com o filho do doutor MacCallum.

— Warren é psiquiatra — me informou Noah, aproximando um pouco mais ao mesmo tempo em que sorria a seu irmão. Nossas pernas se roçaram— Leva anos tratando de psicoanalisar-me.

Era óbvio que era uma brincadeira que faziam frequentemente, e que o assunto era difícil.

— Espero que você tenha mais sorte que eu, Dawn. — Warren piscou um olho.

Fingi que estudava Noah. Não me custou muito repassá-lo de cima abaixo.

— Não sei. Parece-me que sua cabeça está bem tal como está. Bom, possivelmente seja um pouco grande...

Os três rimos e a tensão entre os dois homens aliviou. Estava vendo fantasmas ou Noah falou de mim diante de seu irmão? Warren se foi, não sem antes voltar a dizer que foi um prazer me conhecer, e nós prosseguimos rumo a nosso destino.

Chegamos à parte traseira da galeria, onde havia outra sala. Da parede pendurava um enorme tecido cujo nome dizia: Pesadelo. Debaixo, em letra pequena, podia ler: *Coleção particular do autor.*

Tive medo de olhá-lo, mas fiz de todos os modos. Noah ficou a meu lado em silêncio,





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

espectador, e eu levantei a cabeça e tratei de absorver cada detalhe antes que me desse um ataque de pânico.

Era eu.

Era impossível negar. A mulher do quadro possivelmente era mais bonita, mas tinha meu rosto, o que me resultou muito estranho, porque eu não me via assim. Usava um vestido branco vaporoso e tinha o cabelo escuro. Apostaria o que fosse que pintou com negro, vermelho e dourado. A pele parecia clara e translúcida, os lábios carnudos e rosados, e os olhos, grandes, eram de uma estranha cor água marinha que os fazia destacar em seu rosto.

Era assim como me via Noah?

A mulher do quadro, eu, estava sentada em uma cama em que havia um homem convexo de costas ao espectador, mas ao olhar os músculos de suas costas e seu cabelo negro soube que era Noah. Sorria serena enquanto acariciava o cabelo. Estava consolando. Protegendo.

— O que parece? — perguntou com genuíno interesse, me desafiando a negar a evidência.

Tremendo, voltei-me para ele. Estava mais aturdida do que poderia expressar com palavras.

— É precioso — consegui sussurrar. E era, disso estava segura.

— É verdade, não é certo? — Noah me olhava cauteloso.

Assenti e me senti vazia, atônita.

— Como... como descobriu? — Não tinha sentido andar com rodeios. Seria uma perda de tempo negar a verdade. E eu que estava tão preocupada com como dizer.

— Disse essa coisa que apareceu em meus sonhos. De verdade é uma espécie da Guardiã dos sonhos?

Assenti outra vez. Tentei de pensar o que podia dizer para que tudo aquilo adquirisse um pouco de sentido. Noah parecia estar aceitando tudo muito bem. Era ele quem deveria ter a sensação de que sacudiram os alicerces de seu mundo. Não eu.

— Noah? — chamou uma voz feminina atrás de nós— Quem é sua amiga?

Havia duas mulheres. Uma era uma adolescente com a mesma cor de cabelo que Noah e traços similares, assim deduzi imediatamente que era sua irmã, Mia. A outra, uma loira bonita e magra. Usava saltos e era quase tão alta como eu, embora devia usar calças de vários tamanhos menos. Seu vestido parecia caro, e toda ela exsudava dinheiro.

Em circunstâncias normais, sentiria intimidada, mas ainda não me recuperei do quadro, e ainda tinha que assimilar que Noah soubesse a verdade sobre mim. Por sua parte, ele as olhou como se desejasse que desaparecessem. Não me escapou o olhar assassino que dirigiu a sua irmã, e soube então que Mia não queria que seu irmão se fixasse em nenhuma mulher que não fosse aquela loira.

— Mia, Amanda, apresento Dawn. Dawn, esta é minha irmã Mia, e ela é Amanda.

A adolescente sorriu hipócrita.

— Amanda é a esposa de Noah.

— Ex — grunhiu ele— Ex esposa. — Jamais ouviu grunhir um homem. Possivelmente achasse sexy se não estivesse tratando de não cair de traseiro no chão. Noah sabia meu segredo e



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

estava casado. Casado!

Não, um momento. Segundo ele não estava casado. Já não. Nunca me falou de Amanda. Nunca.

Precisava uma bebida.

A expressão de Mia ao me olhar só poderia qualificar como vitoriosa. Claramente me considerava uma ameaça. Deveria me sentir adulada ou seria melhor que fizesse o que pedia o corpo e desse uma bofetada? Sorriu, inclusive depois de que Noah a corrigisse.

— Mera semântica — comentou a cria.

Seu irmão a olhou como se tivesse vontade de estrangulá-la e separou dela com movimentos lentos e premeditados. O gesto pareceu doer a Mia, mas a realidade era que não se aproximou de nós para ganhar o carinho de Noah. Veio porque queria me afastar dele, porque, obviamente, desejava que voltasse com a tal Amanda.

Para ser sincera, esta me deu lástima. Era evidente o incômoda que parecia. E Noah também. De fato, a única que não estava incômoda era Mia.

E isso me pareceu do mais estranho.

— Foi um prazer conhecer — menti — Mas se me desculparem, tenho que ir. — Girei sobre meus calcanhares e caminhei tão rápido como pude em busca do homem que me pegou meu casaco. Não me importava que Mia acreditasse que se desfez de mim, não me importava que Noah acreditasse o mesmo. O único que me importava era que ele sabia o que eu era. E se esperava que o protegesse de seus pesadelos? Ou do Karatos?

Muita responsabilidade.

Uma mão me segurou pelo braço quando cheguei à metade da galeria. Certo que os ali presentes se deram conta e que pareceu muito interessante. Noah perseguindo uma louca na noite da inauguração.

— Doc, espera.

Eu segui caminhando. Perguntei se alguém se daria conta de que estava arrastando para a porta.

— Dawn.

Foi o único que precisei: ouvi-lo dizer meu nome. A súplica de sua voz parou igual a um muro. Era uma mulher débil, muito débil.

Dei meia volta para olhá-lo. Esse foi meu segundo engano. Ir à galeria foi o primeiro. Noah estava olhando intensamente. Ao menos não estava rindo.

Enfrentei seus olhos negros e me perdi neles à espera que dissesse algo.

— Amanda e eu nos divorciamos faz dois anos. — OH, genial. Agora Noah também sabia que eu gostava. Acaso sabia ler a mente?

— Isso é o que normalmente significa a palavra *ex* — consegui dizer, serena e recomposta. Viva eu!

Ele nem sequer se alterou. Meu comentário ricocheteou na armadura que sempre usava. Custaria muito tirar e, claro está, perguntei o que o teria obrigado a colocar.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— A minha irmã está custando assumir.

Essa explicação era tão supérflua que não pude evitar sorrir.

— Sério?

Noah também sorriu.

— Fique. — Consegui que soasse a rogo e não a ordem — daqui a pouco iremos tomar algo depois de fechar. Veem conosco.

Outra ordem que pareceu como um convite.

— Temos muito de que conversar — disse eu com voz débil. A quem estava tratando de enganar? Queria passar mais tempo com ele apesar de que sabia que podia ser perigoso.

Ele levou a mão para a parte superior de meu braço.

— Me diga que ficará. Que virá comigo.

Tenho uma mente suja e pecaminosa. A última frase me deixou arrepiada. Contra os conselhos de meu cérebro, assenti.

— Ficarei. — Observe que omiti a parte a respeito de se iria com ele.

Noah sorriu. Sentia tão orgulhosa de mim que quando peguei Mia nos olhando não pude evitar sorrir. Sim, sou assim amadurecida.

Ficou a meu lado durante o resto da noite. Não sei se fez porque tinha medo de que fosse ou porque de verdade queria estar comigo. E o que importava. Permiti-me relaxar e desfrutar da noite. Conheci gente nova e, para falar a verdade, alguns me pareceram interessantes e nada pomposos.

Surpreenderia saber a quantidade de gente que meu trabalho parece fascinante. Surpreendeu-me. Perdi a conta das vezes que me perguntaram o que significa um sonho ou outro. Um cavalheiro de avançada idade entrou em um debate sobre Freud versus Jung. Noah, o muito cretino, nem sequer tratou de me salvar. Limitou a sorrir e oferecer uma taça de champanhe. E eu, como uma idiota, devolvi o sorriso e aceitei a taça. Alguém se aproximou e o afastou um pouco de meu lado, assim que me dava à volta para não bisbilhotar.

— Ouvi que é psicóloga.

Levantei o olhar. Ou melhor dizendo, baixei, e topei com os olhos cor chocolate da irmã de Noah.

Tratei de não me pôr à defensiva, de não mostrar nenhuma reação.

— Assim é.

— Então é a doutora de Noah e não sua namorada — sentenciou aliviada.

Possivelmente deveria sentir insultada, mas não foi assim. Não havia nada de mau em que aquela menina fosse leal a sua ecoada.

— Noah está me ajudando com um projeto.

— Que projeto?

— Um estudo que estou fazendo. — Estava segura de que Noah não gostaria que andasse contando suas coisas a sua irmã.

Mia franziu a testa.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Fala alguma vez de Amanda?

— Não posso responder a isso. — OH, mas morria de vontade de dizer que não. Não não não não não. Não!

Olhou-me zangada, como se eu tivesse a culpa de sua infelicidade. Não podia responder embora quisesse. Tudo o que contou Noah era confidencial.

— Contou da aventura?

Aventura? Não. Não me contou isso. Quem teve uma aventura, ele ou Amanda? Notou no rosto como estava surpreendida porque a menina sorriu satisfeita.

— Suponho que não — disse — Se não contou isso, sinal de que não tem muita confiança.

Fiquei olhando-a. Era uma malcriada. Não, Mia era muito maior para isso, mas bem levava caminho a se converter em uma puta.

— Não posso contar nada do que Noah me disse. Sinto muito. — Não pude resistir à tentação de acrescentar — Mas mais tarde iremos tomar algo juntos, assim possivelmente então possa falar com ele sobre o assunto.

Fulminou-me com o olhar e deu meia volta parecendo uma fúria. Nunca vi ninguém caminhar desse modo, exceto possivelmente Miss Piggy, nos Muppets. Mia sairia muito bem.

— Sinto — me disse Noah aparecendo a minhas costas. A julgar por sua expressão, era evidente que presenciou o final de nossa conversa.

— Quer que a vida siga igual à antes — comentei, tirando importância — e qualquer mulher pela que mostre interesse parecera uma ameaça.

— Qualquer não — respondeu com um olhar que me fez esquentar — Só você.

— Ah... — Pisquei várias vezes, e não em plano paquera, mas sim mas bem nervosa — Certo. Noah sorriu.

— Não vê, verdade?

Pisquei com calma, voltava a ter o controle de meus cílios.

— A quem não vejo?

Colocou atrás de mim e pôs as mãos nos ombros. OH, Deus, tinha umas mãos maravilhosas... O calor que irradiavam atravessou a roupa e a pele e senti nos ossos. Voltou para a direita para que ficasse enfocada na galeria e no quadro que pintou sobre mim.

— Ela — murmurou com aquela voz como de chocolate quente, grudada a minha orelha. Estremeci. Não pude evitar. Minha gêmea do quadro sorriu — Quando olho você, vejo ela. Você, em troca, vê outra pessoa. A alguém que é menos que outros. E não deveria.

Deslizou a mão pelo braço, sobre a caxemira e minha pele arrepiou. Tremiam as partes do corpo que não sabia que tinha.

Noah colocou de novo frente a mim, uns olhos negros e brilhantes fixaram nos meus. Estava ruborizada e tinha a boca entreaberta.

— Deus, doc, não me olhe assim.

Nesse instante soube que Mia tinha razão ao me considerar uma ameaça, porque se Noah e eu tivéssemos estado em qualquer outra parte que não fosse aquela galeria, me teria beijado.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Teria me beijado e teria feito tudo o que eu tivesse deixado. E estava tentada a deixar fazer o que quisesse comigo, apesar de que o fato de que tivesse uma ex mulher me fez duvidar. Você vai ver, para minha confiança é algo muito importante, em especial desde que minha família estava brigando com as consequências da infidelidade de minha mãe.

— Quem teve uma aventura? — perguntei sem fôlego— Você ou Amanda?

O calor dos olhos de Noah morreu imediatamente e seu lugar o ocupou a surpresa e, sim, também a dor.

— Quem contou isso?

Tinha que perguntar?

— Mia.

— Merda. — Noah afastou o olhar e tremeu o músculo da mandíbula enquanto se assegurava de que ninguém nos ouvisse. Estava tenso e dava um pouco de medo, resultava incrivelmente sexy. Voltou a olhar para mim— Que mais disse?

— Só me perguntou se sabia. — Pensando bem, dei conta de que provavelmente fez porque sabia como reagiria Noah se eu perguntava.

Ele ficou me olhando como se tratasse de ler o pensamento. Segurei o olhar e mantive uma postura relaxada. Não queria que tivesse a sensação de que estava julgando, mas tampouco podia me expor à possibilidade de que tivéssemos uma relação se não podia confiar nele.

— Ela. — Sua voz foi apenas um sussurro. Olhar inescrutável— Satisfeito?

Vá. Estava zangado, e não com a pessoa certa. Levantei o queixo.

— Minha mãe foi infiel a meu pai. Eu sou o resultado.

Os dois tinham confessado algo doloroso. Ficamos nos olhando um ao outro. Qualquer que nos visse, teria se dado conta de que saltavam faíscas entre os dois.

— Tenho fome — disse Noah de repente, quebrando assim a tensão— Está preparada para ir?

Estava. Foi o ponto final de nossa discussão. Não sei se estava previsto que a inauguração terminasse há àquela hora ou se Noah, simplesmente, tinha vontade de ir, mas isso não me importou o mínimo. Despediu de algumas pessoas, apertou a mão de outras, e fomos.

Era estranho, mas tinha a sensação de que as coisas mudaram entre nós; para melhor. Sim, seguíamos nos sentindo algo inseguros um com o outro, mas isso não significava nada errado.

Fazia uma temperatura muito agradável, de modo que fomos passeando para o restaurante. Durante o caminho, falamos da exposição e do êxito que teve. Noah ainda demoraria alguns dias para saber quantos quadros vendeu. Não falamos se ele ou eu tínhamos dinheiro. Não era importante.

Dei obrigado por não pôr a obra Pesadelo à venda.

— Daria arrepio saber que estou pendurada na sala de um desconhecido.

Com as mãos nos bolsos do casaco negro, me olhou de lado.

— E daria se está pendurada em uma das paredes de minha casa?

Encolhi os ombros para dissimular meu sorriso.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não, isso me parece bem.

— Está pendurada na parede de meu quarto — confessou, com um sorriso e com um olhar satisfeito.

Prazer. Vergonha. Senti separado e ao mesmo tempo. Deixei de caminhar porque as pernas se negaram a me levar.

— OH.

— Isso é tudo?

Afastei o olhar.

— Por que está flertando comigo? Acaso o Terror disse que além de ser um Pesadelo sou uma garota fácil?

— O Terror?

Por fim consegui olhá-lo... e voltar a caminhar.

— Essa coisa de seu sonho é um Terror Noturno. Como o homem do saco.

— Por que ia dizer que é uma garota fácil?

Porque ninguém iria me forçar. Apertei os dentes.

— Disse isso?

Notei seus olhos sobre mim.

— Não. — ficou calado um segundo— Assim que essa coisa, o Terror, existe de verdade.

Coloquei as mãos nos bolsos.

— Sim, existe de verdade. — Mantive o olhar fixo à frente— Quando disse que eu era um Pesadelo?

— Faz algumas semanas, antes que você aparecesse em meu sonho. Não acreditei até então. — Tampouco parecia acreditar de tudo nesses momentos.

Assenti.

— Confio em que dentro de pouco deixe de incomodar.

Voltou a me olhar.

— É humana?

Maldição, Noah estava mais calmo que eu.

— Metade.

Essa resposta o parou em seco. A esse passo jamais chegaríamos à hora que tínhamos reservada. Noah tinha os olhos arregalados, negros como a noite, com as luzes da rua refletindo em sua íris. As pessoas passavam por nosso lado sem alterar.

— O que é a outra metade?

Nessa ocasião, fui eu que se colocou diante dele.

— Onírica — respondi— , meu pai é o deus dos sonhos.

— Morpheo.

Fiquei impressionada.

— Esse é seu nome mais conhecido, sim. Que mais sabe dele?

Noah sabia o básico; que era o filho do Hipnos, deus do sonho. Que era o *fazedor de sonhos*.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Inclusive sabia que tinha irmãos que se encarregavam de outros mistérios em seu mundo. Toda essa informação poderia ter tirado do Google. Melhor, era o único que precisava saber no momento.

— Minha mãe é humana — expliquei — Agora mesmo está adormecida em Toronto. Esta há muito tempo sem despertar. Minha família acredita que está em uma espécie de coma estranho, mas a verdade é que está no mundo dos sonhos com meu pai. Os dois querem que passe mais tempo ali com eles, e, em troca, Morpheo se ocupará de Terror.

Noah piscou, afastou o olhar e logo voltou a fixar os olhos em mim.

— Não está mentindo? Não está contando tudo isto só para me entreter? Para que não ache que estou louco?

Fazia frio ali fora. O nariz ficou congelado, mas me obriguei a permanecer quieta. Enfrentei o olhar de Noah e sorri, confiando em que o gesto o tranquilizasse.

— Não está louco. Oxalá estivesse.

— Essa coisa, o Terror, por que anda atrás de mim?

— Não sei. Primeiro pensei que era por mim, mas pelo que me contou, parece começou a atacar em sonhos antes que você e eu e ele nos conhecêssemos.

— Seu pai prometeu que o parará?

— Sim — respondi, levantando os ombros e estremecendo com o frio da noite.

Ele deve ter dado conta de que fiquei com o nariz vermelho — o frio não me favorecia muito — , porque começou a andar de novo.

— Me explique como é possível.

Fiz. contei que minha mãe abortou antes que eu nascesse e que a consequente depressão foi acompanhada de compridos períodos de sonho. contei que um dia conheceu Morpheo e que tiveram uma aventura. Que eu era fruto dessa relação e que de pequena estava acostumada passar muito tempo no mundo dos sonhos. Não contei sobre Jackey Jenkins, mas disse que aconteceu algo que me impulsionou a levantar muros e a me afastar desse mundo.

— Não conto a minha família porque sei que jamais acreditariam — disse, depois de, pela primeira vez na vida, revelar meu segredo mais íntimo a outra pessoa — Estão tão preocupados com mamãe, e ela está levando em grande estilo.

— Sente culpada porque você pode visitá-la e eles não.

Conseguí sorrir.

— Possivelmente deveria ser psicólogo.

Estávamos de pé frente à porta de nosso destino: um pub restaurante que estava aberto até tarde e onde serviam cervejas e abundante comida. Meus quadris iriam me odiar.

Noah, com as mãos nos bolsos, balançou sobre os calcanhares.

— Foi ver Morpheo por mim?

Parecia angustiado, e não quis que acreditasse que só fiz por ele.

— E por mim.

Deve ter visto algo em meus olhos antes que eu pudesse afastar o olhar, porque depois me





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

perguntou em voz baixa:

— O Terror fez mal?

— Não falemos mais disso — pedi com um sorriso forçado— por que não comemos algo, tomamos uma cerveja e nos esquecemos do assunto durante um momento?

— Claro. Como quiser — aceitou ele.

Mas soube que não deu o assunto por encerrado. Estendeu a mão e a aceitei. Tinha os dedos fortes e quentes, bastante como para que eu sentisse que ia perder o controle da situação.

Entramos no pub. O ar, que cheirava a gordura, batatas fritas e um montão de coisas deliciosas, deu boas vindas. Soava rock clássico, não muito forte, e o tom da conversa era passível. As paredes estavam decoradas com lembranças do mundo da música e havia uma velha máquina de discos em um canto. Era perfeito.

Claro que isso o pensei antes de ver quem estava sentada a uma velha e desvencilhada mesa com o Warren e os amigos de Noah.

Mia esboçou um sorriso forçado mas radiante ao ver que nos aproximávamos.

— Por fim estão aqui! — exclamou, sem importar que Amanda a olhasse incômoda, sentada a seu lado— por que demorou tanto?

## **CAPÍTULO 8**

Teria que meter um garfo em um olho e assim teria uma desculpa para ir para casa. Isso seria menos doloroso que ter que suportar um jantar com a ex-mulher de Noah. Amanda pediu uma salada e uma cerveja light.

Uma salada.

Eu pedi nachos e uma Coronita com lima. Noah pediu um hambúrguer com batatas e outra Coronita. Seus amigos, Matt e Ellie, também pediram comida de verdade. Warren foi o único que não comeu, pois disse que já jantou antes. Mas pediu um uísque duplo.

Eu gostaria de dizer que Mia não era a típica adolescente, mas era. Estava sentada diante de mim e não tirou olho todo o jantar. Não gostava de minha comida. Não gostava de mim, e não gostava que Noah se sentou a meu lado em vez de junto à Amanda. Nenhuma das duas me dava lástima, e menos depois de saber que esta última foi à culpada do divórcio.

Que mulher em seu são julgamento poria chifres em Noah? Possivelmente fosse um pouco reservado e um pouco estranho, mas era sincero e um encanto, e eu gostava. Meu instinto me dizia que era um bom homem. Noah assinalou um pimentão de meu prato.

— Porque não se atreve a comer isso.

Por favor! Peguei o pimentão com os dedos e enfiei na boca. Mastiguei. Engoli. Tacham!

— Não tem nenhum mérito — disse Mia— Não parece que à comida de asco.

Sorri do mesmo modo que os tubarões enjaulados sorriem aos mergulhadores que aproximam. Se pudessem quebrar as grades... Outros olharam confusos e incômodos, e vi que



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Amanda reprovava a conduta de Mia com a cabeça.

Noah estava zangado e isso me reconfortou.

— Tenho que comer muito se quero manter esta figura — disse a todos, e consegui arrancar algumas risadas. É melhor rir das pessoas mesmo, assim as pessoas riem com você e não de você.

Ou ao menos isso esperava.

— Então, come — me animou Noah aproximando seu prato de batatas fritas— por favor.

Todo mundo exceto Mia riu. Eu consegui sorrir à mesma velocidade que me ruborizava. Confiei em que Noah visse em meus olhos que estava dando obrigado. Ele me olhava como se queria me dar uma dentada.

Enquanto jantávamos alguém ligou o karaokê que havia em outra parte do local. Enquanto Noah estava no banheiro, Matt e Ellie decidiram ir dar uma olhada para ver se animavam a cantar algo. Pediram a Amanda que os acompanhasse e Mia os seguiu. Acredito que o único motivo pelo que se levantou da mesa foi ver se pegava seu irmão quando este voltasse do banheiro. Matt e Ellie também me convidaram a ir com eles, mas eu preferia cortar a garganta antes de passar um minuto mais em companhia da viúva negra, assim declinei o convite e pedi minha terceira cerveja.

Ficamos Warren e eu sozinhos. Ele, depois de tomar alguns whiskies duplos, olhou-me com divertido interesse.

— Temo que tenho que me desculpar pelo que fez Mia.

— Suponho que entendo — respondi tirando importância, mas agradecendo o gesto ao mesmo tempo.

— Aceitou muito mal o divórcio.

Deduzi que estava disposto a falar de sua irmã pequena.

— É habitual nas crianças.

— Fazia muito tempo que não o via sorrir — comentou assinalando a cadeira vazia de Noah— Parece tirar o melhor dele.

Não sabia como responder a isso.

— Obrigado. — E onde diabos se colocou Noah? Já teria que ter voltado. Olhei por cima do ombro e o vi falando com Mia no outro extremo do local. Nenhum dos dois parecia muito contente com o outro, e a garota parecia furiosa. Era evidente que seu irmão estava brigando com ela.

Deixei de olhar e vi que meu acompanhante observava a cena satisfeito. Warren sorriu e inclinou para frente até apoiar os antebraços na mesa. Não parecia preocupar muito se manchava a camisa, que tinha aspecto de ser muito cara.

— Falou de seu passado? — perguntou assim que a garçonete me trouxe a cerveja.

Era a segunda vez na noite que alguém me mencionava isso. Comecei a me perguntar o que podia ter de interessante no passado de Noah. Havia algo estranho. Amanda podia ter se comportado como uma idiota em seu casamento, mas Warren não era nenhum tolo e sabia o que me estava perguntando.

— Já sabe que não posso dizer — respondi isso com tanta amabilidade como pude.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Ele levou o copo aos lábios.

— Sim, sei. Faz muito tempo que não sai com ninguém, e se trouxe aqui...

— É meu paciente — cortei. Odiava essa palavra, em especial relacionada com Noah— Qualquer outro tipo de relação é moralmente inaceitável.

Warren arqueou uma sobrancelha e teve o acerto de não insistir.

— Dá igual, espero que com você possa abrir um pouco. Precisa confiar em alguém. — Então piscou um olho— E também precisa transar. Desculpe-me.

Levantou e se foi, me deixando ali com o rosto ardendo e pronta para me lançar em um precipício. Ou para me esconder debaixo da mesa. Bebi um gole de cerveja. Genial, o que me faltava, beber mais.

Não estive sozinha muito tempo, Warren deve ter visto que seu irmão se aproximava e partiu segundos antes que Noah chegasse à mesa.

Este deixou umas notas em cima.

— Quer que vamos? — perguntou.

Peguei a bolsa.

— Sim. Quanto devo?

Pelo modo em que me olhou, qualquer diria que pediu que cortasse um braço.

— Convidei-a.

Arqueei uma sobrancelha e tratei de parecer coquete.

— Isso significa que tivemos um encontro?

— Não — respondeu ele, negando além com a cabeça.

Parou o coração, mas então ele me estendeu a mão.

— Dança comigo e então sim, esta será nosso primeiro encontro.

Dançar? No karaokê alguém começou a cantar uma canção do Bon Jovi, uma balada, e me dá vergonha reconhecer que quando me pus em pé tremeram as pernas. Eu adoro Bon Jovi.

— Agora não podemos ir — disse Noah me levando para a pista de dança— Está soando sua banda preferida.

— Como sabe? — Como sabia? Bon Jovi era um de meus prazeres secretos. Tinha todos seus CD, e sabia as letras de quase todas suas canções, em especial das baladas.

Disse Karatos?

— Seu mouse pad — reconheceu Noah com um sorriso.

Meu mouse pad tinha a capa impressa *em Have in Nice Day*. Que Noah reparasse nesse detalhe me deixou atônita. Tinha colegas de trabalho que nem sequer sabiam que cor tinha os olhos, e ele se fixou no meu mouse pad.

Caminhamos até o karaokê e deixei a bolsa no corrimão que havia ao redor da pista de baile para poder dançar. Assim que os braços de Noah me rodearam a cintura deixei de pensar em tudo. Dignos filhos de nossa geração, não dançamos com as mãos entrelaçadas. Mas bem não dançamos. Abraçamos um ao outro, ele me rodeou pela cintura e eu pelo pescoço, e começamos a nos balançar ao ritmo da música. Nesse momento me senti grácil como uma bailarina.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Olhamos no meio do silêncio. Matt estava cantando Bed of Roses. O teria pedido Noah?

Estávamos tão perto que nossos corpos se roçavam e nossos quadris se moviam juntos. Senti suas quentes mãos em minhas costas e na curva do quadril, e seus dedos se moveram com a mais leve das carícias.

Aproximei-me mais a ele, com suavidade mas sem vacilação. Embora quisesse, não teria podido impedir. Agora nossos corpos estavam grudados com tanta força que podia sentir cada centímetro de sua pele junto a minha; seus abdominais, seus quadris, suas coxas.

OH, Deus, estava excitado?

Ele seguia me olhando, seus olhos fixos nos meus. Se os olhos pudessem arder, nesse instante os de Noah teriam estado em chamas. Apertei a mão que tinha sobre seu ombro e estremeci, só um pouco.

*Por favor, que não se dê conta de que está suando a mão.*

Fazia muito tempo que não me sentia assim. Era um sentimento que estava acostumado a associar com minha época de adolescente: notava uma comichão no estômago e o coração pulsava desbocado. Até então não me dei conta do muito que sentia falta de me sentir tão atraída para outra pessoa; era algo maravilhoso e horrível ao mesmo tempo. Senti um formigamento acompanhado de uma pressão entre as pernas que delatou o muito que estava excitada.

A canção terminou e Noah me manteve abraçada até que soou a última nota e a banda tocou uma canção mais animada. Então me soltou, me deixando suada, excitada e muito alterada. Graças a Deus que usava um sutiã com taça, porque os mamilos me delatariam. Maldito Noah.

— Acompanho para casa — disse assim que nos afastamos da pista de baile. Era minha imaginação ou caminhava mais de pressa do habitual? Menos mal que deu a mão, porque não estou segura de ter podido segui-lo.

Estive tentada de dizer que podia me levar aonde ele quisesse, mas o que disse foi:

— Certo.

Despedimos de seus amigos, e disse a Matt que cantou muito bem. Ignorei Mia de propósito, porque se a olhava estragaria a euforia que estava sentindo. Mas cometi o engano de olhar a Warren e este piscou um olho.

Fora, Noah parou um táxi e entramos. Dei o endereço e nos afastamos do pub.

Apesar de que Nova Iorque é *a cidade que nunca dorme*, de noite ha pouco tráfico e a grande maioria de carros que circulam são táxis. O trajeto até meu apartamento foi rápido e em silêncio. O que não dissemos com palavras compensamos com tensão. Estava Noah tão ansioso como eu?

Descemos diante de meu edifício e consegui pagar o taxista antes que fizesse ele. Olhou-me contrariado mas não discutiu.

— Bonito edifício — comentou enquanto subia os degraus da entrada.

Vivia em um velho edifício de tijolo com uma pequena entrada que conduzia a um pátio compartilhado. Não era luxuoso nem grande, mas tanto Lola como eu nos apaixonamos por ele sem nada mais que vê-lo. Tínhamos tido sorte de poder alugá-lo.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Sim — respondi ao abrir a porta— Nós gostamos muito viver aqui. — Pude sentir sua presença atrás de mim como grudou a minhas costas.

Uma vez dentro, subimos a escada até o segundo andar. Noah vinha atrás. Estava olhando? Como de grande veria o traseiro desse esse ângulo?

Tratei de abrir a porta, mas a corrente estava posta e não pude. Fechei a porta, tirei a chave e toquei. Ouvi como Lola tirava a corrente e nos abriu. Usava seu pijama do PiuPui e dois rabos.

— Olá, compi... vá — Assim que nos viu, seu rosto passou da surpresa à felicidade— Olá, senhor Estupendo. Entrem, entrem.

Lola é assim. Nada tímida, embora tampouco uma fresca. Simplesmente, sempre diz o que pensa.

Noah sorriu envergonhado.

— *Senhor Estupendo*. Eu gosto.

Lola fechou a porta e devolveu o sorriso.

— E quem não?

Fiz as apresentações enquanto ela voltava a colocar a corrente.

— Noah, minha companheira de apartamento Lola.

Esta me piscou um olho ao estender a mão. Teria que apresentar a Warren. Seguro que fariam um por par.

— Vou para cama — comunicou— Verei pela manhã?

— Boa noite — disse, fulminando-a com o olhar.

Ela se limitou a me sorrir e entrou em seu quarto.

Veem o patética que foi minha vida social ultimamente? Chego a casa com um cara e minha companheira de apartamento quase fica a dar saltos de alegria.

Assim que Lola se foi, me dei conta de que estava a sós com Noah. Completamente a sós. Fiquei nervosa.

— Deixa o casaco onde queira— disse lançando o meu em cima do futón— Gostaria de tomar algo?

— Não, obrigado. O que faz um Terror Noturno? — perguntou-me em voz baixa, detalhe que agradei, pois não queria que Lola nos ouvisse.

Deveria ter adivinhado que não se daria por vencido e que me faria mais perguntas. Entrei na cozinha e peguei uma Coca-cola light na geladeira, e a abri de retorno a sala.

— Tecnicamente falando, é uma espécie de demônio capaz de criar pesadelos horripilantes.

Noah estava frente a uma estante, olhando as fotos ali expostas. Algumas eram de minha família e as outras da de Lola. Deu meia volta assim que entrei.

— Me pareceu um tipo muito duro.

*Eu que o diga*. Ainda recordava a sensação de ter Karatos dentro de mim. Tremi só de pensar.

— Sim, é um tipo perigoso, mas mesmo assim, tem que responder diante de Morpheo.

Noah ficou em silencio durante uns segundos. Em seu rosto vi que estava assimilando tudo o



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

que contei essa noite.

— Os sonhos são reais?

— Mais ou menos. — Sorri ao vê-lo confuso— O mundo dos sonhos é um lugar real. Os humanos não podem viajar ali com o corpo, mas sim com a mente. Imagine como outra dimensão. Ficou me observando, digerindo também essa última dose de informação.

— Nasceu ali?

— Não, nasci aqui, neste mundo.

— Mas você sim pode ir ali. — Franziu a testa— Assim foi como terminou comigo na cama da clínica. Não caminhou sonâmbula, mas sim entrou fisicamente em meu sonho.

— Não sei. — Não mentia. Suspeitava que podia me mover entre as duas dimensões, mas nunca comprovei, porque sempre entrei adormecida no mundo dos sonhos.

Noah negou com a cabeça incrédulo.

— Tudo isto é tão estranho...

— Eu que o diga. — Não pude evitar rir.

Pegou a Coca-cola e deu um gole antes de me devolver. Foi um gesto muito depravado e íntimo, e eu gostei em vez de me incomodar.

— É muito surrealista, se não tivesse visto com meus próprios olhos não acreditaria isso.

Desejei poder dizer algo que o tranquilizasse, mas a verdade era que também me custava assimilar. Embora, igual com as outras coisas, Noah parecia estar levando muito bem.

— A quase todo mundo custaria enfrentar o que aconteceu com você.

Ele encolheu os ombros.

— Eu não sou como quase todo mundo.

— Não — disse eu, levantando o olhar para olhá-lo nos olhos— Não é.

Voltou a tirar a Coca-cola, mas nesta ocasião a deixou sobre a estante e quando deu a volta segurou o rosto entre as mãos.

— Nem você tampouco — disse, e me beijou antes que pudesse perguntar o que estava fazendo.

Santo Deus, como beijava! Tinha a boca firme, os lábios quentes ao tocar meus. Segurava como se eu fosse quebrar. Nenhum homem me tratou assim, e senti um nó na garganta. Realmente é fácil me conquistar.

O queixo de Noah roçou o meu, arranhava um pouco, começava a sair à barba. Meus dedos se prenderam a sua camisa, enrugando o tecido. Um botão entrou na palma; não fiz conta. O beijo aumentou de intensidade e entreabri os lábios ao mesmo tempo em que ele, permitindo que sua língua acariciasse a minha.

Nossas respirações se misturaram, entrecortadas e tão desesperadas como nossos lábios, que se negavam a separar. A língua de Noah explorou o interior de minha boca e acariciou os dentes e eu me segurei a ele como se tivesse medo de que fosse soltar antes do tempo. Tinha um sabor tão bom...; a Coronita com limão e a minha Coca-cola. Tinha uma boca quente e úmida e lábios e uma língua que eram obras mestras. Não me envergonha dizer que tremeram os joelhos



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

ou que havia partes de mim que queriam esfregar contra certas partes dele; entretanto não me movi.

Não me afastei até que Noah colocou as mãos nos ombros e com o polegar me apertou um dos roxos que fez Morpheo.

Diante de meu coice, levantou as mãos imediatamente.

— Ultrapassei?

— Não — respondi, tocando o arroxeadado que tinha justo em cima do peito esquerdo— É que tocou um roxo.

— Karatos fez isso? — perguntou preocupado.

— Meu pai. — Assim que as palavras saíram de minha boca, Noah se transformou. Todo seu corpo ficou tenso e o semblante escureceu. Nesse momento soube que essa noite não voltaria a me beijar. O feitiço se quebrou.

— Dê propósito? — perguntou em voz baixa e quase carente de emoção, como se estivesse controlando-se.

— Lançou bolas de neve — expliquei— Estava tratando de me ensinar a transformá-las em outra coisa.

— Bolas de neve. — Se o alívio fosse um casaco, Noah o teria vestido. Vê-lo seria divertido, se não me afetasse diretamente— Bem.

Lembrei-me do quadro chamado Mãe e me perguntei se haveria uma relação entre essa obra e sua reação.

— Deveria ir — disse depois de um momento de silêncio.

Lambi o lábio inferior. Ainda estava aturdida pelo beijo.

— De acordo.

Seus quentes dedos me acariciaram a bochecha.

— Me diga ao menos que está tentada a me pedir que fique.

OH. Minhas partes nobres começaram a palpitar.

— Sim — sussurrei com voz rouca— Estou tentada. — Vá se estava.

Nesta ocasião, foi ele quem lambeu o lábio inferior.

— Me alegre.

Soltei a camisa assim que se afastou. Estava amarrotada, mas parecia que Noah não importava. Concentrei-me em me mover e ir buscar o casaco. Ele também parecia um pouco tenso, mas não tão afetado como eu.

E então vi a tenda de campanha em suas calças. Emocionei-me ao pensar que aquilo era meu mérito.

Acompanhei-o à porta. Sabia que ele estava olhando com seus intensos olhos negros, e tremeram os dedos ao tirar a correte e correr os ferrolhos.

— Tome algo para suprimir o REM — recordei— Assim manterá afastado Karatos.

Noah assentiu.

— Liguei — disse ao sair ao vestíbulo.





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Dá contas de que isto destrói por completo nossa relação medico paciente? — perguntei. Ele sorriu e avançou de costas, sem deixar de me olhar.

— Isso espero.

Fiquei contemplando enquanto ia e saudei com a mão antes de voltar a fechar. Apoiei contra a porta e não demorei nem três segundos em ouvir que abria a de Lola.

— E bem? — quis saber na metade do corredor.

Sorri como uma idiota.

— A próxima vez que diga que minha vida é uma merda, me dê um bofetão. Minha vida é maravilhosa.

A verdade é que durante um momento consegui acreditar que minha vida era maravilhosa. Inclusive quando Noah não me ligou o dia seguinte. Inclusive quando o doutor Canning me tratou como se fosse sua bolsista pessoal me pedindo que achasse toda a informação disponível sobre a síndrome da morte súbita. Parecia, ultimamente era famoso, e agora que se produziu outro caso em Chinatown, estava tirando proveito da cobertura dos meios.

A morte em Chinatown tinha mais sentido que as anteriores. Ao menos, o caso encaixava com o perfil genético que revistam ter as vítimas dessa síndrome. A notícia de que se produziu outro caso de morte súbita me deixou indiferente. Para mim esses falecimentos já não eram um mistério médico que resolver. Comecei a me perguntar (e a verdade é que já ia sendo hora de que fizesse) se estariam relacionadas com Karatos.

Era isso o que planejou fazer a Noah? Só de pensar fiquei gelada e me assustei tanto que estive a ponto de chorar, assim decidi afastar a ideia de minha mente. Se Karatos queria matar Noah, provavelmente já teria feito. Meu instinto me dizia que o Terror queria Noah para algo; provavelmente porque era um sonhador lúcido muito poderoso. Os oniros, as criaturas do mundo dos sonhos, adquirem seu poder destes. Nem sequer eu era imune. Jackey Jenkins me deu pressa e os Terrores, quanto mais assustavam a alguém, mais poder adquiriam. Seguro que, para Karatos, Noah era uma espécie de gerador ou roda gigante da que podia extrair sua energia particular.

Isso era uma boa notícia, porque significava que era muito mais útil com vida. Agora, o único que tinha que fazer Noah era me ligar, como disse que faria, e eu me sentiria muito melhor.

Essa noite tampouco ligou.

Quando alguém diz que vai ligar, teria que dizer mais ou menos quando. Ter uma margem de tempo estabelecido aliviaria muito à ansiedade. Se tratasse de outra pessoa, não me preocuparia tanto, mas queria ter notícias suas para saber se estava bem.

A meia-noite, depois de ver Forrest Gump com Lola, resignei-me e assumi que Noah estava bem mas que não ia ligar, e fui para cama. Fiz uma promessa a Morpheo e chegou o momento de cumpri-la. Já me preocuparia com Noah mais tarde.

Para falar a verdade, não tinha tão pouca vontade de entrar no mundo dos sonhos como acreditava. Queria aprender mais coisas sobre mim, qualquer pequeno detalhe que pudesse me ajudar a parar Karatos. E também queria usar esses conhecimentos para ajudar meus pacientes.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Se meu pai estava disposto a me ajudar, eu estava mais que disposta a suportar a ele e a minha mãe.

Não era que não os amasse, amava-os. Mais ou menos. O que passava era que estava muito zangada para ser razoável. Jogava a culpa de tudo o que foi mal na vida. O que parece isso? Papai, o homem que me criou, contratou uma enfermeira para que cuidasse de mamãe enquanto ele ia trabalhar. Queria que houvesse uma pessoa em casa no caso de minha mãe despertasse, enquanto que ela andava de festa pelo mundo dos sonhos. Dizer que estava zangada era pouco.

Apareci em uma praia. O mundo dos sonhos é uma ilha rodeada por um oceano turbulento e coberta de névoa. Quando eu era pequena, Morpheo estava acostumado a converter essa praia em meu sonho particular, mas agora estava vendo como era na realidade; escura, cheia de terror, e com a areia repleta de insetos muito mais inquietantes que as medusas e as algas.

A névoa tinha vida própria. Teria que ter pensado isso melhor antes de ir ali. Teria que ter aparecido diretamente no castelo. Antes, quando era pequena, era capaz de ir onde queria, mas agora... perdi a prática, e por culpa disso foi parar onde não devia.

Só contava com duas alternativas: ter um ataque de pânico e deixar que meu medo atraísse ao que estava oculto na névoa, ou dois, podia tentar me concentrar, aparecer no castelo e me pôr a salvo. No final, estava no mundo dos sonhos e a mente era minha única limitação.

Fechei os olhos e tratei de ignorar os úmidos tentáculos da névoa — ou ao menos rezei para que fossem da névoa — que estavam rodeando a cintura. Abri a mente, imaginei onde queria estar e me concentrei. Concentrei ainda mais.

Notei a mudança assim que se produziu, justo no mesmo instante em que dedos gelados se entrelaçaram com meus e trataram de me arrastar para a bruma com tanta força que enfiaram as unhas na palma da mão. Abri os olhos e vi que estava no salão de Morpheo.

A mão sangrava.

— Merda! — Segurei com a que tinha ilesa e tentei parar a hemorragia.

À névoa nunca importou que eu fosse uma criatura dos sonhos. Nem que fosse humana. Não podia me definir como uma coisa nem outra. Era uma anomalia, e me tratava como tal.

De repente, umas mãos quentes rodearam as minhas e a que estava ferida foi parar dentro de uma terrina de água quente que fez que me ardesse à ferida. Era Morpheo, que com aqueles jeans e aquela camiseta branca parecia mais um operário da construção que o deus dos sonhos.

— Teve muita sorte — me disse quando tirou a mão da terrina para me envolver isso em uma toalha — Uns centímetros mais acima e cortaria um nervo.

— Sim, sempre fui muito afortunada. — reviraria os olhos se não estivessem cheios de lágrimas de tanto como me ardia à ferida — O que passou?

Ele se limitou a sorrir sem deixar de me curar.

— Algo que acelerará sua capacidade de regeneração. Não quero que pegue uma infecção.

Tinha razão. Só Deus sabia o que podia me contagiar à névoa.

Quando terminou de me curar, tinha a mão enfaixada e quase não doía, e sentia um estranho nó na garganta. Sou ou não sou uma sentimental? Meu desnaturado pai cura uma ferida



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

leve e eu fico tola.

— Obrigado — disse.

Ele sorriu, mas em seus extraordinários olhos azuis aparecia à tensão.

— Eu posso curar, mas quero que recorde que tem que ir com cuidado, Dawn. A névoa não é o único perigo; há criaturas do mundo dos sonhos que querem fazer mal.

Genial. Agora que conseguiu que voltasse, vai e me diz que estou em perigo.

— Como quais?

A pessoa era Karatos, ele mesmo fez referência a um *nós* a última vez que o vi. Pensei que se referia às criaturas do mundo dos sonhos em geral, mas possivelmente quis dizer outra coisa.

Morpheo endireitou os ombros. Estava incrivelmente forte. Era uma pena que eu não tivesse herdado seus genes.

— Há quem acredita que sua habilidade para existir em ambos os mundos é obra do diabo.

Fiquei olhando.

— Eu não pedi ser um inseto estranho.

O comentário pareceu ofendê-lo.

— É um milagre. Jamais pensei o contrário. Dawn, você pode fazer coisas que nem sequer eu posso fazer.

Ao ser um deus, Morpheo podia passar mais tempo no mundo real que as outras criaturas do mundo dos sonhos, mas não podia existir nele, como eu fazia. E era além disso a única humana que podia alterar as regras do mundo dos sonhos. Os sonhadores lúcidos como Noah podem burlar as normas à vontade, mas no final têm que obedecê-las. Eu não.

Pensando bem, era genial ter tanto poder.

— Essas criaturas que acreditam que eu não deveria existir, são perigosas? — Precisava saber a quem estava enfrentando. De momento não estava em condições de liberar nenhuma batalha no mundo dos sonhos, mas sabia o que fui capaz de fazer de pequena, assim, por lógica, agora teria que poder fazer mais coisas. Por desgracia, perdi a prática até tal ponto que, como máximo, só poderia me proteger, igual faria Noah ou qualquer outro sonhador.

A próxima vez que Karatos tratasse de entrar na cama comigo, tinha que estar mais bem preparada.

Meu pai fez um gesto com a mão e a terrina com água desapareceu, igual à mesa em que esteve depositado.

— São muito poucos os que se atreveriam a provocar minha ira fazendo mal a minha princesa. Embora não saibam exatamente quais são suas habilidades, pensarão duas vezes antes de enfrentar com você.

Só duas vezes? Possivelmente pudessem pensar um pouco mais. Morpheo não respondeu a minha pergunta. Nesse mundo eu era imortal, mas certa imortalidade só existia em relação com a morte natural. Podiam me matar.

— Basta de falar disso. Veio aqui aprender. — Nesta ocasião, não moveu a mão nem mudou de postura, mas meu pai fez desaparecer o castelo e o mudou de forma. O salão se desvaneceu e



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

seu lugar foi ocupado por uma impressionante biblioteca de estilo inglês, com sofás e chaminé incluídas.

Dei conta de que só havia duas cadeiras. Duas xícaras de café.

— Mamãe não vai vir? — perguntei como se não me importasse, apesar de que estava convencida de que, depois de tanto tempo, minha mãe teria vontade de me ver. Deveria ter sabido.

Morpheo desviou o olhar.

— Pensou que possivelmente no princípio estaria mais cômoda sem ela.

Minha mãe me conhecia melhor do que eu acreditava.

— Tem razão. — Aproximei-me da cadeira e me sentei. A pele do assento estava quente e me acariciou o traseiro como a palma de uma mão. Genial.

— Não seja tão dura com ela, Dawn.

Fiquei olhando Morpheo. Não, melhor dizendo, fulminei com o olhar enquanto ele se sentava diante de mim.

— Abandonou seu marido, e seus filhos e seus netos só para estar com você. Abandonou a mim. Assim terá que me desculpar, mas vou ser tão dura como me der vontade.

Nem sequer se alterou.

— Sua mãe não a abandonou. Você sempre soube onde encontrá-la.

— Não trate de me fazer acreditar que sou sua preferida. — Estava focando furiosa— Se não fosse tua filha, também me teria dado as costas.

— Tão mau é que queira ser um pouco feliz?

Apertei a mandíbula com tanta força que acreditei que quebrariam os dentes.

— Sim.

Ele ficou olhando durante um segundo, com expressão inescrutável. Se fosse sincera, não me importava o que pensasse de mim. Meu comportamento estava mais que justificado, e não ia fazer mudar de opinião. Por sorte, foi o bastante preparado como para não tentar.

— Será melhor que não percamos mais o tempo — disse, diplomático como sempre— falei com Ice-o e me assegurou que se ocupará de desfazer de Karatos imediatamente.

Quase me passou o aborrecimento de repente.

— Obrigado.

Essa palavra conseguiu fazer aparecer um sorriso no rosto de meu pai.

— Pensei que poderíamos aproveitar para nos conhecer melhor, para saber que espera um do outro.

Peguei a xícara de café. Expectativas paternas. Fabuloso.

— A verdade é que eu gostaria de fazer algumas perguntas.

— Como quais?

— É possível que Karatos esteja matando as pessoas enquanto dormem?

— Por desgracia sim.

— Essas mortes teriam algo que chamasse a atenção?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não. Seria como se essas pessoas tivessem morrido sem mais enquanto dormiam. Em alguns casos, as vítimas dos Terrores Noturnos sofrem uma embolia ou um enfarte.

Karatos podia ser pois responsável pelas mortes por SUNDS. Bastardo.

— Por que pode interessar Karatos um sonhador lúcido?

Morpheo franziu a testa.

— Por sua energia, suponho. Um Terror pode obter muito poder de um sonhador lúcido.

Tal como suspeitava, Karatos estava utilizando Noah como seu carregador pessoal. Matar devia consumir muita energia, e ele o recarregava.

— Por que tratou de matar Antwoine Jones?

Essa pergunta sim que não a esperava. Empalideceu como se tivesse esbofeteado. Depois recuperou a cor, e começou a ficar vermelho de fúria. A só menção do idoso disparou à ira de meu pai.

— De onde o conhece?

— Refere à Antwoine? — Arqueei uma sobrancelha e, ao vê-lo assentir, olhei exasperada. Nem sequer podia dizer seu nome— O conheci no supermercado. Ele foi quem me disse o que era Karatos. Por que tirou a capacidade de sonhar?

Agora Morpheo parecia terrivelmente ofendido.

— Eu não fiz tal coisa! As pessoas morrem se não sonhar. O único que fiz foi dar seu pequeno mundo para que se mantivesse afastado do meu. Merda.

Jamais o ouviu dizer um palavrão.

— O que foi que ele fez?

— Quebrou as normas.

— Quais?

— As minhas — respondeu, me olhando desafiante e com a mandíbula tensa.

— OH, vamos. — Bebi um pouco de café. Estava delicioso— por que não me conta isso?

Olhou-me como se doesse, e como se ao mesmo tempo tivesse vontade de me matar.

— Teve uma relação com um succubus.

Fiz uma careta.

— Não se supõe que isso é o que fazem os succubus? — Os succubus eram espíritos com aparência de mulher que adquiriam poder copulando com homens em sonhos.

— Nem sempre com o mesmo homem.

Ah. Peguei-o.

— E ter uma *relação estável* com um humano está proibido?

Morpheo já sabia aonde queria ir parar. Vi em que seu rosto refletiu ainda mais a dor que sentia.

— Sim.

— Suponho que então essa regra não aplica a você, não? — Estava jogando sal na ferida? Sim, claro que sim.

— É diferente. Você mudou tudo.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não me culpe . Eu tão somente sou o resultado.

Fulminou-me com o olhar, mas não me assustei o mínimo. Era meu pai e sabia que por muito zangado que estivesse jamais me faria mal. Possivelmente eu não gostasse muito, mas confiava nele. Que estranho, não?

— Assim Antwoine tratou de matar quando você o obrigou a terminar com seu succubus.

Apertou os dentes. Provavelmente eu herdei dele esse gesto.

— Sim. Podemos mudar de assunto?

Sorri, desfrutando na sensação de ter deslocado.

— Claro. Do que quer falar? De suas expectativas respeito a mim? — Assim que terminei a pergunta, alguém bateu na porta. Nem sequer me deu conta de que havia uma.

Morpheo sorriu. Foi um sorriso de satisfação que me obrigou a me perguntar se fazia bem em confiar nele.

— Adiante.

A porta se abriu e entrou um dos espécimes masculinos mais bonito que tenha visto. Era alto e tinha os ombros largos (eu adoro as costas grandes), cabelo curto negro e olhos cor de gelo. Umas maçãs do rosto para morrer e uma mandíbula espetacular. O melhor de tudo era que não parecia consciente de como era atrativo. Esse homem não era nenhum íncubo, pois, se não me falhava a memória, estes eram tão vaidosos como uma drag queen.

— Chamou, milord? — perguntou o cara bom dirigindo-se a meu pai.

Morpheo indicou que entrasse.

— Sim, quero apresentar minha filha Dawn.

E o rapaz se voltou para mim e me olhou igual a um leão olharia a uma gazela.

— Dawn — disse meu nome como se não gostasse muito.

Olhei a meu pai. Que diabos estava acontecendo?

Morpheo deixou de sorrir e senti um nó no estômago.

— Dawn, apresento Verek, xerife da Guarda dos Pesadelos.

— Ah. — Era uma das criaturas que queriam me fazer mal?

— Verek vai encarregar de seu treinamento.

## **CAPÍTULO 9**

— Não. — Olhei o cara tudo de bom que a sua vez estava olhando com olhos predadores— Não se ofenda, mas não vou deixar que me bate a seu desejo.

— Não me ofendo — respondeu ele com voz sedosa.

Minha negativa fez graça a meu pai.

— Verek é um descendente de sua tia Eos, Dawn. Pusemos seu nome em sua honra, lembra?

Não estava tão interada em história como para não me lembrar de que Eos era a deusa do amanhecer.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Lembro-me, mas não acredito que minha árvore genealógica límpida impeça que Leônidas me dê uma surra. — Verek parecia tirado do filme 300, mas sem a tanga de pele.

— Não vai fazer mal — assegurou Morpheo com uma convicção que eu não sentia— Mas o Guarda quer saber do que é capaz e, sendo como é um Pesadelo, tem a obrigação de demonstrar suas habilidades.

Algo no tom de voz de meu pai me inquietou. Parecia como se quisesse que impressionasse Verek, mas não muito. Queria que mostrasse ao xerife o que este esperava ver, embora não necessariamente toda a verdade. Interessante. Que tipo de coisas acreditava Morpheo que podia fazer eu? E quais podiam pôr nervoso um Pesadelo?

O que importava?

*O que significa para todos nós*, disse Karatos. Apesar da pouca informação que tinha, cada vez via tudo mais claro.

— Um Terror se descontrolou e atacou um sonhador — disse Verek— O que pensa fazer?

Demorei um segundo em compreender que estava me pondo a prova e não me perguntando por minha vida pessoal. Tendo em conta as circunstâncias, é lógico que me confundisse.

— Interporia entre os dois — respondi, seguindo minha intuição— Afastaria o sonhador do Terror e o poria a salvo.

O Pesadelo assentiu.

— E como faria?

Supõe que os humanos não podem ver um Pesadelo em ação. Se alguma vez tivesse um sonho horrível que mudou de repente, foi graças à intervenção de um Pesadelo. E se em algum sonho alguém o resgatou, seguro que também foi um Pesadelo disfarçado de alguém que conhecem.

— Do modo menos agressivo possível para o sonhador — respondi como se fosse óbvio.

Minha resposta não pareceu impressionar muito Verek.

— Correto.

Genial, o cara bom estava convencido de que erraria.

Depois de algumas perguntas mais sem nenhuma importância, e uma demonstração de meus poderes de transformação, Verek mudou de tática.

— Combate corpo a corpo — disse— Sabe lutar?

— A verdade é que não. Né! — Consegui esquivar um murro que ia direto a minha cabeça— Que diabos está fazendo?

— Pondo a prova sua agilidade, seus reflexos e sua força — respondeu com um sorriso antes de voltar a me bater. Esquivá-lo esta vez também, mas não fiz ilusões. Eu estava fazendo isso fácil, mas não ia durar.

E meu pai não ia defender; a não ser que corresse perigo de verdade. Morpheo tinha que deixar que o xerife me levasse ao limite.

Quando Verek voltou a me atacar, esquivei e bati na virilha com o joelho. Isso era jogar sujo,





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

sei, mas me senti orgulhosa de ter feito; e também surpreendida. Desde quando era tão rápida? Quando aprendi a me agachar e a dar chutes ao mesmo tempo?

Minha satisfação durou pouco. Em um primeiro momento, Verek gemeu de dor e caiu de joelhos, mas parecia que tinha ovos de aço, porque se levantou em seguida e agarrou pela cintura dos jeans. Em questão de segundos, me puxou ao chão com um só movimento de perna. Não recuperei a respiração quando se sentou em cima, segurou o pescoço com uma mão e me imobilizou as pernas com as suas.

Sorriu. Tinha os dentes muito brancos e destacavam contra sua pele morena.

— E agora o que, princesa? — Aquele tipo era letal; um macho alfa elevado à enésima potência.

Eu não gostava.

Olhei de lado a Morpheo. Estava sentado na borda da cadeira, observando a briga com cara de preocupação. Mas me dava conta de que não estava preocupado por mim, mas sim por Verek. Que estranho.

Algo dentro de mim começou a mudar, a crescer. Podia sentir uma pressão em meu peito que não tinha nada que ver com que tivesse Verek em cima. Como se atrevia a me ameaçar! O calor subiu por meu corpo, forte e ardente. Fechei os olhos.

Ele piscou confuso e seus olhos de gelo me olharam um segundo. Deu conta de que eu estava mudando, e se surpreendeu tanto que a mão com que me segurava à garganta se afrouxou um segundo.

Então dei um murro no pescoço. Fiz com a mão ferida, assim não bati tão forte como teria desejado. Doeu muitíssimo, mas surpreendentemente acertei. Verek jogou a cabeça para trás e me soltou. Consegui tirar isso de cima e fiquei em pé para recuperar o fôlego, enquanto ele ficava sentado no chão e tratava de fazer o mesmo com os olhos cheios de lágrimas.

Meu pai se levantou e aproximou.

— Bem feito — disse em voz alta e, depois, agachou e me sussurrou ao ouvido— Me alegro de que não tenha feito mal.

— Sim — respondi como uma idiota— Eu também.

E como diabos eu ia fazer mal a um forçado como aquele?

— Tem potencial — reconheceu Verek ao ficar em pé. Tinha a voz um pouco estrangulada— Eu gostaria de seguir controlando seus progressos.

— É obvio — respondeu Morpheo antes que eu pudesse dizer nada— Algo que a Guarda necessite... — acrescentou com um sorriso forçado.

Genial. Ia ser uma espécie de macaco de feira. Que alguém me desse uma medalha!

O Pesadelo me percorreu com o olhar e em seus olhos vi desprezo e interesse, o que resultou uma combinação algo estranha.

— Poderiam casá-la, milord Morpheo. Seguro que não teriam problemas para encontrar candidatos. Assim sua vida seria muito mais fácil.

— Me casar? — Dava um passo à frente— À próxima vez, meu joelho dará muito mais forte,



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Espartano.

Meu pai tratou de não rir.

— Obrigado, Verek. Terei em conta.

O Pesadelo fez uma reverência e logo se foi por aonde veio.

— Não vou fazer mais demonstrações a esse cara estranho nem a ninguém mais — anunciei a Morpheo plantando cara— E não penso me casar com ninguém. Não pode me obrigar! E que diabos quis dizer esse com que não teria problemas em encontrar candidatos? Porco machista.

— Não vou obrigar a fazer nada. — Meu pai sorria sem dissimulação. Em sua mão apareceu um espelho que passou— Olhe e verá por você mesma o que quis dizer.

Desconfiada olhei o espelho sorrateiramente e de novo a meu pai. Acaso acreditava que aquele objeto ia morder? Não, mas tampouco acabava de vê-lo claro. Com muito cuidado, peguei a manga de marfim e levantei o espelho para estudar meu reflexo.

Fiquei boquiaberta. Era a mulher do quadro de Noah. Quero dizer que era eu mas diferente. Estava... radiante. Era a única palavra que me ocorria para descrevê-lo. Algo estranho me aconteceu nesse mundo. Já não era Dawn Riley pálida, muito alta e com uns quilos a mais. Seguia sendo alta, mas agora parecia majestosa. Minhas curvas eram suaves e sutis. Minha pele translúcida brilhava com uma intensidade que já queria proporcionar a Sephora. Era eu mas melhor.

Imortal. A princesa do reino dos sonhos.

Quase me deu vontade de ficar ali para sempre.

Quase.

Devolvi o espelho a meu pai. Sem pegá-lo, limitou-se a olhar e o fez desaparecer de minha mão.

— Não funcionará — insisti— Não importa os truques que faça. Não penso ficar, e não vou casar com um estúpido Pesadelo que acredita que tem madeira de esposa.

— Truques? — ofendi seu orgulho— está acusando de fazer truques?

— É o que faz.

— Com você não. Não posso.

Vá, aquilo sim que era uma novidade.

— Não pode?

— Você é deste mundo. Os sonhos não podem enganar como os outros.

Interessante.

— Não penso ficar.

— Nem me passou pela cabeça que queria fazer — disse como se nada— Ainda não. Já sei que não vai ser tão fácil.

— Não vou ficar. Tenho uma vida. Mais ou menos.

— Ah, sim. Tem amigos e uma família que cuidar. — Senti culpada para ouvi-lo porque era verdade— E também está esse sonhador lúcido do que me falou — acrescentou, me olhando— O outro dia sonhou com você. Sabe o que é. — Entrecerrou os olhos— Me pergunto se começou a



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

interessar por você antes ou depois de descobrir.

A insinuação me deixou petrificada. Assim como também meu pai estivesse espiando Noah. Aquele não era o momento para que ficasse em plano pai protetor.

— Antes — respondi entre dentes, apesar de que não estava segura. Entretanto, queria estar.

— O tal Noah é um sonhador muito forte — assinalou Morpheo como se nada movendo na cadeira— Com a ajuda de um Pesadelo, poderia converter em um ser muito poderoso.

— Para fazer o que? — quis saber— Nada do que acontece no mundo dos sonhos tem importância no mundo real.

— Este mundo é tão real como esse no que vive, Dawn. Não esqueça nunca — respondeu em voz baixa, inclusive acalmada, mas pude detectar a reprimenda— Se soubesse tudo o que sonha seu amigo, não mostraria tão condescendente.

Estremeci.

— O que sonha?

— Não posso dizer isso.

— Não me venha com tolices — soltei— Você pode fazer o que dê vontade.

— E não me dá a vontade contar o que sonha Noah. Seus sonhos lhe pertencem. O único que quero é que vá com cuidado.

Sorvi pelo nariz; a esse passo me converteria em um porco e começaria a farejar trufas.

— Já, claro.

Ele encolheu os ombros. Aquela atitude tão relaxada começava a irritar meus nervos.

— Vamos dar um passeio — propôs ele levantando— Logo terá que ir e acredito que é melhor que dediquemos o momento que fica tratando de que lembre o que é e tudo o que pode chegar a fazer.

Eu também fiquei em pé e começamos a andar. Passei o resto da noite dentro dos limites do castelo de meu pai, me familiarizando de novo com seu mundo. Outra noite me levaria para conhecer mais criaturas dos sonhos, disse. Provavelmente a alguns gostaria ainda menos que Verek. O melhor seria que estivesse preparada. Não queria que outro Pesadelo voltasse a me atacar.

Mas para isso ia necessitar a ajuda de mais gente além da de Morpheo. Precisava Antwoine. E precisava Noah. Não queria reconhecê-lo, mas meu pai conseguiu semear em mim a semente da dúvida. E, embora em certo modo confiava mais em Noah que nele, não me faria nenhum dano atuar com cautela.

Tudo começava a ter sentido e minha vida se parecia cada vez mais a um sonho mau. Um pesadelo que, por desgraça, não podia despertar.

Chegou sexta-feira, previsível e ansiada como sempre. Despertei me sentindo algo estranha, a visita a Morpheo seguia muito fresca em minha mente. Não pude tirar isso de cima como fazia com qualquer outro sonho, porque, quando despertei, seguia tendo a mão enfaixada e a ferida



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

estava quase curada. Antes de me deitar, não tinha nada disso.

No reino dos sonhos era imortal, quer dizer, que se ninguém me matava, viveria para sempre. Em troca podiam me fazer mal, e a ferida voltaria comigo para mundo real. Isso implicava que eu podia viajar fisicamente ao mundo dos sonhos. Tinha razão Noah ao dizer que assim foi como terminei na cama com ele? Meu corpo ia ao mundo dos sonhos quando ficava adormecida, ou simplesmente me movia entre as duas dimensões? Deus, a cabeça dava voltas. Já sabia que existiam portais, mas podia abri-los com o subconsciente?

Oxalá meu tio eliminasse seu *masquete* quanto antes e Noah e eu não tivéssemos que nos preocupar mais por essa coisa. Claro que isso não devolveria a vida a essa pobre gente que já morreu. Deus, se Karatos era responsável por esses casos do SUNDS, não havia modo de averiguar se matou alguém mais e conseguiu que parecessem mortes naturais.

Surpreende que diga que não tinha vontade de ir trabalhar e que queria ficar no sofá vendo televisão? Sou Câncer. Sempre que tenho que enfrentar um conflito ou a alguma situação remotamente ameaçadora, minha primeira reação é me esconder como um caranguejo.

Esconder agora não era uma opção. Não me pagavam para que colocasse a cabeça sob a asa. Assim que vesti meu pulôver rosa de pescoço alto com batom combinado, e saí para enfrentar o dia. Supostamente tudo se vê melhor sob a luz do sol.

Mas não. Estava chovendo, e Nova Iorque, chuva e frio não eram uma boa combinação. A cidade parece então escura e cinza, e o único que brilha são os táxis amarelos abrindo passo entre o tráfego e os poucos guarda-chuva de cores que desafiam a hegemonia dos negros.

No metro, sentou a meu lado uma senhora muito resfriada, e assoava o nariz com tanta força que parecia que terminaria por sugar o cérebro. Seu guarda-chuva jorrava ligeiramente junto a minha perna e deixou o tornozelo empapado. Por sorte, usava calças negras e não aparecia. Em troca com as botas não tive tanta sorte, pois vesti de cano curto que pouco fizeram para me proteger da umidade.

A clínica não estava longe da parada e graças a meu guarda-chuva consegui cruzar a rua sem me molhar mais do que já estava. Toquei a campainha — não abria até no final vinte minutos — e me deixaram entrar. As portas do elevador estavam abertas, me convidando em silêncio, assim que me coloquei dentro apertei o botão do segundo andar.

A sala de espera tinha pouca luz para que nossos pacientes pudessem relaxar, mas em dias tão cinzas como aquele resultava deprimente, por isso ascenderam os fluorescentes do teto assim animavam um pouco o ambiente. Não sei se aquelas luzes evitavam que alguém caísse em depressão, mas sem dúvida ajudavam muito à vista.

— Bom dia, Bonnie — a saudei ao entrar.

A sempre impecável recepcionista saiu do quarto de arquivos.

— Olá — me devolveu ela a saudação antes de ocupar de novo sua cadeira — Ontem à noite, Nancy Leiberman deixou uma mensagem na secretária eletrônica. Perguntou se poderia visitá-la hoje.

Que logo. Já sabia que a euforia de sua última visita duraria pouco, mas nem tanto. Sua



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

próxima consulta não era até no final de uns dias. Mas se Nancy estava tendo pesadelos...

Com o café em uma mão, pendurei o casaco empapado com a outra.

— Na mensagem diz se acontece algo?

— Oxalá — respondeu Bonnie— Então eu poderia cobrar o mesmo que vocês.

Arqueei uma sobrancelha e tratei de não sorrir. Ela sim sorriu e eu notei que me levantavam as comissuras.

— Olha que é má.

— Diz algo a respeito de um homem. Parece algo?

Sim, sim que parecia. O comportamento maníaco de Nancy estava relacionado com esse último amor. Encontrou um namorado e acreditava que todos seus problemas se desvaneceriam. Possivelmente o namorado desapareceu do mapa e por isso ela voltava a ter pesadelos.

— Importaria em ligar e dizer que venha às doze e meia? — Cortaria minha hora do almoço.

Bonnie me saudou em plano militar e sorriu sincera.

— Dá por feito, pequena.

Sim, sei. Minha relação com Bonnie não era nada profissional, mas não me importava o mínimo. Perguntava percebia que parecia como se fosse minha mãe substituta? Por favor. Dez anos de carreira não foram em vão. Embora seguisse sendo humana.

Ou meio humana.

Ainda não cheguei a meu escritório quando a voz de Bonnie me parou. Disse que Noah estava fora e que queria me ver. Podia dizer que entrasse? Como sempre, perguntou brincando, mas eu sabia que dizia que não, Bonnie diria que fosse. E também sabia que não teria que me alegrar tanto de que Noah viesse.

Tinha intenção de ligar mais tarde, em caso de que ele seguisse sem dar sinais de vida. Não queria parecer desesperada, mas se veio para ver no trabalho, sinal de que tinha que me dizer algo.

— Diga que entre. — Não fiquei escutando a resposta de Bonnie e entrei em meu escritório para retocar a maquiagem. A máscara de olhos seguia impecável, e o brilho de lábios completamente rosa. Estava perfeita.

Noah entrou, e me recordou mais o Noah de sempre que o da noite da galeria. Tinha o cabelo alvoroçado, ia mal barbeado e vestido Sport. Parecia cansado, triste e um pouco zangado.

— Olá. — Minha saudação soou um pouco forçado.

Ele olhou nos olhos um breve instante antes de passar por meu lado.

— Olá.

Se tivesse acreditado que seguraria nos braços e me beijaria até me deixar sem sentido, teria levado uma grande decepção. Era claramente uma visita profissional, não pessoal. Assim que fechei a porta, Noah deu meia volta e me olhou.

— Disse que iria ocupar dessa coisa.

Sim, estava zangado. Comigo. Não gostei.

— É o que me disseram.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Pois não fizeram. — passou as mãos pelo cabelo e o alvoroçou ainda mais— Ontem à noite veio para ver.

Minhas defesas derrubaram imediatamente. Tinha motivos para estar preocupada.

— Está bem?

Afastou quando tentei tocá-lo, e o gesto me doeu.

— Sim. Queria que desse um recado.

OH-OH. Por isso estava tão zangado e não podia culpá-lo. Tampouco eu gostaria que um Terror Noturno me utilizasse de mensageiro.

— O que te disse? — Tremeu um pouco a voz. Era pior ser o destinatário de uma mensagem que o portador.

— Que ia mandar um presente.

— Isso é tudo? — perguntei impressionada.

A mandíbula de Noah tremeu.

— Não pedi que me desse mais detalhes, você me perdoe.

— Como o encontrou? — Franzi a testa— Não tomou o comprimido para dormir?

Olhou-me desafiante e um pouco arrependido.

— Esqueci.

Cruzei os braços e mordi a língua para não responder. Não serviria de nada.

— Assim não importa, Karatos o encontrou e se supõe que é minha culpa?

Seus olhos negros se fixaram nos meus, e vi neles tanta raiva e frustração que dava um passo atrás. Noah odiava não ter o controle. Odiava ser um boneco. E a única via de escape para tanta frustração era eu.

Levantou uma mão e me assinalou.

— Essa coisa está me utilizando para aproximar de você?

— Não sei — respondi mais agressiva do que devesse— Não sei o que quer de mim, além de encher o saco do meu pai. Se algum dos dois devesse sentir utilizado, essa sou eu. No final, você é sua fonte de energia.

— O que disse? — perguntou atônito.

Merda. Acabava de colocar o pé. Suspirei fundo e esfreguei a nuca. Começava a ter uma horrível dor de cabeça.

— As criaturas do mundo dos sonhos, especialmente os Terrores, obtêm sua energia dos sonhadores. Um sonhador lúcido como você é para ele como uma grande barrinha energética.

— Genial. Agora resulta que atraio a essa coisa.

— E também significa que tem poder suficiente para se proteger. — Desde quase tudo ao menos, embora me calei essa última parte.

Noah ficou em silêncio, passavam um milhão de coisas pela cabeça. Certo que estava tratando de discernir se ainda estava zangado comigo.

— Olha — disse quando se fez evidente que não ia voltar a falar— Eu não gosto disso tanto como você. Vamos parar essa coisa, prometo isso.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Aproximou de mim e parou poucos centímetros de distância, quando apenas nossas respirações nos separavam.

— Vamos?

Engoli saliva. Não podia decifrar a expressão de Noah, e duvidava entre ser completamente honesta ou salvar o traseiro. Joguei os ombros para trás e o olhei nos olhos.

— A não ser que queira fazer você sozinho.

Ele esboçou um leve sorriso e agarrou um lenço de papel da caixa que havia em cima de minha mesa.

— Não, não quero fazer sozinho.

E então começou a limpar os lábios com o lenço, que grudou no brilho. Girei a cabeça para tratar de detê-lo.

— Que diabos? Para! — Muito tarde. Passei o dorso da mão pela boca e lambi os lábios para tirar os pedaços de papel. Olhei Noah — por que fez isso?

— Odeio o sabor dos brilhos de lábio — disse. E então me beijou. E de repente deixou de me importar que tirasse o batom com um lenço. E que se zangou comigo. Eu também me zanguei com ele. O único que importava era que Noah estava me beijando. Outra vez.

Apoiou-me contra a estante e grudou a mim da cabeça aos pés. Podia cheirar a jaqueta de couro úmida pela chuva, o aroma do sabão de sua pele. OH, sim.

Levantou a cabeça muito logo. Eu teria podido seguir beijando-o toda a vida. Olhou-me com aqueles incríveis olhos negros e vi que já não estava zangado. Em seu olhar havia desejo e algo mais que me pareceu incredulidade.

— É muito para mim — sussurrou.

Juro Por Deus que a voz daquele homem poderia derreter um iceberg. O joelho esquerdo virtualmente me fundiu para ouvi-lo.

— De verdade?

Noah se afastou sorrindo.

— Como posso ajudar a parar essa coisa?

Boa pergunta, e por sorte sabia a resposta. Recuperei a compostura e me separei da estante.

— Pode me ajudar no mundo dos sonhos. Possivelmente juntos conseguimos encontrar o Terror Noturno.

— Ou talvez ele nos encontrará — falou levantando uma sobrancelha.

— Seja como for, tenho que levar Karatos diante de meu pai — disse eu.

A ideia não entusiasmou a Noah.

— Está bem. De acordo. Quer tentá-lo esta noite?

— Deixa que antes fale com Morpheo, e ver o que acontece. — Senti-me culpada por ter que deixá-lo só e indefeso outra noite, mas tinha que me assegurar de que meu pai apareceria quando o chamasse. Tinha que me assegurar de que saberia chamá-lo.

Noah assentiu.

— Falamos logo. — Deu outro beijo, rápido e intenso, que me acelerou o coração. Deus, se o





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

doutor Canning nos pegava, colocaria em uma confusão tremenda.

Acompanhei-o até a recepção, trocamos o que me pareceu um olhar ardente, e meu mundo voltou para a normalidade.

— Possivelmente deveria pôr pó no queixo antes que chegue sua primeira visita — me aconselhou Bonnie sem afastar o olhar de sua mesa — arranhou com a barba.

Ela riu e eu ruborizei. Merda. Dei meia volta e fui correndo a meu escritório, mas o doutor Canning me interceptou e me olhou com reprovação.

— Ainda estou esperando esse relatório, Dawn — me disse — Possivelmente quando terminar com suas visitas pessoais possa fazer seu trabalho. Necessito-o antes possível.

OH, sim. Apesar do demolidor beijo de Noah, estava tendo um dia péssimo. Ao menos o doutor Canning não me viu beijando-o. As coisas ficariam ainda piores se soubesse que se tratava de um paciente. De fato me colocaria em uma confusão incrível.

— É óbvio, doutor Canning. Em seguida.

Passei o resto da manhã atendendo pacientes e resolvendo assuntos pendentes da clínica, e quando tive um momento livre fiz o relatório do doutor Canning, para que este pudesse seguir colaborando com jornais e saindo na televisão como se fosse um perito no assunto. Aquelas mortes por SUNDS deixavam às pessoas preocupadas, e havia um medo latente a que pudesse ser contagioso. Evidentemente as autoridades não queriam que estendesse o pânico, assim que meu chefe estava muito solicitado. O único que ele tinha que fazer era sorrir e explicar com toda a calma possível que o SUNDS não era contagioso e que pessoalmente estava fazendo tudo o que estava em sua mão para descobrir a causa daquelas desafortunadas mortes.

Ao meio-dia engoli um sanduiche de atum e uma sopa vegetal sem me levantar da mesa. Ia puxar o lixo e a retocar a maquiagem quando Bonnie me chamou.

— Chegou à senhora Leiberman? — perguntei.

— Doutora Riley. — Soube imediatamente que algo não ia bem; Bonnie nunca me chamava assim — Há alguns agentes de polícia aos que gostariam de falar com você.

Aposto o que queiram que ninguém pode escutar essa frase sem que gele o sangue. O primeiro que pensei foi: *O que fiz?* E, depois, que Lola e eu nos colocamos como pessoa de contato da outra em caso de emergência.

— Em seguida saio. — Possivelmente deveria ter dito que entrassem mas fosse qual fosse o motivo de sua visita, queria que Bonnie estivesse comigo.

Alisei bem a roupa, passei as mãos pelo cabelo e dirigi a recepção tão rápido como me permitiram isso minhas pernas trementes. Tal como Bonnie me disse, havia dois agentes uniformizados da polícia de Nova Iorque me esperando.

— Dawn Riley? — perguntou um assim que cheguei.

Assenti.

— Posso ajudar em algo, agentes? — Vá, soei do mais profissional e calma!

— Conhece Nancy Leiberman? — perguntou o outro. Os dois eram tipos muito altos com um acento nova-iorquino muito marcado, mas não tratavam de me intimidar, assim que relaxei.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Sim — afirmei também com a cabeça — , de fato, tem que chegar a um momento a outro.

— Sim, ouvimos a mensagem que a senhorita Nadalini deixou na secretária eletrônica da senhora Leiberman. Há algum lugar mais privado onde possamos falar da terapia da senhora Leiberman?

Estavam em casa do Nancy quando Bonnie ligou? Queriam falar da terapia de Nancy? Não podia fazer isso a não ser que... Senti um calafrio.

— Meu escritório — consegui dizer — O que aconteceu?

Olharam-me com lástima.

— A filha da senhora Leiberman a encontrou morta esta manhã. Temos motivos para acreditar que foi um suicídio.

Um suicídio. Ouvi a exclamação de Bonnie a minhas costas. O doutor Canning e a doutora Revello saíram para ver o que acontecia também se ficaram atônitos diante da notícia, o que me fez acreditar que possivelmente eram humano.

— Entrem em meu escritório — disse com voz entrecortada — contarei tudo o que possa.

Enquanto eles me seguiam pelo corredor, pensei em Nancy e em como estava feliz a última vez que a vi. Pensei em seus pesadelos e em como se desvaneceram sem mais, e em que ligou para me pedir hora. E de repente vi tudo claro.

Nancy Leiberman não se suicidou. Nancy Leiberman foi assassinada.

Karatos havia me mandando um presente, com laço incluído.

## **CAPÍTULO 10**

Nancy Leiberman tinha rastros de comprimidos e álcool no sangue, mas não o suficiente para tê-la matado. Parecia, seu coração simplesmente parou sem motivo aparente. Primeiro determinou que morreu de causas naturais, mas logo o doutor Canning pensou que poderia ser outro caso de SUNDS. E se voltava a insinuar uma vez mais o faria engolir a pasta.

Aquilo não podia seguir. Aquela noite, quando visitei o reino dos sonhos para continuar com meu treinamento, prometi a mim mesma que, se fosse necessário, eu mesma pararia Karatos. Se queria ter uma relação normal com Noah, se não queria que a polícia de Nova Iorque voltasse a aparecer em meu consultório para me comunicar a morte de outro paciente, tinha que detê-lo. E quando digo parar quero dizer matar. Destruir. Desfazer. O que fosse que meu pai fizesse com os oniros que desobedeciam as regras.

Mas claro, para isso, primeiro Morpheo tinha que encontrar Karatos. E, conforme me disse, nem ele nem meu tio Ice-o, puderam achar ele.

— Deus santo — amaldiçoei enquanto me concentrava para converter um lápis em uma adaga — Tão difícil é encontrar um Terror Noturno? Você é o deus deste mundo!

Meu pai não gostou do comentário. Apesar de que teve que reconhecer que eu tinha razão.

— Encontrarei — me assegurou, criando outro objeto para que eu o transformasse.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Eu sabia que Morpheo tentaria. Mas também sabia que estava em minhas mãos e nas de Noah achar Karatos. Ao menos, se eu encontrasse o Terror ou, sejamos realistas, se ele me encontrasse, eu poderia chamar meu pai mentalmente (usando o vínculo psíquico que existia entre as criaturas do reino dos sonhos) e Karatos receberia seu castigo.

— Por que não o encontrou ainda? — insisti — Como é possível que tenha escapado?

Ver o desconcerto no rosto de Morpheo não me ajudou.

— Não sei. É como se não estivesse neste mundo.

Se por um momento me atrevesse a pensar que aquela insinuação podia ser certa, morreria de medo.

— Isso é impossível.

— Acaso acha que não sei? — disse meu pai, me olhando indignado enquanto eu convertia um cisne em um porco — Não posso encontrar uma de minhas próprias criaturas.

Sim, tinha que ser humilhante.

— Matou um de meus pacientes. — Sabia que com isso não estava ajudando muito, mas senti que meu pai precisava compreender a gravidade da situação — Ameaçou Noah e a mim. Temos que detê-lo.

— Sei — respondeu, com uma voz tão profunda que me produziu um calafrio. Se meu pai capturasse Karatos, não, melhor dizendo, quando fizesse, destruiria-o. Oxalá pudesse ver o enfrentamento em pessoa.

— Tratarei de fazer sair de seu esconderijo. — Não podia acreditar que estivesse me oferecendo como voluntária para fazer de chamariz. Era um gesto quase heroico. A verdade era que não via outra solução. Mas ainda não estava preparada para pôr o traje de mulher Maravilha.

— Ainda não é o bastante forte — me disse Morpheo convertendo de novo o porco em cisne para demonstrar isso. Parecia, não tinha muita fé em mim.

— Então terei que praticar mais. — Não sei de onde diabos saía tanta valentia, mas sabia que essa era a verdade. E voltei a me concentrar no porco. Se meu pai não podia me ajudar, teria que me virar sozinha, e voltar a levantar meus muros não me serviriam de nada. Karatos já conseguiu saltá-los uma vez, e sabia que podia me fazer mal a mim e Noah, ou a qualquer um de meus pacientes.

O porco desapareceu de tudo e meu pai se voltou para mim.

— Está dizendo que está disposta a aceitar seu destino?

Fiz uma careta.

— Parece um personagem tirado de um filme de ficção científica mudo.

Morpheo me surpreendeu rindo.

— De onde acha que saíram todos esses filmes? Dos sonhos.

Levantei as sobrancelhas até o cabelo.

— Genial. Meu pai é o culpado das alucinantes aventuras de Bill e Ted.

Ele sorriu.

— Se não me falha a memória, você gostou desse filme.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Tinha razão.

— Olha, eu gostaria de seguir jogando com você, mas tenho que ir. Devo me reunir com Noah.

— Passará e dirá ola a sua mãe antes de ir?

— Não. — consegui esquivá-la até então, e ia seguir fazendo enquanto pudesse.

— Dawn.

— Não se meta. — Deixei claro com o olhar que não poderia me convencer— Não posso falar com ela. Ainda não.

— Está bem — aceitou sério— Voltará amanhã de noite, não? Seguiremos trabalhando as transformações.

Que remédio. Antes de poder criar sonhos por mim mesma, tinha que aprender a transformar sonhos já existentes. Se seguia praticando, possivelmente algum dia chegasse a ser tão hábil como Morpheo. Eu não conseguia transformar isso em verdade. Dawn, criadora de sonhos. Mas era sua herdeira. Verek não disse de brincadeira, ali, eu era uma princesa.

Não tinha nem ideia do que era capaz de fazer. Tinha que descobrir.

Meu pai se aproximou de mim sorrindo, com aqueles jeans e aquele pulôver parecia humano. Pôs uma mão no ombro e me deu um beijo na testa. Em um momento de debilidade deixei que me abraçasse. Era forte e sólido, e eu sabia que enquanto estivesse ali, me protegendo, não me aconteceria nada mau. Oxalá pudesse me desprender de todo o rancor que sentia, assim poderia ficar com ele e com minha mãe. Converter-me no que esperavam de mim.

Mas então teria que dar as costas a meu mundo, às pessoas que me importava. E não podia fazer isso.

Afastei e Morpheo não tentou me parar, apesar de que em seus olhos vi o muito que doía.

— Até manhã.

— Se concentre em onde quer ir — disse sério— em quem quer encontrar. Seu amigo é muito poderoso e sabe proteger-se. Terá que se concentrar muito para encontrá-lo.

De acordo. Fechei os olhos e imaginei Noah. Imaginei eu mesma indo para ele, afastei a névoa e me aproximei de seu sinal. Não sei explicar como se faz, mas é como seguir um aroma, como um ímã puxando de outro. Movi-me entre a bruma do mundo dos sonhos com rapidez para que nada pudesse me apanhar. Já sabia onde estava Noah, o único que tinha que fazer era chegar ali.

Algum dia possivelmente pudesse imaginar um lugar e aparecer nele, mas de momento tinha que me mudar fisicamente.

Podia sentir a presença de Noah intensificando. Já quase cheguei.

Algo me pegou pelo braço e parou em seco. Puxei. O coração me pulsava desbocado.

— Não deveria existir — me sussurrou uma voz ao ouvido. Gelou o sangue. Era aquela voz. Começou a me sangrar a orelha.

Empurrei com todas minhas forças. Não sei como consegui, mas passei de estar assustada e prisioneira, para ouvir os gritos de dor daquela coisa porque a joguei pelos ares. Consegui me



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

liberar. Tinha que pegar o truque quanto antes.

Concentrei-me e voltei a pressentir Noah. Corri para ele. A névoa se separou e começou a moldar, a adquirir forma. Cheguei à entrada do sonho de Noah, atravessei a cortina de bruma e me coloquei dentro.

Era uma cozinha. Estava muito limpa e bem ordenada, com chão de azulejos e muita luz. Havia alguém chorando. Uma mulher. Dei meia volta e ali estava Noah, com jeans e camiseta branca. Ia descalço e estava de pé frente à mulher que seguia chorando no chão junto a seus pés. Ela tinha as costas apoiada em um armário e limpava as lágrimas com o dorso da mão. Tinha um arroxado enorme na bochecha e o lábio partido.

E Noah estava ali de pé, irradiando frustração.

— Noah?

Voltou para ouvir minha voz e então vi que também ele tinha o lábio partido e sangue na camiseta. Brigaram?

— O que está fazendo aqui? — perguntou-me ao aproximar.

Não sabia o que fazer, mas o modo em que ele me olhou me assustou.

— Tenho que falar com você — disse.

— Não deveria estar aqui — me disse envergonhado— Tem que ir.

— Sinto muito. Não sabia como avisar.

A mulher ficou em pé.

— Noah, quem é?

Ambos demos meia volta para olhá-la, e assim que a vi a reconheci. Era a mulher do quadro que vi na exposição. Mãe. E agora que a via de perto era inegável o muito que pareciam. Era a mãe de Noah.

Bateu em sua própria mãe? Não. Ele sempre falava muito bem dela. Noah não fez isso, foi outra pessoa.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei.

O som de uns fortes passos me respondeu. Era como se alguém estivesse descendo uma escada, mas amplificado de tal modo que parecia um gigante. Noah voltou à cabeça de repente para ouvi-lo.

— Tem que ir — me disse, agarrando pelo braço— Saia daqui agora mesmo. — Noah tinha medo da pessoa que estava aproximando, e imaginei quem era.

Tratei de abraçá-lo, mas ele não me deixou.

— Deixa que o ajude.

— Não necessito que me proteja! — exclamou, tão zangado que me surpreendeu, embora tinha o pressentimento de que aquela raiva não ia dirigida contra mim.

— Só quero ajuda-lo — supliquei.

Olhou-me com olhos exagerados.

— Nunca disse que pudesse entrar em meus sonhos.

Um momento, aquilo estava passando de castanho escuro.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Eu não...

O estrondo dos passos aumentou. Noah estava cada vez mais nervoso. Não queria que visse o que estava aproximando.

— Saia daqui!

Foi como se fechasse uma porta no nariz. Não podia acreditar isso. Estava ali de pé, olhando, e de repente... nada. Apareci do outro lado de uma enorme parede negra que estendia até onde me alcançava à vista. Noah me jogou. Literalmente.

Se não me aterrorizasse tanto pensar nos monstros que se escondiam na névoa, teria ido até o final do muro. Optei por despertar, ou ao menos isso foi o que senti. O que de verdade passou foi que abri um portal entre os dois mundos e retornei ao dos humanos. Abri os olhos e vi que estava na cama, com Dulce aconchegado a meu lado.

Quis chorar, mas não pude. Nem sequer pude fazê-lo pela pobre Nancy Leiberman. Estava muito assustada e me sentia muito indefesa para chorar. As lágrimas significam que ainda há esperança.

E estava acabando.

O dia seguinte era sábado e passei procurando no Google informação sobre os Pesadelos. Não havia muitas entradas que fizessem referência ao assunto que me interessava, mas na duzentos e trinta e dois encontrei uma página da Web de mitologia em que havia alguns artigos a respeito dos Pesadelos e sua função como guardiães do mundo dos sonhos. Dizia que eram seres muito poderosos e que inclusive os Terrors os temiam. Obviamente, as coisas mudaram muito com o tempo, porque eu não me sentia nada poderosa.

Tomei uma pausa e fui comer para ver se assim relaxava um pouco. Encarreguei uma coroa para Nancy Leiberman e pedi que o mandassem à funerária, e logo pedi outra para sua família.

Tentei não pensar muito no muito que mudou a vida nas últimas duas semanas. De fato, tentei não pensar em nada, além do estritamente necessário. Porque se fazia fechava a garganta e notava como se a cabeça fosse explodir. Reconhecia perfeitamente os sintomas de um ataque de ansiedade, e estava disposta a fazer o que fosse necessário para evitá-lo.

Quando Noah me ligou, às duas da madrugada, apesar de que uma parte de mim queria ouvir sua voz, deixei que caísse na secretária eletrônica. Ainda estava um pouco assustada, e seguia doendo que me tivesse tirado de seu lado. Minha intenção não era me intrometer, mas os sonhos não têm sons na porta. Eu teria avisado antes se soubesse como.

E se era sincera comigo mesma, embora gostasse muito de Noah, os motivos pelos que devia me manter afastada dele eram grandes. Era hermético e um pouco estranho. As raridades que podia dirigir se sabia como devia, o outro...

Por Deus, Noah sabia que eu era um Pesadelo. E eu fui sua psicóloga. Deveria saber algo mais sobre ele. Por que custava tanto abrir um pouco? Eu deduzi que seu pai maltratou sua mãe e provavelmente também ele. Hoje em dia, isso não se considera nada do que envergonhar, então, por que escondia?



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Resisti à tentação de desprender o telefone e deixei que gravasse sua mensagem. Possivelmente iria bem saber que não estava todo o dia disponível a suas chamadas. Bom, para falar a verdade, isso era exatamente o que fazia, mas não precisava que ele soubesse.

— Doc? Sou eu, Noah. Eu... — Houve uma pausa muito longa— me ligue. — E isso foi tudo. Desligou.

Acaso esperava que me deixasse uma mensagem mais substancial? Algo mais... não sei... suplicante? Sim. Bom, reconheço que Noah soava arrependido e algo inseguro, mas me deixou uma mensagem de seis palavras, assim tampouco podia estar muito segura. Poderia me comportar como uma ressentida e mandá-lo a merda. Poderia tratar de esquecê-lo e seguir adiante com minha vida e poderia decidir que Noah era muito complicado e tirar um peso de cima.

A questão era que eu não queria seguir adiante com minha vida. Eu queria Noah, e não queria dar as costas. Ia ligar, mas não em seguida. Apesar da vontade que tinha de escutar o que tivesse que me dizer, e do muito que uma vez temesse escutá-lo, precisava um pouco mais de tempo antes disso.

Fui para cama e pratiquei ficar adormecida e despertar. Se cantava uma das canções de ninar de minha mãe mentalmente dormia com uma facilidade assombrosa. Possivelmente se devesse que ela estava ancorada no mundo dos sonhos desde que ficou adormecida. Ou possivelmente porque o deus da ilusão era meu avô. Fosse pelo que fosse, dormi em questão de minutos e apareci frente às portas do castelo de meu pai. Despertar me custou muito menos. O único que tive que fazer foi me concentrar em voltar e abrir os olhos.

Algum dia poderia cruzar acordada. Quer dizer, se seguia adiante com aquilo de ser um Pesadelo. Possivelmente quando Noah estivesse a salvo, mandasse tudo a merda e voltasse para minha vida normal.

Não, isso tampouco ia acontecer.

Joguei ao de dormir e despertar um pouco mais antes de ficar adormecida de verdade. Quando despertei, passavam das cinco e o telefone estava tocando. Era Julie, queria saber a que hora ia a sua casa. Tomaríamos ali algumas taças antes ir a nosso local preferido.

— Estava adormecida? — perguntou-me, rindo um pouco.

Derrubei sobre as almofadas. Já era quase de noite, a pouca luz que ficava não era mais que uma mancha alaranjada penetrando por minha janela.

— Sim.

— Preguiçosa.

Se ela soubesse...

— Irei por volta das nove.

— Traz suco de abacaxi, eu tenho o rum de coco.

Sorri junto ao auricular.

— Está jogando sujo. — eu adoro rum de coco. E quando digo que eu adoro quero dizer que bebo como se fosse água.





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— É para ver se reage. — riu— Verei as nove. Boba.

Essa palavra sempre me fascinava. De onde diabos saiu um insulto tão patético? Só se utilizava em filmes antigos ou infantis.

Estirei-me e saí da cama para ver se assim conseguia me sacudir de cima a vontade de voltar a dormir. Durante um segundo, vi Karatos de pé entre a névoa, na praia do mundo dos sonhos, sorrindo zombador. Tinha um aspecto escuro e perigoso, e repulsivamente sexy. Senti uma pressão dentro de mim, igual se estivesse puxando uma corda presa a minha alma.

Como ainda estava um pouco adormecida, tratou de me arrastar de volta. Filho da puta. Esteve esperando a oportunidade de me agarrar despreparada. Indefesa.

Vulnerável.

Fiquei furiosa e o empurrei. Pude sentir o poder invisível que esticava entre os dois. No olho de minha mente — a parte que seguia no mundo dos sonhos— vi que o Terror cambaleava para trás antes de desaparecer.

*Assim aprenderá a não brincar comigo*, pensei sorrindo satisfeita. Um momento. Karatos estava no mundo dos sonhos. Como diabo podia estar ali sem que Morpheo soubesse? Tinha intenção de me apanhar e utilizar como moeda de troca com meu pai? Ou acaso Karatos atuava com o beneplácito de meu progenitor?

Não, aquilo não me podia acreditar, ou não de tudo. A não ser que tudo formasse parte de um plano para me fazer voltar para redil. E isso tampouco podia acreditar. Mas a dúvida estava ali.

Merda. Ultimamente não fazia mais que duvidar das pessoas. Assim era eu, mal pensada por natureza. De pequena, minha irmã Anne sempre me acusava de ter mania de perseguição, claro que ela sempre estava me perseguindo.

Fiz um sanduiche de atum com muito queijo para jantar e comi isso diante da televisão, vendo uma reprise de Dark Angel que passava no SciFi. Nesse filme, Jessica Alvorada sabe como dar uma surra. Assim era eu no mundo dos sonhos? Um Pesadelo. Uma Guardiã. Uma valentona?

Mentiria se dissesse que a ideia não parecia atrativa. Eu adoraria quebrar aquele rosto bonito de Karatos até deixá-lo tão feio como era em seu interior.

Que o Terror estivesse no mundo dos sonhos seguia me inquietando. Teria que dormir outra vez e ir avisar meu pai, descobrir o que estava acontecendo, mas me deu medo. E se Karatos seguia ali e me capturava? E se não conseguia escapar? Possivelmente ainda não estava preparada. Não, seguro que não estava.

Cabia a possibilidade de que meu pai tivesse detectado a tentativa de abdução de Karatos e o tivesse capturado. Talvez, naquele mesmo instante, enquanto eu estava sentada no sofá comendo um sanduiche de atum, Karatos estivesse morrendo dolorosamente às mãos de seu criador. Esta possibilidade era a que mais eu gostava. Pode ser que fosse mais tarde, para ver se teve sorte.

Terminei de jantar e preparei uma jarra de café. Se ia sair com Julie, necessitaria toda a energia possível. Enquanto o café esfriava, abri a água da banheira. Pus um pouco de óleo aromático e saís de banho com aroma de chai. Logo coloquei o iPod no estéreo e dei play. Minha



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

roupa caiu ao chão ao ritmo do Temptation Waits do Garbage.

Entrei na banheira com uma xícara de café na mão e pensando nas armas que podia conjurar no mundo dos sonhos. Era uma das primeiras coisas que Morpheo insistiu em me ensinar.

Fechei os olhos e recostei a cabeça na borda da banheira. *Por favor, por favor, por favor. Que Morpheo não seja o vilão do filme.* Não sei se estava rezando a Deus ou a Ama, a grande arranha bicho-tesoura de sonhos e mãe espiritual de todas as criaturas oníricas. Não tinha importância. Estava rezando a qualquer que estivesse escutando. Possivelmente eu não sentisse muito respeito por meu pai pelo que fez a minha família, mas queria acreditar nele. Queria poder confiar nele.

Muitas das armas que Morpheo me ensinou a criar pareciam tiradas de uma aula de artes marciais. Eu não sabia nada de artes marciais, exceto que é bonito ver alguém praticando. O que se supunha que tinha que fazer com aquelas armas uma vez que conseguisse conjura-las? Meu instinto reagiria só as tocando? Esse era um risco que não estava disposta a correr.

Noah praticava algum tipo de artes marciais. Tínhamos falado disso em uma ocasião. Possivelmente se fazíamos as pazes poderia me ensinar. Se não, teria que me escrever em umas aulas.

Depilei as pernas e as axilas, limei as asperezas dos calcanhares e pus uma máscara tropical esfoliante que sempre me deixava o rosto radiante. Tomei meu tempo para me arrumar, e desfrutei da cada segundo de minha sessão de beleza. Demorei duas horas em me maquiar e secar o cabelo; pintei sombras e mais sombras, e pus cachos na cabeça. Há momentos nos quais eu adoro ser uma garota.

Quando terminei de me vestir já era hora de ir. De caminho ao metro, parei em uma loja de comestíveis para comprar suco de abacaxi.

Julie vivia no Lower East Side, em um edifício muito fashion no que, como mínimo, vivia um artista punk e uma drag queen gótica. Eu adoraria que Julie se fizesse mais amiga da drag queen. O look gótico não ia muito, mas aquela rainha sempre levava uma maquiagem impecável e uma roupa espetacular, e queria conhecer seus segredos.

Toquei a campainha e Joe, o namorado de Julie, abriu a porta. Julie e Joe, parece bem, não? Essa noite Joe não ia sair conosco porque odiava o local ao que queríamos ir, mas me deu um abraço ao entrar e em menos de três minutos me serviu uma taça.

Julie era uma garota pequena, de cabelo encaracolado e castanho e um grande sorriso. E a julgar pela quantidade de dentes que me mostrou, deduzi que tomou algumas taças de vantagem. Tinha que apanhá-la.

Três Malibús com abacaxi mais tarde, as duas saímos rumo ao Scritti's, um bar dos anos oitenta que estava a poucos metros do apartamento de minha amiga. O local estava decorado com parafernália da época, com néons por toda parte e uma pista de baile parecida com um rosto da lata de Rubik. Minha mesa preferida — que por sorte conseguimos nos agenciar — estava debaixo de um enorme pôster do Bon Jovi de 1986, de quando usava o cabelo comprido, a jaqueta de pantera e calças de couro. Eu adorava.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Pedi um rum com soda, igual à Julie, e depois de que nos servissem fomos à pista de baile, que por sorte estava muito perto de nossa mesa, assim poderíamos vigiar as bolsas.

Dançamos Holiday, da Madonna, rindo das tolices que fazíamos. Fazia tempo que não passava tão bem. E a verdade era que precisava.

Claro que todo isso se terminou quando, pouco depois das onze, apareceu Noah.

O coração deu um tombo com nada mais que vê-lo ali de pé, junto a balcão, com jeans, camiseta negra e uma Coronita na mão. Tinha o cabelo alvoroçado em plano sexy, como sempre, e aquela manhã não se barbeou. Esquadrinhou o local com o olhar. Estava procurando alguém.

Estava me procurando. Meu pulso acelerou.

— Noah está aqui — disse a Julie. Evidentemente, eu contei tudo sobre ele, bom, possivelmente não tudo. Julie não sabia nada sobre Karatos nem que eu, sua melhor amiga, não era de tudo humana.

— Onde? — ficou nas pontas dos pés e olhou por cima da multidão, balançando-se como uma flor em meio da brisa.

— No balcão, alto e vestido de negro. Está bebendo uma Coronita.

— Esse é Noah? — perguntou impressionada.

Que diabos queria dizer com esse?

— Sim. O que acontece?

Deixou de ficar nas pontas dos pés mas seguiu sem me olhar. Ainda estava olhando a ele.

— Não é como esperava.

— E o que esperava? — Começava a me chatear.

Não me importava que reconhecesse que Noah era um dos homens mais sexy do planeta, mas tampouco tinha que insinuar que era como uma merda que tivesse pisado.

Ela franziu a testa e retornamos a nossa mesa.

— Parece um cara muito intenso.

Sim, de verdade o chamou *cara*. Isso não me surpreendeu muito, me chamava *tia* constantemente. O que me surpreendeu foi que dissesse que parecia intenso. Voltei a olhar para o balcão. Sim, suponho que poderia dizer que Noah era.

— São seus olhos — disse. Noah podia controlar tudo, dissimular todas suas emoções e deixar unicamente os olhos alerta. O que mais importava era ter o controle. Não era de impressionar que tivesse perdido a calma quando me meti em um sonho que ele tinha que controlar.

Mas deu um grande passo indo até ali para me buscar, e o mínimo que podia fazer eu era ir a seu encontro.

— Em seguida volto disse a Julie assim que se sentou; e depois me dirigi rumo à multidão.

Mantive o olhar fixo em Noah e o chamei por entre o muro de corpos que se interpunha entre nós. Ele olhou para a direita, logo jogou a cabeça para trás muito devagar e... Bang, nossos olhares se encontraram. Pareceu surpreso um instante, e logo avançou para mim decidido.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Foi como se todo mundo desaparecesse. Sei que parece muito brega, mas naquele momento, com Noah vindo a meu encontro, não existia ninguém mais na Terra exceto nós dois.

Nenhum disse nada até que estivemos a centímetros de distância. Não teria tido sentido, com a música tão alta.

— Olá — gritei eu.

Ele esboçou um pequeno sorriso.

— Sua companheira de apartamento me disse onde estava.

Ah, Lola. Das duas uma; ou era um gênio ou uma intrometida. Ainda não decidi. Aproximei-me e senti como o calor que emanava de seu corpo atravessava a roupa de ambos. Deus, cheirava tão bem...

— Pois já me encontrou.

Uma mão nas costas evitou que pudesse me afastar. Estávamos tão perto que bem poderíamos estar dançando.

— Preciso falar com você — disse em voz alta, grudado a meu ouvido.

Olhei nos olhos durante um segundo e de repente me senti muito mais segura do que me sentia antes estando com ele.

— Eu também preciso falar com você.

— Podemos ir a algum lugar?

Sim, sim que podíamos. Podíamos ir a minha casa, ou ir a um restaurante; mas esses lugares não supunham nenhum risco para Noah, porque ali não teria que me deixar entrar em seu mundo. Não teria que confiar em mim. Eu lhe contei meu maior segredo; contei quem era. Chegou o momento de que ele confiasse em mim.

Olhei nos olhos.

— Vamos a sua casa.

## **CAPÍTULO 11**

— A minha casa? — A boca de Noah estava tão perto de minha orelha que quando falou, senti seu fôlego sobre minha pele, e estremeci com o timbre de sua voz.

Ainda com a pele arrepiada, sorri com a esperança de que relaxasse.

— Sim, sua casa.

— Está certa?

Soube o que estava perguntando. Queria saber se eu era consciente do que podia chegar a acontecer ali, e se estava bem. A verdade era que não estava absolutamente certa de nada, mas tínhamos que conversar, e se estávamos em seu território, Noah sentiria que tinha a situação sob controle.

E sim, bom, reconheço, possivelmente uma parte de mim esperava que queria fazer algo comigo. Não estava preparada para me deitar com ele, mas sim estava preparada para algo mais.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Assenti.

— Estou certa.

— De acordo. Vamos.

A essas alturas, meu coração estava já descontrolado. Que diabos estava fazendo indo para casa de Noah? Nem sequer sabia onde vivia, possivelmente deveria ter olhado em seu prontuário. E se era um psicopata? Eu não acreditava, mas suponho que a grande maioria das mulheres violadas ou assassinadas disse o mesmo de seus atacantes.

Peguei minhas coisas e disse a Julie que ia. Esta se dirigiu a Noah imediatamente.

— Me dê seu endereço.

Para minha surpresa, ele deu sem pigarrear. Vivia no Village, o que não me surpreendeu. Julie também perguntou seu nome completo e anotou toda a informação em um guardanapo que guardou na bolsa.

— Não se ofenda, mas não o conheço — se justificou com um sorriso.

— Não me ofendo — afirmou Noah com um daqueles movimentos de cabeça tão próprios dele —, alegre-me ver que a doutora tem alguém que a cuida.

Levantei as sobrancelhas diante de um comentário tão doce. Julie me olhou divertida. Seguro que a próxima vez que a visse tiraria sarro com o *doutora*.

— Me ligue amanhã — me ordenou, ao ver que pendurava a bolsa do ombro.

— Farei — prometi e dei um abraço — Não importa ficar aqui?

— Absolutamente — afirmou tirando importância — chamarei Joe e virá me buscar.

Tranquilizou saber que não retornaria para casa sozinha.

— Vamos disse a Noah.

Pedimos nossos casacos no figurino da entrada. Ainda estava fechando o meu quando saímos de noite, que era surpreendentemente quente. Noah parou um táxi, um menino preparado sabe que não é bom mesclar o álcool com a condução, e o carro arrancou antes inclusive de que desse o endereço.

Não falamos durante o trajeto. Eu estava sentada no meu lado, olhando a cidade. E Noah no seu, fazendo o mesmo. Mas nossas mãos se encontraram no assento de no meio e nossos dedos se entrelaçaram.

Por fim o táxi parou e eu sai atrás de Noah depois de que pagasse ao condutor. Minha mão seguia na sua. O carro se afastou e, enquanto arrumava o casaco, observei os arredores.

Era uma rua estreita, flanqueada por enormes e frondosas árvores que perderam as folhas, que agora cobriam a calçada e os bancos com um manto laranja. Era um bairro eminentemente residencial, embora houvesse um restaurante em um andar baixo.

Noah vivia em um edifício de tijolo avermelhado, com grandes janelas no segundo andar e janelas pequenas com grades no primeiro. As barras de metal estavam pintadas de negro e pareciam de ferro antigo.

— Aluguel ou propriedade? — perguntei quando colocou a chave na fechadura da pesada porta de madeira.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Propriedade — respondeu— O compramos entre Warren e eu. Ele ensina aikido no andar de abaixo.

— Aikido. — Arqueei uma sobrancelha— Genial. — Por não mencionar quão útil podia ser.

Ele não disse nada, limitou a me olhar como tentando compreender. Desejei sorte. Abriu outra porta, entrou, marcou uns números em um alarme e me fez uma reverência.

— Depois de você.

Entrei em um vestibulo do tamanho de um armário, com espaço para que Noah e eu estivéssemos em pé. Frente a nós começava uma enorme escada. A luz era suave e fazia com que sua pele parecesse ainda mais dourada. Resisti à tentação de ficar olhando-o e subi a escada. Ouvi que a porta se fechava atrás de mim e segui os passos de Noah.

No final da escada havia uma porta trilho com grandes cristaleiras. Estava fechada, assim esperei que ele chegasse com a chave. Seu torso roçou minhas costas quando inclinou para frente e eu quis dar meia volta e abraçá-lo.

Mas não fiz.

A porta se abriu, entrei e fiquei boquiaberta. Já sabia que Noah tinha dinheiro mas aquilo ultrapassava minhas expectativas. Todo o chão era de madeira reluzente, a mesma madeira que dava forma aos arcos das janelas. Estes deviam medir dois metros e meio de altura por um de largura, e o teto podia estar tranquilamente a uns seis metros. Onde o teto se juntava com as paredes de cor creme havia lâminas de madeira, e também onde as paredes se uniam ao chão, mas neste caso mais escuras. Eram de cor chocolate com matizes avermelhados. De onde estava podia ver o salão, decorado deste modo em cor chocolate e bege, a sala de jantar e a cozinha. Mais longe, à direita, havia uma porta, provavelmente um banheiro, e outras que levavam ao que devia ser um escritório. No meio do salão havia uma escada que terminava em um mezanino que supus que seria o dormitório de Noah.

Que aspecto teria sua cama? Perguntei-me. Chegaria a descobrir algum dia?

— Nunca mais pensarei que meu apartamento é bonito — disse meio de brincadeira.

Ele tirou o casaco.

— Eu gosto de seu apartamento. É muito quente.

Não insisti no assunto. Noah estendeu a mão para que desse meu casaco. E quando o fiz ficou olhando.

— O que? — Estava manchado? Tinha o zíper aberto? Não, Deus, o zíper não.

Sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. É que nunca a vi com jeans.

Desviei o olhar para baixo. Usava jeans normais, nada especial. Eu gostava porque tinham um pouco de lycra e os vestia sem que me marcasse o Michelin<sup>3</sup> na cintura.

— Bonita blusa — comentou antes de dar a volta para pendurar os casacos no gancho de aço que tinha na porta.

---

<sup>3</sup> Alusão a marca de Pneus. Porque não marcam seus pneus.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Sorri como uma tola. Usava uma blusa cor bordo medieval que ressaltava muito e tinha muito decote. Digamos que tenho boa dianteira e que naquele momento estava firme e disposta. Sempre pensei que tenho seios bonitos, e parecia Noah opinava igual.

— Há algo que tenho que fazer antes de poder falar com você — disse voltando para meu lado.

Abri a boca para perguntar o que era, mas não consegui dizer nenhuma palavra. O que tinha que fazer era me beijar, e muito bem, se permite acrescentar. Noah tinha lábios suaves e quentes, nada exigentes nem insistentes. Mas meu coração acelerou ao notar seu sabor. Ele tomou seu tempo, me saboreando. Foi um beijo comprido e ardente, desses que dizem *temos toda a noite pela frente*.

Quando por fim se afastou, beijou a ponta do nariz.

— Tinha que fazer.

Sorriu e eu devolvi o sorriso.

Deu-me uma Coronita e logo fomos à sala, onde tirei as botas, apesar de que ele insistiu em que não precisava. Educaram para que acreditasse que estava mal entrar na casa de alguém com os sapatos.

Sentamos no sofá, um enorme de microfibra cor chocolate, que me envolveu todas as curvas do corpo. Maravilhoso. Noah se sentou em um extremo e eu em outro. Voltamos para nos olhar. Nossos joelhos se tocavam.

— Tem uma casa linda — disse.

— Obrigado. — Desviou o olhar para a cerveja que tinha na mão e logo a deixou de lado— Olha, queria falar sobre o que aconteceu a outra noite...

— Eu também — soltei eu, interrompendo o que certamente ia ser uma desculpa.

Ele me olhou durante uns segundos antes de assentir.

— Veio a meu sonho por uma razão. Qual?

Como se uma nuvem negra se abatesse sobre mim, lembrei a visita da polícia à clínica para me comunicar que Nancy Leiberman morreu.

— Queria dizer que recebi o presente de Karatos. Matou uma de minhas pacientes.

Noah ficou atônito, e logo horrorizado. Ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

— Merda.

— Eu que o diga.

Pegou a cerveja que deixou sobre um descanso, em cima da mesa. Depois de um gole, segurou a garrafa em seu colo e me olhou.

— O que quer essa coisa de nós?

— Não sei. Possivelmente interessa porque é um sonhador lúcido, uma fonte de energia. Mas não sei o que quer de mim, talvez procure vingar de meu pai.

— Como podemos detê-lo?

— Não estou segura. — Mas logo ia averiguar.

— Genial. — deu uma palmada na coxa e ficou em pé. Logo se aproximou de uma das





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

janelas e ficou olhando a noite e as luzes que brilhavam no céu.

— Né, ao menos está vivo — disse como uma tola. Era mais do que podia dizer de Nancy Leiberman.

Noah me fulminou com o olhar.

— OH, obrigado, doc. Já me sinto muito melhor. — Negou com a cabeça— Estou cansado de que essa coisa brinque comigo.

— Eu também. — Vá se estava. Supunha que eu tinha que destruir o Terror, ou ao menos dar uma surra, e não tinha nem ideia de como fazer. O único que queria era recuperar minha vida.

— A você Karatos não tem feito nada? — perguntou ele, desafiante.

— Violou-me. — Não pude calar mais a verdade.

Noah ficou quieto como um animal diante dos faróis de um carro.

— O que?

Se cheguei até ali, bem podia seguir adiante.

— Em um sonho. Não pude impedi-lo. — Não ia reconhecer que o Terror me obrigou que eu gostasse. Isso era algo muito pessoal e que preferia esquecer.

Noah retornou ao sofá com o rosto desencaixado pela angústia. Deixou a cerveja na mesa e se sentou a meu lado. Não tratei de detê-lo quando me abraçou, mas sim permiti que grudasse a seu torso e me rodeasse com seus maravilhosos braços.

— OH, Deus, Dawn. — Fechei os olhos para ouvir meu nome em seus lábios. Não chorei pelo que fez Karatos. De fato, o único que senti foi raiva, mas ao ver como Noah se preocupava comigo, me fez um nó na garganta. E quando me beijou a testa, os olhos encheram de lágrimas.

— Está bem? — murmurou junto a meu cabelo.

Assenti e sua camisa roçou a bochecha. Era muito agradável. Muito, muito agradável.

— Sim.

— Mataria esse bastardo, se soubesse como.

Dizia a sério, e me emocionei muitíssimo. Mas não queria que Noah me visse como uma vítima, assim que me afastei e sentei erguida, mas não me afastei dele.

— Obrigado.

Noah não pareceu incomodar que eu tivesse dado o abraço por terminado, simplesmente se limitou a colocar uma mão em cima de uma de minhas coxas. Foi um gesto reconfortante mais que sexual.

— Como... como pode fazer essas coisas sem que seu pai se inteire?

— Não sei.

Olhou-me durante um segundo.

— Há alguém mais, além de Morpheo, que possa saber como matar a essa coisa?

Antwoine. Por que não me ocorreu antes?

— Há um idoso com quem poderia falar. Irei vê-lo amanhã.

Noah não parecia ver claro, algo que deduzi porque vi levantar uma sobrancelha.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Um idoso poderá fazer o que não conseguiu o deus dos sonhos?

Esbocei um meio sorriso.

— Não sei, mas sabe muitas coisas sobre os oniros, e no passado conseguiu escapar de meu pai. Possivelmente saiba o que está fazendo Karatos para que Morpheo não o encontre.

— De acordo.

Ficamos em silêncio durante uns segundos, até que eu perguntei algo que deveria ter perguntado há muito tempo.

— Noah, você entrou em seu sonho a noite da clínica. Como fez?

— Não sei. Aquele Terror estava dando uma surra e lembro que pensei que não queria morrer diante de você. E depois apareceu a meu lado.

— Assim que o único que fez foi pensar em mim?

— Suponho que sim — respondeu antes de beber um pouco mais de cerveja.

— Se Karatos retornar, quero que volte a tentar. O Terror não poderá contra os dois de uma vez.

— Isso acha? — perguntou sarcástico.

— Eu sou um Pesadelo — respondi com mais segurança em mim mesma da que sentia— Se supõe que posso dar uma surra a essa coisa sem me alterar.

— Supõe?

— Posso fazer os mesmos truques mentais que ele, mas não sou boa brigando.

Os olhos de Noah iluminaram pela sede de vingança, ou ao menos esperei que fosse por isso.

— Eu posso ajudá-la.

Esperava que dissesse isso.

— Ensinará a brigar?

— Tenho as chaves do ginásio de Warren. Podemos começar amanhã, se quiser.

— Quero. — Podíamos começar a treinar neste mundo e logo nos mudar ao dos sonhos. Seríamos como Neo e Morpheo em Matrix.

O brilho dos olhos de Noah mudou e ficou mais quente ao me olhar. Sabia o que ia acontecer a seguir e coincidia com o que eu queria. Assim que seus lábios cobriram meus, rendi a seu doce sabor. Derreti em seus braços e deixei de pensar em tudo o que não fosse ele. Permiti-me acreditar que era uma garota normal e que Noah era um rapaz comum.

E acreditei nisso. Durante um momento.

Antwoine estava esperando no mesmo banco que a última vez.

— Para ser alguém a quem expulsaram do reino dos sonhos, está muito fácil me encontrar — comentei, ao me sentar a seu lado. Senti a madeira fria através dos jeans e desejei ter vestido um gorro. Antwoine usava um; de cor vermelha, amarelo e púrpura, com uma bola no alto.

A noite anterior, enquanto estava adormecida em minha cama, deixei uma mensagem em um sonho. Eu disse que estaria no parque e que precisava falar com ele.

Fiquei na casa de Noah mais ou menos uma hora e logo peguei um táxi. Beijamos no sofá,



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

mas depois de minha grande confissão tive a sensação de que ele não queria ultrapassar. E como eu tampouco estava segura que queria que fizéssemos amor, não me importou que se contivesse. Ele não parecia em nada a Karatos, e eu desejava muitíssimo, mas não queria me precipitar.

Os olhos cor chocolate de Antwoine procuraram os meus.

— O único que fez seu pai foi me mandar fora. Morpheo não pode me expulsar de todo o reino dos sonhos, ao menos, não sem manchar as mãos de sangue.

Alegrou-me saber que meu pai não era um monstro.

— Por isso pode sonhar?

Antwoine assentiu, e logo acrescentou:

— E como é que me chamou como se fosse vender uma enciclopédia?

Pensei que eu gostaria de saber o que sonharia Antwoine, mas não perguntei.

— Pensei que preferiria que chamasse a que viesse sem avisar no meio de seus sonhos.

O idoso entreteceu os olhos e me olhou.

— Isso já fez com alguém e não se saiu bem.

Desviei o olhar para minhas botas e enfiei as pontas na grama.

— Mais ou menos.

Antwoine riu, uma risada rouca e em cascata. Tive a sensação de que se compadecia de mim, mas não de que gozasse.

— O que aconteceu? Foi ver os sonhos de seu homem e estava sonhando com outra mulher?

— Não! — Fulminei com o olhar, mas e se acontecesse? Deus, teria sido horrível. Odiava dizer, mas teria incomodado muitíssimo mais ver isso que a cena que presenciei. Voltei a olhar as botas— Não gostou que aparecesse assim sem mais.

— Ninguém gosta. Imagine o que faria você se alguém se metesse em seu mundo particular sem avisar.

Como Karatos. Merda. Entrou no sonho de Noah igual o Terror fez comigo e com ele. Não era de estranhar que se zangou tanto. Sou uma idiota.

— Vamos, não fique triste — me animou Antwoine— Não foi tua culpa, só estava fazendo o que é natural para uma criatura de sua espécie.

Minha espécie. Não disse como se fosse um insulto, mas me senti como se fosse um inseto estranho.

— Não voltarei a fazer.

Ele riu, e nesta ocasião já com humor.

— Pois claro que voltará a fazer. Tanto se seu companheiro aceita como se não. Amar uma succubus não foi nada fácil. Não posso nem imaginar o que tem que ser ter uma relação com uma marae.

Marae, a palavra antiga para descrever o que sou. Com o passado do tempo, essa palavra se confundiu com Mara, que faz referência a uma espécie de demônios perversos, o que conduziu a acreditar que os Pesadelos eram seres malvados, em vez dos guardiões que são na realidade.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Sabe muito sobre o mundo dos sonhos — disse.

Antwoine assentiu devagar.

— Estava acostumado há passar muito tempo ali antes que seu querido papai me jogasse a chutes.

Meu papai. Este não gostou da relação de Antwoine com a succubus. E tampouco gostava que eu estivesse com Noah, apesar de que nos só estávamos começando. Tomaria Morpheo medidas drásticas se minha relação com ele ia mais além? Nem sequer tivemos um encontro como Deus manda e já estava pensando que possivelmente jamais chegássemos a estar juntos.

Não ia permitir que meu pai se metesse em minha vida dessa maneira. Chegado o momento, enfrentaria com ele. Mas se queria que Noah seguisse vivo o tempo suficiente como para que pudéssemos chegar a algo, antes tinha que me encarregar de Karatos.

— Sabe como matar um Terror?

— Não, pequena, não sei. — Os olhos do idoso se fecharam nos meus— Seu instinto não diz nada?

Meu instinto? Ah, sim, meu infalível instinto.

— Já sei que em teoria teria que poder me encarregar dele. Já sei que deveria saber como eliminá-lo, mas não sei.

— Tem que aprender. Deve assumir o que é e descobrir quais são suas habilidades.

Merda.

— Mas em caso de que eu não possa, Morpheo sim poderia, não? — Não sentia bem suspeitando que meu pai pudesse estar comprometido na violação de Karatos, mas vi o Terror no mundo dos sonhos com meus próprios olhos. Em seu reino, o poder de Morpheo era ilimitado. Como podia ter escapado Karatos então?

— É possível que o Terror averiguou como esconder e que seu pai não possa encontrá-lo.

— É possível?

— Não é fácil — respondeu, negando com a cabeça— Os únicos que vi fazer são as succubus. Envolvem com mantos de força vital, assim foi como minha amada se escondia quando estava comigo. Quando Morpheo saía para procurá-la, só me detectava. Exceto a noite em que nos encontrou.

Mas essa história seria melhor deixar para outro dia, apesar do muito que coçava a curiosidade.

— Ela se envolvia com sua força vital? — Soava horrível.

— Era uma succubus, menina. Isso formava parte de seu trabalho.

Não perguntei no que consistia esse trabalho. Não queria saber.

— Necessito sua ajuda. Você sabe muito sobre o reino dos sonhos, sabe as coisas que Morpheo não quer contar.

— Tem seus motivos.

Tratei de ignorar o comentário. Antwoine odiava meu pai, e era lógico que opinasse que Morpheo era pior, ou igual, que um rato traidor. Eu tampouco tinha muita boa opinião de



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Morpheo, ou isso me dizia.

— Vai ajudar? — perguntei— Vai explicar tudo o que ele está ocultando?

Era uma proposta tentadora; ajudando-me, Antwoine estaria devolvendo a Morpheo.

Claro que possivelmente também poderia me utilizar para fazer mal a meu pai. Não podia confiar em nenhum dos dois, mas precisava de ambos.

Antwoine tomou um momento para pensar, e então iluminaram os olhos.

— Ajudarei com uma condição.

OH-OH.

— Qual?

— Que encontre minha Madrene. Encontra-a e diga que eu... diga que estou bem.

Sua succubus. Isso podia fazer, é obvio que podia fazer.

— Tenha por feito. Vai contar tudo o que sabe?

— Tudo — assentiu.

— Genial. Quando começamos?

Sorriu-me, mostrando todos os dentes, e tirou uma adaga que estava oculta sob o casaco.

— Que tal agora mesmo?

## **CAPÍTULO 12**

Fiquei petrificada. A folha de sua adaga brilhou a luz do sol.

— Baixa a faca, Antwoine.

Ele riu ao detectar como estava assustada.

— Não vou fazer mal, tola. Estou dando de presente a adaga — disse, e para demonstrar que era verdade, ofereceu-me a arma pelo punho (o que me fez sentir como uma idiota).

Olhei a meu redor antes de aceitá-la. Havia bastante gente no parque, mas ninguém prestava atenção à garota branca alta e o pequeno homem negro que estavam falando em um banco e passando uma adaga.

A folha da adaga estava muita afiada. O punho carecia de adornos, à exceção de uma grande pedra lunar ovalada que tinha incrustada. Quando meus dedos se fecharam ao redor da manga, a pedra ficou justo por cima. Ajustava para mim à perfeição. De fato, notei como o punho de osso esquentava sob minha palma e soube que era porque a adaga sabia que por fim encontrou sua proprietária.

— É uma adaga marae — me explicou Antwoine respondendo à pergunta que eu não cheguei a formular— Fabricam especialmente para os Pesadelos.

Por isso se ajustava tão bem a mim. Não podia deixar de olhá-la. Meu pai falou dessas adagas. Girei para um lado e logo para o outro, admirando como se refletia a luz naquela maravilhosa pedra.

— Como a conseguiu?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Ele me passou a vagem.

— A roubei de um dos Pesadelos que seu querido papai mandou para que me *escoltassem* fora do reino dos sonhos.

O comentário me fez levantar o olhar. Por isso não vi antes nenhuma arma como aquela. Só os Pesadelos que formavam parte da Guarda tinham direito a brandir, e eu não era.

— Supõe-se que os Pesadelos têm que proteger os sonhadores. — Tinha o pressentimento de que aquela adaga não pertencia ao mundo dos sonhos. No mundo dos humanos, os objetos oníricos acabam deteriorando-se. Fosse quem fosse o que a forjou, não era humano, mas tampouco uma criatura onírica.

Antwoine me olhou como se fosse tola.

— Supõe que os Pesadelos têm que obedecer a seus criadores.

Essa era uma das coisas que me diferenciava do resto dos Pesadelos. Morpheo podia me ordenar o que tivesse vontade, mas não podia me obrigar a obedecê-lo.

O idoso leu meu pensamento.

— É seu pai, e estou convencido de que quer e deseja o melhor para você. Mas igual ao resto dos pais, está convencido de que sabe melhor que você o que convém. Mais certo que ande com olho aberto.

Embainhei a arma e coloquei na mochila. Antwoine me olhou divertido.

— Tem ideia de como dirigi-la?

Devolvi o sorriso.

— Não precisa. Essa adaga fará o que eu peça. — Sabia com a mesma certeza que sabia meu número de sapato.

O sorriso dele se estendeu.

— Vejo que começa a falar como um Pesadelo. Eu gosto assim.

Inchei como um pavão completo. Importava-me enormemente a opinião de um homem cuja estabilidade mental estava em interdição. E igual sabia que a adaga marae me obedeceria, sabia que Antwoine Jones ia desempenhar um papel importante em minha vida.

Olhei a hora.

— Tenho que ir. — Faltava meia hora para meu encontro com Noah, e queria comer algo pelo caminho.

Antwoine ficou em pé comigo.

— Se cuide, pequena Dawn. Chame-me se necessitar algo, o que seja. Ouve?

Eu sou uma pessoa impulsiva por natureza, inclusive compulsiva às vezes. É algo que trato de manter sob controle, mas essa manhã lancei a cautela pela janela e cedi ao impulso de abraçar aquele pequeno idoso que cheirava a chá e a aftershave.

— Obrigado — murmurei antes de soltá-lo — Possivelmente tenha que fazê-lo muito em breve.

Ele me deu uns golpes nas costas e sorriu.

— Ali estarei. E agora vai. Não quer chegar tarde a seu encontro com seu namorado.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Não sabia como adivinhou que ia ver Noah, e não perguntei. Despedi com um gesto da mão e me afastei caminhando. Corri pela Oitava para ver se pegava o metro a tempo e comprei um cachorro quente pelo caminho. Estava muito bom, igual a todas as coisas que são ruins para o corpo.

Não cheguei tarde ao meu encontro. Inclusive tive tempo de olhar no espelho e assegurar de que não tivesse um bigode de mostarda, antes de tocar a campainha de sua casa. Tinha as bochechas e o nariz rosados pelo frio, mas não podia fazer nada para remediá-lo. Essa manhã não me maquiei muito, pensando que correria com o suor. Só usava um pouco de rímel e um pouco de brilho de lábios. Supus que Noah não importaria.

Abriu a porta do ginásio descalço, usava uma camiseta de algodão cinza e calças de pijama/chándal com o símbolo do Batman. Pareciam muito cômodos.

— Olá — saudou com um sorriso que iluminou os olhos.

Devolvi o sorriso. Sempre que Noah me olhava assim, sentia como uma menina pequena.

— Olá. Bonitas calças. Complexo de super herói?

Seu sorriso se alargou e se afastou um pouco para me deixar entrar.

— Minha irmã me deu de presente. Acredito que o complexo é dela.

Não permiti que a menção da pequena harpia me danificasse o bom humor.

— Entra — disse — mostrarei onde pode se tocar.

Segui-o através do amplo local. O chão era de madeira polida e em alguns lugares estava muito gasto. Um espelho ocupava uma parede inteira e as outras estavam pintadas de cor verde clara em vez do habitual branco. Cheguei à conclusão de que o branco provavelmente sujava mais rápido. No teto havia trilhos com luzes que iluminavam como o sol.

Na parte posterior vi um corredor. Noah me conduziu por ele, passamos pela frente de uma porta que dizia *Escritório* e paramos diante de outra que dizia *Mulheres*. Dei obrigado e entrei para me trocar.

*Se você pegou esse livro no blog "Romances Sobrenaturais", da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo.*

*Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar um dos pedidos que fazemos: "A não divulgação desses livros (séries compradas por editoras no Brasil) em blogs abertos".*

*Ela quer que vocês fiquem sem os livros!!!*

*E vocês estão colaborando com isso, ao participarem do blog dela.*

*Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de terceiros que somente prejudicam quem verdadeiramente faz o trabalho!*

Era evidente que Warren não tinha muitas clientes femininas. Só havia cadeado em quatro dos armários e o chão estava resplandecente. Embora não pensava comentar, não seria educado. De pequena, eu me inscreveria em aula de karate. Embora soubesse que era um lugar ideal para





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

conhecer meninos, teria feito rapidamente.

Dado que só estava eu, não me incomodei em entrar em um dos vestiários para me trocar. Mas sim me coloquei em um canto, no caso de Noah quisesse voltar. Não me importava que me visse meio nua, mas preferiria que acontecesse em um quarto com menos luz, e depois de que ele tomasse uma ou duas cervejas.

Pus uma calça de moletom e uma camiseta e preendi o cabelo em um rabo. Saí descalça em busca de meu senhor Miyagi particular. Pôr cera. Tirar cera. Sim, já sei que é o tipo do Karate Kid, mas eu pessoalmente prefiro Pat Morita por cima do Steven Seagal.

Noah estava sentado em um grande colchonete colocado no meio do chão do tatame. Tinha as pernas estendidas e estava estirando os braços. Sentei a seu lado e o imitei. Possivelmente a palavra *ginásio* não existisse em meu vocabulário, mas inclusive eu sabia que era importante estirar os músculos antes de fazer exercício.

— O aikido é uma arte marcial defensiva — me explicou, inclinando para frente até grudar o torso à coxa— Não é violenta. Consiste em neutralizar seu atacante sem devolver o golpe.

— E por que não vou devolver o golpe? — Não queria que Karatos ganhasse.

Noah esboçou um sorriso.

— Porque o que vai fazer é esquivar de seu competidor e esgotá-lo ao mesmo tempo. Devolver o golpe perturba a harmonia.

— Você alguma vez devolveu o golpe? — perguntei, e assim que vi que a luz se desvanecia de seus olhos, lamentei tê-lo feito. Aquela máscara de falsa serenidade que conhecia tão bem voltou a aparecer.

— Sim — respondeu sem mostrar nenhuma emoção— Mas primeiro tem que aprender a se defender. Mais adiante, se ainda está interessada, podemos praticar algumas técnicas de ataque.

Sim estaria. Interessada, quero dizer, e não só em aprender artes marciais. Noah tinha muita bagagem nas costas, possivelmente mais do desejável em um namorado, mas estava disposta a me arriscar. A pergunta que tinha que fazer a mim mesma era se queria que ele formasse parte de minha vida porque eu gostava tal como era, ou porque acreditava que podia cura-lo.

Possivelmente *curar* era uma palavra muito forte, mas não posso negar que tinha muita vontade de fazer, quase tantas como de transar com ele.

— O aikido consiste em utilizar a energia de seu atacante contra ele — explicou Noah quando nos pusemos em pé— Os movimentos são circulares, tem que utilizar os quadris e manter imóvel a parte superior do corpo.

— Por fim meus quadris servem para algo — brinquei.

Ele sorriu e, Deus, que sexy estava.

— Servem para muitas outras coisas.

Ruborizei.

— A parte superior do corpo imóvel — repeti.

— Exato. Se alguém tratar de bater, bloqueia o punho e o empurra para frente para que perca o equilíbrio. Trata de me pegar.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Fiz, mas devagar, no caso. O braço de Noah se interpôs a meio caminho e parou o meu sem me fazer mal — também se movia devagar — mas logo me puxou e eu não tive mais remédio que dar um passo para frente. Perdi o equilíbrio. Seria impossível bater e nenhum dos dois fez mal.

— Obviamente isto são tão somente as noções básicas — assinalou, enquanto me ajudava a me levantar. Senti suas quentes mãos em meus braços — Mas pode fazer uma ideia.

— Se o aikido for tão inofensivo e suave, por que colocou um colchonete?

Seus olhos negros voltaram a brilhar e procuraram meus.

— O aikido é inofensivo e suave, mas eu não.

Estava certa de que Noah estava brincando. Igual a estava certa de que me excitou.

Começamos a praticar pouco a pouco, um pouco mais rápido que antes. Como nos movíamos tão devagar, sentia-me pesada e torpe. Foi como assistir a uma dessas aulas de baile às que minha mãe me obrigava a ir de pequena com a esperança de que deixasse de tropeçar constantemente. Mas quando peguei o truque, ele acelerou seus movimentos e eu me senti mais segura de mim mesma.

Trinta minutos mais tarde, estava suando como um porco e respirando pela boca. Tinha as costas e o decote empapados de suor. Noah só me jogou no chão uma vez, e seguíamos nos movendo em círculos, com ele me dando instruções sobre o que tinha que fazer.

Isso durou até que me lançou no chão uma segunda vez. E uma terceira. Em algum instante entre essas duas *quedas* paramos e Noah me explicou como tinha que cair para não me fazer mal. A informação me resultou bastante útil.

A quarta vez vi vir e consegui enredar minha perna com a sua. Se ia voltar a cair, ele viria comigo. Não ia ser a única com roxos no traseiro.

Aterrissamos feitos uma confusão de extremidades, e não falo em plano sexy. Noah caiu em cima e fiquei sem respiração. Ele soltou um taco. Eu outro. Graças a Deus pelo colchonete; a não ser por ele provavelmente teria ficado inconsciente.

— Bem pensado — comentou ele, sarcástico mas sorrindo um pouco — , fez mais mal você que eu.

Tratei de sorrir, mas só saiu uma careta.

— Assim sou eu.

Noah se apoiou nos cotovelos, mas manteve o torso grudado ao meu. Podia sentir os batimentos de seu coração, cada uma de suas inspirações. Tinha uma das pernas entre as minhas, e tratei de ignorar a maravilhosa pressão que exercia sua coxa.

Desde tão perto, pude ver com clareza de que cor tinha as pupilas; de um tom apenas mais escuro que as íris. Jamais conheci ninguém com os olhos negros. Podia ver refletida neles. Deus, parecia um asco, embora Noah não parecia importar. Seu olhar percorreu o rosto e o único que vi na profundidade de seus olhos foi admiração. Eu gostei, apesar de que me preocupou um pouco. Sua atração para mim parecia muito repentina, e não terminava de acreditar isso Noah tinha sabor de pasta de dente; fresca e mentolada. Tinha os lábios suaves e não deixaram de mover até que os meus responderam. Devolvi cada beijo, cada dentada, e abri a boca para dar



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

acesso a sua língua, que a sua vez acariciei com o meu.

E, então, ele se rendeu ao rubor que tingia minhas bochechas sempre que faço exercício. Ou possivelmente fora o suor de meu lábio superior o que o seduziu. Fosse o que fosse, beijou-me, e nossas línguas começaram a dançar o tango. Suspirei mentalmente de prazer e deixei que fizesse com minha boca o que quisesse.

Noah tinha sabor de pasta de dente; fresca e mentolada. Tinha os lábios suaves e não deixaram de mover até que meus responderam. Devolvi cada beijo, cada dentada, e abri a boca para dar acesso a sua língua, que a sua vez acariciei com a minha.

O calor corria por minhas veias e o desejo crescia em meu estômago. Podia cheirar o sal que impregnava nossa pele; podia sentir a dureza do corpo de Noah grudado ao meu. Movi os quadris para que estivesse mais cômodo. Não sabia se me movia e ia em busca de sua ereção, ou me afastava dela.

Era óbvio que gostava de me beijar, esse não era o problema. O problema era que eu não sabia se seu interesse era genuíno ou se veio *influenciado* pela aparição de Karatos e de tudo o que o Terror representava. Por isso eu sabia, este poderia ter feito algo a Noah para obrigá-lo a se comportar desse modo. Karatos poderia estar utilizando-o para chegar para mim.

Que medo.

E quando o Terror desaparecesse, o que aconteceria a Noah e eu? Era evidente que tínhamos muito pouco em comum. O único que nos unia era que ambos tínhamos certo poder dentro do mundo dos sonhos. Estava disposta a correr o risco de iniciar uma relação com Noah, mas não queria ser a única que arriscasse. Como ia dar tudo a alguém que não estivesse disposto a fazer o mesmo?

Possivelmente eu não tivesse homens fazendo fila, mas sabia o que queria e não ia conformar-me com menos. Se Noah não me queria do mesmo modo que eu a ele, então era o sinal de que não estava preparado para ter uma relação, e então, do que serviria tentar?

A mão de Noah, com aqueles dedos fortes e firmes, foi subindo pelas costelas até o peito. Meu corpo estava ansioso de que alcançasse seu destino, mas meu cérebro sabia que não era boa ideia. Porque se me tocava assim, se queria fazer algo mais que me beijar, eu o permitiria. E ainda não estava preparada.

Empurrei-o brandamente pelos ombros apesar de que meus dedos se seguraram a sua camiseta. Noah levantou a cabeça e me olhou. Tinha as pálpebras meio fechadas e estava muito bonito, mas minha decisão era firme.

Deus, e ele também.

Não disse nada, seus olhos fizeram as perguntas. Ouvi sua voz em minha cabeça com tanta clareza como se falasse.

*O que acontece?*

— Não posso— disse— Aqui não. Agora não.

A pele dourada de sua testa enrugou.

— Não pode o que?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Noah podia fazer de tolo, mas eu não era nenhuma estúpida.

— Me deitar com você no chão do ginásio.

— Acredita que quero me deitar com você?

Arqueei uma sobrancelha.

— A não ser que isso que tem nas calças seja um pepino, sim, acredito.

Separou de mim imediatamente e o frio ocupou o lugar que antes ocupou seu calor.

— Isso pensa por sua conta.

Sim, e estava segura do que tinha em mente. Sentei e o olhei.

— Está dizendo que se tivesse deixado, não teria tratado de fazer nada mais?

Ele encolheu os ombros.

— Eu gostava do que estávamos fazendo. E acreditava que você também.

Essa era provavelmente a frase mais longa que ouvi.

— Eu gostava. É só que não quero que nos precipitemos.

Esse último não gostou. Deu conta de que atrás de minhas reticências havia algo mais.

— De verdade acha que transaria e desapareceria de cena?

— Não — afirmei nervosa. Ambos estávamos, obviamente— Acredito que esperaria que Karatos desaparecesse. — OH, isso não era o que quis dizer.

Noah empalideceu e eu pensei que foi muito cruel.

— Alegria saber que tem tão boa opinião de mim.

Levantou e eu fiz o mesmo.

— Noah, não é isso.

Olhou-me desafiante, com os braços cruzados sobre o peito.

— Então, o que é?

— Tenho que me concentrar em apanhar Karatos. Não posso me distrair. — De novo meti o pé até o fundo.

— Ou seja que sou uma distração — disse em voz tão baixa e fria que me arrepiou. Naquele instante, pareceu perigoso. Das duas uma: ou se fecharia, ou gritaria. E eu não sabia o que preferia.

— Não, é obvio que não.

— Pois o que sou?

Não pude responder. Que palavras podia utilizar? Dizia que estava meses apaixonada por ele e me arriscava a fazer ridículo? Como podia explicar que estava morta de medo de que ele pudesse ser o pilar de meu mundo sem parecer uma covarde?

Passou uma mão pelo cabelo e afastou uma mecha que caía sobre a testa.

Meu silêncio falou por mim. Noah acenderam as bochechas e fechou os olhos.

— Não necessito que me salve — disse, com a mesma voz fria de antes— Não quero ser uma patética vítima que sente que tem que resgatar e proteger.

Ao menos não me acusou de tentar *curá-lo*.

— Noah...



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Parou com um olhar cheio de amargura.

— Procura a outro que ensine a lutar para enfrentar Karatos. Uma vítima como eu não será de muita ajuda. Eu já resolverei isso sozinho.

Qualquer outra pessoa me disse isso, eu teria gozado da frase tão de mártir, mas assim que o vi afastando de mim, senti-me mal por ter jogado pela privada algo que começou de uma forma tão maravilhosa. Eu sabia que Noah não resolveria sozinho. Sabia que Karatos iria buscá-lo.

E quando o Terror o levasse com ele, seria minha culpa.

*Tolo é o que faz tolices.*

A partir desse momento a frase da mãe de Forrest Gump seria meu lema pessoal. A tola fez uma tolice. Assim me sentia por ter discutido com Noah. O único que pretendia era averiguar se de verdade gostava, se ficaria comigo quando tivéssemos solucionado o problema do Terror Noturno.

Porque eu não estava disposta a arriscar meu coração nem esbanjar minha energia por menos.

— Kleenex? — perguntou Lola, deitada a meu lado no sofá. Na televisão, Forrest seguia sentado junto à cama de Jenny, mas as duas sabiam o que ia acontecer a seguir. Tirei dois lenços da caixa.

Apesar de que vi esse filme mais vezes das que podia contar, seguia chorando quando Tom Hanks dizia: *Morreu num sábado.*

De fato, o discurso que soltava diante da tumba de Jenny sempre me fazia chorar como um bebê. E Lola igual a mim, o que explicava a caixa de kleenex que tínhamos em meio das duas no sofá.

Em momentos como esse é quando sinto falta da minha família. Por isso mesmo me nego a olhar as reposições da casa da pradaria. Emociono-me sempre que vejo e tenho vontade de voltar para casa e comer o pão que faz meu pai, e sim, de ver minha mãe.

De modo que minha irmã Joy não teria podido escolher melhor momento para ligar que aquele. Em vez de deixar que a chamada fosse a parar na secretária eletrônica, peguei o telefone, ansiosa por escutar sua voz, fosse qual fosse o assunto de conversa.

— Você esta triste? — perguntou-me ela depois de que eu a saudasse. Joy era a mais próxima a mim em idade, tão somente seis anos. Eu a considerava minha irmã, igual a todos outros, embora nosso pai biológico não fosse o mesmo.

Sorvi pelo nariz e soei.

— Não. Lola e eu acabamos de ver Forrest Gump.

A suave risada do Joy me chegou ao ouvido.

— Por isso parece como se estivesse chorando desconsolada?

Voltei a soar, mas agora estava sorrindo.

— Sim. O que acontece? — perguntei. Não é que precisasse que me ligasse para nada em concreto, mas não era próprio de Joy ligar só para dizer ola.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Ivy queria ligar, mas pensei que seria melhor que fizesse eu.

A bobeira que me dei ao ver o filme passou de repente e me assustei um pouco.

— Aconteceu algo?

— Não, tranquila. — Soube que a seguinte frase começaria por *mas*— Conseguimos que um especialista venha ver mamãe.

Franzi a testa.

— Que tipo de especialista? — Que eu soubesse, não havia nenhum nessa matéria.

— Ivy contou com um neurologista de Boston que aceitou o caso.

É obvio, Ivy. Não deveria me incomodar tanto. Minha irmã só estava preocupada com mamãe. Ela não sabia o que eu sabia; que estava esbanjando dinheiro — o dinheiro de papai— em fazer que voltasse uma mulher que não queria estar conosco.

— Já a viram três neurologistas diferentes — recordei— E nenhum serviu de nada. Ninguém sabe o que acontece. — Ninguém exceto eu, mas ninguém me acreditaria.

— Este agora tem uma teoria.

— Com certeza que sim. Quanto cobra?

— Cinco mil pela consulta e o tratamento.

— Deus. E papai está disposto a pagar?

— Ele tem tanta vontade como nós de que mamãe volte, Dawnie.

Eu não queria que voltasse.

— Sei.

— O neurologista de Boston acredita que o coma de mamãe pode ser psicossomático. Você sabe melhor que eu o que isso significa.

Merda. Possivelmente esse doutor não queria nos extorquir. Embora isso não significava que pudesse fazer que minha mãe voltasse para mundo real.

— E que acredita que pode fazer que os outros não tentassem?

Joy duvidou uns segundos antes de responder, como se tivesse que meditar suas palavras.

— Acredita que pode despertá-la.

## **CAPÍTULO 13**

Que diabo supunha que tinha que fazer eu então?

Depois de falar com Joy, sentei-me no sofá para meditar se deveria contar a minha mãe e a Morpheo os planos de minha família. Dado que de momento acreditava que eu estava por cima, e não queria fazer nada para que mudasse de opinião, a ela não podia perguntar. A Lola só contei que minha irmã entrou em contato com outro especialista e ela me disse que o que acontecia era que me dava medo me fazer ilusões. E em parte tinha razão.

Estava mal que uma parte de mim desejasse que esse neurologista fosse capaz de quebrar o feitiço dos braços de Morpheo? Minha mãe era feliz no mundo dos sonhos, mas eu queria que



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

desse a cara diante da família que abandonou. Queria que visse a dor que os — nos — infligiu.

Mas não desejava pôr em perigo minha estadia no mundo dos sonhos. E menos agora que tinha intenção de passar ali muito tempo. Pois se mamãe despertasse, possivelmente então Morpheo anteporia sua retomada à busca de Karatos. Ou algo muito pior, possivelmente queria vingar de toda minha família. Oxalá pudesse dizer que o conhecia o bastante para afirmar que não era tão mesquinho, mas não era o caso. Morpheo era um deus e é do conhecimento de todos que os deuses se comportam como crianças.

Isso ia ter que dizer. Não queria, mas logo seria o melhor. Por outra parte, o mais provável era que o especialista não conseguisse despertar mamãe. Meu pai era um ser muito poderoso no que correspondia aos sonhos, e duvidava muito que um simples mortal pudesse desafiá-lo.

Embora também podia estar errada. Se uma escória como Karatos conseguiu enganá-lo, possivelmente Morpheo não era tão poderoso como eu pensava. Fosse como fosse, parecia uma confusão e não podia falar com ninguém.

Lola decidiu tomar um banho, assim liguei a Julie para combinar o fim de semana. Ela e Joe iriam para fora da cidade na sexta-feira, assim no final ficamos para jantar quando voltassem.

Perguntei o que faria Noah no sábado de noite. Comigo não ficou, isso seguro.

Excedi-me com ele? Acaso não tinha direito ou seja se gostasse de mim mesma ou se estava sob o influxo de um ser sobrenatural? As pessoas normais não tinham esse tipo de preocupações.

Dei boa noite a Julie e fui deitar. Enquanto percorria o corredor ouvi Lola roncando brandamente em sua cama.

Troquei, vesti shorts e uma camiseta e deitei. Os lençóis estavam um pouco frios, igual ao quarto, mas me cobri até o queixo com o edredom e me encolhi debaixo. Logo esquentaria. Não havia nada melhor que dormir bem abrigada em um quarto fresquinho.

Em vez de recorrer ao sonho para entrar no mundo do Morpheo, decidi que tentaria obter o mesmo através da meditação. Devia cruzar o portal acordada. Ter que recorrer ao estado de sonolência para poder ir de um mundo a outro era uma das coisas que me impediam de alcançar meu pleno potencial; e que me dava certa desvantagem frente a meus adversários.

Esvaziei a mente, algo que não me resultou nada fácil. E logo imaginei que um calor muito agradável entrava pelos dedos dos pés e se estendia por todo meu corpo. Normalmente, quando chego a este ponto começo a pensar em outras coisas, mas esta vez consegui manter a mente limpa. Possivelmente ainda tinha alguma possibilidade. Quando o calor me saturou por completo, estava totalmente relaxada.

Abri os olhos, as pálpebras pesavam e custava enfocar. Havia uma luz prateada flutuando no ar. Vibrava com vida própria, igual ao brilho de um televisor penetrando por uma porta entreaberta. Era a entrada ao mundo dos sonhos. Possivelmente, a largura, poderia conjurá-la com um mero pensamento, mas no momento me sentia muito orgulhosa de mim mesma por ter chegado até ali. O único que me faltava era descobrir se podia entrar fisicamente no mundo dos sonhos.

Sentei-me na cama e levantei ambas as mãos. O calor derramou de meus dedos e foi para a





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

luz. Puxei a abertura e a abri completamente. Era como uma mariposa quebrando a membrana de seu casulo para emergir transformada. A metáfora não passou por cima. Se entrava no mundo dos sonhos, me transformaria; deixaria a Dawn Riley mortal atrás, e me converteria em uma criatura elegante e poderosa, não de tudo humana. Não me atrevi a seguir essa linha de raciocínio; pensar em mim como uma deusa era muito estranho. Inclusive para mim.

A *porta* se abriu o bastante para que passassem os ombros, assim entrei e empurrei até chegar ao outro lado. Assim que estive ali, vesti jeans, uma camiseta e tênis. Mais por meu próprio sentido da decência que outra coisa.

Encontrava-me no grande salão do castelo. Teria podido aparecer em qualquer dos aposentos particulares de meu pai, ou inclusive em uma das salas que ele me atribuiu, mas o salão me parecia mais impessoal. Não queria me familiarizar muito com o castelo, mas tampouco queria ficar fora, onde a névoa e outras coisas podiam me capturar.

Levantei o olhar e vi meu pai sair por uma das portas blindadas que havia no final do corredor. Embora usasse jeans e uma camiseta branca, estava claro que era o senhor do castelo.

— Parece saído de um anúncio do Abercrombie & Fitch — disse com um rastro de sorriso assim que estive o bastante perto para me ouvir.

— É exatamente o mesmo que me disse sua mãe — me respondeu sorrindo.

Essa frase mudou meu humor.

— Sim. Está por aqui? Tenho que falar com os dois.

A satisfação que se refletiu no rosto de Morpheo foi difícil de ignorar, mas tentei. Parecia, meu pai não percebeu que eu não gostava daquela reunião. Se quisesse me reencontrar com minha mãe, não diria com mais alegria?

Morpheo não se moveu. Nem sequer pronunciou uma palavra, mas um segundo mais tarde que eu houvesse dito que queria falar também com mamãe, esta apareceu pela mesma porta que ele acabava de sair. Estava muito bonita, com uma calça branca de caxemira e um pulôver de pescoço alto sem mangas. Afastei o olhar de seu rosto esperançado. Ardiam os olhos.

— Quer falar conosco, Dawn?

A olhei de lado, foi o máximo que consegui.

— Sim. Joy me ligou faz um momento.

Morpheo se voltou para minha mãe.

— Uma de suas filhas?

— Não a conhece. — Minha boca ia ser minha perdição— Ela tampouco sabe nada sobre você.

Meus pais deram a volta olhando para mim ao mesmo tempo e o peso de seus olhares reprovatórios quase me esmaga. Suspirei.

— Como vai? — perguntou minha mãe com a cabeça bem alta.

— Está bem. Seus netos também. — Toma.

— Sei. Morpheo me mostra seus sonhos.

Olhei meu pai.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Que detalhe de sua parte. — Como podiam pensar que bastava espiando seus sonhos?

Ele ficou sério e abriu a boca para dizer algo, mas eu o impedi.

— Ligou para me dizer que encontraram outro especialista. Um neurologista.

Minha mãe não se preocupou.

— Já me viram vários.

Eu não gostei que estivesse tão segura de que não fossem conseguir nada.

— Este não vai tratar como se estivesse em coma. Está convencido de que o coma é induzido por você mesma e diz que pode despertar.

— Não poderá — respondeu Morpheo.

Que ele estivesse tão certo me incomodou ainda mais.

— É que nem sequer se preocupa um pouco?

Minha mãe deu um passo para mim.

— Dawn...

— Sua família sente falta de você. — Levantei uma mão para que não se aproximasse— Se gastaram milhares de dólares em médicos porque querem que retorne, e você nem sequer é capaz de tratá-los com o respeito que merecem. — Senti um nó na garganta— Acreditam que foi roubada. Não têm nem ideia de que foi porque quis.

Deu outro passo para mim e, apesar do zangada que estava, as lágrimas começaram me nublar o olhar.

— Dawn, tive que pensar em minha felicidade.

Assim que me tocou, retrocedi. Não queria que me roçasse sequer.

— E o que me diz de papai, de seu marido? Deixou que vivesse enquanto você está aqui, fodendo seu amante.

Morpheo ficou tenso e lançou um olhar que certo que fazia tremer à maioria dos mortais.

— Não fale assim com sua mãe.

— Não se meta. — Devolvi o olhar— Você não tem direito de brincar de família, não quando tudo isto é tua culpa.

— Eu nunca quis fazer mal a ninguém — se defendeu minha mãe com o rosto contraído— Não tinha mais remédio.

Quando pensei no muito que sentiam falta de minhas irmãs e meu irmão, no muito que sentiam falta de seus netos...

— Poderia se suicidar. — Cruel mas certo.

Ambos ficaram olhando como se não pudessem acreditar que houvesse dito isso. Mas não me detive aí.

— Os mortos podem entrar no mundo dos sonhos, inclusive eu sei isso. O que passa é que é uma egoísta.

Minha mãe derrubou, e o rosto de meu pai empalideceu ao mesmo tempo em que o meu enchia de lágrimas.

— Fui uma estúpida ao vir aqui — soltei— Uma idiota ao pensar que poderia fazer isto. Não



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

posso suportar o que faz a seus filhos. Não posso suportar saber a verdade. Não posso suportar ver.

— Já é suficiente — conseguiu dizer Morpheo.

Sequei os olhos com o dorso da mão.

— Tem razão, é. Mantereí minha parte do trato e virei aqui até que capturemos Karatos, mas depois não voltarei nunca mais. Não vou trair minha família do mesmo modo que fez ela.

E então, igual à protagonista de uma novela ou de um filme, girei sobre meus calcanhares e fui para o portal que conduzia a meu dormitório sem olhar atrás.

Apesar de que queria fazer.

Não olhei para trás, mas retornei ao mundo de Morpheo. De fato, Fiz essa mesma noite. Foi inevitável. Assim que derrotou o sonho (eu ficava adormecida tão facilmente como qualquer outro mortal, embora as visitas ao mundo onírico me ajudavam a recuperar forças igual a uma sesta), deixei levar ao reino de Morpheo e não tratei de criar meus próprios sonhos.

Precisava ir a algum lugar tranquilo para pensar. Algum lugar onde me sentisse cômoda, segura e em paz. Não me surpreendeu que o mundo que havia a meu redor desaparecesse, nem que seu lugar o ocupasse a praia que havia perto da casa de minha avó na rural Nova Escócia. Ali passei a maioria dos verões de minha infância.

Sentei-me em um montículo arenoso em cima de uma pedra. As árvores se levantavam inseguras e cravavam suas raízes na pedra avermelhada para não precipitar para a praia. Em uns poucos anos, os bordos e as árvores de folha perene perderiam a batalha contra a erosão.

A brisa me despenteou e a notei quente e salgada, limpa e fresca. A maré estava alta. Ainda não alcançou o final da areia, como fazia quando devorava a totalidade da praia. Esse dia eu não ia permitir chegar tão longe.

Sentia um grande respeito por aquele mar, por suas mudanças de humor e sua natureza imprevisível. Ouvi histórias sobre gente que ficou presa na praia ao subir a maré, de navios que se afundaram, de crianças que se afogaram. Eu nadei naquelas ondas geladas e sabia que, se fazia calor, a maré da tarde era a melhor, porque o sol a esquentou. Possivelmente ficasse até que a maré retrocedesse e assim poderia passear pela areia. Poderia procurar moluscos e os cozinhar ao vapor em uma improvisada fogueira.

De momento, conformei-me estando ali sentada de short e meu pulôver. Estava descalça e o sol esquentava a pele e fazia resplandecer a água como se estivesse cheia de pequenos cristais. Naquele lugar a vida era maravilhosa. Tranquila. Eu era uma mulher insignificante em meio de uma praia deserta. Nunca vi mais de doze pessoas ali ao mesmo tempo, e de pequena considerei meu refúgio particular. Voltei a ter essa sensação.

O som de umas pegadas que se aproximavam me inquietou, e levantei a cabeça. Esperava me encontrar com Morpheo, ou alguém pior: minha mãe. Mas me surpreendeu ver Verek.

Genial.

Estava vestido com shorts de surf cor vermelha, camiseta branca e sandálias negras. Estava



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

moreno e muito atraente com seus Ray-Ban e um cordão de couro ao redor do pescoço de que pendurava um dente de tubarão.

Com o do dente de tubarão passou. Verek sorriu, ou possivelmente foi só uma careta, quando fez esse comentário, mostrando sua resplandecente dentadura.

— Eu mesmo o arranquei do tubarão.

Com certeza que sim. Pobre tubarão.

Verek olhou a seu redor e levantou o rosto para o sol.

— Bonito lugar.

Não disse nada, supus que o silêncio era resposta suficiente. Não queria falar de mim ou de meus sentimentos com um tipo que provavelmente era um espião de meu pai. Além disso, não sabia se foi me procurar para falar ou para me dar outra surra.

Ele não se deixou intimidar por minha falta de conversa.

— Tem que saber que Morpheo está fazendo tudo o que está em suas mãos para encontrar Karatos.

— Ah, sim? — Girei a cabeça para ele — Como sabe?

— Porque me encarregou que eu procurasse pessoalmente.

Fiquei observando durante um minuto. Verek colocou os óculos na cabeça para que pudesse ver os olhos, e deixou que esquadrinhasse seu rosto em busca de mentiras tanto momento como quisesse. Não encontrei nenhuma.

— Então, por que não está fazendo? — perguntei, afastando o olhar de novo. Sentia tão encerrada em mim mesma como um caranguejo em sua carapaça.

— Porque encontrei você.

Suspirei. Levantei os joelhos, rodeei com os braços e descansei o queixo em cima.

— É amigo de meu pai ou um de seus lacaios?

— Nenhuma das duas coisas. — Verek não mordeu o anzol.

— Por que está sendo tão amável comigo?

Ele fechou os olhos e girou aquele espetacular corpo para mim. Tinha o rosto sério. Que surpresa.

— Será melhor que coloque uma coisa na cabeça, princesa: este mundo não tem nada de agradável. Não vai conhecer gente simpática, o que conhecerá será gente que seja leal e gente que não. Eu sou leal a Guarda dos Pesadelos, mas também a seu pai, e por isso sou leal a você.

Engoli saliva.

— Então, por que tentou me matar?

— Estava pondo a prova. A Guarda tem que saber qual é seu potencial.

Soava muito sério, assim evitei fazer mais pergunta.

Depois de uns segundos de silêncio, Verek voltou a falar.

— Morpheo teve que suportar muitas críticas devido à relação que tem com sua mãe.

— Me alegre.

— E também por você.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Esse comentário dito em voz baixa captou minha atenção. Voltei à cabeça e olhei seus olhos claros. Não estava surpreendida, Karatos já me insinuou algo pelo estilo.

Verek manteve o rosto impassível.

— Não é nenhuma estúpida. Você sozinha pode imaginar por que sua mera existência causa certa... ansiedade em alguns círculos.

Assenti. Isso de ser única era um problema.

— Não deveria existir.

— Mas existe.

E isso era tudo. Que mais podia dizer?

— Por que acha que Morpheo resiste a apresentar para corte?

Nem sequer sabia que o reino dos sonhos tivesse corte. Não teria tido lógica que me contassem isso quando era pequena, e eu já fui dali quando essa informação teria adquirido certa relevância.

— Seu pai quer que se sinta cômoda em sua condição de Pesadelo, em sua condição de filha dele, antes de apresentar diante do reino.

— E seu trabalho consiste em assegurar de que não o deixo no ridículo, nem a ele nem a Guarda dos Pesadelos?

Fixei onde estava com seus aterradores olhos.

— Meu trabalho consiste em determinar se supuser um perigo para o mundo dos sonhos.

— E o que passará se sou? — Acaso não acabava de decidir que não faria perguntas cujas respostas não queria escutar?

Verek voltou a me sorrir do mesmo modo que antes e soube a resposta sem necessidade de que me dissesse isso.

Merda.

— Os inimigos de seu pai a utilizarão contra ele — respondeu sem perder a calma — Não posso permitir que aconteça.

Existia alguém que pudesse derrocar Morpheo? Aquele era seu reino. Sempre foi. Mas que houvesse certo descontentamento entre as criaturas oníricas não pressagiava nada bom. Eu não gostava de pensar que possivelmente eu fosse uma das causas de dito descontentamento. Eu não gostava de pensar que consequências podia ter isso para mim.

— O que eu posso fazer? — A menina petulante que habitava em meu interior se rebelava diante da ideia de fazer algo que pudesse ajudar meu pai, mas meu lado mais amadurecido, esse lado que não ia permitir que minha vida corresse perigo, ganhou a partida.

— Aprende a ser um Pesadelo — me respondeu Verek.

Arqueei uma sobrancelha.

— Por que não me terá ocorrido antes?

Ele sorriu ao perceber meu sarcasmo.

— Você não gosta de meu pendente de dente de tubarão? Pois desfaça dele.

Aproximei e levantei as mãos em busca do fechamento do pendente. Verek se afastou.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não. Não disse que tire isso. Disse que desfaça dele.

Por fim entendi. Acredito.

— Como? Com a mente?

— Você pode dobrar qualquer aspecto do mundo dos sonhos a sua vontade.

— Porque sou um Pesadelo?

— Porque é um Pesadelo e a filha de Morpheo.

Evidentemente, ainda tinha muito que aprender, porque não estava segura que existia alguma diferença entre o primeiro e o segundo; a não ser que ser sua filha me convertesse em um inseto mais estranho do que já era.

Maldição. Não seria lógico que estivesse inteirada de algo que me afetava tanto? Estava farta de me sentir como uma idiota em relação com aquelas coisas. Mas era como se eu mesma fosse incapaz de assumir a verdade; incapaz de confrontar todas minhas raridades.

Não queria ser um inseto estranho.

Afastei esse pensamento de minha mente e me concentrei no pendente do Verek. *Desfaça dele*, disse. Fiquei olhando o dente de tubarão e imaginei o aspecto que teria o pescoço de Verek sem o pendente. Avivei o pensamento e exigi ao pendente que desaparecesse.

Consegui. De repente, no pescoço de Verek só havia pele morena.

Sorriu.

— Excelente. — Levantou um braço e em seu pulso apareceram vários braceletes com dentes de tubarão pendurando— Volta a tentar, mas esta vez tratarei de opor resistência. Vá devagar, um bracelete atrás do outro.

Concentrei no primeiro bracelete e tratei de desejar que desaparecesse, igual fez com o pendente. Assim que exigi, notei a resistência de Verek opondo a meus desejos, me devolvendo o empurrão. Empurrei com mais força. Ele também.

Começou a suar a raiz do cabelo e os músculos e tendões do pescoço e dos ombros esticaram. Sentia uma pressão na cabeça. Minha única satisfação foi ver no rosto de Verek que também estava custando. Tentei com mais gana, embora tinha medo de que fosse explodir a cabeça.

Mas minha força de vontade não estava em minha cabeça. Minha força, meu poder particular, estava dentro de mim. Há quem o denomina alma, outros, uma intangível parte de nós mesmos: a essência. Alguns consideram como nosso documento de identidade; o primitivo instinto de sobrevivência. Chamem como querem, mas meu poder provinha de uma parte profunda de meu interior. Procurar o núcleo desse poder era como procurar meu diafragma ou isolar meus abdominais. Primeiro tive que encontrá-lo, e logo tive que averiguar como funcionava, mas assim que o obtive, pude sentir como a energia fluía em mim da cabeça aos pés.

E então lancei contra Verek.

Bateu com força. Houve um estalo de luz e, apesar de que eu era a responsável pelo mesmo, agachei para me proteger. Quando levantei, Verek estava aturdido, convexo na praia.

Nu.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Fiquei horrorizada, mas isso não impediu que risse. Com a mão tampando a boca, aproximei-me dele enquanto se sentava.

— Está bem? — perguntei.

Sem alterar por sua nudez e relativamente ileso, piscou um olho.

— Se queria me ver nu, só tinha que me pedir isso.

Essa brincadeira foi tão inesperada que ri e estendi a mão. Ele a aceitou e ficou em pé.

— Suponho que não me concentrei o suficiente em seus braceletes.

— Sua concentração não foi o problema — me informou enquanto sua roupa voltava a materializar— Acredito que o que temos que fazer é ensinar a controlar a força. Tem muito poder.

Apesar de seu rosto sério, o que deduzi que era sua expressão habitual, a adulação me fez sorrir. Melhor dizendo, deu esperanças.

— Sério? Acha que tenho muito poder?

Verek ficou muito sério de repente.

— Acredito que é muito poderosa, Dawn. E também acredito que agora deveria ser nosso segredo.

Assustei-me tanto que deu um tombo o coração.

— De acordo.

Mas então ele sorriu e vi que sobre sua pele apareceu um novo pendente com um dente de tubarão e vários braceletes.

— Ah, e não diga a ninguém que me viu nu.

Essa manhã teria preferido arrancar os olhos a ter que ir trabalhar. De fato, a julgar por meu aspecto, diria que tentei. Tinha os olhos vermelhos por culpa do estresse e esfreguei várias vezes enquanto resolvia a papelada e seguia com o relatório que encarregou o doutor Canning.

Tratei de não pensar no que aconteceu a noite anterior com meus pais. Já não podia fazer nada a respeito. Oxalá pudesse falar com Noah, mas provavelmente ele não quereria me escutar. Tinha que reconhecer que uma parte de mim queria fazer saber que passou grande parte da noite com outro homem; com um muito atraente embora aterrador. Que patético era que o homem ao que consegui despir não fosse o que queria.

Deixando isso de lado, Verek me ensinou a mudar alguns elementos do mundo dos sonhos, e a me concentrar e controlar minha força. Tinha a sensação de que deu um passo adiante, que logo estaria preparada para enfrentar Karatos, e estava agradecida por isso.

E assim disse quando nos separamos a noite anterior, antes que amanhecesse. Também disse que podia seguir sendo o laçao de meu pai e ser meu amigo ao mesmo tempo. Ele sorriu e me deu um abraço. Um abraço entre amigos. No momento só podíamos ser amigos, embora mentiria se não dissesse que naquele instante odiei Noah. Odiei por ser o homem que queria como algo mais que amigo, e porque seria muito mais fácil que esse homem fosse Verek.

Assim que me concentrei em meu trabalho e tratei de não pensar em minha mãe, nem em meu pai, nem em Verek, nem tampouco em Noah. Estava lendo um artigo sobre SUNDS e me





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

perguntando quantas dessas mortes teriam sido por causas naturais e quantas, obras de um Terror Noturno como Karatos, quando o doutor Canning bateu em minha porta. Soube que era ele antes de vê-lo, porque abriu sem esperar que desse permissão. Suponho que quando se é o chefe pode se permitir o luxo de ser mal educado, mas poderia me pegar com uma paciente, ou vestindo o sutiã.

— Dawn — me disse com sua voz tão estudada— tem um momento?

Fechei a revista e levantei um pouco.

— É obvio, doutor Canning.

Ele não se sentou, mas sim seguiu de pé. Estou convencida de que o fez para me intimidar.

Canning gostava desse tipo de coisas.

— Noah Clarke ligou esta manhã saiu do estudo sobre o sonho.

Senti uma pontada no coração. Merda.

— Ah, sim?

— Pensei que possivelmente saberia algo a respeito.

— E por que ia saber? — Mas sabia. Noah deixou o estudo por minha culpa, e me deu vontade de vomitar.

— Ouvi dizer que são... amigos.

Bonnie. Certo que não disse para me colocar em uma confusão, mas abriu a boca diante da pessoa errada. E a essa pessoa não perdeu tempo para ir contar ao doutor Canning.

— Isso não seria muito ético de minha parte — recordei inutilmente. Era mais fácil que reconhecer a verdade— Por não mencionar as consequências que poderia ter para meu próprio estudo.

— Mas explicaria por que o senhor Clarke saiu do estudo — insistiu o doutor Canning me olhando com atenção— Não disse nada?

Joguei para trás e enfiei os dedos nos braços da cadeira.

— Faz dias que não vejo Noah Clarke. — Isso não era de tudo mentira. Fazia muito tempo que não via Noah, e estava convencida de que não voltaria a vê-lo. Doeu me dar conta disso.

O doutor Canning assentiu devagar, como se minhas palavras dessem algo em que pensar.

— Estou preocupado por você, Dawn.

— Senhor?

— Seu trabalho piorou grandemente nas últimas duas semanas. — cruzou os braços— Há algo do que queira falar?

Sua boca estava dizendo uma coisa, mas sua linguagem corporal transmitia outra mensagem. O doutor Canning não queria inteirar de meus problemas. Não importavam o mínimo. O único que importava era sua clínica e sua imagem pública. A polícia o investigou como resultado da morte de Nancy Leiberman; nada sério, mas certo que não fez nenhuma graça. Era óbvio que iriam investigar a respeito disso. Ele ganhou muita notoriedade graças aos falecimentos pelo SUNDS, e também muito dinheiro. Era compreensível que Canning quera desafogar sua frustração com alguém, mas desejei que escolhesse outra pessoa.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não. — Até no caso que descobrisse a verdade de minha vida pessoal, não teria contado— estive distraída por uns assuntos de família. Não permitirei que voltem a interferir em meu trabalho.

— É por sua mãe? — perguntou-me com a testa franzida.

Para confiar da linguagem corporal.

— Sim. Minha família encontrou um médico que acredita que pode despertá-la.

Canning soprou.

— Despertá-la? Acaso acreditam que simplesmente está adormecida?

— Algo pelo estilo. — Não ia falar com ele sobre isso. Não ia permitir que o doutor Canning, por muito que fosse meu chefe, brincasse com minha família.

— Que tolice.

Fiquei em silêncio. Depois de uns segundos, ele percebeu de que não deu a razão e voltou a centrar sua atenção em minha pessoa. Mantive a expressão impassível.

À medida que se alargou o silêncio, um ligeiro rubor tingiu as bochechas.

— Bom, desejo o melhor, evidentemente, e espero que esses problemas não sigam afetando a seu trabalho.

— Farei o melhor que possa, doutor Canning — afirmei.

A julgar por seu rosto, deduzi que pensava que *o melhor que possa* não parecia suficiente. Começava a me faltar de tudo aquilo. Dedicaria à clínica tanto como fosse possível. Na semana seguinte expiravam as limitações de meu visto de trabalho, e então poderia procurar emprego onde quisesse. Assim que fosse oficial, começaria. Possivelmente inclusive antes.

Mas primeiro tinha que me encarregar do Terror Noturno. E proteger Noah dele, apesar de que estava convencida de que Noah tinha mais gana de ver Karatos que a mim.

— Sou uma estúpida — disse Bonnie dando um gole a seu Cosmo— Uma estúpida língua de trapo.

— Ora — disse, pescando a cereja que flutuava em meu Tom Collins. Bonnie terminou à mesma hora que eu e me convidou para tomar uma taça porque queria relaxar, não porque queria dar uma bronca. Ela estava jogando sozinha— Não é nenhuma estúpida. Mas língua de trapo não vou discutir. — Dei um gole, o coquetel ácido me fez cócegas na boca.

Ela sorriu agradecida e eu devolvi o sorriso.

— Sinto muito, querida. Se soubesse que Nadine contaria para Canning, jamais teria contado. É que me alegrava tanto por você...

Nadine era uma das bolsistas da clínica, e estava segura de que me considerava uma ameaça. Possivelmente gostava de Canning, ou pode que do que gostasse fosse meu posto de trabalho. Não importava.

Dei um gole, o coquetel ácido me fez cócegas na boca.

— Deixa de desculpar. Já disse que a perdoava.

— É que não posso acreditar que Noah tenha deixado. — Bonnie esvaziou a taça— Parecia



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

tão bom cara...

— Não foi culpa dele. Ao menos não de tudo — fui capaz de reconhecer atrás de duas bebidas— Abri a boca e disse um montão de bobagens.

Bonnie fez um sinal a um garçom para que nos trouxesse mais bebida.

— Noah teria que ter obstinado à possibilidade de sair com você.

— Sim, bom, mas não fez. — E de verdade que queria ser capaz de assumir. Noah e eu não estávamos saindo. Jamais tínhamos chegado tão longe, então, por que me sentia como se tivesse quebrado o coração?

Sob suas sombras de pálpebras cor champanha, os olhos azuis de Bonnie me olharam com lástima.

— Você gosta dele, não?

Foi como voltar para instituto.

— Sim — reconheci, consciente de que Bonnie, apesar de seu inicial deslize, não diria a ninguém— Gosto muito.

Eu gostava de Noah. Eu gostava de um cara que não queria ter nada que ver comigo. Alguém que saiu de um estudo da clínica só para não voltar a me ver. Assim sou eu: uma perdedora.

Bonnie deu tapinhas na mão.

— Passará, pequena. Já verá.

Um conselho muito prático. E nada romântico. Quis acreditar nisso apesar de que meu lado tonto insistia em que era impossível.

Ficamos no bar até as onze, e logo fomos cada uma para seu lado. O atordoamento produzido pelo álcool começava a passar e o único que queria fazer era ir para casa e entrar na cama. Fazia tempo que só pensava no Noah, e a verdade era que não queria seguir por esse caminho.

Entrei em meu apartamento e ouvi Lola gritar.

Serenei de repente e quase me esqueci de fechar a porta atrás de mim. O instinto me levou a colocar a mão no bolso do casaco em busca da adaga marae. Se alguém estava atacando minha companheira de apartamento, ia levar uma surpresa.

O coração ia acelerando à medida que me aproximava do dormitório de Lola. A porta estava parcialmente aberta e dei uma olhada antes de entrar.

Estava sozinha, sacudindo na cama. Levantava os braços para um assaltante invisível e gritava adormecida. Estava tendo um pesadelo.

Se estivesse em plena posse de minhas faculdades oníricas, teria podido me colocar em seu sonho e tranquiliza-la ali, mas como ainda era uma novata, pareceu muito melhor despertá-la.

Deixei a adaga na mesinha de noite e subi na cama. Meu equilíbrio estava ainda um pouco afetado pelo álcool e que Lola se movesse tão não me ajudou muito.

— Lola! — gritei enquanto tratava de segurá-la pelos ombros, mas meus joelhos não deixavam de escorregar pelo lençol e ela não parava de mover. Estava ficando quase impossível, mas no final consegui sacudi-la — Lola!



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Tremeram as pálpebras e logo as abriu para deixar descoberto uns olhos aterrorizados. Demorou uns segundos em enfocar o olhar.

— Dawn?

— Sim, sou eu — sorri.

Ela me abraçou agradecida e recostou contra minha generosa dianteira.

— OH, graças a Deus! Tive um sonho horrível.

Isso parecia. Sentei na cama e afastei um pouco, embora peguei as mãos para que não se sentisse abandonada.

— Quer falar disso?

Não duvidou nem um instante antes de começar a me contar isso.

— Estávamos em um local no centro, você e eu. E havia um cara muito bonito que queria dançar conosco.

Se Lola fosse um de meus pacientes, teria feito um montão de perguntas para tratar de averiguar o significado do sonho, mas agora o mais importante era que ela tirasse de dentro.

— E que mais?

Lola soltou as mãos e abraçou a um travesseiro.

— Começamos a dançar You Make Me Feel Like Dancing, de Leio Sayer, e foi genial. E então o cara a agarrou. — Enrugou a testa ao tratar de lembrar a cena— A segurou pelo pescoço e estava estrangulando. Você resistia, mas não servia de nada. Ele não a soltava.

Comecei a me preocupar.

— Continua.

O olhar de Lola procurou o meu e vi que tinha lágrimas nos olhos.

— Matou-a. Matou-a e o único que pude fazer foi ficar ali de pé, observando.

Abracei-a, o que resultou algo estranho, porque ela seguia obstinada ao travesseiro.

— Não passa nada. Só foi um pesadelo.

Que irônico.

— Também ia matar a mim. Dizia que você não poderia me salvar. Que viria me buscar e que você não poderia fazer nada para impedir. Eu sabia que foi, mas não podia dizer a ele.

Fiquei tensa. Essas palavras me resultaram Estranhamente familiares. Secou a garganta e me joguei para trás para poder olhar Lola nos olhos.

— Que aspecto tinha?

— Era muito bonito, mas com uns olhos muito estranhos, azuis com um círculo negro em seu interior.

Karatos. Afastei o olhar antes que Lola pudesse ver como estava assustada.

— Pareceu-me tão real... — sussurrou tremendo.

Eu sabia que foi, mas não podia dizer a ela.

— Quer dormir comigo? — Não me ocorreu outra maneira de mantê-la a salvo. Se aquele filho da puta fazia mal a minha amiga, cortaria as bolas.

Lola assentiu como se fosse uma menina pequena.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Sim. — Então riu— Certo que pareço muito imatura.

Dei um beijo na testa.

— É minha companheira, e acredito que é genial. Irei escovar os dentes e vejo em meu quarto.

Ela saltou da cama e eu fui ao banheiro para escovar os dentes e lavar o rosto. Antes de ir a meu dormitório, assegurei de que a porta estivesse bem fechada e com o fecho. Lola ficou adormecida a meu lado da cama. E suponho que se não estivesse tão morta de medo, teria rido ao vê-la.

Troquei e vesti o shorts e a camiseta. Entrei na cama e apaguei a luz. Fiquei deitada em meio da escuridão e me obriguei a dormir. Entrei no mundo dos sonhos sem necessidade de abrir nenhum portal. Não podia me arriscar a que Lola despertasse e visse. Ou, muito pior, não podia correr o risco de que me seguisse, sobre tudo sem saber o que podia encontrar do outro lado.

Sentei na praia, no montículo arenoso que ficava por cima da névoa que não deixava de sussurrar meu nome. Chamei Karatos e o desafiei a que fosse a meu encontro.

Esperei.

## CAPÍTULO 14

— Chamou, Pequena Luz? — O Terror Noturno emergiu de entre a profundidade da névoa como se os fios daquela massa cinza tivessem tecido o corpo. Não parecia nenhum truque. No mundo dos sonhos todo está formado pela essência onírica; moldes criados por meu pai.

Mas Karatos não parecia pertencer a esse mundo. Era muito estranho, porque todas as criaturas oníricas, todas as coisas relativas aos sonhos têm um aroma, não, melhor dizendo, provocam uma *sensação* especial. Em troca, no caso do Terror senti o mesmo que se estivesse vendo Lola. Quase me custou seguir furiosa com ele. Quase. Porque saber que aquele bastardo se escondeu atrás da força vital que roubou de minha amiga bastou para que minha raiva fosse maior.

— Surpreendeu que tenha vindo — respondi com a fúria e o medo mesclando em meu estômago.

Karatos esboçou um sorriso sardônico. Era muito atrativo, mas ao mesmo tempo dava asco.

— Se quiser me ver, só tem que me chamar. E quanto a sua amiga Lola — lambeu os lábios— morro de vontade de pôr as mãos em cima.

Revolveu-me o estômago e pensei que ia vomitar. Consegui me conter e ao mesmo tempo ocultar minha reação a ele. Certo que gostaria de saber que seu comentário me afetou muito.

— Genial — respondi tão sarcástica como pude— Tem o encanto e a classe de um universitário bêbado.

Karatos levou uma mão ao peito.

— Me fez mal — disse de brincadeira, mas detectei algo de verdade em suas palavras. Olhou



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

a nosso redor; primeiro o monte arenoso e logo a praia deserta— o mínimo que poderia fazer é conjurar um lugar onde pudesse me sentar.

— Não vai ficar tanto tempo.

Fingiu que estremecia.

— Vai chamar o papai?

Pensando bem, possivelmente sim deveria ter chamado Morpheo assim que Karatos apareceu. Mas tinha intenção de remediar meu engano imediatamente.

Entretanto ele adivinhou o que escondia meu silêncio, e antes que pusesse pensar o nome de meu pai me deu uma bofetada tão forte que lançou ao chão a vários metros de distância. O rosto ardia de dor ao tratar de ficar em pé, e os braços tremiam da adrenalina que circulava pelas veias. Karatos se aproximou de mim igual um lobo a sua presa.

— É patética — disse— Nem sequer sabe controlar a dor. Pensei que seria um competidor digno de mim.

Tinha razão. Teria que ser. O treinamento ao que me submeti até esse momento não me preparou para lutar ao mesmo nível que ele. Conseguiria com o passar do tempo e à medida que fosse ganhando experiência, e por agora não tinha nenhuma das duas coisas. Passou tanto tempo no mundo real que minhas habilidades oníricas ficaram intumescidas. Em que diabos estava pensando ao pedir que viesse para ver?

Gritei quando agarrou pelo cabelo e me pôs em pé. Enfiei as unhas nas mãos, mas teria que ter dado um chute nos ovos. Teria que ter sido capaz de arrancar os braços e as pernas.

— OH, quanto poder — gozou e eu cai chorando— Pode viajar entre os dois mundos e, apesar de tudo, é uma inútil em ambos. Não representa nenhuma ameaça para nós. — Me puxou pelo cabelo e logo me soltou, e eu caí para trás.

Levantei de novo e sequei as lágrimas bem a tempo de bloquear outro golpe. A dor subiu pelo braço com o que o fez, mas preferia isso a que me arrancasse os dentes. Karatos se surpreendeu tanto que demorou uns segundos em reagir, e eu os aproveitei para atacar. Enfiei o joelho na virilha, algo que nunca fiz a nenhum homem. Tal como esperava, Karatos caiu no chão e aproveitei para dar um murro no rosto.

— Deixa meus amigos em paz — disse com clareza apesar da adrenalina e a respiração entrecortada— Me entendeu, filho da puta?

Ele me respondeu dando um murro no estômago que me fez cair de joelhos e sem respiração. O murro foi seguido de um chute na cabeça que no mundo real tiraria a cabeça.

Estava caída no chão, convencida de que ia vomitar, quando ele se aproximou e se inclinou em cima de mim, apoiando uma mão junto a minha cabeça.

— Poderia matá-la — murmurou, acariciando a bochecha com a mão que tinha livre— Se supõe que tenho que fazer, mas eu gosto.

Supõe?

— Já — gemi eu— obrigado.

Karatos agachou um pouco mais e passou a língua pelos lábios, que estavam ressecados.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Tratei de afastar a cabeça, mas ao fazer notei uma explosão de dor sob as pálpebras.

— As coisas não têm por que ser assim — acrescentou com sua voz aveludada— Não quero fazer mal.

Procurei seus preciosos e arrepiantes olhos.

— E suponho que a Noah tampouco.

Sorriu. Realmente era muito bonito, mas inclusive seu sorriso estava cheio de veneno.

— A ele não quero fazer mal...no momento. É muito importante para mim.

Tive um horrível pressentimento e ignorei a ameaça velada para Noah.

— Em que sentido?

Karatos deixou de sorrir.

— Não, não. Já sabe que não vou dizer isso — Sei que poderia ensinar a descobrir todo seu potencial, Dawnie.

Não. Teria sido muito fácil.

— Se Noah for tão importante, por que não deixa de fazer mal?

— Às vezes, as pessoas fazem mal as outras que mais ama. Sua mãe sabe muito disso.

Por sorte, estava tão mal que aquele comentário apenas doeu.

— Você não sabe nada do amor. Não sabe nada de mim.

Ele acariciou minha bochecha com os dedos.

— Sei que poderia ensinar a descobrir todo seu potencial, Dawnie.

Fiquei olhando.

— Obrigado, mas já tenho mestre. Prefiro que me mate a que me ajude.

Encolheu os ombros.

— Como deseja.

Foi para trás e eu aproveitei para tirar a adaga marae. Não tinha nem ideia de como chegou ali a arma. Nem sequer sabia que a tinha comigo até que pensei no bem que seria tê-la, e então notei as fitas de couro da vagem ataram-se ao meu braço. Equilibrei sobre o Terror ignorando a dor de cabeça que ameaçou me deixar inconsciente e afundei a adaga no torso.

Cruzei os dedos para ter acertado em algum órgão vital.

Seus gritos ressonaram em minha mente e voltei a cair sobre o monte com um sorriso. Acertou.

Minha visão começou a melhorar e vi Karatos esforçando por manter-se em pé. Tinha a adaga enfiada debaixo do esterno. Maldição. Tinha o rosto pálido e estava tratando de arrancar a adaga. A adaga saiu fazendo um ruído asqueroso e ele levantou a cabeça para me olhar.

Merda. Agora sim que estava zangado. E estava armado.

A mão com que Karatos sustentava a adaga estava saindo fumaça. Supunha que só os Pesadelos podiam utilizar a arma, mas isso não significava que as outras criaturas não pudessem tocá-la; simplesmente a adaga fazia mais difícil.

la me matar, e de repente me dava conta de que tinha muita vontade de viver. Reagi sem pensar — algo que normalmente não estava acostumado a sair bem— , abri a boca e comecei a





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

gritar:

— Morpheo, Morpheo!

Karatos parou em seco e com o olhar procurou meu pai. Aproveitei para recuperar a adaga. Ele desviou os olhos para sua mão, agora vazia, e logo para mim, antes de correr atônito e incrédulo para a névoa. Esta o engoliu assim que saltou pelo precipício.

Morpheo apareceu de repente a meu lado e me tocou com cuidado.

— Dawn? Pelo Zeus, está bem?

— Não — balbuciei — não estou bem.

Ele me agarrou nos braços e em menos do que demorei em piscar, aparecemos em meu antigo quarto do castelo. Deixou-me na cama com delicadeza. Minha mãe também estava ali, retorcendo as mãos, nervosa.

— O que aconteceu? — perguntou com voz inquieta.

— Karatos — respondi, olhando meu pai — foi minha culpa. Acreditava que poderia derrotá-lo. Esteve a ponto de me matar.

A expressão de meu pai era mortífera. Fora, caíam raios por todos os lados e as paredes do palácio não deixavam de tremer. *Não há no inferno fúria como a de um deus furioso*, parafraseei.

Morpheo tocou o braço de minha mãe.

— Cuida dela. Retornarei antes que possível.

E desapareceu nos deixando a sós. Estava muito cansada e doída para protestar e, além disso, minha mãe estava chorando, e eu, o que de verdade queria, era que me abraçasse e me dissesse que tudo ia sair bem.

Mamãe segurou uma mão e eu não a afastei. Não precisava ser psiquiatra para saber que grande parte do ódio que sentia por ela se devia ao muito que seguia amando-a. Era minha mãe, e sim, abandonou-me, mas naquele instante soube que me amava. Possivelmente não o suficiente, mas me amava.

Guiou-me ao longo de todo o processo de cura. Não podia fazê-lo por si mesma, mas com sua voz suave me ajudou a recordar o que tinha que fazer para curar sozinha as feridas que fez Karatos.

Duas horas mais tarde, estava quase completamente recuperada, e eu fiz. Sentia muito orgulhosa de mim mesma. Talvez acabaria por saber tranquilo a aquilo de ser um Pesadelo.

Mas então meu pai retornou.

— O Terror se foi — anunciou com voz profunda — Está escondido, só ou alguém o está ajudando.

Ajudando. Assim era verdade. Morpheo tinha inimigos que queriam derrotá-lo. Inimigos aos quais não se importariam que sua filha meio humana morresse no processo.

— Karatos me disse que eu não represento nenhuma ameaça para eles — confessei — Me disse também que se supunha que tinha que me matar.

Minha mãe empalideceu ao ouvir isso. Mas Morpheo não pareceu ser pego tão de surpresa.

— Estão fazendo tudo isto para chegar a você? — perguntei — Ou querem me ver morta



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

porque sou mestiça?

— Ambas as coisas — respondeu tranquilo. Sentou na borda da cama e segurou a mão. Tinha dedos fortes e quentes e me prendi a eles igual faria uma menina assustada. Impressionei-me que tivesse confirmado meus piores temores.

— Sinto muito — sussurrou. E então o vi como um pai, como meu pai, e quebrou o coração ao ver o medo e a vulnerabilidade em seus olhos— Não soube protegê-la.

— Ensina a me proteger por mim mesma. — Queria dizer que eu também sentia. Que sentia ter dado as costas, tanto a ele como a minha natureza tantos anos atrás. Se não fizesse, agora saberia como derrotar Karatos. Queria dizer tudo isso, mas meu orgulho me impediu isso.

— Alertarei a Guarda dos Pesadelos. A violência de Karatos com os sonhadores alcançou tal nível que terão que reagir.

Acredito que ver a incerteza em seus olhos esteve a ponto de me fazer perder o pouco controle emocional que ficava.

— Acha que não saibam que eu também estou metida nisso.

Morpheo assentiu.

— Há guardas que não... que não parece bem que seja um Pesadelo.

Era uma maneira de dizer, mas na realidade devia ser muito mais que isso se não podia contar com eles para que me ajudassem. Para que ajudassem seu rei. Da onde veio toda aquela coisa que falou Verek sobre a lealdade? Suponho que embora Verek fosse leal a meu pai, não deveria assumir que o resto dos guardas eram.

Além de seu guarda pessoal, meu pai e eu estávamos sozinhos. Compreendi então que de nada serviria que pudesse me curar em algumas horas. Nesse mundo, Karatos tinha muitos mais amigos que eu. E se não me punha logo às rixas, na próxima vez que nos encontrássemos cumpriria sua promessa e me mataria.

Quando fui do mundo dos sonhos os roxos já desapareceram grandemente. Entretanto, no mundo real não me curava tão rápido, assim quando voltei para este ainda ficava uma sombra púrpura, verde e amarela em um lado do rosto, justo em cima da maçã do rosto. Não estava certa se era da bofetada ou de quando Karatos me deu o chute.

Era sábado, de modo que não tinha que me preocupar de ir ao trabalho nem de ter que explicar por que estava curando contusões que não tinha no dia anterior. Podia passar horas deitada no sofá, vendo a maratona do *Monk* que passava na televisão, mas isso não era uma opção. Karatos escapou de meu pai e ameaçou-me matar. E acabava de me inteirar de que havia mais criaturas oníricas às que não importaria me ver morta. E, o que era mais importante: o Terror insinuou que toda aquela merda estava relacionada com Noah. O prêmio gordo era ele, não eu. Esse descobrimento me fez sentir um pouco melhor; não organizou tudo aquilo para me matar.

Em resumo, embora preferiria fazer piercings nos seios antes que voltar a ver Noah, vesti-me e atravessei a cidade rumo a sua casa.

Fazia calor para a época do ano. Usava um pulôver e uma jaqueta, e quando toquei a



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

campainha estava suando. O suor escorria entre as omoplatas e me fazia cócegas, tive vontade de coçar, mas como não podia alcançar o lugar exato com nenhuma das duas mãos, apoiei contra o trinco para ver se assim conseguia.

— Deixa que o adivinhe — disse uma voz familiar— , está ensaiando para participar do casting do livro da selva da Broadway.

Parei de me coçar e me ergui. Ainda coçava, mas Warren estava aproximando com um sorriso nos lábios e uma sacola de ginástica pendurada do ombro. Usava jeans e um suéter, e me lembrei de que esse dia dava aulas de aikido.

Devolvi o sorriso, mas o rosto doía tanto que pareceu incômodo.

— Acredita que seria um bom Baloo? Você sim que sabe adular uma garota, doutor Clarke.

Warren sorriu ainda mais, até que enrugaram as comissuras dos olhos.

— E tenho uma agenda cheia de encontros para demonstrar. Veio ver Noah?

Chegou onde eu estava e assim que viu os roxos e deixou de sorrir. Abriu os olhos horrorizados, não porque eu tivesse mal aspecto, mas sim por outro motivo completamente diferente.

— Noah... — engoliu saliva e me olhou diretamente nos olhos— a viu assim?

— Não. — Toquei o arroxado com as pontas dos dedos. Já quase não doía— Não o vi desde antes que me acontecesse isto.

O alívio de Warren foi evidente, mas o doutor que havia nele não se sentiu satisfeito.

— Necessita ajuda, Dawn?

Sorri. Maldição, quase ri diante da ironia. Ajuda? Poderia dizer que sim.

— Não do tipo que acha, Warren. — Não parecia muito convencido, assim acrescentei— Teria que ser de outro tipo. — Eu tinha roxos, mas Karatos tinha um buraco no peito, e minha adaga tinha a mancha de sangue que o demonstrava.

Ele riu com a piada apesar de como era mau.

— Tem que dizer a Noah que dê aulas intensivas. — Então ficou sério e assinalou meu rosto— Isto não acontecerá muito frequentemente, não?

Deus, espero que não.

— Não, mas acredito que terei que arrumar as aulas em outra parte. — ficou me olhando e viu mais do que me teria gostado.

— Agora vou dar uma. Por que não fica? Pode me ajudar a ensinar alguns movimentos aos meninos.

— Obrigado, mas não vou vestida para a ocasião.

— Posso emprestar um moletom limpo que tenho de reposição no escritório. Ficará grande, mas poderá mover com facilidade.

Dado que Warren estava sendo tão generoso, e tendo em conta que eu precisava toda a ajuda que pudesse encontrar, aceitei o convite e o segui para dentro.

No ginásio fazia calor e cheirava como cheiram os lugares que ficam vários dias fechados. Supus que Noah não voltou depois de nossa... briga? Discussão? Desacordo? Não queria pensar



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

nisso agora. Não queria pensar em Noah, nem em seus lábios, nem em seus olhos, nem em nada remotamente relacionado com ele. Não queria pensar no que Karatos ia fazer a ele. Mas não ficava mais remédio que advertir. E se não podia fazê-lo cara a cara, então teria que deixar uma mensagem.

Com um pouco de sorte, Noah não permitiria que seu aborrecimento comigo turvasse o julgamento.

Uma vez dentro, Warren me emprestou o moletom que me prometeu e foi trocar. Eu o fiz no vestiário de mulheres, mas desta vez saí com uma camiseta que quase chegava aos joelhos e umas calças arregaçadas nos tornozelos. Warren era um palmo mais alto que eu e tinha os ombros muito largos, algo que, para mim, o fazia muito atraente.

Obviamente me sentia atraída pelo irmão errado. Warren e eu fazíamos muito melhor casal. Ele não era irritável (ou ao menos isso acreditava eu), trabalhávamos no mesmo campo, e era o bastante alto para me fazer sentir pequena e delicada. Por desgraça, não me inspirava os mesmos sentimentos que Noah. O coração não caía cada vez que pensava nele, a diferença do que acontecia quando pensava no idiota de seu irmão.

Sentei no tatame junto à parede principal do escritório enquanto os alunos de Warren praticavam, ou sós ou em grupos reduzidos. Havia meninos e meninas de todos os tamanhos, estaturas e cores, de idades compreendidas entre doze e quatorze anos. Tinham acne e aparelhos nos dentes, uma ou ambas as coisas, e os hormônios tão disparados que me deram pena. Recordei o que era ter essa idade e sentir tão mal em sua própria pele que queria que outros vissem de outro modo.

Havia uma menina um pouco gordinha separada das demais, que obviamente eram mais atléticas e pareciam mais seguras de si mesmas. Teria gostado de me aproximar dela e dizer que era mais bonita que as demais e que quando crescesse demonstraria; mas não fiz. Não podia prometer que isso seria o que aconteceria, assim que fiquei sentada.

Warren me apresentou como sua amiga e disse que ia ajudar a ensinar uns movimentos novos. A julgar pela resposta de seus alunos, em especial dos meninos, acreditaram que era sua namorada. As meninas me fulminaram com o olhar; era óbvio que todas estavam apaixonadas por seu professor.

Passei grande parte da aula observando os meninos, exceto quando Warren me pedia que o ajudasse em algo. Acredito que teria resultado mais fácil utilizar um de seus alunos como par para os exercícios, mas agradei que queria me fazer sentir como parte do grupo.

Depois de que os meninos foram, ensinou alguns movimentos novos e praticamos os que me ensinou Noah outro dia. Estava suada e cansada, e rindo por algo que disse Warren, quando abriu a porta do ginásio.

Noah atravessou o chão de madeira deixando novas marcas com os saltos de suas botas. Manteve o olhar fixo no meu, e eu não fui capaz de afastar. Foi como uma cena tirada de um livro ou de um filme.

— Tenho que me ocupar de uns assuntos no escritório — disse Warren de repente e quase



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

com cautela— Dawn, gostei de vê-la. Noah, fecha com chave se for depois de mim.

E isso foi tudo; meu protetor me abandonou e me deixou sozinha diante do perigo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Noah zangado quando ficamos a sós. Estava na minha frente, com as mãos nos bolsos dos jeans e a jaqueta entreaberta em cima de uma camiseta cinza.

— Dando os discos a seu irmão — respondi sarcástica— O que acha que estou fazendo? Warren estava ensinando aikido.

Ele ficou olhando durante um segundo e eu permaneci completamente quieta enquanto me observava. Se estava tratando de averiguar se mentia, não ia encontrar nada.

— Esse arroxeadado não foi Warren que fez.

— É um presente de Karatos. Pediu que desse lembranças. Ah, e, certo, diz que é você quem quer, e que virá buscá-lo depois de me matar. — Teria que ter dito de outra maneira. Deveria ter sido mais sutil, mais amável, mas cuspi tudo o que sabia como se fosse um balde cheio de água derramando depois de receber um chute.

Noah empalideceu, mas não disse nada, assim voltei a falar:

— Por isso vim. Pensei que possivelmente interessaria em saber, e como não tem intenção de voltar para a clínica, não ficou mais remédio que vir aqui.

— Dawn, eu...

Levantei uma mão.

— Deixa. Não estou de bom humor. Não quer que o ajude? Perfeito. Mas mais certo que se acostume a me ver diariamente. Meu trabalho consiste em parar essa coisa, e se para consegui-lo tenho que me colocar em seus sonhos ou aparecer em sua casa, farei. Vou fazer tudo o que seja necessário, e a merda com suas barreiras pessoais.

Ele ficou me olhando um pouco surpreso. Não o culpei, surpreendi inclusive a mim mesma, mas não podia parar.

— Não vou permitir que Karatos o utilize nem faça mal, assim terá que me ver diariamente, Noah, tanto se você goste como não. Até que o destruamos, aparecerei em todos seus malditos sonhos, entendido?

Não sabia se tinha vontade de me beijar ou de me matar. Possivelmente as duas coisas, mas no final assentiu tenso.

— Entendido.

— Bem. E agora eu gostaria de seguir com minha aula, a não ser que tenha algo mais que me dizer.

Apertou a mandíbula sem deixar de me olhar.

— Sim, tenho algo mais que dizer.

Engoli saliva, e perdi algo do jogo ao ver que ele jogava os ombros para trás.

— O que?

Aproximou de mim eliminando a distância que nos separava com alguns passos. E quando só estávamos a uns centímetros, levantou as mãos e colocou isso sobre os ombros. Senti seu calor



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

através da roupa.

— Sai do estudo da clínica porque não queria *distrain* você.

Odeio que me joguem na cara minhas próprias palavras, em especial quando são palavras das que me arrependo.

Ponto para ele.

— O único motivo pelo que aceitei formar parte desse estudo foi para estar com você.

— OH.

Fiquei sem ar nos pulmões.

Noah inclinou a cabeça e uma mecha de cabelo caiu sobre a testa.

— Assusta-me, Dawn. Com você não existem barreiras, não posso me defender. Não contei nem a metade de meus segredos e tenho a sensação de que já sabe todos.

Não disse como um completo, mas de todos os modos eu gostei.

— Não vou me desculpar por...

Fechou a boca com um beijo tão intenso que não pude respirar, não pude pensar. Limitei a me aferrar a sua jaqueta e esperar que deixassem de tremer as pernas, e que meu coração recuperasse seu ritmo normal. Podia sentir meu sangue circulando por minhas veias, os nervos a flor de pele, algo que só acontecia quando seus lábios e suas mãos me tocavam. Podia sentir Noah por todo meu corpo.

Queria senti-lo por todo meu corpo. A quem estava tratando de enganar? Eu não tinha medo de entregar meu corpo e meu coração. Tinha medo de que não fosse o bastante bom; uma absoluta estupidez.

Devolvi o beijo fazendo saber que não ia retroceder em meu empenho de querer conhecê-lo melhor. Se seguirmos nos vendo, eu não ia dar menos medo. Eu gostava de assustá-lo.

Foi ele quem pôs ponto final ao beijo. Com a respiração entrecortada, apoiou a testa contra a minha.

— Se você for entrar em meus sonhos, então eu vou entrar em sua vida, doc. Possivelmente dê medo o que existe entre você e eu, mas a mim não. Sei que acha que pode fazer sozinha, mas não é verdade. Precisa de mim. Igual eu necessito de você.

Provavelmente era a vez que disse uma frase mais longa. E provavelmente eram as palavras mais doces que já me disse.

— Está bem.

Noah arqueou uma sobrancelha.

— De acordo? — Esboçou uma meio sorriso. Isso significa que vou beijá-la frequentemente. Significa que vou tocá-la... e significa que, se puder, vou colocá-la em minha cama.

Possivelmente fosse uma estúpida, possivelmente estivesse desesperada, mas naquele instante senti uma felicidade que não quis analisar.

— Acredito que eu gosto da ideia.

Se ambos sobreviveríamos, claro está.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

## **CAPÍTULO 15**

— Move a adaga para cima, como se estivesse estripando um pescado — disse Morpheo assinalando a arma ao mesmo tempo em que movia a mão.

— Nunca limpei um pescado — respondi, tratando de imitar seu movimento. Possivelmente minha adaga fizesse o que eu queria, e sempre retornasse para mim, mas tudo aquilo seria mais fácil se soubesse do que estavam falando.

— Alguma vez limpou um peixe? — perguntou meu pai divertido— Pois teremos que fazer.

— Nem ocorra— disse olhando sorrateiramente.

Rindo, se aproximou.

— Está bem, nada de peixes. Por que não lutamos um momento? Atacarei eu primeiro.

A ver, eu não tinha nenhuma dúvida sobre quem era melhor dos dois, mas isso não me parou na hora de perguntar:

— Com armas de verdade? E se o machuco?

Meu pai me olhou tão indeciso como eu me sentia e respondeu:

— Curarei.

Eu era cética a respeito, mas sabia que nem sequer me aproximaria o suficiente para fazer mal. O qual era uma lástima, porque eu adoraria dar uma surra.

Então pensei que possivelmente estava sendo muito dura comigo mesma. Esse pensamento cruzou várias vezes pela mente desde que decidi aceitar minha natureza e preparar para derrotar Karatos. Pretendia recuperar os treze anos que me mantive afastada do mundo dos sonhos em umas poucas semanas; mas dado que a alternativa era permitir que Karatos seguisse matando — e que uma das vítimas fosse eu— não tinha mais remédio.

— E o que acontece se for você que me faz mal? — perguntei a Morpheo. Isso era de verdade importante.

Meu pai me desafiou com o olhar.

— Suponho que terá que se assegurar de que não faça isso. Daí a necessidade de utilizar armas autênticas.

Genial. Deve ter visto meu rosto, porque começou a rir.

— Tranquila, Dawn, não acontecerá nada. Prometo isso.

Não sabia como ia manter essa promessa, mas acreditei de todos os modos.

Agachou um pouco, uma postura que fazia que sua cintura fosse um branco mais difícil, e começou a descrever círculos a meu redor.

— Vamos, criança, mostra seu melhor golpe — me provocou com um sorriso.

Eu sorri também.

— Os insultos não me afetam, velhote.

— Pois claro que sim. — Sorriu ainda mais— Covarde.

Então ataquei. Não porque me chamou covarde, mas sim porque não podíamos seguir





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

perdendo tempo. Morpheo esquivou o golpe pelos cabelos, e tive que conter para não me felicitar em voz alta. Tinha que fazer melhor, mas o fato de não querer fazer mal estava freando, com o que não estava fazendo nenhum favor.

— Muito bem — meu pai me animou — A próxima vez não duvide.

Não duvidei. Não pensei. Não parei. Fui por ele e de repente senti que minha adaga rasgava uns músculos.

Morpheo abriu os olhos um instante e logo os fechou. Senti estremecer contra meu torso e me afastei horrorizada. Apunhalei-o. Durante um instante, senti uma breve euforia que logo foi substituída por um enorme sentimento de culpabilidade que ameaçou me afogar. Tinha sangue dele nas mãos; quente e pegajoso.

la vomitar.

As pálpebras de Morpheo tremeram, depois, seus olhos dourados se fixaram nos meus.

— Primeira regra — me disse enquanto segurava a manga da adaga para puxar — Nunca deixe sua arma com o inimigo.

Observei fascinada e horrorizada (de uma vez que um pouco desiludida), como meu pai arrancava a adaga igual fez Karatos. A essas alturas, já deveria ter aprendido a lição.

Mas a diferença de Karatos, Morpheo se limitou a limpar a adaga com sua camiseta e me entregar pela manga. Aceitei-a com dedos trementes e vi que levantava a camiseta para olhar a ensanguentada ferida debaixo. Era horrível. Com muito sangue.

Colocou uma mão em cima e eu pisquei atônita. De sua palma emanou uma suave luz e logo desapareceram o suor e as rugas de dor de sua frente. Relaxou o rosto e o sangue voltou e retornou ao lugar de onde saiu. Estava curado. Quando por fim levantou a mão, uns quinze ou vinte segundos mais tarde, o único que ficava de meu ataque era a camiseta rasgada. Morpheo curou uma ferida muito mais profunda que as que me fez Karatos, em muito menos tempo do que fiz .

— Isso sim que é um dom — brinquei com voz rouca. Ainda tinha vontade de vomitar.

Ele sorriu.

— Sim, pareceu muito útil ao longo dos anos. — Olhou-me de um modo muito estranho — Fez muito bem. Nem sequer vi vir.

Fiquei ali de pé com o coração na mão.

— O que?

— Moveu com tanta rapidez que não a vi vir.

Eu não tive a sensação de que me movi tão rápido.

— O que quer dizer?

Meu pai seguia me olhando.

— Há muito poucas criaturas oníricas capazes de mover assim.

Tratei de sorrir.

— Ao menos não sou a única. — Havia outros insetos estranhos como eu. Ia dizer exatamente isso quando cheirei algo que me resultou familiar. Não era um aroma muito forte,



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

mas o detectei de todos os modos. Era uma... sensação, uma presença: Lola. Senti aproximar-se, mas não parecia ser ela. Aquela presença não tinha suficiente luz para ser minha companheira. Lola resplandecia, vibrava repleta de vida e de alegria. Aquela outra Lola era descafeinada, uma mescla de outras pessoas. uma espécie de Lola light, que disparou todos os alarmes. Lembrei a última vez que senti algo assim. E o que me disse Antwoine sobre como seu succubus conseguiu escondê-los a ambos de meu pai.

Neguei com a cabeça.

— Karatos.

O rosto de Morpheo esticou e empalideceu.

— Onde?

Olhei a meu redor, mas não vi nada. Sabia que estava perto...

Antes que pudesse sequer piscar, meu pai desapareceu. Ou, melhor dizendo, eu. Outro poder que supostamente tinham os Pesadelos, que eu desconhecia e que não podia controlar. Havia teletransportado ao lugar onde se encontrava a Lola falsa e, a ver se adivinhava, tinha companhia.

Estava de pé no meio do sujo chão de um anfiteatro romano, público eufórico incluído. Podia cheirar o suor dos animais. E sentir a agitação da multidão; sua sede de sangue. A poucos metros de mim, vestido de imperador romano com coroa de louros e tudo, estava Karatos. Era bastante bonito como para que esse look também ficasse bem. Sorria satisfeito a Noah, que estava sacudindo a areia das calças enquanto o lábio sangrava.

— Bonito disfarce — gritei para captar a atenção de Karatos.

Ele me olhou surpreso e Noah aproveitou para dar um chute na traqueia que o lançou voando pelos ares. Depois, Noah girou sobre seus calcanhares e correu para mim.

— Tem que ir daqui — me ordenou com a testa franzida. E me empurrou com as mãos, para ver se assim andava.

— Não seja tolo — respondi, também enrugando as sobrancelhas e me soltando dele— Aqui não está ao comando, Noah. E por muito que lamente ter que ser eu que diga isso, sou a única que pode salvar o traseiro.

— Tendo em conta que Karatos está tratando de encontrar o seu, acredito que não me dei tão mal. — Não, Noah não gostava no mínimo que eu queria intervir. Não combinamos de que estávamos juntos?

Assinalei atrás dele me sentindo muito mais confiada do que deveria. Para falar a verdade, estava pleitórica: consegui achar Karatos sozinha.

— Já o encontrou — disse.

Noah girou a cabeça e observamos como o Terror colocava bem a coroa de louros e a armadura de couro que protegia o peito. Teria tido graça se o sangue de Noah não estivesse empapando os sapatos.

— Dawn! — Karatos me saudou com um sorriso— Que detalhe que tenha vindo. Trouxe a adaga?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Já sabe que sim — respondi — Mentiu, Karatos. Disse que não iria fazer mal a Noah.

O Terror Noturno me olhou indignado.

— Fazer mal a Noah! É obvio que não. Mas já sabe como são os meninos, Dawnie. Às vezes terá que ensinar quem comanda para que entendam que têm que se comportar bem. — Sorriu a Noah — Não é assim, Noah?

Vi algo no rosto de Noah que não vi nunca antes. Foi algo mais que a vergonha de saber que eu escutei esse comentário; Noah se envergonhava de si mesmo. Se o visse zangado, ou inclusive assustado, não me teria preocupado tanto. O que acontecia?

— Com você não penso *estar bem*, porco — respondeu valente, apertando a mandíbula.

Karatos o olhou com fingida tristeza.

— Não queria pegar à força, mas vejo que não me deixa outra saída.

Suas palavras me inquietaram. Apanhar Noah? Aonde pensava levá-lo e por quê? Karatos dizia que não queria fazer mal, e a verdade era que a essas alturas, o Terror poderia ter matado Noah algumas vezes. O que queria fazer com ele? Por que insistia em derrotá-lo física e mentalmente? Era como se queria debilitá-lo sem chegar a destruí-lo.

— E você...

Olhei Karatos diante de seu tom autoritário. Dirigiu para mim igual a um leão para um gladiador.

— Está começando a me encher o saco, Pequena Luz.

Ao ver como estava zangado, perdi meu arrojo. Possivelmente Karatos não queria matar Noah, mas estaria encantado de me matar e fazer todas as coisas com meu cadáver antes de devolver a Morpheo.

— Não vou permitir que leve Noah — disse serena — Já sabe.

Ele riu zombador e a careta converteu seu rosto em algo grotesco.

— Possivelmente me assustaria um pouco mais se fosse um Pesadelo feito e direito, mas não é mais que uma menina pequena que abandonou sua mãe e que quer conquistar um cara que jamais a amará.

— Possivelmente tenha razão — respondi, tirando a adaga — Mas também sou a filha de Morpheo, a herdeira do trono, e ou se prostra diante de mim ou morrerá.

Pequeno discurso! Karatos me olhou tão surpreso como estava eu. O mais estranho foi que senti o poder que emanava da verdade dessas palavras correndo por minhas veias. Dava um passo para ele.

— De fato, por que não chamamos meu pai e perguntamos o que acha?

Karatos deu meia volta, e eu, acreditando que ia escapar, levantei um braço para segurá-lo. Mas o que fez foi lançar em cima de Noah, que estava despreparado e que não pôde defender. Jamais vi ninguém mover tão rápido como Karatos. Eu estava ali de pé, sem poder fazer nada exceto observar como o Terror colocava a mão dentro do peito de Noah. Literalmente.

Seu braço começou a brilhar justo pelo pulso, que era o ponto por onde sobressaía do corpo de Noah. Este gritou e Karatos retorceu a mão dentro dele. Foi o grito de Noah o que me tirou de



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

meu estado de estupor e me fez reagir. Ataquei o Terror e esta vez sim que dei conta do rápido que me movi. À velocidade de um raio.

Lancei-me sobre ele e o derrubei no chão. Segurei a adaga marae com ambas as mãos e a enfiei na garganta com todas minhas forças. Notei como atravessava a carne e o osso até cravar a ponta no chão. Fiquei olhando nos olhos e senti uma enorme satisfação ao ver a dor e a surpresa refletidos neles. Podia ouvir como o sangue emanava a fervuras da ferida e me pus em pé.

Então recordei a primeira regra de meu pai e arranquei a adaga do pescoço.

Corri ao lado de Noah e, como uma possessa, chamei a gritos meu pai. Noah estava tremendo, pálido e empapado de suor. E tinha a marca de uma enorme queimadura na camiseta. debaixo do tecido, podia ver uma ferida circular de pelo menos dez centímetros no meio do peito.

— Não se atreva a morrer — disse também tremendo. Não podia esperar que chegasse Morpheo. Minha única alternativa era ir e confiar em que, quando ele chegasse, encontraria com Karatos sangrando na areia.

Com tanto cuidado como foi possível, recostei a parte superior do corpo de Noah em meus braços e fechei os olhos. Imaginei à única pessoa que podia me ajudar. Imaginei o único lugar onde Noah estaria a salvo.

E quando abri os olhos estavam em meu quarto no castelo de Morpheo e meu pai estava nos esperando.

## **CAPÍTULO 16**

Morpheo curou a ferida de Noah em questão de minutos, mas por desgraça ele demoraria muito tempo em se recuperar do que estava sentindo.

— Eu já fiz tudo o que podia fazer — disse Morpheo carinhoso, quando falamos no outro extremo do quarto, enquanto Noah descansava na cama— temo que o resto é sua especialidade.

Obviamente, referia a minha especialidade médica, a que exercia no outro mundo. Mas nesse momento não parecia capaz de ser uma profissional de nada. Consegui explicar a meu pai que Karatos se escondia atrás dos sonhadores, por exemplo, de gente como Lola, e que os utilizava como camuflagem.

— Obrigado por sua ajuda — disse. Parecia uma frase muito debulhada, mas foi a única que consegui pronunciar.

— Teria te seguido se não se ocultasse de mim — respondeu ele brandamente, embora um pouco doído— por que faz?

Fiquei olhando.

— Não fiz. — me ocultar? Por quê? Adoraria que me ajudasse. E eu que acreditava que deixou sozinha... De acordo, confesso que durante um segundo pensei que estaria bem derrotar Karatos sozinha, mas isso não significava que de verdade queria fazer.

Morpheo ficou me olhando alguns segundos, com o rosto inescrutável, e soube que



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

acreditava. E também soube que o preocupava.

— Vou ajudar a Guarda a procurar Karatos. — O Morpheo pai desapareceu e chegou o rei do mundo dos sonhos— Você e seu amigo estarão a salvo aqui.

Dei de novo obrigado e o observei enquanto ia. Não sei se foi andando porque não tinha mais remédio ou porque não queria teletransportar. Havia tantas coisas que desconhecia e que não deveria desconhecer... Estava furiosa consigo mesma por não saber. Se não fosse assim, Noah não estaria ferido.

— Quem era esse? — Falando de Noah...

— Morpheo — respondi me aproximando da cama, com os joelhos ainda tremendo— Ele é quem o curou.

Sobre aqueles lençóis brancos Noah parecia ainda mais moreno e dourado. Além de uma ligeira descoloração no peito, onde apenas meia hora antes Karatos o queimou, tinha um aspecto completamente normal. Meu pai inclusive curou a ferida do lábio. Mas tinha um brilho estranho nos olhos, um brilho que me impedia de me aproximar mais.

— O deus dos sonhos — murmurou com amargura— ele não teria que salvá-lo.

— Não, porque precisamente por isso é o deus dos sonhos.

Ele ficou em silêncio e apertou a mandíbula com tanta força que tremeu um músculo.

— Olha — disse quando pareceu evidente que ia ficar ali convexo sem dizer nada— Karatos também deu uma surra em mim, e isso que se supõe que posso derrotá-lo. Que tenha conseguido dar na cara, de por si já é surpreendente.

Voltou a cabeça para me olhar. Não sabia muito bem por que, mas Noah seguia sem parecer como antes.

— Karatos me faz sentir fraco. Você me faz sentir fraco.

Fiquei de mau humor. Já não me importava que estivesse a ponto de morrer. Antes de me beijar, minhas habilidades não pareceram tão más.

— Sim, bom, sabe o que me faz sentir você, Noah?

Afastou os lençóis e saiu da cama. Graças a Deus, Morpheo só tirou a camiseta e estava usando calças. Mesmo assim, Noah meio nu era impressionante, e parecia muito zangado.

— O que? — exigiu— O que faço sentir?

Mantive firme em meu lugar apesar de que ele ia aproximando.

— Faz que com que fique louca. O único que sempre quis é ajudar.

— Eu teria que poder me ajudar sozinho.

— E eu teria que poder destruir Karatos. — E ambos sabíamos o longe que estava de conseguir.

Ficamos ali de pé, nos olhando um ao outro durante muito tempo. Em vez de acalmá-lo, aquele ponto morto parecia pôr Noah ainda mais nervoso.

— Quando estou com você tenho a sensação de que perco o controle — soltou de repente— Quero estar com você, quero proteger. Mas faça o que faça, meus problemas sempre terminam por encontrá-la.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Se baixasse as calças para me mostrar uma tanga rosa, não me surpreenderia mais.

— Sinto — foi o único que me ocorreu dizer.

— Não, não sente.

E então começou a me beijar e eu a ele. Noah tinha razão, não sentia.

Tinha os lábios mais suaves e firmes que já beijei, e quando acariciou os meus com a língua, abri e o deixei entrar. Enfiou os dedos nos braços e pude sentir como estremecia grudado a meu corpo.

Se isso era o que acontecia quando perdia o controle, por mim não havia inconveniente.

Rodeei o pescoço com os braços e ele me fez caminhar de costas até a cama. Levantou uma perna e apoiou o joelho no colchão, grudada a minha coxa, e logo me deitou no colchão. Ele se deitou em cima de mim e nem por um segundo me ocorreu parar.

Por um instante me lembrei do que me fez Karatos, mas esqueci em seguida. Não era o mesmo, e não ia permitir que o Terror Noturno tivesse esse poder sobre mim.

Noah interrompeu o beijo e começou a me despir sem deixar de me olhar nos olhos nem um segundo. O modo como me olhava me excitou ainda mais e os lugares mais íntimos de meu corpo palpitarão. O primeiro que tirou foram as botas de pele, que aterrissaram no chão a suas costas com um golpe seco. O seguinte, as meias três quartos e logo as calças, e no final a camiseta.

Normalmente, dá muito desgosto estar nua diante de um cara, sendo como sou consciente de meu físico. Ainda usava sutiã e calcinha — novos e combinando, viva! — e no momento não sentia nenhum pinga de vergonha. E não era porque no mundo dos sonhos tivesse melhor aspecto, mas sim porque de repente me dava conta de que Noah sempre gostava, apesar do que eu opinasse de mim mesma.

Colocou-se entre minhas pernas e se apoiou nos braços para ficar por cima de mim. Moveu os quadris e notei a aspereza dos jeans que ele ainda usava. Estava muito excitado. Moveu e eu levantei os quadris para seguir. Literalmente, estremecia de tanta vontade como tinha de estar com ele.

Voltou a me beijar com a língua e lábios úmidos e exigentes. Deslizou uma mão para meus seios para acariciá-los e eu aproveitei para guiar em busca do botão de suas calças. Por que eram tão difíceis de desabotoar? Por fim consegui, e depois desci o zíper, gemendo de prazer ao mesmo tempo, porque ele estava tocando o mamilo.

Fazia muito tempo que não me deitava com ninguém. E ainda fazia mais da última vez que desejei tanto um cara. Estava tão excitada e impaciente que assim que estivesse nu o faria meu, meu, meu.

A boca de Noah separou da minha para dedicar a me dar beijos na mandíbula e no pescoço, e por último em um peito. Todos meus músculos esticaram e puxei os jeans, e a roupa íntima de Noah, para baixo.

— Se dispa — gemi — Agora.

Ele levantou a cabeça e olhou nos olhos, os seus pareciam negros como a noite, e tinha as bochechas rosadas e os lábios úmidos.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— De acordo — disse com voz rouca, apenas um sussurro, e se antes não estivesse segura de que me desejava, estaria então.

Levantou e em seguida lamentei a perda. Observei enquanto deslizava os jeans e a cueca pelas pernas, meias três quartos e botas incluídas. Então se ergueu e ficou de pé diante de mim completamente nu. Estava muito bonito e era evidente que não tinha vergonha de estar assim.

Tinha um corpo espetacular. As pernas longas e musculosas, próprias de alguém que andou muito de bicicleta, e um traseiro apertado desses que só têm alguns homens. Todo ele era dourado, quente e firme... algumas partes estavam mais firmes que outras.

Lambi os lábios.

Sorrindo como um gato que apanhou um rato, Noah puxou minha calcinha para baixo. Levantei os quadris e o objeto de seda rosa deslizou por minhas coxas, passou pelos joelhos e caiu ao chão. Separei as pernas, convidando-o que se colocasse no meio.

Noah se ajoelhou no tapete e me segurou aberta com os dedos e então... OH! Sua língua me fez tremer e gemer, e acredito que comecei a suplicar. Não estou segura. Mas sim sei que ainda me faltava o ar quando se colocou sobre mim e substituiu a língua por algo muito maior e duro.

Um leve movimento de quadril e entrou em meu interior. Não tive tempo de me acostumar, de desfrutar da sensação de estar tão repleta, antes que Noah começasse a mover para frente e para trás. Gritei de prazer e rodeei o pescoço com os braços e a cintura com as pernas.

Ele se apoiou em um cotovelo e enredou os dedos da mão que tinha livre em meu cabelo, puxando, me segurando pela cabeça. Deixei fazê-lo e ofereci o pescoço para que me beijasse. Noah me percorreu isso com a língua e mordeu. Estremeci, me segurando a ele ainda com mais força.

Aproximou a boca da minha orelha e sugou o lóbulo enquanto seguia fazendo amor com paixão.

— Dawn — sussurrou, sua respiração úmida e quente grudada a minha pele— Minha Dawn.

Não necessitei mais. Eu, uma mulher que não está acostumada a alcançar o clímax sem algo de ajuda mecânica, tive um orgasmo tão intenso que deixei de pensar. Que diabos, deixei de respirar. Meu corpo esticou e convulsionou de uma vez.

Foi fantástico. E enquanto as sensações mais maravilhosas que havia sentido me percorriam inteira, Noah gemeu e esticou as costas. Apertou os dedos que enredou em meu cabelo e afundou o rosto no oco de meu pescoço. Seus quadris não deixaram de mover e senti como seu calor me enchia por dentro ao mesmo tempo em que grudava seu torso ao meu.

Ficamos assim um momento, juntos e encaixados como duas peças de Lego, nos tocando em silêncio. Foi uma experiência estranhamente íntima, nos sentir tão cômodos um com o outro. Sorri. Ele também sorriu e brincou com as mechas de meu cabelo, que foi estendendo sobre o travesseiro. Nem sequer me levantei para vestir o sutiã, que estava pendurando de um lado.

— Obrigado — murmurou ele com voz rouca e emocionada.

— Por? — Tinha medo do que pudesse dizer, de que danificasse o momento.

Noah franziu a testa e me olhou com aquela expressão sua tão contida.





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Por ser você.

Tive que piscar para controlar as lágrimas, e o beijei porque parecia incapaz de falar.

Era o mais bonito que eu já vi.

Não me surpreendeu não encontrar Noah quando despertei. Nem tampouco me incomodou. Ele teria despertado em sua própria cama, dentro de seu corpo. O único que eu podia fazer era esperar que o que passou entre nós a noite anterior não parecesse um sonho. Para mim foi maravilhosamente real.

O mundo dos sonhos parecia muito ao mundo de Matrix. De fato, frequentemente pensava que os irmãos Wachowski se inspiraram nisso. Claro que, sendo assim, provavelmente não eram conscientes disso. O aspecto tecnológico era diferente, mas seguiam existindo muitos paralelismos entre ambos os mundos: o que acontecia dentro de Matrix era real, inclusive se não estava fisicamente ali para sentir. O mundo dos sonhos operava segundo o mesmo princípio. Em ambos, uma pessoa possuía as habilidades e a força que existisse em sua mente, a não ser, é claro, que se tratasse de uma pessoa como eu e pudesse cruzar levando o corpo consigo.

Noah despertaria e recordaria o que aconteceu, enquanto que eu despertaria com seu aroma na pele e com as marcas físicas do que tínhamos feito juntos.

Levantei, tomei banho e me vesti com roupa que encontrei no armário. Quando era pequena, aquele armário estava repleto de roupa de meu tamanho de minhas cores favoritas, e nesse sentido não mudou nada. Não sabia de onde vinha nem quem era o responsável pelo que estivesse ali pendurado, e tampouco perguntei. Não precisava sentir-me mais culpada em relação com minha mãe e Morpheo.

Vestida em jeans, pulôver novo e minhas botas, fui procurar meus pais. Em Nova Iorque seriam seis da manhã, mas no mundo dos sonhos o sol ainda tinha que aparecer. A verdade era que não sabia como funcionavam ali os horários. Morpheo não tinha necessidade de dormir, assim mudar da luz do dia à escuridão não tinha nenhuma utilidade, ao menos para ele.

Encontrei-os no escritório, sentados em poltronas de pele, diante da chaminé, bebendo café e comendo croissants: uma imagem muito europeia.

— Capturou Karatos? — Não perdi o tempo desejando bom dia. Não me importava parecer petulante, o único que me importava era saber se Noah poderia voltar a dormir sem ter que preocupar de que aquele monstro queria matá-lo.

Morpheo deixou a xícara de café e ficou em pé. Estava vestido de um modo muito parecido a mim, enquanto que minha mãe usava calças cor nata e uma blusa de seda cinza. Tinha as comissuras dos lábios e dos olhos apertadas. Não me fez feliz ver que estava preocupada, mas eu gostei.

— Não. — Não tratou de me adoçar a notícia— Meus guardas ainda estão procurando.

Fiquei olhando. Não, fulminei com o olhar.

— Por que não pode encontrá-lo? Você disse o que tinha que fazer para achá-lo. Por que eu sim posso e você não?



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Se meu chili que o ofendeu, conseguiu dissimulá-lo.

— Procurei por toda parte. Encontrei sua amiga Lola, mas estava sozinha. E sua essência não apareceu por nenhum outro lado.

Isso era impossível.

— E Noah? — perguntei decidida — Procurou ele também?

— Está são e salvo em sua cama — respondeu meu pai, e logo, em um tom mais cortante, acrescentou — entrou nela depois de sair da tua.

Aquele não era o momento de me ruborizar, assim que engoli a vergonha.

Morpheo me deu uma xícara de café.

— Beba isto, sentirá melhor.

Antes de beber, sabia que estaria como eu gostava. E também que meu pai tinha razão: faria me sentir melhor.

— A verdade é que não entendo — sussurrei, mais para mim mesma que para eles dois.

— É óbvio que se está escondendo atrás de outra pessoa.

— Não me diga — respondi sarcástica olhando meu pai, que sorriu pomenorizado.

— Se você se sentir indefesa, perdida e como uma tola, imagine como eu me sinto. Nem sequer posso proteger minha filha de uma de minhas criaturas. É humilhante.

— Certo que esse é um dos objetivos de Karatos. Odeia você.

— Ossos do ofício — respondeu Morpheo sem alterar.

— Mas se supõe que aqui você é onipresente e infalível.

— Sei, é muito embaraçoso. Minha teoria é que o Terror absorveu a energia de suas vítimas e a utiliza para se esconder.

Tinha sentido. E era exatamente o que sugeriu Antwoine. Eu encontrei Karatos enquanto este estava utilizando a energia de Lola, mas além disso estava usando as de suas vítimas...

— E você não pode rastrear os mortos, só os sonhadores.

— Exato. Sabe que os mortos podem viajar ao mundo dos sonhos?

— Sim. Li nesse livro que me deu. — Tinha lógica. O mundo dos sonhos era como uma parada intermédia entre o mundo da luz e o das sombras, ou o céu e o inferno, como preferem. Algumas vezes, um espírito não queria ir em seguida, e optava por dirigir ao mundo dos sonhos e seguir em certo modo em contato com seus seres queridos que seguiam vivos. Os espíritos podiam viver nesse mundo, mas não podiam atuar com ele, mais ou menos como um fantasma no mundo real.

Se Karatos aprendeu a fazer isso...

— Será muito difícil encontrá-lo — sentenciou Morpheo como se lesse meu pensamento — Por isso quero que você e Noah se mantenham afastados daqui.

— E como se supõe que vamos obter tal façanha?

Meu pai me olhou como se fosse uma menina, e suponho que para ele era.

— Tome remédios, ou bebam álcool, façam o que fazem os humanos para não virem me visitar.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Mas eu quero ajudar a encontrar Karatos. — Desde quando mencionava seu nome com tanta facilidade?

— Não.

— Sou um Pesadelo. É meu trabalho.

— Disse que não. — Sua voz tinha um eco estranho, como a dos deuses dos filmes— E ponto. — Com essas palavras ainda ressonando entre os dois, abriu um portal a meu lado, um raio prateado que soube que conduzia a meu apartamento. Podia ouvir Dulce miando do outro lado. Meu pobre gato abandonado— Vai.

E fui. Tinha graça, depois de tudo o que fez para me convencer de que ficasse, agora estava jogando a chutes. O portal se fechou atrás de mim e apareci em meu dormitório, por cuja janela começava a penetrar os raios do sol. Dulce estava na cama, me olhando com seus grandes olhos verdes.

Peguei-o nos braços, oito quilos de pelo de gato, e o abracei para ouvi-lo ronronar.

— Esta vez não vou dar as costas ao que sou, amigo — disse, sem me importar que a frase parecesse tirada de uma novela— Sou um Pesadelo, e já é hora que meu pai e Karatos se dêem conta.

## **CAPÍTULO 17**

Chegava tarde ao trabalho. Não muito, mas sim o suficiente, e certo que se o doutor Canning ainda não percebeu, não demoraria em saber.

Ao entrar, Bonnie me olhou com atenção, como faria uma mãe.

— Querida, está bem?

Assenti. Ela estava do meu lado, assim sabia que não me delataria.

— Estou bem, obrigado.

O que outra coisa podia dizer? O arroxeadado que fez Karatos quase desapareceu, mas esse dia não ia muito bem maquiada e estava pálida e com cara de cansaço. Ha todas essas coisas somadas notava-se que tive sexo — um sexo espetacular— certo que parecia uma drogada com o macaco.

Agradei a Bonnie que não insistisse. Tampouco acreditaria se contasse a verdade, e só de pensar em que ela pudesse me olhar como se fosse um inseto estranho, sentia uma opressão no peito. Bonnie não era do tipo de pessoa que acredita em demônios ou em deuses que vão trabalhar. Ou ao menos essa era a impressão que me dava.

— A polícia está aqui, vieram falar com o doutor Canning — me informou em voz baixa— Será melhor que o evite durante todo o dia se puder. Se me perguntar, direi que chegou pontualmente.

Sorri para dar obrigado e fui. O doutor Canning jogava a culpa de que a polícia de Nova Iorque se interessasse por nele, por causa de Nancy Leiberman. Possivelmente eu fosse



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

responsável pela morte de Nancy, dado que Karatos a matou para me mandar uma mensagem, mas o doutor Canning era quem passou por todos os sets de televisão se auto proclamando perito no SUNDS.

Entrei em meu pequeno consultório, pendurei o casaco e sentei na cadeira com cuidado de não derramar café. Girei a cadeira para um lado e logo para o outro, movi para frente e para trás e logo repassei a agenda do dia. Essa manhã tinha alguns pacientes; as pessoas formavam parte do grupo que participava de meu estudo sobre sonhadores lúcidos, e o outro sofria de estresse pós-traumático, o que produzia pesadelos. O resto do dia passaria ajudando na clínica do sonho. Genial. Nesse momento, o que menos precisava era passar à tarde sob o olho atento do doutor Canning.

Ainda estava terminando o café quando chegou minha primeira consulta. Megan Murphy era uma estudante universitária capaz na adolescência de controlar certos elementos de seus sonhos. Não era uma sonhadora lúcida tão potente como Noah, mas suas habilidades aumentaram grandemente nos últimos dias. E eu não estava segura do que isso significava. Possivelmente não significasse nada. Megan estava muito nervosa por causa da universidade, o que poderia explicar o aumento de sua atividade onírica.

Por causa disso, fiz uma pequena anotação em seu relatório e decidi que provavelmente a visitasse em um sonho quando tivéssemos solucionado o problema de Karatos. Estava voltando paranoica e começava a acreditar que todo tipo de criaturas incomodavam meus pacientes, embora no fundo era compreensível.

Depois de Megan partir ficaram quinze minutos mortos, que aproveitei para ir ao banheiro e ligar para Noah. Atendeu no quinto tom, quando eu já estava redigindo mentalmente a mensagem que ia deixar na secretária eletrônica.

— Olá? — parecia mal.

— É Dawn. — brinquei com o cordão do telefone e me enredei no dedo— Só queria saber como estava. Despertei?

— Sim — respondeu com voz rouca, mas era evidente que se alegrava de me ouvir— Mas a perdoo.

Sorri.

— Como está?

— Cansado. Machucado. — Baixou o tom de voz em plano sedutor— Tive um sonho maravilhoso.

O calafrio que percorreu as costas me fez esquentar e estendeu por minhas pernas e meus braços (e outros lugares).

— Está seguro que foi um sonho?

— Tem que ser. Era muito bom para ser verdade.

Ruborizei e não pude deixar de sorrir.

— Tem que me contar isso.

— Estarei encantado de fazer.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Vá, fazia calor ou parecia isso? Parecia isso.

Então Noah bocejou.

— Sinto muito, tomei um remédio para dormir.

Não me incomodou, de fato, estava impressionada que acordou quando disse sobre os depressivos que suprimiam o REM. Não é recomendável tomar remédios diariamente, mas naquelas circunstâncias eram a única segurança que Noah tinha frente a Karatos, excluindo a mim, claro.

— Deixarei que volte para a cama. — Para seu corpo era melhor que descansasse e não que seguisse flertando comigo — Liguei depois.

— Certo. Até mais tarde, doc.

Eu disse adeus e desliguei. Segundos mais tarde, Bonnie me chamou e disse que chegou minha próxima consulta, assim estacionei meus pensamentos sobre Noah durante quarenta e cinco minutos. Reservei isso para mais tarde, para quando estivesse trabalhando para o doutor Canning.

Meu seguinte paciente era um homem jovem que sofria horríveis pesadelos relacionados com um acidente no que se viu comprometido, e no que faleceram vários de seus amigos. O grupo estava no lugar errado no momento errado e terminaram em meio de uma briga de grupos de ruas. Eu podia entender as raridades do mundo dos sonhos, mas que os humanos fossem capazes de fazer uns aos outros assustava de verdade.

John e eu já tínhamos nos reunido em várias ocasiões. Em sua primeira sessão, pedi que me descrevesse o incidente que aparecia em seus sonhos de diferentes formas. Este processo ajuda o doente a isolar certas partes do acontecido. Assim se pode determinar o que é o que mais o afeta e decidir a terapia mais adequada. Eu tinha a esperança de conseguir que John voltasse a dormir e a funcionar de uma maneira saudável o quanto antes possível.

O que mais o atormentava era a impotência, saber que não pode salvar seus amigos. Também sofria do que se conhece como *culpabilidade do sobrevivente*. Saiu do tiroteio com um tiro na perna; a ferida menos grave de todo o incidente. Sobreviveu e vários de seus amigos estavam mortos, alguém ficou paraplégico, e outro esteve em coma durante semanas, para despertar com danos cerebrais irreversíveis.

Não era para menos que o pobre estivesse passando tão mal. Mas ia melhorando. Os sonhos foram diminuindo a frequência e em intensidade quanto mais conversávamos, quanto mais escutava e aconselhava, mais fácil estava ficando integrar o acontecido em sua vida e seguir adiante.

Quando John se foi, senti um pouco esgotada pela carga emocional da visita, mas em conjunto estava sendo uma manhã fabulosa. Foi bom atender John e Megan. Seus problemas não estavam relacionados com Terrores Noturnos, não em sentido estrito. Embora é certo que as imagens que via John provinham do mundo dos sonhos, no fundo esses sonhos tratavam de ajudá-lo; tratavam de obrigá-lo a assumir algo importante. Não estavam tratando de matá-lo.

Em outras palavras, eram do tipo de sonhos que podia tratar com meus pacientes e dar as



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

armas necessárias para enfrentar a eles.

Na hora de comer, tive desejo de uma sopa e um sanduiche, assim Bonnie e eu fomos a um restaurante que havia na esquina da clínica. Pedi sopa de tomate e um sanduiche integral de atum. Delicioso. Bonnie pediu um filete com salada.

Sentamos em uma mesa que havia em um canto, perto da janela, para poder ver às pessoas que passavam pela rua. Por desgracia, eles também podiam nos ver.

— Me diga — começou Bonnie depois que eu desse a primeira dentada do sanduiche— , Noah é tão bom como parece?

Evidentemente, engasguei. Estava segura de que fez de propósito. Depois, bebi água e engoli.

— Que diabos? — disse, ainda meio asfisiada— Por Deus, Bonnie! Está tentando me matar? Ela me deu uns golpes nas costas como se eu fosse um bebê ao que tinha que fazer arrotar.

— Sinto muito, querida. Mas é que desde esta manhã tem um rosto de satisfação...

Poderia dizer que dormi mal, mas do que serviria. Se havia uma pessoa no mundo que me animaria a me deitar com Noah, essa era Bonnie.

— Noah já não é meu paciente. — Possivelmente não importasse, mas antes de nada queria deixar isso claro.

Bonnie arqueou uma sobrancelha perfeitamente depilada.

— Mas ainda podem brincar de médicos.

— Está mal! — exclamei, rindo. Ambas rimos.

— Está contente? — perguntou, depois de beber um pouco de chá gelado— Noah a faz sorrir?

Movi na cadeira, era uma pergunta um pouco incômoda. Olhei o sanduiche e brinquei com o pão.

— Sim. Isso acredito. É... complicado. — OH, Deus, agora parecia saída de uma série para adolescentes.

Bonnie sorriu pormenorizada.

— Estou aqui se precisar, querida.

Assenti e notei um nó na garganta.

— Obrigado.

Terminamos de comer e retornamos à clínica cinco minutos antes. Depois de chegar tarde pela manhã, não podia me permitir que voltasse acontecer na hora do almoço, em especial quando me esperava no laboratório o doutor Canning.

Este me tratou com educação, mas pelo modo em que me olhou soube que a visita da polícia o deixou de um humor de cães. Não precisava ganhar mais pontos negativos, mas sabia perfeitamente que meu nome figurava nos primeiros lugares da lista negra de meu chefe. Canning me culpava que Noah saísse do estudo, e não gostava que eu não dedicasse minha vida inteira à clínica. Suponho que em ambos os assuntos tinha um pouco de razão. Noah se foi por minha culpa, e desde que Karatos chegou à cidade, eu dediquei muito mais tempo a minha parte não



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

humana (a que não pagava as contas).

Mas agora ia fazer tudo o que me pedisse, morderia a língua e aguentaria o que me desse, inclusive sua atitude prepotente. Aceitei, e não pela primeira vez, procurar outro trabalho. Chegou o momento de dar um passo a frente. Ali adquiri muita experiência, mas queria me centrar no assessoramento, na investigação, e não em ver gente dormindo.

E menos ainda perder mais tempo escutando um homem que foi meu mentor mas que agora tão somente era um enganador arrogante.

Como era de esperar, meus planos de ser uma empregada modelo se esfumaram com uma simples chamada telefônica. Estava escutando o doutor Canning falar com a doutora Revello de um paciente que sofria sérios problemas quando a voz de Bonnie soou pelo interfone me informando de que tinha uma ligação na linha dois.

A nenhum dos dois gostou que pedisse que me desculpassem, mas não disseram nada. Aproximei do telefone de parede e apertei o botão que piscava.

— Aqui Dawn Riley, mais certo que tenha morrido alguém.

— Sei que não diz a sério. — Era Warren e sua voz preocupada me retorceu o estômago de ansiedade. Só me ocorria uma razão para que ligasse no trabalho.

— Warren, Noah está bem? — Tive que falar baixo e de cara à parede porque o doutor Canning estava observando e já menti (mais ou menos) sobre minha relação com Noah.

— Não sei — respondeu Warren com honestidade — falou com ele hoje?

— Esta manhã. Parecia cansado, mas bem.

— Estou preocupado por ele. Acredito que pegou uma gripe, mas o muito teimoso não quer ir ao hospital. Está caído no sofá sem fazer nada.

Como se supunha que podia dizer que seu irmão estava bem sem que me perguntasse como sabia.

— Provavelmente seja só um vírus. Estava bem ontem à noite, quando... falei com ele.

— Pode me fazer um favor? Tenho que sair da cidade. Importaria dar uma olhada mais tarde? Deixarei a chave debaixo do capacho da entrada.

— Trabalho até as cinco, mas poderia passar antes de ir para casa. Pode deixar. — Estava adorando de ter uma desculpa para poder ir ver Noah sem parecer uma pegajosa.

Ouvi um suspiro de alívio do outro lado da linha.

— Obrigado. Dê seu número de celular e mandarei uma mensagem com o código do alarme.

Menos mal. Era todo um alívio saber que Warren não era tão iludido para deixar a chave ao alcance de qualquer sem adotar medidas de segurança.

Dei meu número de celular e escutei repeti-lo. Voltou a dar obrigado e, ao desligar, vi que o doutor Canning seguia me olhando.

— Acontece algo, Dawn?

— Não, senhor.

— Pois me deu a impressão de que estava atendendo uma chamada pessoal.

Não era assunto dele. Que eu soubesse, aquilo não era uma prisão.





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Não deve ter escutado bem, senhor — respondi tão descarada e profissional como foi possível e segurando o olhar.

Ele pegou a indireta e ruborizou. Possivelmente assim a próxima vez não tratasse de espiar conversas alheias, o muito cretino.

— Está bem, de acordo — disse, depois de esclarecer a garganta.

Coloquei entre ele e a doutora Revello e, saboreando ainda o mel da vitória, atrevi a perguntar:

— Como vai a investigação dos casos do SUNDS?

— De momento não se produziu nenhum outro — respondeu o doutor Canning sem me olhar— A polícia suspeita que possa ser uma bactéria, ou possivelmente um agente biológico. Eu me inclino a pensar que nunca se tratou do SUNDS.

Era uma maneira muito conveniente de dizer que a culpa de que não soubessem encontrar um elo de união entre todos os casos não era deles. Eu já disse que não se tratava do SUNDS, mas me absteve de lembrar. Só serviria para que chateasse comigo ou para que me perguntasse qual era minha teoria a respeito; e nem louca ia dizer que um Terror Noturno do reino dos sonhos matava as pessoas enquanto dormiam para absorver sua essência e assim poder esconder de Morpheo. Inclusive me parecia uma loucura, e isso que sabia que era verdade.

— É uma pena — disse, sem me esforçar por soar sincera— Seria boa a publicidade para a clínica. — Peguei minha pasta e fui dali. Podia sentir os olhares dos dois fixos em minhas costas. Certo que assim que me afastei o suficiente começariam a falar de mim, e a verdade é que não me importava o mínimo. Morreu gente. Karatos os matou, e nada nem ninguém podia fazer algo para remediá-lo.

Nem sequer eu.

O apartamento de Noah estava absolutamente silêncio quando cheguei. Teclei o código do alarme e voltei a fechar a porta antes de chamá-lo. Não me respondeu.

Subi a escada e no patamar tirei as botas e olhei a meu redor.

— Noah?

Nada. Procurei na cozinha, que também estava vazia, mas vi um pote com uma colher na bancada e uma chaleira com sopa de frango fria no fogão.

A sala de jantar também estava em silêncio, embora com sinais de vida. No sofá havia uma manta enrugada e ainda por cima da mesa um livro aberto como uma mariposa. Noah esteve ali, mas onde estava agora?

Subi a escada até o segundo andar do apartamento, que era na realidade um loft. Consistia em um espaço aberto e diáfano, os raios do sol poente penetravam por todas as janelas e banhavam o chão de madeira com uma luz dourada. Havia duas colunas quadradas aos pés da enorme cama, cujo travesseiro estava flanqueado por duas meias colunas que se fundiam com o muro. A cama estava desfeita, os lençóis brancos e os amaciados travesseiros contrastavam com a colcha cor bronze que caía até o chão.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Deixa que o adivinhe...

Assustei por ouvir sua voz, e dei meia volta com o coração na boca.

— Warren disse que viesse. — Noah sorriu.

Estava de pé na soleira da porta que havia no outro extremo do quarto. Só usava jeans e uma toalha pendurada do pescoço. Sua pele dourada resplandecia depois da ducha, e tinha o cabelo molhado e alvoroçado.

Levei uma mão ao peito. Meu coração estava tratando de quebrar as costelas.

— Seu irmão estava preocupado. Disse que estava doente? — Maldição, que bom aspecto tinha. Teria podido comer da cabeça aos pés.

Noah segurou a toalha por ambos os extremos e se aproximou de mim com um leve sorriso nos lábios. Parecia um pouco cansado, mas o vi com pior aspecto quando passava toda a noite pintando.

— Era isso ou contar que um sonho me atacou, que logo outro me curou e que passei o resto da noite com um Pesadelo maravilhoso.

Sorri, e inclusive me ruborizei um pouco ao pegar o duplo significado.

— Como de maravilhosa? — O ego é algo horrível.

Ele riu, e antes de parar frente a mim, lançou a toalha em cima de uma cadeira que havia a escassos metros de distância. Cheirava limpo e calor, e eu morria de vontade de enterrar o rosto no oco que havia entre seu pescoço e o ombro e respirar fundo.

Seus olhos brilharam daquele modo que sempre conseguia derreter por dentro.

— Incrivelmente maravilhosa — murmurou, deslizando uma mão atrás de minha cabeça. E então me aproximou dele e me beijou, e encolheu o estômago.

Rodeei pela cintura e o aproximei mais a mim até que nossos corpos ficaram grudados. Noah segurava a cabeça com ambas as mãos com ternura mas também com firmeza, para que não afastasse... como se fosse fazê-lo.

Tinha sabor de pasta de dente de baunilha e hortelã, tinha a boca quente, úmida e doce, e nossas línguas se moveram juntas. Deslizei uma mão por suas costas e peguei uma nádega. Tinha um traseiro fantástico.

Meu estômago fez ruído. Isso deveria me envergonhar, mas em troca ri. Noah também. Rimos enquanto nossas bocas seguiam tocando. Típico de mim, estragar um momento tão romântico por culpa da comida.

Ele sorriu e se afastou um pouco.

— Ia pedir algo para jantar. Você gosta da comida vietnamita?

Sim eu gosto. Noah ligou, colocou uma camiseta e fomos juntos à cozinha, onde ele procurou umas taças de vinho e serviu um pouco enquanto esperávamos.

— Beber com o estômago vazio — disse eu, girando o líquido escuro que movia dentro da taça. Normalmente, eu não gosto do tinto, mas aquele era muito bom— Não estará tratando de me embriagar para ultrapassar comigo?

Noah esboçou um leve sorriso e, passando um dedo por uma das tiras da cintura de minha



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

calça, puxou-me para me aproximar dele.

— Tenho que embebeda-la?

Nem sequer tentei fingir que me ofendia, mas sim ri e dei um beijo.

Fomos com as taças de vinho ao salão e nos sentamos no sofá. Não tive tempo de beber outro gole quando começamos a nos beijar de novo. Noah deitou em cima das almofadas e nos movemos um contra o outro, nos beijando e nos tocando como adolescentes.

Alegrava tanto de que Warren me ligasse para pedir que passasse por ali!

Estava a dois beijos do orgasmo quando soou a campainha da porta. Não fica tão excitada nem no instituto. Noah levantou e sorriu.

— Não se zangue — me disse de brincadeira, me dando um beijo no nariz— ao menos, você não tem que abrir a porta com uma ereção.

Uma ereção que era toda mérito meu, pensei quando vi descer a escada agachado como um idoso. Sorri como uma tola. Estava eufórica, sentia-me a mulher mais bonita e poderosa do mundo. Pergunto se os homens sabem que nós gostamos de excitá-los tanto como gostam de nos excitar. Sei que há homens aos que só se preocupam com seu próprio prazer, igual à algumas mulheres, mas era evidente que Noah e eu não estávamos nessa categoria.

OH, estava entrando em uma boa confusão. Tinha que parar ou terminaria me apaixonando perdidamente por ele. Se é que não estava já.

Esse pensamento me serenou de repente e terminei o vinho de um gole para ver se esquecia. Quando Noah retornou ao andar de cima, viu que esvaziei a taça e me repreendeu carinhosamente com o olhar. Trouxe a garrafa ao salão e nos sentamos no sofá para comer. Cada um tinha sua própria caixinha de papelão com talharins, frango e verduras, e partimos os rolinhos primavera. Eu adorei saber que Noah tampouco gostava do molho de peixe. Ambos optamos por uma mescla de molho picante. Escutamos música e falamos um pouco durante o jantar.

Terminamos a comida e a garrafa de vinho enquanto víamos relaxadamente televisão. Suponho que acreditarão que teria que me sentir muito satisfeita com essa noite. Pois não, não me sentia satisfeita, e eu não gostava que fosse assim. Tudo era perfeito, melhor do que podia ter sonhado. Sentia bem com Noah, e ao mesmo tempo era evidente que existia tensão sexual entre os dois. Esse não era o problema. O problema era ele.

Não sabia muito bem o que acontecia, mas algo não ia bem com Noah. Era como se faltasse algo. Possivelmente fosse minha paranoia, ou possivelmente o único que acontecia era que Noah estava tendo uma espécie de efeitos secundários da ferida que fez Karatos. Tanto Verek como meu pai me asseguraram que estava bem fisicamente, mas e do resto? E se Karatos fez algo a nível emocional?

Sei que teria que ter deixado de me preocupar e, simplesmente, me alegrar de que estivesse são e salvo, mas não podia. Karatos queria um pouco de Noah e até que averiguasse o que era não ia estar tranquila. Afinal Morpheo virtualmente me jogou do mundo dos sonhos, não estava segura de que pudesse voltar a entrar no caso de que tentasse. Certo que meu pai criou um quarto de ratos para mim. Mas havia uma pessoa com que sim podia me pôr em contato:



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Antwoine. Se havia alguém no mundo real que soubesse o que estava tramando Karatos, esse era ele.

Embora foi uma noite fantástica, por volta das dez decidi que chegou o momento de pôr ponto final.

— Tenho que ir para casa — disse a Noah me levantando do sofá. No televisor apareciam os créditos do filme que estávamos vendo entre nossas rondas de beijos.

Ele também se levantou e, pelo modo em que colocou as mãos nos bolsos, pareceu que parecia vulnerável.

— Fique.

Não disse *por favor*, mas estava implícito em seu tom. E tampouco precisei perguntar por que queria que ficasse. O mais fácil seria pensar que não queria estar sozinho, mas Noah não era assim. De fato, se eu ia, o mais provável seria que ele se deitasse e que fosse diretamente ao mundo dos sonhos para enfrentar Karatos. Estava tão decidido a não permitir que o medo ditasse seu comportamento, a não se converter em uma vítima, que qualquer dia possivelmente terminasse sendo, se é que não aconteceu já.

Não, Noah queria que ficasse porque desejava deitar comigo. E eu queria ficar pelo mesmo motivo.

— Não tenho roupa. — Não disse como uma desculpa, era a pura verdade.

Seus lábios esboçaram um sorriso muito sexy.

— Não precisa.

OH, falava igual a um dos heróis daqueles livros românticos que tanto eu gostava. Se eu não aliviava logo a situação, terminaria por me derreter ali mesmo.

— Importa que lave minha roupa íntima em seu lavabo?

Ele eliminou a distância que nos separava. Seguiu com as mãos nos bolsos e não deixou de me olhar nem um instante.

— Enquanto não a use, não me importa o que faça com ela.

— OH Deus. — Sim, não pude evitar, disse em voz alta.

Sorrindo, Noah tirou uma mão do bolso e entrelaçou os dedos com meus. Parou um segundo para desligar o televisor e logo me guiou através do salão, que agora só estava iluminado pela luz de fora. Segui pela escada que conduzia a seu dormitório com os joelhos tremendo ligeiramente.

Por que estava nervosa? A noite anterior tínhamos deitado, aquela ia ser nossa primeira vez no mundo real.

— Camisinha? — perguntei quando nos detivemos junto à cama. Neste mundo terei que ter em conta uma série de fatores que não existiam no mundo dos sonhos.

Noah estava ocupado desabotoando os botões da camisa.

— Está tudo sob controle.

Arqueei uma sobrancelha.

— Esperava ter sorte comigo ou acaso é uma espécie de gigolô?



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

A risada iluminou seu rosto enquanto deslizava a camisa pelos ombros.

— Esperava ter sorte. — Posou as mãos em minhas costelas e passou sem fazer esforço para conter a vontade que tinha no estomago— Doc, é a primeira mulher com quem estou em muito tempo.

— OH. Certo. — Suponho que já não tinha que seguir me perguntando o que sentia Noah por mim. Ia desfrutar daquela revelação o máximo possível.

Mas se a Noah faltava prática, dissimulava muito bem. Tive dois orgasmos antes que fizesse amor propriamente dito. Seus lábios e seus dedos me converteram em um montão de gelatina. Nesse preciso instante estava deitada de barriga para baixo na cama, com ele em cima e dentro de mim, movendo devagar. Tinha uma das mãos entre os dois e não deixava de me acariciar entre as pernas. O orgasmo número três quase me fez babar em cima do travesseiro. O quarto derreteu os ossos, que suspeito que era exatamente o que Noah pretendia, porque depois acelerou o ritmo. Enfiou os dedos na cintura, esticou e gritou de prazer antes de desabar sobre minhas costas. Nenhum dos dois nos movemos durante um momento, mas sim ficamos encolhidos como duas colheres na gaveta dos talheres enquanto o suor secava e nossos corações recuperavam seu ritmo habitual. Finalmente, Noah se levantou, mas voltou em questão de minutos e deitou a meu lado quando eu já começava a ficar adormecida.

Essa noite não tentaria me pôr em contato com Antwoine. Já o *chamaria* o dia seguinte. Provavelmente me diria que estava paranoica, que a Noah não acontecia nada mau. Nada absolutamente.

Deu um beijo no ombro.

— Me alegro de que tenha decidido ficar — sussurrou, grudado a minha pele.

Inesperadamente, os olhos me encheram de lágrimas. Dei meia volta entre seus braços para poder beijá-lo, abracei e grudei a ele. Nesse instante desejei não ter que soltá-lo jamais.

— E eu.

E então me deu um beijo na testa e me aconchegou junto a seu torso. Tendo em conta que eu era um inseto estranho, Noah me fazia sentir como se fosse maravilhosa. E isso era algo pelo que valia a pena lutar. E ia fazer com todas as armas que tivesse a meu alcance.

## **CAPÍTULO 18**

Se fosse uma pessoa normal, possivelmente teria acreditado que estava sonhando, quando despertei junto a Noah na manhã seguinte. Mas não era, e ultimamente meus sonhos foram muito reais.

Ele estava me olhando apoiado em um cotovelo. Tinha o cabelo alvoroçado e as pálpebras meio fechadas pelo sonho que se negava a abandoná-lo. Estava sexy e muito atraente para essa hora da manhã.

— Faz muito que está olhando? — perguntei grogue, enquanto ele engolia duas balas



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

brancas.

— Eu gosto de olhar. — Sorriu e me ofereceu a caixa de balas de hortelã.

Ri.

— O assassino do mau halito. Sim, por favor. — Peguei duas balas e devolvi a caixinha— Que horas são?

Noah se voltou e por cima do ombro, olhou o despertador que tinha na mesinha de noite.

— Oito e vinte e cinco — respondeu assim que me olhou de novo. Pôs a mão no ombro e começou a acariciar a pele nua— Tem que ir trabalhar?

Neguei com a cabeça.

— Liguei para dizer que estou doente. Tenho coisas que fazer. — Não ia faltar ao trabalho para ficar na cama com Noah, apesar do maravilhoso que foi despertar a seu lado. Canning não gostaria que não fosse, e estava jogando isso, mas se não resolvia aquilo quanto antes, podia morrer mais gente, e isso era mais importante que a desaprovação de meu chefe.

O rosto de Noah perdeu todo rastro de bom humor.

— Coisas de Pesadelo?

— Sim. Tenho que ir ao Central Park a falar com um homem que possivelmente saiba o que quer Karatos de você.

— Um homem deste mundo? — Tinha razão de estar surpreso— Quem é?

— Chama-se Antwoine — respondi, sem acrescentar o sobrenome— pedi que fizesse algumas perguntas por aí em meu nome.

Noah inclinou a cabeça e entrecerrou os olhos. Parecia preocupado, inclusive zangado, e isso não o favorecia muito.

— A quem esteve perguntando?

— Não sei. — Provavelmente deveria perguntar mas já tinha bastante do que me preocupar para abrir outra caixa da Pandora.

Noah me olhou vagamente divertido. Que diabos estaria pensando?

— Confia nesse homem?

Nem sequer tive que pensar.

— Sim. — Antwoine tinha motivos de sobra para odiar meu pai, mas comigo não tinha nenhum problema.

Ele ficou me olhando com um sorriso nos lábios. Voltava a parecer o de sempre, assim que relaxei um pouco.

— E eu que pensava que a habilidade de dar respostas críticas e abruptas era minha.

Ri e segurei a mão que tinha livre.

— Confia em mim? — perguntei.

— Sim — me respondeu sorrindo ainda mais.

— Explicarei tudo que tenha averiguado mais tarde, certo?

Assentiu. Eu sabia que aquilo era muito duro, tendo em conta seus problemas para enfrentar às situações que não controlava, mas o estava levando realmente bem. Se tínhamos



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

sorte, logo nos liberaríamos de Karatos. A sombra do Terror Noturno era muito extensa e se abatia inclusive sobre nossa relação. Eu queria ter com Noah uma relação normal, ou tão normal como fosse possível.

Durante um segundo, quase desejei que Karatos ficasse mais tempo, assim Noah e eu poderíamos passar mais tempo juntos. Uma vez o Terror Noturno desaparecesse, bastaria com a atração física para manter nossa relação?

Ele me seguia olhando com seus olhos escuros e um sorriso nos lábios.

— Amo você — me disse.

Meu coração caiu, e não pelo que acabava de ouvir. Senti um calafrio na mão, mas antes que pudesse reagir, Noah me deitou na cama, ficou em cima de mim e me segurou os braços com uma força sobre-humana.

— Nem ocorra fazer aparecer essa adaga que tanto você gosta, Pequena Luz — me disse Karatos com sua voz tenebrosa enquanto seus olhos se voltavam azuis. O único negro que conservou foi o círculo das íris. Uns círculos horripilantes. Aqueles olhos pareciam horríveis no meio do rosto de Noah.

Deveria saber que era um sonho. Deveria me dar conta de que era Karatos tratando de me surrupiar informação, jogando com minha mente.

Mas não me deu conta, não em seguida ao menos, porque Karatos conseguiu parecer igual a Noah, cheirar como ele. Era bom em enganar. Acaso absorveu a essência de Noah?

— Se afaste de mim — ordenei.

— OH, vamos. — Sorriu coquete e sedutor— A última vez foi genial. Imagine como poderia ser esta vez; o corpo de Noah mas com minha perícia como amante.

— Disse que se afaste.

— O que vai fazer se não, chamar seu papai?

Poderia, mas Karatos desapareceria em um abrir e fechar de olhos, e com o disfarce que usava, era impossível que Morpheo o encontrasse. Teria que tomar um remédio para dormir, pensei, e então me dei conta de que Noah tampouco tomou nenhum.

OH, Deus, e Karatos fizesse algo?

Foi como se me lesse o pensamento.

— Não se preocupe, Dawnie. Noah está a salvo. De momento.

*De momento.*

— Disse que se afaste. — Não lutei. Isso seria como me mover debaixo dele e seguro que gostaria— Agora mesmo.

Sorriu. Dizer que esse sorriso era uma imagem perturbadora no rosto de Noah seria ficar bem, mas não me alterei nem afastei o olhar.

— Ou o que?

Procurei seus olhos com meus e segurei o olhar, e apesar de minha nudez, sentia segura de mim mesma.

— Ou isto.





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Fiz o que fiz a Verek o dia em que quis tirar o pendente, só que nesta ocasião o que queria era tirar Karatos de cima. Procurei em meu interior, reuni a força necessária e a projetei. Não teria funcionado se ele visse vir, mas o peguei despreparado.

O rosto que fez quando seus dedos não tiveram mais remédio que soltar foi incrível, mas o olhar que me lançou quando saiu pelos ares, não teve preço. O poder de meu interior cresceu e se estendeu dos pés à cabeça. Tinha que expulsá-lo ou acabaria explodindo.

Soltei. Tomei um segundo, só um, para desfrutar de seu atordoamento; vi que não terminava de acreditar o que aconteceu. Karatos foi parar contra a parede e deslizou para o chão.

Não esperei que se recuperasse. Quando fizesse, estaria furioso e queria me atacar, e eu não estava preparada para enfrentá-lo. Além disso, tinha que procurar Noah, e me reunir com Antwoine. Tinha que me preparar.

Despertei.

Noah, o Noah de verdade, estava sentado em um lado da cama. Só usava uma toalha ao redor da cintura e tinha a pele e o cabelo molhados da ducha que acabava de tomar. Estava recém barbeado e cheirava a essências e a baunilha. Se não fosse porque seguia deslocada pelo que aconteceu com Karatos, grudaria a ele como a manteiga a uma torrada recém feita.

— Está bem? — perguntou, me olhando com ternura.

Assenti. Tinha um nó na garganta e o estômago revoltado. além de vontade de chorar. Mas assenti.

— Tive um pesadelo.

Sua expressão não mudou, mas em seus olhos apareceu um brilho especial. Não o convenci.

— Quer falar disso?

— Não. — Quase comecei a rir como uma histérica— Agora não. — Nem louca ia dizer que Karatos se apropriou de uma parte dele, nem que se fez passar por ele em meu sonho.

Merda. Conteí a Karatos quem era Antwoine. Tinha que avisar o idoso em seguida.

Parte da ternura dos olhos de Noah passou a ser preocupação. Sabia que estava ocultando algo.

— Não sou frágil, Dawn. Não tem que me manter à margem do que acontece.

— Não faço. — Era possível sentir mais culpado?— E você? Dormiu bem?

Noah ficou olhando um momento e deixou que o silêncio entre os dois chegasse a ser incômodo.

— Sim. Foi Karatos?

Ia ter que dizer algo, embora só fosse para aliviar a tensão que estava criando entre nós. Mas não ia contar que Karatos se passou por ele, isso poria os cabelos em pé. Não estava preparada para responder a suas perguntas. Não ia dizer nada que eu não queria dizer.

— Sim. Disse um montão de tolices. Não fez nenhuma visita?

— Suponho que esta vez decidiu me dar uma pausa — conseguiu dizer, divertido e ressentido ao mesmo tempo.

— Suponho — respondi. Mas eu sabia que o único que pretendeu Karatos era me dar um



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

susto e mostrar o que era capaz de fazer. Não tinha nada que ver com Noah; só fez para me demonstrar o poder que tinha sobre mim. E isso tampouco pensava contar a Noah.

Este colocou uma mão em uma de minhas coxas. Senti seus quentes dedos através do lençol. Durante um segundo, só fui capaz de pensar que Karatos me tocou e tive que fazer um esforço para não me afastar. Não ia permitir que esse filho da puta me danificasse o que tinha com Noah. Pus uma mão em cima da dele e a apertei. *Chupe essa, Karatos.*

Vi que Noah estava preocupado e assustado.

— Não me fez mal. — Não muito. Não comparado com o que eu fiz a ele, pensei com um sorriso.

Ele também sorriu. Não foi um sorriso completo, mas foi sincero e autêntico.

— Me alegro. Vamos, se levante. Prepararei o café da manhã.

Noah colocou minha roupa na máquina de lavar roupa e aproveitei para tomar banho enquanto secava. Logo, ele preparou o café da manhã enquanto eu ligava para Bonnie e dizia que não iria trabalhar. Expliquei que tinha dor de cabeça e febre e que suspeitava que podia ser um vírus. Essa manhã não tinha nenhuma consulta programada, assim que ninguém sofreu por minha ausência. Eu não gostava de ter que mentir a Bonnie, mas estava encantada de não ter que suportar o doutor Canning durante todo o dia.

Bonnie me disse que melhorasse e que esperava me ver no dia seguinte, e eu assegurei que assim seria. Então acrescentou que saudasse Noah de sua parte. Balbuciei alguma tolice e desliguei. Fui à cozinha. Cozinhamos bacon e ovos ombro com ombro e preparamos algumas torradas. Noah inclusive preparou suco de laranja e moeu um pouco de café.

— Me diga que não toma café da manhã assim cada dia — disse, quando nos sentamos na ilha que havia no centro de seu enorme cozinha, com os pratos a transbordar de comida.

— Só depois de fazer amor — respondeu, sacudindo a garrafa de ketchup— Quer dizer, algumas vezes por semana.

Fiquei olhando com o garfo a meio caminho da boca. Estava completamente sério, mas seus olhos brilhavam com a brincadeira.

— Está mentindo.

— Sim — confessou.

Não ia perdoar aquela mentirinha de qualquer jeito. Espetei algumas batatas.

— Quando foi a última vez que fez amor?

Noah olhou o relógio.

— Faz oito horas.

— Antes de mim — perguntei olhando-o exasperada.

— Por quê? — colocou ketchup nas batatas.

— Porque eu gostaria de saber.

Tampou a garrafa e a deixou diante de mim. Aquela situação parecia gostar, o que me deu muita raiva.

— Não, não quer saber.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Isso é um pouco presunçoso por sua parte, não acha?

— As mulheres nunca querem saber. — lambeu um pouco de ketchup que ficou no dedo— Dizem que sim, mas não é verdade. E os homens tampouco.

— Das duas uma: ou é muito preparado, ou deitou com outras duas horas antes que eu chegasse e não me quer dizer isso — Que estamos tomando café da manhã juntos.

Noah riu. E não um pouco, a não ser uma gargalhada.

— É tão desconfiada...

— E bem? — insisti.

Cruzou os braços sobre a mesa e se inclinou para mim.

— Há uma diferença muito importante entre fazer amor e deitar com alguém. Você é a primeira mulher com quem faço amor desde meu divórcio.

OH. Senti uma pontada de prazer no peito. Teria que bastar com essa explicação.

— Que diferença?

Noah suspirou e pegou um pedaço de bacon de meu prato. Levantou e me ofereceu isso.

— Que estamos tomando café da manhã juntos.

Sorri e peguei o ketchup. Provavelmente tinha rosto de idiota, mas tudo bem.

— Eu gosto de tomar café da manhã.

Noah desviou o olhar para seu prato um segundo antes de me olhar nos olhos. Eu gostei do que vi na profundidade daquela íris negras. Parecia menos sereno que antes, e isso me reconfortou.

— E a mim.

Fui assim que minha roupa secou, recém tomada banho e com o estômago cheio. Noah me acompanhou até a porta e se despediu com um beijo. Disse que pintaria um momento e que pela tarde sairia com sua mãe para tomar um café. Enquanto caminhava pela rua me sentia muito mais relaxada do que o estive nas últimas semanas, e só me voltei para olhar para trás uma vez.

Noah seguia de pé na porta. Saudou e eu devolvi a saudação sorrindo como uma idiota.

Quando cheguei a meu apartamento, já passou a euforia e voltava a pensar em Karatos e em que diabos podia fazer com ele. Noah e eu não teríamos uma relação normal até que o Terror Noturno desaparecesse, assim, agora, essa ia ser minha missão na vida. Não só por meu bem, mas também porque disso dependiam vidas humanas.

Escutei a secretária eletrônica, não tinha nenhuma mensagem. Perguntei se minha família teria a consulta acertada com o especialista. Avisariam? Possivelmente seria melhor não saber. Assim não teria que decidir como devia atuar, nem tampouco me sentiria como uma traidora para uns ou outros.

Liguei o número que me deu Antwoine. Atendeu ao terceiro timbre e a julgar pelo ruído que se ouvia de fundo, estava fazendo fila no supermercado. Disse que podíamos nos ver em algumas horas, assim desliguei e fui preparar.

Troquei de roupa e me maquiei um pouco. Por estranho que parecesse, não me importava que Noah me visse sem maquiar. O único que me incomodava era me deitar sem demaquilante



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

como era devido. Nunca me deitava sem lavar o rosto, é ruim para a pele. Para compensar, marquei hora para um tratamento facial.

Antwoine e eu tínhamos marcado em um Starbucks que havia na Quinta Avenida, e ainda faltava uma hora para nosso encontro. Pensei em Karatos, obviamente, e em Verek, e em meu pai e em Noah. Todos estavam convencidos de que eu tinha muito potencial, mas eu seguia sem ver claro. Bom, estava claro que o que fiz naquela mesma manhã a Karatos podia considerar uma melhora, mas se supunha que tinha capacidade de fazer muitas mais coisas, e não tinha nem ideia de como aprender fazer. Parecia, nasci com um dom, mas não sabia como exercê-lo.

Precisava um mentor. Precisa encontrar um Pesadelo com experiência que me ensinasse a desenvolver meu potencial. Os Pesadelos não tinham um programa de Irmão Maior? Meu pai me ajudou um pouco, mas ele era o rei, e, além disso, não podia dizer que em meu caso fosse imparcial. Provavelmente o melhor candidato fosse Verek; era leal a meu pai e, conseqüentemente, a mim. Ele me ensinaria.

Chegou a hora de ir. Vesti as botas negras combinando com o casaco. O negro era o conjunto perfeito para o pulôver de pescoço alto cor arándano que escolhi para esse dia, e com os jeans. Pendurei uma bolsa de couro negro do ombro para completar o look. Já sei que meu traje não agradaria aos defensores dos animais, mas eu gosto das coisas de pele, e afinal comemos às vacas, não vejo nenhum mal em aproveitar também sua pele.

Fazia frio mas não muito, assim fui caminhando até a Quinta e logo girei em direção ao Starbucks no que combinei com Antwoine. Ali estava mais quente que no Central Park, e também poderia me assegurar de que ele comesse algo. Não sabia se trabalhava, nem sequer se tinha um lugar para viver, e queria fazer o que fosse para ajudá-lo.

Antwoine estava esperando. Usava a mesma jaqueta vermelha com o pulôver de lã marrom da última vez, e diria que cortou o cabelo. Sorriu assim que me viu. Eu devolvi o sorriso, eu gostava de verdade de ver aquele homem que sabia o que eu era e não importava.

Vi que não tinha motivos para me preocupar com a situação econômica de Antwoine, porque quando chegou o momento de pagar, tirou uma carteira cheia de dinheiro e de cartões de crédito e me convidou. Dei obrigado. Uma pessoa com meus estudos sobre a conduta humana não deveria julgar ninguém pelas aparências, mas fiz, e me sentia como uma estúpida.

— O que faz, Antwoine? — perguntei quando nos sentamos.

— Estou retirado — me informou — Ganhei a loteria do estado de Nova Iorque faz uns anos. — Devia parecer alucinada, porque ele começou a rir. Então negou com a cabeça e bebeu um pouco de café — Mas suponho que não me fez vir aqui para falar de minha situação financeira, não?

Consegui recuperar a postura e a voz.

— Não. Eu gostaria de fazer umas perguntas, mas antes tenho que contar uma coisa.

Antwoine pegou a parte superior de sua madalena e a meteu na boca.

— Eu também quero perguntar algo. Encontrou Madrene?

Seu succubus. Deus, me esqueci de por completo. Claro que, por outro lado, era mais que



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

compreensível depois do que me aconteceu.

— Não, sinto Antwoine. Com tudo o que há...

Levantou uma mão para parar.

— Não tem que desculpar. Só era uma pergunta.

— Encontrarei, prometo isso.

Ele assentiu e tomou a palavra, e esta vez eu pensava mantê-la.

— E agora, vejamos, o que queria me contar?

Tive que me armar de coragem antes de começar a falar. Sentia como uma imbecil, como se falhasse.

— Acredito que pode estar em perigo.

Nem sequer se alterou.

— Isso não é nada novo, pequena.

Mas em que tipo de ambiente se movia aquele homem?

— É o Terror Noturno. Visitou-me esta noite disfarçado de Noah e me fez algumas perguntas. Disse seu nome antes de me dar conta de que era Karatos.

Antwoine franziu a testa.

— Entrou em seus sonhos disfarçado de seu namorado?

— Sim, o muito bastardo. Quase acreditei.

— Deve utilizar parte da energia de Noah.

— Isso acredito. Fez o mesmo com minha companheira de apartamento, mas não se disfarçou dela.

— A não ser que essa garota saiba o que é na realidade, não teria sentido que o Terror tomasse sua forma — explicou Antwoine, ainda preocupado, enquanto bebia um pouco de café— Não se preocupe por mim. Essa coisa não pode me tocar onde eu estou. Ninguém pode.

Que alívio.

— Graças a Deus.

Sorriu-me como se fosse meu avô.

— Assume muita responsabilidade, menina. O que é o que queria me perguntar?

— Karatos está fascinado com Noah. Que motivos teria um Terror Noturno para querer aterrorizar sempre o mesmo sonhador lúcido? — Engoli saliva— Por que não o mata, como a outros? — Exceto Lola, claro.

*Possivelmente volte a procurá-la*, sussurrou uma voz. Tratei de ignorá-la.

Antwoine comeu um pouco mais de madalena.

— Um Terror Noturno pode alimentar do mesmo sonhador durante muito tempo.

— Karatos diz que não quer fazer mal. Diz que tem planos para ele.

Antwoine enrugou a curta testa.

— Planos?

— Sim. Tem ideia de no que podem consistir?

Moveu e sentou completamente erguido.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Diz que esse Terror Noturno matou outras pessoas?

Assenti.

— Não todos eram sonhadores lúcidos, mas a maioria tinha pesadelos horríveis.

— É evidente que se sente atraído pelos sonhadores propensos a sonhar coisas violentas.

Mas diz que não matou a todos aqueles com os que se pôs em contato?

Voltei a pensar em Lola.

— Não, graças a Deus.

Ele ficou pensativo.

— E sempre volta a visitar esse sonhador lúcido em concreto.

Não era uma pergunta, mas respondi de todos os modos.

— Sim.

— Um sonhador lúcido muito potente.

— Muito potente.

— E Karatos pôde matá-lo em infinidade de ocasiões e não o fez.

— É como se estivesse tratando de ver até onde pode chegar com Noah antes de fazê-lo. —

Assim que as palavras saíram de minha boca, tive um horrível pressentimento.

Antwoine passou uma mão pelo rosto. Tinha os segundos nódulos grandes e um pouco deformados por culpa da artrite.

— Acredito que o Terror está provando a seu amigo.

— Que o está provando? — Não entendia nada.

Antwoine se inclinou para frente e, apoiando os cotovelos na mesa, sussurrou-me:

— Acredito que quer cruzar ao mundo dos humanos.

Neguei com a cabeça.

— Isso é impossível. As criaturas oníricas, em especial essas, não podem sobreviver na Terra.

— Sim podem se encontrarem um sonhador bastante forte para aceitá-los. Só precisam achar um corpo no que instalar.

— Como uma posse demoníaca?

Ele estalou os dedos.

— Exato. Essa coisa esteve roubando a essência de suas vítimas. Provavelmente leva muito tempo fazendo para ir adaptando à natureza humana. Quando tiver acumulado o poder suficiente, quando tiver acostumado a ir disfarçado de humano, entrará dentro de seu amigo e cruzará para este mundo.

Não podia acreditar o que estava ouvindo, mas o horror sim conseguiu me penetrar, me deixando completamente aturdida. Não ia permitir que Karatos levasse Noah.

OH, Meu deus. E se já o levou? E se por isso o notei diferente?

Tinha vontade de vomitar.

Antwoine me colocou a xícara de chá chai na mão.

— Bebe um pouco. Vamos.

Fiz o que me dizia e me senti um pouco melhor.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Como posso saber se já o fez?

Comeu um pouco mais de madalena.

— Se o Terror acabar de instalar no corpo de Noah, estará ansioso e desesperado por sair e fazer mal a alguém. Se seu amigo adotar uma atitude maníaca ou agressiva, ou de repente se comporta como se tudo parecesse novo e fascinante, começa a se preocupar.

Aliviei-me tanto que senti como se jogassem um balde de água fria em cima. Noah não fazia nenhuma dessas coisas. Ainda não.

— Não cante vitória, pequena — disse Antwoine bebendo um gole de café— Se essa coisa vier a este mundo, conseguirá que Jack o Estripador pareça o príncipe da Branca de Neve. Tem que manter seu amigo afastado do mundo dos sonhos. O Terror não poderá cruzar sem um corpo. Não poderá sobreviver sem ele.

Assenti.

— Assegurarei de que Noah esteja a salvo.

— Seu amigo não é o único pelo que tem que preocupar. — Ao ver que o olhava confusa, acrescentou sério e angustiado— Se esse Terror chega a nosso mundo, quem acredita que será sua primeira vítima?

## **CAPÍTULO 19**

No final do dia, a única conclusão a que cheguei foi a de que era uma maldita covarde.

Despedi de Antwoine fora do Starbucks. Ele deve ter visto como estava alterada porque o pobre me abraçou antes que eu partisse cambaleando como uma zumbi. Precisava caminhar um momento. Precisava deixar de tremer e tinha que controlar a raiva e a impotência que sentia antes que me fizessem explodir.

Com a cabeça encurvada e as mãos nos bolsos do casaco, caminhei com o olhar fixo na calçada, esquivando às pessoas ao redor sem parar.

Karatos. Obrigou-me a retornar ao mundo dos sonhos. Brincou comigo e com meus sonhos. Possivelmente não me fez mal, mas me violou. O dano me fez mais tarde: matando Nancy Leiberman, atormentando Lola. Brincou com Noah como se fosse seu mascote, dirigindo como um boneco. Era a última vez que esse Terror se metia em minha vida e na de meus seres queridos.

O ódio corria por minhas veias, queimava a pele e me fazia sentir como se fosse um bule a ponto de ferver. Quando era pequena, brincava de X-Men; sempre era Tempestade ou Phoenix. Assinalava com o dedo algo e fingia que lançava um raio, ou que dava com os poderes de minha mente. Agora queria fazer o mesmo, mas tinha o pressentimento de que se tentava aconteceria de verdade.

Alguém chocou comigo e me fez cambalear para trás depois de me dar um golpe no ombro.

— Olha por aonde vai — soltou.

Nesse instante, desejei arrancar a cabeça desse desconhecido. Devagar, levantei a cabeça e





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

enfrentei nos olhos o tipo. Mantive o rosto inexpressivo, o brilho beligerante de seus olhos foi desvanecendo até que seu lugar o ocupou a incerteza. O medo?

— Sinto — balbuciou e entrou entre a multidão como se perseguisse a polícia.

Franzi a testa e observei meu reflexo no vidro do edifício que tinha à direita. Que diabos estava passando?

O coração me pulsava desbocado e me dirigi para uma rua menos transitada. Apoiei as costas contra a parede e desprendi a bolsa do ombro. Dentro levava um espelho compacto. Peguei-o e o abri para me olhar.

Merda. Começava a recuperar um pouco de cor, mas não era e estranhar que o tipo se assustou.

Tinha os olhos tão pálidos que pareciam brancos. Enquanto me olhava no espelho foram recuperando algo de sua cor, mas os círculos negros das íris seguiam ali. Passei do aborrecimento ao assombro e logo sim, ao medo, e pouco a pouco meus olhos voltaram para a normalidade.

Que mudassem não era tão estranho. Muitas criaturas oníricas tinham olhos claros com bordas negras. Karatos, sem ir mais longe, e em ocasiões meu pai também. Os olhos dos habitantes do mundo dos sonhos são mais sensíveis à luz, porque assim nos resulta mais fácil ver dentro da escuridão que está acostumado a povoar os sonhos. Não, não era estranho que mudassem os olhos.

O estranho era que tivesse acontecido ali, no mundo dos humanos, pois os olhos destes não mudam tanto de cor.

A mudança se produziu no mesmo instante em que senti aquele grande poder em meu interior; e me alegrei de não ter cedido à tentação de dar rédea solta. Não sabia o que significava, mas não tinha intenção de contar a ninguém.

Fosse o que fosse o que acabava de me acontecer, não podia ser nada bom.

Estava em casa, sentada no sofá com Dulce e tratando de me distrair olhando a televisão, quando Noah ligou.

— Vêm jantar. — Foi uma ordem, não esperava que me negasse.

Fiquei olhando o telefone. Começava a comportar de um modo agressivo? Já se apropriou Karatos dele? Não, se isso fosse assim, eu saberia.

Já estaria morta. Karatos teria brincado comigo durante um momento, mas no final não teria podido conter.

— O que vai jantar? — perguntei, sorrindo aliviada.

— Comida Indiana.

— Minha preferida. Onde pedirá?

Ouvi uma risada ao outro lado do telefone.

— Estou cozinhando.

Deu um tombo o coração e me fez a boca cheia de água. Um homem que sabia cozinhar! E não só isso, mas também sabia cozinhar comida a indiana.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— A que hora me quer em casa? — perguntei, paquerando descaradamente.

— Hum, uma pergunta com truque — disse ele, com voz também sexy— A que horas quer vir?

Estremeci. Um estremecimento que me percorreu toda a coluna vertebral e se intensificou em certas zonas, que me começaram a palpitar.

— Tenho que tomar um banho e me mudar...

— Poderia tomar banho aqui. — Aquela voz tão sedutora ia me matar.

Seguro que Noah sabia que eu nos estava imaginando juntos na banheira. Tinha que saber. Ele molhado e coberto de espuma. Fechei os olhos.

— Não me tente. — Não podia me tomar banho em sua casa. Precisava tirar de cima todo o cansaço do dia antes de vê-lo.

— Vêm quando quiser — me disse. E soube que sorria— Eu estarei aqui.

— Genial. Verei dentro de um momento.

la desligar quando Noah voltou a falar:

— Dawn?

— Sim?

— Traz uma sacola com roupa limpa. — E desligou.

Fiquei ali de pé, com o telefone na mão, tremendo e um pouco aturdida. O nosso relacionamento ia muito rápido. Muito possivelmente. Mas não tinha intenções de pôr freio. E não acreditava que Noah fosse fazer.

Preparei a banheira e tomei um banho tão longo como me permitiram meus hormônios. Não me dá vergonha admitir que morria de vontade de ver Noah. Queria vê-lo, tocá-lo, beijá-lo. Sabia que se estávamos juntos, ele estaria a salvo. Eu me sentiria a salvo.

Fiz um peeling corporal com aroma de coco e me assegurei de depilar bem as pernas e as axilas antes de passar uma pedra-pome recém estreada pelos pés. Depois, sequei e meleí o corpo de creme hidratante do mesmo aroma que o peeling. Maquiei-me e me vesti com jeans elásticos e uma camiseta azul, que me ressaltava muito os olhos; que, graças a Deus, por fim voltavam a ter sua cor normal. Prendi o cabelo em um coque e pus brincos de aro. Satisfeita por fim com minha aparência, meu aroma e minha pele, tirei do armário uma bolsa de pele que me dei no Natal ao comprar um lote do Lancôme e meti nela roupa limpa para o dia seguinte. Também levei o penhoar e a nécessaire com a maquiagem. Preparada. Já podia ir.

Deixei uma nota a Lola, porque minha amiga às vezes se preocupava. Eu também me preocupava com ela, em especial agora que Karatos sabia de sua existência. Mas Morpheo a vigiava, assim sabia que minha companheira de apartamento estaria a salvo.

Cheguei à casa de Noah quase duas horas depois de sua ligação. Abriu descalço, vestido com velhos jeans e uma camiseta cinza. Pegou a bolsa e depois de fechou a porta foi se aproximando de mim até que minhas costas se chocaram com a parede e ele ficou grudado a meu torso. Beijou-me, não com ternura nem com delicadeza, mas sim como se queria me devorar inteira. O coração pulsou descontrolado contra as costelas, acredito que tentava lançar aos pés de Noah. E minha



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

respiração, bom, a verdade é que deixei de respirar, porque quando ele se afastou e interrompeu o beijo, eu tinha a boca aberta como um atum ao que acabam de tirar do mar.

Deu a mão e puxou para a escada. O apartamento cheirava a tikka massala, alho e coentro. Fez um ruído o estômago. O fragrante aroma me envolveu me dando boas vindas. Sentia como se encaixava ali, como se Noah quisesse de verdade que estivesse.

— O jantar está preparado — me disse, depois de deixar minha bolsa junto à escada que conduzia ao dormitório— Veio?

— Claro. Posso ajudar em algo?

— Não — respondeu já de costas, antes de desaparecer na cozinha— Tudo está sob controle.

Minutos mais tarde estávamos frente à mesa, repleta de comida deliciosa e iluminada por velas que cheiravam a baunilha. Havia uma garrafa de vinho aberta, cujo aroma se acrescentava à mescla do jantar. Tudo cheirava muito bem e tinha um aspecto fantástico, e assim disse a Noah.

Sentamos e ele me serviu uma taça de vinho. Não estava preparada para contar o que me disse Antwoine, assim escolhi um assunto de conversa mais seguro.

— Conseguiu pintar algo?

Negou com a cabeça.

— Não tinha vontade. Mudei de planos e almocei com minha mãe. E você?

— Eu tampouco pintei.

Noah sorriu.

— Não se faça de engraçadinha.

Queria contar o que me aconteceu nos olhos. Além de Antwoine, ele era o único com quem podia falar, mas não me atrevi a dizer. Era muito estranho, inclusive para mim, e Noah já tinha bastante com o seu. Não queria acrescentar mais coisas inexplicáveis à lista.

Esse jantar foi um orgasmo para os sentidos. O frango tikka masala estava de morte, igual ao sag paneer, o chana masala e o cordeiro a vindaloo. Também havia arroz basmati, cozinhado tal como eu gostava. E o naan estava delicioso. Noah fazia comida demais, e comemos até arrebentar.

— É maravilhoso — disse, incapaz de dar uma mordida mais— O jantar foi fabuloso.

— Leve um pouco para amanhã — propôs, enquanto recolhíamos— Eu não comerei isso tudo.

Que detalhe tão doméstico de sua parte. Inclusive preparou isso em um recipiente de plástico com compartimentos.

Sentamos no sofá, Damien Rice soava baixinho no aparelho estéreo e Noah sorriu por cima da borda da taça de vinho.

— Cospe.

— Desculpa? — Tinha o pressentimento de que não se referia ao vinho.

— Está nervosa desde que chegou. O que acontece?

Já não podia adiar mais. Suspirei.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Falei com meu amigo, o tipo que disse que possivelmente sabia o que queria Karatos.

Ao ver que não dizia nada mais, Noah arqueou uma sobrancelha.

— E o que disse?

— Possivelmente esteja errado — quis deixar claro de entrada— Tem experiência tratando com criaturas como Karatos, mas não é nenhum perito. Não é um oniro, é humano.

— De acordo. Agora conta — ele realmente, estava demonstrando ter muita paciência. Se eu estivesse em seu lugar, a essas alturas já teria arrancado a cabeça.

— Tem que te manter afastado do mundo dos sonhos, certo? É muito perigoso. Morpheo terá as pessoas o vigiando, mas não quero que corra nenhum risco, não quando Karatos está tão desesperado por tê-lo.

Noah me observava com atenção e mantinha o rosto inexpressivo.

— Por que me quer com tanto desespero, doc?

Olhei para baixo. Logo a um lado. A qualquer lugar exceto em seus olhos.

— Antwoine acredita que Karatos quer utiliza-lo para cruzar para este mundo. — Assim que as palavras saíram de minha boca, atrevi a olhá-lo.

Noah seguia me contemplando sem alterar.

— Como?

Esta vez, me obriguei a aguentar o olhar.

— Acredito que está tratando de possuí-lo.

— Me possuir? — Arqueou uma sobrancelha incrédulo, zombador incluso— Isso é impossível, não?

— Temo que não.

— Merda! — ficou em pé de um salto. Segurou a taça pela borda e a manteve grudada a sua coxa enquanto passeava nervoso pela frente das janelas— Merda!

Sabia perfeitamente como parecia.

— Pararemos, Noah.

Seus olhos se fixaram nos meus e vi como estava furioso.

— Pararemos? Quererá dizer que o parará, não? Supõe que eu nem sequer posso sonhar, por Deus santo.

As únicas vezes em que se zangava tanto era quando parecia que estavam roubando o controle, quando parecia indefeso. Noah zangado não me dava medo, mas me doía o coração vê-lo assim.

— Sim. Pararei.

Negou com a cabeça e apertou os lábios.

— Eu não gosto nada disso. Não quero que você tenha que liderar minhas fodidas batalhas.

— Noah...

— E se supõe que tenho que ficar de braços cruzados e permitir que faça. Que sou muito fodidamente débil para fazer nada a respeito.

Certo, estava muito se zangando.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Noah — disse com tanta firmeza como foi possível ao me pôr em pé— Karatos não escolheu porque é débil. Isso sabe, não? — Tratei de acariciar o rosto, mas ele se afastou— O escolheu porque é forte. Tão forte que pode hospedar dentro de você uma criatura que do contrário morreria em nosso mundo.

Ele ficou me olhando furioso.

— Karatos fará mal — me disse— Não quero que... não quero que faça mal.

Não sei se é possível que o coração humano se encher de emoção, mas o meu fez justamente isso.

— Não estarei sozinha. Morpheo virá comigo. Mas não poderei derrotar Karatos se você se render. Nesse caso, ninguém poderá.

Em seu corpo e sua postura pude ver que estava menos tenso.

— E o que acontecerá se Karatos consegue chegar a nosso mundo?

Cruzei os braços.

— Poderá fazer tudo o que agrada. Alimenta-se do medo, assim suponho que fará mal às pessoas. Provavelmente se converta em violador, ou torture a alguém, ou seja o típico assassino em série. — disse muito calma, como se nem sequer me expor que isso pudesse acontecer na realidade.

— E utilizará meu corpo para fazê-lo.

Assenti.

— Suponho que começará atacando as pessoas que resulte familiar — disse eu.

Noah não demorou em entender o que estava insinuando.

— A você — murmurou com o mesmo temor que eu sentia.

E à família de Noah, mas não disse.

Tremeu um músculo na mandíbula.

— De verdade acha que podemos detê-lo?

Sorri para ouvir o plural.

— Sim. — E por estranho que parecesse, era verdade— Sem você, Karatos não é nada.

— Genial — disse depois de uma risada amarga.

Nesta ocasião, não se afastou quando tratei de tocá-lo, assim que minhas mãos aterrissaram no sólido muro de seu torso. Podia sentir seu calor e seus fortes músculos sob minhas palmas. Rodeou-me a cintura com o braço que tinha livre e me aproximou dele.

— Tome cuidado — me advertiu.

— Terei — respondi.

— Se fizer mal... — O resto da frase ficou suspenso entre os dois enquanto nossos olhares se encontravam. Não podia nem imaginar o que Noah estava pensando, mas me reconfortou de todos os modos. Os homens não dizem essas coisas se não sentem algo por você. Se não amam.

Não sei qual dos dois se inclinou primeiro, quem foi o primeiro a ceder, mas em questão de segundos estávamos nos beijando como se nossas vidas dependessem disso. E possivelmente era assim.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Ele deixou a taça de vinho em cima da mesa e logo se agachou para me segurar nos braços. Aquele homem tão atraente me pegou nos braços!

— Noah, não, peso muito...

— Se cale — brigou — É perfeita.

OH, sim. Corria perigo de me apaixonar por ele.

Levou-me seu dormitório e eu fiquei calada, tal como me disse. Despiu-me muito devagar. Acariciou-me e me beijou, e fez amor com extrema lentidão. Era como se tivesse que me demonstrar algo, como se me voltando louca de desejo pudesse recuperar o poder que Karatos roubou. Mas não me importava.

Quando por fim deslizou dentro de mim, estávamos úmidos de suor e tensos de desejo. Rodeei o pescoço com os braços e a cintura com as coxas.

— Me olhe — me ordenou com voz rouca e emocionada.

Fiz. Movemos juntos, nos olhando um ao outro. Era muito estranho olhar nos olhos de um homem enquanto está fazendo tremer e gemer de prazer. Na escuridão de seu olhar vi refletido o mesmo desejo e o mesmo prazer que eu sentia enquanto me penetrava.

O que vi em Noah me assustou e me emocionou ao mesmo tempo. Possivelmente Karatos queria possuí-lo, mas ele estava me possuindo.

E estava segura de que não queria que parasse.

Exatamente às 2.15 de madrugada, saí dos quentes braços de Noah, vesti o penhoar e descí a escada do mezanino nas pontas dos pés. Graças à luz que entrava da rua não tive que me preocupar em olhar por onde pisava. Era óbvio que Noah não gostava das cortinas porque não havia nenhuma em todo o apartamento. Havia janelas por toda parte, menos em seu dormitório, onde só as tinha na parede oeste. Assim o sol da manhã não o despertava e em troca podia ver as estrelas até ficar adormecido.

Enquanto eu cruzava o salão e a cozinha, Noah roncava um pouquinho. Não sabia onde ir para criar o portal, e dado que tinha sede, no final me decidi pela cozinha. Peguei uma garrafa de água da geladeira, bebi a metade e me concentrei em criar um portal para o mundo dos sonhos.

Pouco a pouco, fui abrindo uma passarela de conexão. Diante de mim começou a aparecer aquela luz prateada que já conhecia e esperei que fosse o bastante larga para poder passar através dela. Apareci no escritório de meu pai. Foi ele quem me levou ali, não eu. Eu ainda não sabia me concentrar tanto para escolher um destino tão concreto. Não tinha nenhuma dúvida de que se fechava esse portal e voltava a abrir outro, apareceria de novo no escritório de Morpheo, porque era ali onde ele decidiu que tinha que ir.

Suponho que desse modo me mantinha a salvo, mas me incomodou que meu pai tivesse tanto poder sobre meus movimentos.

— Olá, Dawn.

Quase quebra o coração para ouvir a voz de minha mãe. Até quando ia reagir assim? Quando deixaria de passar do amor ao ódio no que a ela se referia?



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Olá — respondi — Morpheo está?

Suas feições juvenis refletiam a esperança e a impaciência que sentia, e odiei ser a causa dessas emoções.

— Saiu com a Guarda, mas suponho que, agora que chegou, não demorará em retornar. Quer de um chá?

Encolhi os ombros. Por que seguia tratando de fazer as pazes comigo?

— Bom.

Fechei o portal antes de me aproximar da mesinha que havia juntado à chaminé. No centro havia um bule com taças combinando, e também um prato cheio de pequenos sanduiches. Não pude evitar sorrir ao vê-los, em especial quando vi também o montão de bolachas de açúcar que havia ao lado.

— Igual a casa da avó — comentou ela. Minha avó sempre tomava chá à mesma hora e sempre preparava pequenos sanduiches. Às vezes eram de pepino e ovo. Outras de salmão ou de frango. Eu gostava de tomar chá com ela, exceto quando havia sanduiches de salmão. Ainda hoje é algo que sigo sem gostar.

Encheu-me a boca de água só de pensar naquelas bolachas. Fazia anos que não as comia.

Minha mãe sorriu, e se sentou.

— Também há cubinho de açúcares.

Minha avó sempre colocava o açúcar em torrões. Tinha umas pinças para servi-los e deixava que os pescasse e os jogasse em seu chá. Eu adorava brincar com aquelas pinças de prata.

Sentei-me e deixei que minha mãe servisse o chá, logo, eu joguei os torrões de açúcar em ambas as taças. Sorriu do outro extremo da mesa e devolvi o sorriso, até que me lembrei de que não queria fazer.

Vi como o prazer se desvanecia de seu rosto. Pareceu maior. Mais triste.

— Dawn, vai me perdoar alguma vez?

Pensei em minhas irmãs e em meu irmão, e também em meu pai. Pensei naqueles netos que minha mãe jamais conheceria. E em como era feliz ali; mais feliz do que nunca a vi.

— Não — disse. Seus olhos de cordeiro degolado se encheram de lágrimas — Mas tratarei de entender.

As lágrimas não se secaram, mas tampouco terminou de as derramar, assim suponho que tínhamos alcançado algum tipo de acordo.

— Obrigado.

O silêncio se estendeu durante uns segundos.

— Resultou fácil? — Ouvi pronunciar a pergunta que sempre me intrigou.

Ela tirou a colher e a deixou em cima do prato.

— O que?

— Nos abandonar.

Pegou a taça com ambas as mãos, mas não antes que eu pudesse ver como tremiam.

— Não. É obvio que não. Mas não os abandonei.





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Pequena mentira.

— E como chamaria você desaparecer de nossas vidas sem se despedir?

— Você também desapareceu da vida de seu pai, lembra?

— Não é o mesmo. — Estava quase segura de que não. Peguei um sanduiche do prato e meti isso na boca. Não tinha fome, mas foi o gesto mais desafiante que me ocorreu fazer nesse momento.

— Deu as costas a seu pai e a seu mundo. Nem sequer o deixou ir vê-la em sonhos. Eu visito os sonhos de suas irmãs e de seu irmão com regularidade. E também vejo meus netos.

Isso já me disse antes. A verdade era que, de vez em quando, alguém de minha família me dizia que sonhava com ela, mas eu sempre fingia não ouvir. Ou pior, tratava como se fossem meus pacientes e dizia que recorriam aos sonhos para compensar o que faltava no mundo real.

— Também cuidei de você depois de que fosse.

O coração deu tal tombo que todo meu corpo reagiu.

— Como?

Eu ergui meus muros. Construí meu próprio mundo.

Ela me sorriu serena.

— Seu pai é o amo e senhor deste mundo. De verdade acreditava que poderia mantê-lo afastado de você? O único que o conteve na hora de obrigar a retornar aqui foi que sabia que se o fazia a perderia para sempre.

Engoli saliva. E eu que pensava que foi tão preparada, tão rebelde. Não devia nenhuma explicação a minha mãe, mas a dava de todos os modos.

— Queria ser normal. Não queria ser como sou.

Ela suspirou.

— Querida, não pode fugir de você mesma. Esses muros não evitaram que seguisse sendo você, só adiou.

— Não me recorde isso. — Por culpa de ter insistido tanto em negar meu legado, agora estava pagando as consequências. Assim era como me encontrou Karatos? Porque os muros não eram tão fortes como acreditava? Ou simplesmente se incomodou em me buscar e logo se dedicou a como entrar?

Ou possivelmente o ajudou alguém mais poderoso. Os inimigos de meu pai estavam conspirando contra ele? Esse era o *nós* a que se referiu Karatos? Eu era tão somente um modo de chegar a Morpheo?

E o que sabia realmente minha mãe sobre tudo isso? Seguro que não muito. Ainda não estava preparada para nomeá-la a Santa do ano, mas seguro que se minha mãe soubesse que alguém estava tratando de me fazer mal para atacar a seu amante, ficaria furiosa. Além disso, Morpheo me parecia desses homens que acreditam que têm que *proteger sua mulher* e seguro que não teria contado nada.

Posou uma mão de dedos magros em cima de uma das minhas e me deu uns golpes. Era tão delicada... Ainda me surpreendia que conseguisse dar a luz a uma menina tão corpulenta como eu.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Seguro que era pelos famosos genes imortais.

— Amo você — me disse sem mais— e aconteça o que acontecer sempre será minha pequena.

OH, Deus. Não podia engolir, a garganta fechou. E tampouco podia ver, porque os olhos encheram de lágrimas. *Agora não. Agora não. Maldição.*

Como respondendo a meu rogo, meu pai escolheu aquele preciso instante para entrar na sala. Não abriu um portal, como fez eu, mas sim entrou pela porta como uma pessoa normal. Era como se atravessasse o ar, como se formasse parte daquele mundo e não só estivesse movendo nele.

— Pareceu perceber sua presença — disse a modo de saudação, enquanto agarrava dois sanduiches do prato e os comia de uma mordida.

— Encontrou Karatos? — perguntei, consciente de que era uma pergunta ociosa. Se o encontrasse, eu saberia.

— Não. Aproximamos algumas vezes, mas mudou de disfarce. Não se preocupe, cedo ou tarde tirará o chapéu.

De algum modo consegui sorrir.

— E quando o fizer, estarão esperando.

Morpheo sorriu igual a um lobo faminto ansioso por caçar.

— Como está seu amigo?

Parecia, que tinha certa aversão a chamar Noah por seu nome.

— Tão bem como caberia esperar.

Levantou o rosto como se acabasse de cheirar um bolo recém feito.

— Sua presença mudou. O fez tomar algo para que se mantenha afastado deste mundo.

As drogas eram um assunto sério e complexo. Tomava-se a dose correta, ajudavam a suprimir o REM, mas algumas em troca induziam sonhos muito estranhos e intensos, precisamente por isso usamos o nome de meu pai para denominar à morfina.

— Tive que fazer — disse — Enquanto Karatos tenha intenção de possuí-lo, Noah não estará a salvo neste mundo.

Meus pais me olharam com o mesmo rosto de preocupação.

— O que quer dizer? — perguntou minha mãe servindo uma xícara de chá a Morpheo. Antes só havia duas xícaras, agora, de repente, apareceu uma terceira.

Olhei a meu pai.

— Você sabe o que quero dizer, não?

Com o semblante inexpressivo, ele me aguentou o olhar.

— Voltou a falar com Jones, não é assim?

— Refere a Antwoine? Sim. Ajudou-me muito, é muito mais generoso que você na hora de compartilhar informação.

Minha mãe olhou a meu pai e logo a mim, e vice versa, mas Morpheo e eu não deixamos de nos olhar nem um instante.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Já imagino como foi generoso — brincou ele — O que te pediu que faça em troca?

— Quer que pergunte por Madrene.

Meu pai ficou ainda mais sério; parecia uma tormenta a ponto de explodir.

— Pode dizer que está bem.

— Isso é tudo?

— Isso é tudo.

Suponho que algo era algo. Tendo em conta o que Morpheo opinava sobre o assunto, que tivesse aceitado me facilitar essa informação significava muito. Antwoine provavelmente se alegraria. E eu manteria minha palavra e, quando tudo aquilo terminasse, procuraria Madrene.

— Obrigado.

Ele se limitou a assentir. Então voltei a olhar seus olhos azuis. Não davam tanto medo como meu aquele dia. Os teria mudado para não assustar a minha mãe? E tendo em conta que acabava de zangar-se por causa de Antwoine...

— Por que poderia querer alguém me ver morta? — perguntei — Se morrer no mundo dos humanos, virei aqui de todos os modos, assim não podem se livrar de mim.

Morpheo esticou o rosto e de repente o compreendi tudo.

— Porque então só formaria parte deste mundo. Disso se trata, não? É porque sou a primeira mestiça que existe.

— A primeira que sobreviveu — corrigiu meu pai.

— E por isso me odeiam. — No mundo dos sonhos também tinham seus prejuízos. Genial. Só faltava que aparecessem com tochas. Mas fazia anos que sabiam de minha existência. Por que naquele momento?

Porque tinha vinte e oito anos. O que era o que disse Antwoine o dia que nos conhecemos? Que estava a ponto. Que alcancei a plenitude de meus poderes e me converti em uma ameaça potencial. Mas para quem?

— Tem que estar de saco muito cheio alguém para que andem assim atrás de mim, em especial tendo em conta que eu fazia anos que não aparecia por aqui. Por que querem me fazer mal?

Morpheo não disse nada. Ficou ali de pé, com a mandíbula apertada e olhando a algum lugar por cima de meu ombro. O belo rosto de minha mãe se desencaixou e isso me assustou. Então, levantou o olhar para meu pai.

— Responda — disse em voz suave mas cheia de emoção.

Morpheo a olhou e mudou o semblante, enchendo-se de ternura. Logo me olhou e essa ternura desapareceu.

— Tenho inimigos. Todos os reis têm. Sempre me acusaram que querer muito os humanos, mas são ossos do ofício. Sua mãe é humana, e alguns não gostam que vivamos juntos.

— E tampouco que tenha uma filha meio humana — acrescentei eu.

Meu pai quase me atravessou com o olhar.

— Que tenha uma herdeira meio humana.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Merda. Isso sem dúvida jogava luz ao assunto. De repente, tudo me pareceu muito mais claro.

— Genial. Agora sei por que querem me ver morta.

— Quem quer ver morta? — quis saber minha mãe. O olhar que lançou a Morpheo poderia ter acendido uma fogueira— Me disse que só era esse Terror. Há mais, não?

Ele suspirou como fazem os homens quando sabem que se colocaram em uma confusão de que não vão poder sair.

— Não sei exatamente — respondeu— Mas suspeito que o motivo pelo que Karatos conseguiu escapar de entre os dedos é porque alguém o está ajudando.

— Seus inimigos — sugeriu minha mãe, que apertou os lábios assim que ele assentiu— Uns inimigos que querem matar nossa filha só para deixar clara qual é sua opinião.

— Maggie...

— Soluciona isto, Morpheo — pediu— Soluciona agora mesmo. Converte em humana, faz o que seja necessário para que Dawn esteja a salvo!

— Não pode— disse eu, sabendo que era verdade e lamentando que a notícia entristecesse minha mãe— Não pode me converter em algo que não sou. — Dirigi a meu pai— O que devemos fazer?

Ele esfregou a mandíbula antes de meter as mãos nos bolsos.

— Possivelmente só seja um pequeno grupo de opositores me pondo a prova para ver até onde posso chegar.

Ou possivelmente estava gerando uma rebelião no mundo dos sonhos. Fosse o que fosse, tínhamos que detê-lo ou o mundo dos humanos também sofreria. Não queria nem pensar no que aconteceria se alguém que se importasse menos pelos humanos ocupava o trono de meu pai.

E, tinha que reconhecê-lo: não queria nem pensar que, para que isso acontecesse, eu teria que estar morta.

Assenti decidida.

— Temos que parar Karatos quanto antes, e da forma mais brutal possível.

Meu pai me olhou surpreso e orgulhoso de mim.

— Sim. Estou seguro de que prometeu convertê-lo em humano se matar. Poderia ir à Terra e ali poderia fazer tantas atrocidades como desejasse.

Deus. E para isso utilizaria o corpo de Noah.

— O que fazemos agora?

— Não é seguro para seu amigo passar muito tempo sem sonhar. Se Karatos não se revelar logo, possivelmente tenhamos que estender uma armadilha.

— Estender uma armadilha? — De repente vi por aonde ia— E suponho que Noah será o chamariz.

— Sim.

— Não.

— Isso ou morrerá.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

E se isso acontecia, seria em parte por minha culpa.

— Não se o chamariz sou eu.

Deus, desde quando me converti em uma heroína? Desde que me apaixonei por Noah. Um humano não pode sobreviver sem sonhos, e ele só podia seguir suprimindo-os durante um tempo. Sonhar recicla a alma. É a versão espiritual de uma mudança de óleo. Ao sonhar nos desfazemos do lixo e ficamos só com o bom.

Minha mãe estava horrorizada. Meu pai também, mas também estava orgulhoso de mim, e tenho que confessar que eu gostei.

— Parece bem.

Também tenho que confessar que não esperava que aceitasse com tanta facilidade.

Minha mãe o agarrou pelo pulso.

— Não. Não vou permitir que Dawn corra mais riscos.

Aborrecimento e amargura à parte, nesse momento me dava conta de que, apesar de seus grandes defeitos, minha mãe me amava. Era uma lástima que fosse enfrentar a minha própria morte para me dar conta.

— Não vamos pôr Dawn em perigo — explicou meu pai— Estamos procurando o modo de salvá-la. — Esvaziou a xícara e a deixou em cima da mesa— Tenho que seguir procurando Karatos.

— Espera. — Minha voz o parou antes que se fosse— O que posso fazer?

Deu meia volta e esboçou um sorriso paternal.

— Se manter a salvo e deixar-se guiar por seus instintos.

Dito isso, agachou-se e me beijou na bochecha. Depois de dar um beijo em minha mãe — que seguia zangada com ele— , desapareceu do mesmo modo que chegou.

— Bom, não foi tão mau — disse, ainda um pouco aturdida. Tinha que assimilar um montão de coisas com toda rapidez, ou aquela constante névoa de incerteza acabaria me matando.

Peguei outro sanduiche. Ainda não acreditava que tivesse o mesmo poder que meu pai, nem que minha mente começasse a suspeitá-lo com tanta firmeza; mas três semanas atrás teria sido incapaz de abrir um portal entre os dois mundos, ou de conseguir que meus olhos mudassem de cor.

Minha mãe seguia angustiada.

— Me prometa que irá com cuidado — me disse com a voz entrecortada, como se fosse chorar.

Podia fazer, embora no final fosse mentira. Podia dar esse pouco de esperança, porque no fundo eu não era tão má, e nesse momento me via incapaz de fazer mal.

— Prometo isso.

Chegou a hora de ir, antes que minha mãe me abraçasse ou algo pelo estilo. Tinha que recordar a mim mesma que não devia ceder com ela. Apesar do que me disse, apesar do preocupada ou assustada que parecia estar por mim, abandonou, a mim e ao resto de sua família, e uma mulher que faz isso uma vez, pode fazer uma segunda.

Eu disse adeus, abri o portal e saltei através dele. Das duas uma, ou estava acertando, ou



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

tinha a sorte do principiante.

Bebi um pouco de água da garrafa que deixei na bancada. Logo subi nas pontas dos pés e me meti na cama com Noah. Ele deixou de roncar e moveu, aproximando-se de mim. Abraçou-me e eu me coloquei gostosa entre seus braços. Precisava.

— Onde estava? — perguntou-me, me aproximando mais a ele até que ficou grudado a minhas costas.

— Tinha sede. — Não contar toda a verdade não era mentir. No final, sim que tinha sede.

— Acreditava que a perdi — balbuciou carinhoso contra minha pele.

— Não — disse eu, me colocando mais entre seus braços— Não vai me perder.

*E eu tampouco vou perder você.*

## CAPÍTULO 20

Odiava ter segredos.

Normalmente, sou desse tipo de pessoa que não pode guardar um segredo embora dê a vida por nisso. Sim, bom, no trabalho consegui não explicar que sou um Pesadelo, mas isso foi uma questão de sobrevivência. Quem contrataria uma psicóloga que fosse por aí dizendo que era meio imortal?

Os segredos me escorriam por entre os dedos, caíam da boca. Simplesmente, não me dava bem guardar coisas. Às vezes, contava algo a uma pessoa convencida de que não diria a ninguém, e logo me sentia culpado por tê-lo feito.

O segredo profissional era diferente. Isso era parte intrínseca de meu trabalho. Tenho que reconhecer que às vezes falo de meus pacientes, mas jamais digo seus nomes. Nunca conto suas histórias porque sim, isso seria como se os traísse.

Resumindo, que sou péssima guardando segredos. Sempre desejo contá-los. Assim não era de estranhar que agora que tinha tantos, estivesse passando tão mal. Não disse a meu pai sobre os olhos. E não disse a Noah que meu pai queria utilizá-lo como chamariz para capturar Karatos. De verdade era tão estranho que estivesse desesperada por contar algo a alguém?

— Está bem, querida? — perguntou Bonnie na quinta-feira, quando fui trabalhar— Parece um pouco alterada.

— Estou bem — respondi para que não se preocupasse— um pouco cansada, nada mais. Acredito que tomei muita cafeína. — De fato, acabava de voltar depois de comprar outro café para mim, Bonnie, Jose e os meninos do laboratório. E então apareceu o doutor Canning.

— Dawn — disse sério— posso falar com você?

OH, Deus.

— É óbvio.

Dirigimo-nos a meu consultório, eu na frente, como quando se é pequena e mandam a sala do diretor. Mas quando fechou a porta não quis perder tempo. Dei meia volta e deixei meu café



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

na mesa.

— Acontece algo, doutor Canning?

Ele ficou me olhando com desaprovação.

— Na terça-feira esteve doente?

Mentir era completamente diferente de guardar segredos. Eu adorava.

— Sim, senhor. Estive. Passei quase todo o dia na cama.

— Então, não é possível que estivesse na Quinta Avenida pela tarde, não? Uma das garotas do laboratório jura ter a visto.

Com certeza que sim. Naquela clínica as punhaladas trapaceiras estavam à ordem do dia. Todos e cada um dos bolsistas que cruzavam aquela porta queriam meu trabalho. Em menos de uma semana poderiam ficar e possivelmente isso foi o que me impulsionou a falar:

— Não se cansa alguma vez de que lhe lambam o traseiro? — perguntei.

O doutor Canning piscou atônito e logo arregalou os olhos.

— Desculpa?

— Não incomoda que haja tantas pessoas disposta a fazer fama falando mal de outros? Estava doente, doutor Canning. E se alguém me viu na Quinta Avenida é porque fui ver meu médico para que me desse uma receita.

Ele ficou tenso. Seguro que não estava acostumado que ninguém falasse com tanto desdém, e muito menos um subordinado.

— Tem a receita?

— Está em minha casa. — A mentira saiu com facilidade de meus lábios. Estava tão zangada que nem sequer me importou — Era para um antibiótico que tive que tomar cada doze horas. Se quiser, posso ir em casa procurá-la. E pode pedir a sua amiguinha do laboratório que me siga.

Possivelmente fui muito longe, e se Canning se dava conta de que estava mentindo, estava perdida. Ou possivelmente consegui fazê-lo sentir como um idiota.

— Eu não gosto de seu tom, Dawn.

— Sinto muito, senhor. Mas eu não gosto que me tratem como se estivesse no ensino primário em vez de um ambiente de trabalho.

Meu chefe ruborizou.

— Seu comportamento...

— Está insatisfeito com meu trabalho? — interrompi.

— Houve alguns incidentes. — referia-se à senhora Leiberman e que a polícia tivesse interrogado. Referia que Noah deixasse a clínica.

— Meu trabalho, senhor. Acredita que o trabalho que tenho feito para você ou para esta clínica não se ajusta a seus padrões?

Ruborizou ainda mais, o que fez que seus olhos e seu cabelo parecessem muito mais pálidos. Por um segundo, temi que fosse explodir a cabeça.

— Não.

— Então, o problema que tem comigo é pessoal, não? — O peguei. Se fosse uma questão





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

pessoal podia interpretar de mil maneiras, a maioria das quais terminariam com Canning nos jornais e perdendo sua preciosa reputação. Eu era uma moça com um bom trabalho e um excelente currículo acadêmico, e à imprensa seguro que adoraria a história. Além disso, não terei que esquecer que o doutor Canning estava especialmente unido a alguns seus ratos de laboratório (assim era como chamava aquelas fedelhas que constituíam sua tropa).

Nesse preciso instante, soube que me despediria encantado se pudesse.

— Está à prova, doutora Riley. A partir de agora, documente tudo o que faça. Eu pessoalmente avaliarei todos seus casos. E certo que não encontrarei nada estranho.

Olhei nos olhos com descaramento e me sentindo orgulhosa de ser capaz de fazer.

— Isso soa a perseguição, senhor.

Ele girou sobre seus calcanhares e saiu de meu consultório como uma fúria. E eu fiquei sorrindo como uma tola, um pouco embriagada de meu próprio poder. De onde saiu toda essa valentia? Sabia de onde. Do convencimento que tinha de que ser eu muito mais forte que ele. Agora sabia que era forte, e sabia que o mundo não ia ceder sob meus pés.

E, sejamos sinceros, depois de ter enfrentado Karatos em várias ocasiões, enfrentar o doutor Canning foi como jogar com uma rã depois de ter brigado com um tiranossauro rex.

Na hora de comer, Bonnie me perguntou o que aconteceu.

— Quando Canning saiu de seu consultório parecia estar a ponto de ter um enfarte. O que disse?

Eu contei com todo luxo de detalhes. Não porque não pudesse mantê-lo em segredo, mas sim porque não queria. Na eventualidade de que acontecesse algo, iria bem que alguém mais conhecesse minha versão da história, e que tivesse presenciado parte dela.

Bonnie riu assim que terminei.

— Me encantaria estar ali para ver.

Acabei o prato de sopa.

— Você não gosta muito de Canning, não?

Bonnie me olhou um segundo, me avaliando. Era como se decidisse se podia confiar em mim. Como se tratasse de discernir se seria capaz de guardar um segredo. Vi que decidia a meu favor.

— Depois da morte de Tony, me senti muito sozinha, sabe?

Assenti. Não tinha nem ideia de como era perder o amor de sua vida, mas podia imaginar que tinha que ser horrível.

— O doutor Canning foi muito bom comigo. Suponho que pode se dizer que cheguei a depender dele.

Desencaixou-me a mandíbula.

— Canning a seduziu?

Ela jogou com seu sanduiche de carne.

— Suponho que sim, embora fui eu quem deu o primeiro passo, mas estou convencida de que ele levava tempo desejando. Enfim, foi ele quem pôs ponto final quando buscou uma mais



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

jovem e mais dependente.

Deu tanto asco que me obriguei a engolir.

— Como pode trabalhar com ele?

Bonnie cortou um pedaço de seu sanduiche e encolheu os ombros.

— Ganho um bom salário como recepcionista. E também tenho obrigações sociais; devo pensar em meus filhos. Quando eram pequenos parecia muito fácil antepor suas necessidades às minhas, e agora...

Agora que passava dos quarenta, estava convencida de que não encontraria outro trabalho.

— Que horror. — Peguei minha coca-cola light— Sério. Como pode suportar olhá-lo?

Ela engoliu a comida que tinha na boca.

— Já não me importa muito. Às vezes inclusive me esqueço. Mas de vez em quando, ele diz algo como se dirigisse só a nós dois, como se fosse algum tipo de comentário íntimo.

Assinalei com minha lata de refresco.

— Quando abrir meu consultório, vem comigo.

Bonnie sorriu.

— Dá sua palavra.

Convidei a um chá antes de ir e retornamos juntas para a clínica com os copos de porexpan nas mãos. Não voltamos a falar do doutor Canning, mas eu segui pensando nele. Pensei que alguém tinha que ensinar o que é o arrependimento.

E então me lembrei do Jackey Jenkins. Sim, alguém tinha que dar uma lição ao doutor Canning, mas eu não era o Pesadelo adequado para fazer.

Quando essa noite cheguei à casa de Noah — sim, estava se convertendo em um costume— o encontrei lutando com Warren no ginásio. Ou ao menos isso era o que parecia.

Ambos estavam suados e vestidos com aquela espécie de pijamas brancos que usam os de artes marciais todo o dia. Os dois tinham o cabelo grudado à cabeça e a respiração entrecortada. E se moviam em círculos um ao redor do outro, batendo com as mãos e os pés. Às vezes só bloqueavam o ataque do outro, outras atacavam.

Assustei-me ao ver que o punho de Warren acertava no estômago de Noah, e ainda me assustei mais quando este levantou seu irmão por um pé e o lançou ao chão do tatame. Aquele aikido era diferente do que me ensinaram. Como podiam fazer tudo aquilo sem fazer mal? Anos de prática, supus.

Pararam assim que me viram.

— Estou interrompendo uma carinhosa rixa entre irmãos ou sempre batem tão forte?

Ambos sorriram com a respiração entrecortada e completamente suados.

— É em plano carinhoso.

Noah riu.

— Quando éramos pequenos, era o único modo em que podíamos brigar sem que nossos pais se zangassem.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Guardávamos isso tudo para o tatame. — Warren bateu a perna de Noah com uma toalha— Ainda posso dar uma surra.

Noah o fulminou com o olhar, mas era óbvio que não estava zangado.

— Sim, claro.

Observei-os, estavam tão relaxados um com o outro apesar dos golpes que acabavam de dar... Minhas irmãs e eu jamais faríamos algo assim. Imagine Ivy e a mim dando uma surra para solucionar o problema de mamãe. Era tão absurdo que dava risada. Mas possivelmente falaria mais com ela se não existisse tanta tensão acumulada entre as duas.

Mas isso não ia acontecer alguma vez, então, por que perdia tempo pensando? De verdade importava que Ivy acreditasse que eu era uma má filha? Eu sabia que a minha mãe não aconteceu nenhuma desgraça. Sabia que não nos tinham *roubado isso*, assim, em vez de brigar com minha irmã, deveria me compadecer dela e levar com calma.

— Fica um pouco de energia para mim? — perguntei a Noah ao deixar a sacola no chão. Essa noite ia me dar outra aula de aikido— Possivelmente dê uma surra.

— Sempre fica energia para você — me disse com um sorriso sedutor.

Eu ruborizei. Noah riu e Warren nos olhava com olhos arregalados. Era evidente que não estava acostumado a ver seu irmão flertar.

— Vou antes que me façam um dano irreversível — anunciou, encaminhando-se para o vestuário— Não façam nada até que tenha ido.

Eu fui me trocar no outro vestuário, mas antes esperei que Noah me desse um beijo de boas vindas que me fez estremecer.

— Droga— disse quando nos separamos, enrugando o nariz— Cheira mal.

— Cheiro a homem — corrigiu ele com um sorriso, e rindo também com os olhos.

Quando saí, Warren já se foi e Noah estava preparado para nossa aula. Estivemos uma hora praticando e ao terminar estava um pouco zangada. Ele seguia controlando-se na hora de atacar. Esforçava mais do necessário em não me fazer mal e, embora por um lado era algo muito romântico, por outro não me ajudava muito. Como ia aprender a me defender se não tinha nem ideia do que Noah era capaz?

— Preciso que deixe de ser tão cuidadoso — disse— Karatos não duvidará em me dar uma surra.

— Não. — Agarrou uma toalha e secou o cabelo e o pescoço.

— OH, vamos. — Sequei o suor da testa com o braço— Seguro que não quer que Karatos me pulverize.

Ele me olhou por debaixo da toalha que agora tinha no rosto.

— É óbvio que não, mas não vou bater em você.

— Porque sou uma mulher? — Ainda não decidi se eu gostava ou me incomodava que se comportasse assim.

Agora a toalha pendurava ao redor do pescoço e tinha o cabelo completamente despenteado.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Exatamente.

Eu gostava que fosse tão honesto, mas eu não gostei da resposta. Suponho que era bonito que acreditasse que os meninos não deviam bater às garotas, mas algumas garotas mereciam, como essas que saíam nesses programas de televisão baratos e batiam em seus namorados com sapatos. Por sua parte, Noah estava completamente decidido a não fazer mal a uma garota, tão decidido que tive que me perguntar por que. Mas esse era seu segredo, não o meu. Estava relacionado com o sonho no que apareceu sua mãe, assim tinha minhas suspeitas.

E por esse motivo decidi não insistir.

Tomamos banho acima, em sua casa. Certo, de acordo, tomamos banho juntos. Tudo começou como uma questão prática; por que tínhamos que gastar mais água do que necessário. E tinha que reconhecer que era muito agradável que alguém esfregasse as costas. Noah inclusive me fez uma massagem, além de me ensaboar. Quando estivemos limpos, deslizou as mãos por meu torso e começou a explorar umas zonas muito interessantes e escorregadias.

Quando deu a volta, eu estava tremendo e não podia respirar, e sentia a tensão em todo meu corpo.

Nunca antes pratiquei sexo oral com um menino em um chuveiro, e quando superei a surpresa inicial de ver Noah de joelhos diante de mim, relaxei e me deixei levar. E foi maravilhoso. Deslizou dois dedos em meu interior enquanto sua língua me lambia no lugar exato. Segurei a nuca com uma mão e com a outra afixei ao corrimão da porta da ducha para não cair. O orgasmo me sacudiu com tanta força que acreditava que ia desabar contra o Box, mas Noah me segurou com força. Depois disso, senti-me muito atrevida e devolvi o favor. Quando por fim saímos da ducha, a água estava fria e os dois tinham a estabilidade de dois macarrões.

— Dá conta de que sempre que estamos juntos terminamos nos deitando? — eu disse enquanto nos vestíamos.

Ele me olhou divertido antes de passar a camiseta negra pela cabeça.

— E?

— Não parece estranho? — fechei o sutiã. Possivelmente eram só coisas minhas. Fazia muito tempo que não saía com ninguém, e nunca me senti tão cômoda com um rapaz como me sentia com Noah.

Sentou na cama para colocar meias três quartos.

— É uma queixa? — perguntou.

— Não, é que... Não sei. — Pus o pulôver e fui até onde estava ele— Não importa?

— Me importar? — Seu tom era de incredulidade. Ficou em pé e tirou o cabelo que ficou sob o pescoço do pulôver. Deu um beijo na testa, eu adorava que fosse tão alto que pudesse fazer isso, e colocou as mãos em meus quadris— Não especule sobre por que estou com você, doc, e eu não perguntarei por que está comigo.

Afastei-me um pouco e levantei o rosto para olhá-lo.

— Por que quereria me perguntar você tal coisa? — Quero dizer, que era ridículo. Era um homem bonito, carinhoso, divertido e muito tenro...



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Sorriu-me, embora seu sorriso estava empanado de certa tristeza.

— Às vezes me pergunto se só está comigo porque quer me arrumar.

Essa frase me encolheu o coração.

— Não está quebrado. — Bom, possivelmente tivesse algum arranhão em alguma parte, e pode que necessitasse algum emplastro, mas como todos, não? Maldição, se eu nem sequer era de tudo humana.

Abraçou-me e descemos para pedir o jantar. Suas palavras ficaram em minha mente durante um momento, e me fizeram pensar. Eu não contei o plano que tinha Morpheo de utilizá-lo como chamariz para capturar Karatos porque queria proteger. Mas nesse sentido Noah era igual a mim, não queria que ninguém o protegesse.

E tinha razão: em certo modo, estava tratando de ajeitá-lo. Apesar de que não acreditava que estivesse quebrado, meu instinto me dizia que tinha que tratar de ajudá-lo.

Enquanto mastigava uma parte de frango frito — gorduroso mas delicioso—, decidi que tinha que deixar de proteger Noah e esquecer minha necessidade de controlar sempre tudo.

— Como se sentiria se dissesse que tem que voltar a enfrentar Karatos? — perguntei.

Noah tinha palitos chineses em uma mão e uma caixa cheia de vitela com brócolis na outra e, a julgar pelo modo como estava olhando a caixa, soube que só estava comendo a carne.

— Me enfrentar como? — perguntou, depois de mastigar.

— Meu pai acredita que poderíamos capturar Karatos se conseguirmos tira-lo de seu esconderijo.

Noah assentiu devagar enquanto mastigava de novo.

— E se supõe que eu seria o chamariz.

— Sim. — Não havia forma de adoçar. Também eu ia formar parte desse chamariz.

— E se não faço, voltará a ir à caça do Terror Noturno?

Sabia aonde queria ir, mas respondi de todos os modos.

— Se Morpheo me deixar, sim.

Noah nem sequer pensou, não demorou nem um segundo em voltar a falar.

— Diga a seu pai que farei.

Ri sem poder evitar.

— Se houvesse dito que não, sua resposta teria sido tão imediata? — perguntei.

Sorriu-me.

— Segue acreditando que não estou quebrado?

Dei um chute na coxa. Não muito forte, é obvio, mas o bastante como para que soubesse como frustrante que era.

— Acredito que é exasperante e um mandão, isso é o que acredito.

Noah ficou sério.

— Quero recuperar minha vida.

Entendia perfeitamente como parecia.

— E eu.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Então, fazemos juntos?

Embora Noah fosse muito valente, ambos fomos conscientes dos riscos que íamos correr.

Deslizei pelo sofá e me aproximei dele para ficar a seu lado, coxa contra coxa.

— Juntos — respondi. Oxalá sobrevivêssemos— E agora deixa de brincar com a comida.

## **CAPÍTULO 21**

Minhas esperanças duraram pouco.

Na sexta-feira acabou sendo um dia não de todo ruim no trabalho, principalmente porque tinha poucas consultas, o que me deixava tempo para me dedicar a investigar, e também por que o doutor Canning me evitou todo momento. Isso me permitiu organizar o tempo como queria e, depois de cumprir com minhas obrigações com a clínica e com meus pacientes, sentei em minha mesa com minha mocha latte e continuei trabalhando em minha investigação.

Era impressionante o que podia chegar a encontrar no Google se as pessoas olhassem com atenção.

No mundo dos sonhos, havia regras que limitavam a interação entre o mundo dos humanos e o dos sonhos. Devido precisamente a estas regras foi possível à expulsão de Antwoine e que eu nascesse. Eu era um exemplo vivo do que passava quando os dois mundos se encontravam, e por esse motivo queria aparentar que era normal em ambos.

Ao ter crescido com humanos, tinha uma ideia bastante boa do que entendia por normal nesse mundo. Agora precisava aprender o que se considerava normal quando era um Pesadelo.

Conforme se dizia na Internet — e esperava que fosse certo— os Pesadelos estavam dotados de grandes reflexos, agilidade, telecinese e força. Muito bem. Isso explicaria o rápido que me movi com Verek e como pude feri-lo. Também explicava por que pude enfrentar Karatos. Embora, por lei, deveria ter podido esmagá-lo como uma barata.

Se não me assustasse de pequena e não optasse por me afastar da verdade, saberia como fazê-lo porque meu pai teria me treinado para isso. O Guarda dos Pesadelos teria ensinado, e a essa altura Karatos já teria sido destruído.

Merda. Fugir me pareceu o mais acertado naquela época.

Saí do trabalho decidida a me concentrar em minhas habilidades essa noite, embora fosse ao interior do castelo. Parecia, Morpheo estava disposto a me manter segura, mas para isso tinha que me deixar na pobreza? Não era que me ensinasse uma monstruosidade de coisas desde que voltei para mundo dos sonhos... Possivelmente queria se assegurar que seguia sendo uma ignorante.

Ou talvez sabia que assim que soubesse o que queria, já não teria motivo para visitá-lo tão frequentemente. Possivelmente seu objetivo era o mesmo que o de qualquer pai: manter suas filhas perto dele.

Possivelmente. Ou pode que não quisesse que soubesse como era complicada sua situação.

No caminho para casa de Noah, parei em uma loja de comida administrada por asiáticos. Ele



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

planejou ficar todo o dia em seu escritório, pintando, assim que me ofereci para preparar o jantar. Suponho que poderia tê-lo convidado a meu apartamento, mas parecia muito mais fácil ir ao dele. Além disso, a última relação de Lola previu dormir com ela, e quatro seríamos uma multidão. Seria estranho, os quatro praticando sexo cada um em seu quarto... Muito parecido a uma orgia.

Saber que Lola estaria acompanhada essa noite, além de vigiada pelas criaturas oníricas do mundo dos sonhos fazia que não me sentisse tão mal por ficar na casa de Noah. Ele estava sozinho. Possivelmente esse sentimento seja próprio da natureza dos de Câncer; nós gostamos de nos sentir necessários, e isso era o que Noah me fazia sentir. Sempre que se mantivesse afastado do mundo dos sonhos, estaria a salvo, mas não queria pôr muita fé nos comprimidos que estava tomando. Um sonhador como ele poderia cruzar a barreira.

Comprei todo o necessário para um salteado de verduras: gengibre fresco, brotos de bambu e couve da China, e os ingredientes para preparar uma sopa quente e amarga. Com isso teríamos mais que suficiente para jantar. Por mais que vigiasse, sempre acabava cozinhando para um montão.

Com as sacolas de papel nos braços — por que não podiam utilizar sacolas de plástico? —, toquei a campainha da casa de Noah uns minutos depois das seis. Abriu a porta descalço, com jeans muito folgados e uma velha camiseta. Pegou as sacolas e me beijou. Possivelmente fosse minha imaginação, mas parecia mais contente que de costume... Bom, contente ou não, parecia aliviado. Que estranho.

Ajudou-me a cozinhar e me perguntou como foi meu dia. Deixou que falasse eu quase todo o momento, coisa que era habitual, mas esta vez me fez suspeitar. Possivelmente fosse minha formação profissional, mas estava acostumado a perceber quando alguém tinha algo em mente. Decidi dar margem para que me falasse disso até que acabamos de jantar, mas como em todo esse tempo não falou, quando nos sentamos no sofá para tomar café, soltei a pergunta:

— O que acontece?

Noah levantou o olhar de sua xícara. Possivelmente fosse a luz, mas me pareceu ver a pele de redor dos olhos algo arroxeadas. Tinha a tez de um tom cinzento que tampouco vi antes. Parecia que estivesse doente.

— Não posso pintar — anunciou, medindo as palavras como se as escolhesse com muito cuidado.

Franzi a testa.

— Está bloqueado? — Ouvi que os escritores às vezes tinham épocas nas que não ocorria nada; possivelmente com os artistas acontecesse igual.

— Não. — Ficou olhando. Fixou seus olhos nos meus para ver se assim conseguia fazer entender isso — Não posso pintar. É como se morresse algo dentro de mim. Não tenho inspiração.

Era estranho, isso não tinha dúvida, mas Noah falava disso como se fosse muito mais transcendental do que parecia.

— Possivelmente seja culpa do estresse. Ultimamente...

— Doc, nunca, em toda minha vida, deixei de pintar, nem sequer quando meu pai mandou





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

minha mãe ao hospital. Estou dizendo isso, minha inspiração se foi.

Sua expressão me assustou e confundiu ao mesmo tempo, apesar de que minha mente começou a procurar todas as explicações possíveis.

— Não pode ser. Faz parte de você. Como é possível que já não possa pintar?

— Não é que não possa, é que me sinto incapaz de fazer.

Seguia sem entender.

— Tampouco posso sonhar.

OH, então compreendi. Não estava segura de como funcionava, mas se aprendi algo de minha própria experiência, era que às vezes acontecem coisas estranhas. A capacidade de pintar de Noah estava intimamente relacionada com seus sonhos, e se não podia sonhar...

— São os comprimidos — disse — Quando deixar de tomar poderá voltar a pintar.

Ele baixou o olhar para o chão, o mesmo lugar aonde foi parar meu estômago. Por que não podia me olhar nos olhos?

— Não me tomei os comprimidos — confessou em voz baixa.

— Mas... — Pela primeira vez em minha vida fiquei sem fala — Mas neste tempo não foi ao mundo dos sonhos. Karatos... Você...

Então sim que olhou nos olhos.

— Acredito que o Terror me fez algo.

Deus santo.

— Não tomou os comprimidos para dormir, nem medicamentos para a ansiedade, nem bebeu?

— Não. Nada de nada. — Negou com a cabeça.

O aborrecimento que sentia era maior que minha preocupação.

— Nem sequer depois de que pedisse que fizesse?

Noah não teve a decência de fingir que sentia.

— Não.

— Imbecil. — Acredito que inclusive o fulminei com o olhar — Me deixou acreditar que estava a salvo quando na realidade estava pondo sua vida em perigo? Por quê?

— Se não posso sonhar, obviamente não corri nenhum perigo.

— Não me venha com semânticas. Então, você ainda não sabia que não poderia sonhar. — Esfreguei a testa com a palma da mão — Possivelmente Morpheo o tenha expulsado do mundo dos sonhos. — Era um tiro às cegas, mas factível.

Noah me olhou esperançado.

— Você acha?

Olhei nos olhos.

— Não posso acreditar que foi tão estúpido para se arriscar desse modo.

Ele entrecerrou os olhos e bufou. Pôs à defensiva. Melhor, porque eu me sentia muito ofensiva.

— Sei cuidar de mim mesmo.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— A quem diabos está tratando de enganar? Nem sequer eu posso cuidar de mim mesma no mundo dos sonhos, e isso que sou dali! — Fiquei de pé em um salto— Deus, Noah, o que pensava fazer se Karatos voltasse a encontrá-lo? Eu só posso aparecer no castelo de meu pai. Não poderia ajudar.

Ele também ficou em pé, estava ruborizado de tão zangado como estava.

— Jurei que nunca mais voltaria a me esconder de um valentão, e não penso começar a fazê-lo agora.

Teria que pensar nisso mais tarde. Naquele momento estava muito furiosa para pensar em nada mais. Olhei no rosto.

— Karatos é um ser desalmado que se alimenta do medo, não é um valentão qualquer.

— Eu não tenho medo.

— A linha que separa a valentia da estupidez é muito magra, Noah, e você acaba de cruzá-la.

— Vai à merda.

Não me doe, estava muito assustada e irritada para sentir outra coisa.

— OH, estupendo. Parou de pensar, embora só fosse durante um segundo, como eu teria sentido se Karatos fizesse mal de verdade? Ou, pior ainda, se o matasse. E o que me diz de Warren, e de sua mãe e suas irmãs?

Noah empalideceu um pouco e soube que estava atravessando sua armadura de segurança.

— Sinto se a ofendi — acrescentei com voz tremente de emoção— Mas você me ofendeu também. Não confia em mim, e é óbvio que não inspiro nenhum sentimento se for capaz de mentir desta maneira.

— Dawn...

Levantei uma mão para interrompê-lo.

— Não. Se pensar friamente, posso entender que se comporte deste modo. Mas se penso com o coração, não entendo absolutamente. — Não podia ser muito mais sincera.

Noah colocou as mãos nos bolsos.

— E agora, o que fazemos?

Assim voltava a utilizar o plural? OH, nesse instante poderia tê-lo esbofeteado, mas não teria servido de nada. Noah não atuou assim para me fazer mal, isso sabia, mas conseguiu que voltasse a me expor algo que deu medo desde o começo de nossa relação: se não fosse por Karatos, estaríamos juntos? Quando tudo aquilo terminasse, e se os dois sobrevivêssemos, estava convencida de que Noah e eu deixaríamos de nos ver.

E meu coração quebrou só de pensar.

— Averiguaremos o que fez exatamente. Isso é o que faremos. — Voltei para um lado e levantei uma mão. Provavelmente não precisasse que fizesse esse gesto para abrir um portal, mas de momento ajudava a me concentrar. Nem sequer tentei relaxar. Limitei a empurrar com todo o poder que tinha dentro.

Que era mais de que acreditava, porque só tive que dar um pequeno empurrão para que abrisse uma greta o bastante larga para que pudesse entrar. Não tive que passar de lado, nem me



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

agachar.

— Deus — exclamou Noah atrás de mim, e soube que podia ver o mundo dos sonhos por cima de meu ombro.

Voltei-me e peguei sua mão. Não tinha tempo para prepará-lo e que tivesse ideia, e, de ter, tampouco teria incomodado em fazer. Estava zangada com ele. Seus dedos se seguraram aos meus e, embora eu fosse à frente, não duvidou um segundo em cruzar o outro lado. Possivelmente confiava em mim mais do que eu acreditava.

Entramos no escritório de Morpheo. Este estava ali, com minha mãe, Verek e outros membros da Guarda Real, e também havia outras criaturas oníricas que não reconheci. Todos deram meia volta para nos olhar, a mim em concreto, e ficaram boquiabertos.

— Por todos os deuses! — exclamou alguém.

Olhei meu pai.

— Sinto interromper, mas preciso falar com você. Agora mesmo. É importante.

Morpheo assentiu, mas seguia me olhando como se não me visse nunca antes.

— Nos deixem sozinhos — ordenou.

Tem que ser fantástico que as pessoas obedeçam sem pigarrear. Alguns dos presentes não dissimularam sua contrariedade, e me fulminaram com o olhar ao cruzar a porta. Verek me olhou como se compadecesse de mim, e isso me incomodou muito mais que os olhares assassinos dos outros.

Minha mãe não se foi, mas estava igual de surpreendida como os outros de me ver. Que diabos acontecia? Já abri um portal ao mundo dos sonhos em outras ocasiões.

Claro que nunca antes levei companhia. Olhei Noah, que o observava tudo com dissimulado assombro. Havia alguma lei que proibisse levar humanos ao mundo dos sonhos? Pessoalmente, nesse instante as leis me importavam um nada. Estava convencida de que, a essa altura, Karatos havia transgredido algumas, assim que eu tinha direito a infringir todas as que fossem necessárias como tal para detê-lo.

— Do que queria falar? — perguntou-me Morpheo com uma voz mais suave do habitual e me olhando orgulhoso e preocupado ao mesmo tempo (uma combinação muito estranha se me permitirem que diga).

— Noah não tomou os comprimidos para dormir nenhum dia. — Senti como uma menina do primário dedurando a professora — Mas assim e tudo, não pode sonhar.

Meu pai desviou seus azuis olhos para Noah, que devolveu o olhar.

— Nota algo estranho, senhor Clarke?

Noah assentiu.

— Sim, como se faltasse algo.

Morpheo se aproximou de nós. Não parecia muito maior que eu, e seu uniforme habitual de jeans e camiseta não ajudava muito que parecesse. Até então, nunca me incomodei com seu aspecto, mas nesse instante desejei que tivesse um físico mais paternal; que parecesse um pai capaz de me proteger dos tipos maus e dos monstros.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Parou em frente à Noah e o olhou de cima abaixo.

— Falta algo.

Deu um tombo no coração.

— O que?

Os dois se voltaram para mim. Noah tinha a expressão relaxada que era habitual nele, mas apertou os dedos com força.

— O senhor Clarke agora é como um zumbi — nos explicou meu pai— Uma parte de seu interior morreu; a parte que permite sonhar.

— Como pode ser? — perguntei.

Morpheo olhou a Noah.

— Eu acreditava que não era possível, mas, parece, Karatos roubou a capacidade de sonhar.

Não, não podia ser verdade. Entretanto, eu mesma vi Karatos afundar o punho no torso de Noah. E se com isso arrancou os sonhos?

— Uma pessoa tem que sonhar. Sem sonhos... — Então me detive, porque meu pai estava olhando, igual à Noah e minha mãe. Todos sabíamos o que acontecia a uma pessoa que não pode sonhar.

Morria.

## **CAPÍTULO 22**

— De quanto tempo dispomos? — teria gostado de ter essa conversa em particular com meu pai, mas Noah não me permitiu isso.

— Possivelmente uns quantos dias — respondeu Morpheo. Deu a Noah um copo de uísque— Até então, sua reserva de sonhos se esgotou.

Tudo aquilo era ridículo. Não podia estar acontecendo.

— E eu não posso passar energia? — Tecnicamente, eu podia absorver energia das coisas, assim possivelmente também pudesse dá-la.

Meu pai negou com a cabeça.

— Não. Nossa única esperança é encontrar Karatos.

Esfreguei os olhos.

— E voltou a escapar.

Morpheo ignorou a provocação, como teria feito qualquer bom pai. O que só serve para me enfurecer mais.

— Karatos se esforçou muito por chegar tão longe. Não acredito que vá deixar se capturar de qualquer jeito.

— E então, o que? Mostramos Noah como se fosse uma cenoura e confiamos em que morda o anzol?

A expressão de meu pai me disse que não era a Noah a quem tínhamos que ensinar. Tinha



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

sentido. No final, este só era o prêmio de consolação. Todo aquilo foi organizado para se livrar de mim, o inseto estranho que tanto os assustava. O inseto estranho que, além disso, era a herdeira do rei ao que queriam derrotar.

— Não — interveio Noah, interpretando corretamente a expressão de Morpheo— Nem pensar.

— Temos que o fazer disse. Tampouco eu gostava de ser a isca para atrair Terror, mas preferia ser eu a que fosse ele— Não vai morrer.

Ele sorriu um pouco e seus olhos se suavizaram ao me olhar.

— É uma mandona.

Nesse momento poderia começar a chorar. Não importava que antes me zangasse tanto. Naquele momento o único que me importava era mantê-lo com vida para poder voltar a me zangar com ele mais a frente.

Voltei-me para meu pai com lágrimas nos olhos. Não ia derramá-las.

— O que devemos fazer para tirar Karatos de seu esconderijo?

— Seguro que a estas alturas já detectou a presença de Noah. Saberá que temos descoberto a verdade e se sentirá muito orgulhoso de si mesmo. Acredito que virá buscá-la, sem que tenhamos que provocar, Dawn. O único que tem que fazer é estar aqui.

Engoli saliva. A ideia de enfrentar Karatos aterrorizava, mas ao mesmo tempo queria tirar isso de cima. Queria amassar o muito bastardo.

— Tirará as barreiras e voltará a me dar acesso ao reino dos sonhos?

Morpheo assentiu com a cabeça.

— Sim. Karatos não é estúpido. Sentirá mais seguro se encontro se produzir perto dos domínios de Ice-o. Terá que ir ali.

Fabuloso. Meu tio controlava a criaturas de terror e perturbadoras. Se Morpheo era o rei dos sonhos, Ice-o era o príncipe. Karatos fazia parte do mundo de meu pai, mas quem o tinha criado era Ice-o, que seguro que protegeria sua criação pelo simples feito de que não gostava que seu irmão colocasse o nariz em seus assuntos. Possivelmente fosse o próprio Ice-o quem estava atrás da rebelião.

De ser assim, por que Morpheo não o punha de lado? Porque as coisas não se faziam assim. Ice-o era necessário para manter o equilíbrio, igual a tudo o que acontece na ordem natural das coisas. Podia ser castigado, mas só se pessoalmente fazia algo contra uma lei, e se Ice-o era o cérebro de toda aquela operação, certo que se encarregou de não deixar nem rastro.

— Irei esta noite. — Apareceria no reino de meu tio e esperaria que Karatos aparecesse. E logo o que?— E se Karatos não tem os sonhos de Noah em seu poder?

— Trará algo com o que negociar. — Morpheo tinha o olhar fixo em Noah, que seguia a meu lado— Os desejos de Terror excedem o que ordenaram que fizesse. Agora, para ele o mais importante é ficar com Noah, e não se arriscará a perdê-lo.

Eu tampouco queria me arriscar a perdê-lo. Por isso o plano me dava vontade de vomitar. Ia pôr em jogo a vida de Noah.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— É muito perigoso — disse ele— Irei com você.

Girei a cabeça para ele.

— Não.

— É minha luta — afirmou com os olhos acesos.

— Não, não é. Já não. — Já estava. Já disse. Tirei de Noah todo o poder que ele acreditava ter. E me sentia mal por isso. Apertou a mandíbula, mas não disse nada.

— Será melhor que vá — sugeriu Morpheo— Quanto mais tempo passe Noah descansando, mais energia ficará.

O que equivalia a dizer que mais tempo viveria.

Pusemos em pé e nos encaminhamos para o portal. Meu pai parou antes de cruzá-lo.

— Você pode ir, Noah — disse— É seguro.

Foi evidente que Morpheo queria falar comigo a sós, e Noah não discutiu. Nem sequer olhou a nenhum dos dois, simplesmente cruzou o portal. Meu pai me pediu que me aproximasse. Fiz, no caso de Noah ficava escutando do outro lado.

Umas fortes mãos aterrissaram em meus ombros. Tive vontade de relaxar, de abraçar o peito de Morpheo como se fosse uma menina pequena, embora fosse só uns minutos. Mas não o fiz.

— Dawn, sei que está preocupada com ele.

— Pois claro que estou preocupada com ele.

— Não pode voltar a trazê-lo aqui, ao menos não fisicamente.

— É uma de suas leis? — Provavelmente pareci tão repelente e malcriada como soei.

— Simplesmente, não volte a fazê-lo. — Ali havia algo mais que não me estava contando.

Embora a insistência de seu tom não me disse isso, o modo suplicante em que me olhou, me teria deixado isso claro.

— Está bem. — Compreendi então que coloquei o pé até o fundo, e diante de testemunhas, e que Morpheo ia ter que arrumar. Se pudesse é claro.

Deu-me um beijo na testa.

— Tome cuidado.

Assenti, me comportando com uma valentia que não sentia. Queria pedir que viesse comigo, mas então estragaríamos o de *agarrar Karatos despreparado*.

— Terei.

— Se tiver algum problema, me chame.

Claro. Se é que Karatos não me cortasse antes a língua.

Foi esse pensamento, e minha determinação de não permitir que acontecesse tal coisa, o que evitou que começasse a chorar assim que cruzei o portal para o apartamento de Noah.

Quando cheguei ao apartamento de Noah, encontrei-o colocando as xícaras de café na lava-louça. Não me olhou, e me pareceu bem. Estava zangado comigo, e eu estava zangada com ele e com o mundo em geral. De fato, estava zangada por estar zangada. Peguei minhas coisas, o que



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

me levou cinco minutos, fui pegar meu casaco, vesti os sapatos, e me dirigi para a porta. A essas alturas, já decidi que não diria nem adeus. Estava ressentida e furiosa, e ia demonstrar que salvaria seu traseiro ou morreria na tentativa. E então ele lamentaria me fazer passar por aquilo.

Mas Noah não estava fazendo passar por nada, e eu sabia. Ele era uma vítima como eu. Inclusive mais.

— Né. — Sua voz me parou quando já tinha a mão no pomo da porta da rua.

Levantei o olhar e o vi descer a escada até onde eu estava. Não disse nada, simplesmente arqueei uma sobrancelha e esperei.

Noah suspirou e me segurou pelos braços.

— Não vá.

Levantei ambas as sobrancelhas. Isso sim que não me esperava isso.

— A verdade é que acredito que seria o melhor. — Eu tampouco queria ir. O que queria fazer era me abraçar a ele e que o resto do mundo desaparecesse.

— Olha, sei que está zangada comigo — disse Noah —, mas não quero que tenha que passar por isso sozinha.

Afastei-me.

— Tenho que fazer.

Ele franziu a testa, mas não se zangou.

— Tem razão. — passou uma mão pelo cabelo, alvoroçando ainda mais. Em seus olhos vi como preocupado estava e isso me reconfortou um pouco— Odeio isto.

— E eu.

— Me ligue depois para me dizer que está bem.

Como podia seguir zangada com ele quando me estava dizendo essas coisas?

— Farei.

E então me beijou. Um beijo comprido e suave, e tão doce que estive tentada a ficar, mas ao final optei por me afastar. E antes que pudesse voltar a me tentar, abri a porta e saí à fria escuridão.

Lola estava em casa quando cheguei. Sentada no sofá, vendo televisão com Dulce em seu colo. Olhou-me assim que ouviu que fechava a porta.

— Olá.

— Olá, - Dulce saltou de seu colo e atravessou os tapetes que tínhamos no chão de madeira para vir se esfregar e miar contra minhas pernas. Era sua maneira de saudar.

Peguei-o nos braços e afundei o rosto em sua suave pelagem. Aquele gato me consolava sem fazer nada em concreto.

— Há um pote do sorvete que você gosta no congelador — disse Lola ao ver que tirava os sapatos e ia para a cozinha sem soltar Dulce.

A merda o regime. Afinal aquele bem podia ser o último sorvete que comia, ia desfrutá-lo. Se estragasse tudo, não só morreria eu, mas também morreria Noah.

Queria que tudo aquilo acabasse de uma vez. Estava farta de estar assustada. Cansada de





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

me perguntar se Noah e eu seguiríamos tendo uma relação quando aquilo acabasse. Simplesmente, estava esgotada.

— Acreditava que esta noite fosse dormir acompanhada — disse a Lola, carregada com o sorvete, ao retornar ao salão.

Ela negou com a cabeça.

— Chamaram no trabalho.

— Não parece que dê muita pena.

Lola encolheu os ombros.

— São coisas que passam. Suponho que trato de aceitar como vêm. Tampouco é que possa fazer nada para evitá-lo.

— É muito sábia, pequeno gafanhoto. — Sentei no sofá, a seu lado. Dulce caiu entre as duas, ronronando com as carícias e mimos que ambas fazíamos. Comi o sorvete, inteiro, enquanto víamos Quatro Casamentos e um Funeral. Não há nada como uma comédia britânica para esquecer-se do mundo durante um momento. Além disso, tinha Hugh Grant. Todo mundo gosta de Hugh Grant.

Depois do filme, sabia que não podia seguir adiando mais. Lola foi para cama e esperei um pouco para me assegurar de que estivesse adormecida antes de abrir o portal. O último que queria era que minha companheira aparecesse em meu quarto e descobrisse que fui.

Quando cheguei ao mundo dos sonhos, tive que voltar para ver com a ditosa névoa. Línguas cinza e truculentas queriam me apanhar e me viaavam ao ouvido. Estava claro que eu não gostava no mínimo. Aquela bruma servia para evitar que os humanos rondassem pelo mundo dos sonhos, tanto seus subconscientes como seu corpo, algo que acredito que acontecia muitos anos atrás.

Tinha o pressentimento de que a névoa não reagia assim porque eu fosse metade humana. Simplesmente eu não gostava, e ponto. Se pudesse me matar e sair ileso, faria.

— Não pertence aqui — ouvi que me sussurrava.

— Teriam que ter destruído ao nascer.

— Abominação.

— Monstro.

A que mais me afetou foi à última. Eu mesma cheguei a acreditar. Possivelmente ainda acreditasse, mas que aquela névoa tivesse a desfaçatez de me dizer isso, que um banco de nuvens me chamasse monstro, já era o cúmulo.

— Que se fodam — balbuciei. E então senti que algo se movia em meu interior. Notei como as cinzas e as brasas voltavam a arder com cada baforada de ar que respirava. Inspirei fundo e saltaram as faíscas. Outra baforada de ar, e prenderam fogo. Outra mais e o fogo se avivou em meu interior. Corria pelas veias e pela pele. Meus olhos ficaram incandescentes e, sem necessidade de vê-los, soube que perderam a cor e que apareceram círculos negros ao redor da íris.

—Me deixe passar — pronunciei devagar cada palavra. Reconheci minha voz, mas não a autoridade que emanava dela.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

A névoa tremeu e diluiu um pouco antes de voltar a espessar de novo. Estava desafiando, mas em vez de me incomodar, senti-me satisfeita.

Suponho que tinha vontade de briga.

Trouxe a adaga comigo e agora a levava na mão. A pedra lunar brilhava na metade da noite do mundo dos sonhos. Levantei a arma assinalando com a ponta para baixo. Senti-me como a mãe de Norman Bate, mas colocando desse modo, à altura dos olhos, podia utilizá-la também como lança. E podia atravessar a névoa com mais facilidade.

De fato, ouvi como a bruma gritava de dor quando a cortei com a adaga marae. Descrevi três arcos com o braço e começou a retroceder e abrir um caminho para que passasse. Era o bastante largo como para que coubessem duas pessoas, ombro com ombro. Era evidente que a névoa não queria nem me roçar.

Melhor.

O ducado de Ice-o estava no final do caminho. Estava ali porque eu quis que estivesse, ou porque de verdade aquele era seu lugar e eu soube cruzar o mundo dos sonhos pelo lugar adequado? Não sabia, mas tinha o pressentimento de que gostasse de chegar ao ducado conduzindo, teria aparecido um carro diante de meu nariz.

Não procurei a entrada da casa de meu tio. Não se tratava de uma visita de cortesia, e não me fazia falta ir a sua casa para chamar Karatos. De fato, provavelmente seria melhor que ficasse ali fora. Para começar, não sabia de que lado estava Ice-o, e se estava do lado do Terror, não queria enfrentar os dois.

— Karatos — sussurrei seu nome. E então, como em um filme de medo, repeti seu nome três vezes muito depressa. Supunha que assim era como se chamava o diabo, não?

Parecia sim, porque em meio daquele descampado frente à mansão de Ice-o, notei que o ar mudava. E de repente apareceu Karatos.

— Pequena Luz — me disse adocicado e com o mesmo sorriso que teria um tubarão diante de uma foca bebê— estava esperando.

Ignorei o tombo que me deu o estômago e o olhei nos olhos.

— Com certeza que sim.

— Se olhe, veio você sozinha para casa dos maus. Que valente. — Olhou a meu redor— Vejo que conseguiu dominar a névoa — comentou surpreso, e me permiti sentir um instante de satisfação.

— Temos que falar— disse.

Seu olhar prendeu no meu e ficou atônito. Viu meus olhos. Sabia que já não era humano.

— Vá, vá, nota — disse quase sem fôlego.

— Tem que deixar em paz Noah.

Ele duvidou uns instantes, durante os quais não deixou de me olhar os olhos.

— Não.

— Está morrendo.

— Sei.



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

- E o que pensa fazer a respeito?
- Não é o que vou fazer eu, Dawnie, a não ser o que vai fazer você.
- Não pode ficar com ele.
- Morrerá.
- Morrerá de todas as formas se você o possuir.

Karatos encolheu os ombros. Não parecia tê-lo impressionado muito que soubesse o que planejou.

— Provavelmente. Ou possivelmente ele e eu aprendamos a conviver. Somos muito compatíveis.

Ri.

— Sim claro, são idênticos, quase gêmeos.

Mas em vez de ofender, Terror pareceu fazer graça.

— Por isso o escolhi, sabe? Porque tinha esses sonhos cheios de raiva e violência. Levo tempo observando nosso Noah. Ele será meu corpo, e o dano que poderei fazer com ele será eterno.

Eu não gostei do modo em que disse *nosso Noah*.

— Ele não é nada teu.

— É meu sonho feito realidade — brincou Karatos — Pensa no bem que passaremos juntos.

Só de pensá-lo tive náuseas.

— Sei que se preocupa em perdê-lo — disse pomenorizado — mas se serve de consolo, transarei com você sempre que necessite.

— Nem sonhe — respondi com cara de asco.

— OH, vamos. Não se lembra de como passamos bem juntos? Excito-me só de pensar.

As náuseas foram piorando, mas consegui controla-las.

— Não se supõe que tem que me matar?

Ele se aproximou com um daqueles sorrisos seus tão perturbadores.

— Poderia unir a mim. Imagine tudo o que poderíamos conseguir juntos.

Tratei de soar ofendida.

— Você será um mero mortal. Por que quereria me unir a você?

— Sei coisas. Coisas que a seu papaizinho pareceriam muito interessantes, como por exemplo, para quem trabalho.

Morpheo gostaria de saber isso. Seria capaz de entregar Noah a Karatos em troca dessa informação? Eu não.

— Deixa que adivinhe o único que tenho que fazer é ir com você e me dirá quem é.

— E me trazer Noah.

— Não sei como fazer isso.

Karatos estalou a língua.

— Igual o levou para ver seu papaizinho — respondeu com voz gutural — Abre um portal e me traga isso — Não ache que Morpheo pudesse trazer um humano aqui, a estas alturas não teria



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

trazido já fisicamente sua mamãe? Você é especial, Pequena Luz. As pessoas não sabem se devem dar boas vindas a você ou destruí-la.

— Como sabe isso?

Ele sorriu.

— Sei muitas coisas. Sei o que faz duas noites sua mãe levava um precioso colar de pérolas, e sei que Morpheo não tem nem ideia de como faço para ir sempre a frente dele.

— Deus — sussurrei assustada — Tem um espião.

Seu sorriso se estendeu.

— E sei que muitos oniros têm medo da filha de Morpheo e às coisas que pode fazer coisas das que nem sequer seu pai é capaz, como por exemplo, trazer um humano ao mundo dos sonhos.

Engoli saliva.

A cabeça ia explodir. Um espião. Karatos tinha um espião na casa de meu pai; alguém em quem este confiava alguém que subministrava informação. Não era de impressionar que não pudéssemos encontrá-lo exceto quando ele queria.

Olhou-me com cara de satisfação.

OH, Deus. De algum modo consegui me manter neutra, manter os pés no chão e a cabeça sobre os ombros, em vez de ceder ao tremor de meus joelhos. Não queria que me destruísse.

Sabia que não podia acreditar suas palavras com convicção, mas de todos os modos suspeitava que me dissesse a verdade. Possivelmente as pessoas do povo não esperassem com tochas, mas as tinham preparadas no caso. Os oniros levavam tantos séculos em contato com os humanos, que no fundo não eram tão diferentes. E não gostavam do que não podiam entender. Quer dizer, eu.

— Poderíamos fazer tanto dano juntos... — insistiu Karatos aproximando-se mais a mim — Eu poderia ajudá-la a esconder, Dawn. Ensinar a utilizar seus poderes.

Levantei o olhar em busca do seu. Deu medo ver que seus olhos eram idênticos a meus.

— Você não sabe que poderes tenho — gritei — Ninguém sabe, porque não existe ninguém igual a mim.

De repente, o Terror apareceu diante de mim, seu rosto estava a escassos centímetros do meu.

— Tem razão. — Cortou a bochecha com uma unha. Vaiei de dor e o sangue começou a escorrer pelo rosto. Então notei algo muito frio no esterno. Olhei para baixo e vi que me tinha fundo a mão no peito até o pulso.

Karatos inclinou a cabeça e começou a rir.

— Pesadelo estúpido. Passei anos me preparando para este momento. De verdade acreditava que seu pai e você poderiam me enganar?

Abri a boca, mas o comentário sarcástico que ia soltar se desvaneceu assim que a dor se estendeu por todo meu corpo. Podia notar seus dedos dentro de minha caixa torácica, podia sentir que estava cravando isso na alma. Ia fazer o mesmo que fez a Noah. Senti que ia tirar a vida. Karatos puxou.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

E de repente ficou apanhado.

Uma energia estranha começou a circular por minhas veias e me dava conta do que estava acontecendo. Sorri como uma tola.

— Má sorte, Karatos. O mundo dos sonhos forma parte de mim, e não pode roubar isso—

Mas, entretanto ele estava tentando. Tinha a frente empapada de suor e seu belo rosto parecia desenhado pelo esforço. Estava tentando ficar com meu poder e, em certa medida, estava obtendo. Possivelmente não pudesse me roubar os sonhos, mas podia me debilitar.

Peguei pelos braços enfiando os dedos na carne, no músculo que havia sob a pele. O zumbido que notava em minhas veias se intensificou. Eu também estava roubado algo dele.

— O que aconteceria eu colocasse minha mão dentro de você? — perguntei em voz alta, e ri ao vê-lo arregalar os olhos — Quer que o averiguemos?

Karatos retirou a mão imediatamente.

— Ah! — Dobrei-me pela cintura e senti como o calor retornava a meu corpo. Deus, como doía. Tratei de recuperar a respiração e fui me incorporando. Fios cinza passaram diante de meus olhos e procurei o Terror com o olhar.

A névoa estava espessando de novo, fechando-se ao redor dele, ocultando-o até tal ponto que me resultou impossível distinguir. Karatos se foi ou simplesmente a bruma o escondia.

A névoa também se estava fechando a meu redor. Não fiz a Karatos nada que ele não me fizesse antes, mas ali a anomalia era eu, não ele. E a névoa sabia e já não me tinha medo. Ouvi-a sussurrar, em voz alta e baixa. Faria mal se podia, vingaria do que fez antes.

Não fiquei esperando que ocorresse como fazer. Estava muito fraca para fazer outra coisa que ir dali quanto antes. Corri para o portal e o atravessei com a bruma me pisando os calcanhares como um cão raivoso.

De fato, quando entrei em meu quarto, sangrava um pé. Tive que ir à ponta dos pés ao banheiro para não manchar o tapete e o chão de madeira.

Sequei o sangue do rosto e do pé com papel higiênico, e logo lavei as duas feridas com água e sabão e pus um pouco de adstringente. Apliquei creme antibiótico em ambos e enfaixei um pouco o pé antes de retornar a meu dormitório para me deitar.

Cantarolei uma canção de ninar para dormir, para ver se assim deixava de pensar no muito que me doíam as feridas. Meu corpo vibrava como uma gaita muda, e me sentia estranhamente bem. Como se desse uma surra a toda uma panda de rufiões. Eu não era tão fácil de matar como Karatos acreditou no princípio, e isso em si mesmo já era uma vitória.

E uma maneira incrível de passar a noite da sexta-feira.

## **CAPÍTULO 23**

Bem antes do amanhecer, notei um puxão que foi familiar, proveniente do mundo dos sonhos. Tomei a decisão de não voltar a entrar ali fisicamente. Voltei, mas esta vez fui parar uma



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

praia paradisíaca que eu mesma criei. Estava deitada em uma toalha, na areia, e os raios do sol do entardecer me iluminavam quando minha mãe me chamou.

Obviamente, aprendeu de meu pai a se colocar nos sonhos de outra pessoa. Já supunha que, depois de meu enfrentamento com Karatos, algum dos dois viria para ver, mas me surpreendeu que fosse mamãe. Acaso Morpheo suspeitava que houvesse um traidor em seu círculo mais íntimo? Ou, simplesmente, minha mãe decidiu vir por sua conta, consciente de que ali não poderia dar as costas?

Sentei-me na toalha antes de me levantar. Usava um biquíni azul que ficava muito bem. Sempre estava bonita nos sonhos que eu controlava.

Segui a essência de minha mãe, sua assinatura, para chamar de algum jeito. Era como seguir o rastro de um perfume, como ver alguém sorrateiramente, ou como escutar um sussurro, ou tudo ao mesmo tempo. Era um rastro discreto, mas inegável, e atravessei a praia em sua busca, sentindo a suave areia sob meus pés.

Caminhei por uma passarela de madeira e abri a mente para entrar no sonho de outra pessoa. O entorno mudou à medida que eu avançava. A paradisíaca praia se converteu em um parque com bancos de metal e grama bem cuidada. Parecia um desses jardins botânicos antigos, e o identifiquei; era o que estávamos acostumados a visitar com minha família quando eu era pequena e íamos à Nova Escócia.

Troquei de roupa para não parecer fora de lugar para a pessoa que estivesse sonhando aquilo. Vesti jeans e uma camisa, um traje mais de acordo com o sol e o aroma de rosas e pipocas. As gaiotas chiaram sobre minha cabeça quando cruzei o lago, repleto de patos e no que nadava também um casal de cisnes brancos. O cascalho rangeu sob meus sapatos, destacando o contraste que havia entre aquela natureza e o tráfico que circulava fora das grades do jardim.

Em um banco que olhava ao lago, estava sentada minha mãe com minha irmã Ivy. Tinham um saco com miolos de pão em meio das duas e as lançavam aos patos, que se moviam ansiosos na água diante delas.

Não imaginei que minha mãe pudesse recorrer a um sonho de Ivy para que fosse até ela. Era um gesto calculado ou estava sendo sincera?

Assinalou-me o caminho que tinha a minha direita. Conduzia a alguns salgueiros chorões que nos esconderiam de Ivy. Não tinha sentido que minha irmã me visse. Ela sonhava frequentemente com mamãe, disso não tinha nenhuma dúvida, mas possivelmente pareceria estranho me ver. Talvez a impressionaria.

Não tive que esperar muito. Não sabia o que disse minha mãe a Ivy para explicar sua partida, mas o que fosse disse em poucos minutos, e logo apareceu a meu lado em baixo daqueles salgueiros chorões que pareciam feiticeiras com júbas verdes e largas que caíam até o chão.

— Não tenho muito tempo — disse minha mãe enquanto do nosso lado passava uma moça com um menino em um carrinho — disse a sua irmã que ia procurar um sorvete, mas fica nervosa se demora muito.

Mordi a língua para não soltar o comentário que me acabava de ocorrer. Era impossível que



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

minha mãe não soubesse por que acontecia isso a Ivy, inclusive em sonhos. Não importa a idade que tenha nunca se é muito maior para sentir abandonado.

— Encontrou? — perguntou-me, me esquadrinhando o rosto.

— Sim — respondi, e contei a versão resumida do que me disse Karatos. Omiti algumas coisas, como por exemplo, que eu podia fazer coisas que Morpheo não e que o Terror tentou me fazer o mesmo que fez a Noah. Não queria falar disso então. Salvar Noah era minha primeira prioridade.

Mas o mais importante que contei foi que havia um espião na corte e que esse espião estava facilitando informação a Karatos.

— Por isso sempre vai um passo pela frente. Alguém do círculo mais próximo a Morpheo é um traidor.

Minha mãe olhou-me estupefata. Podia imaginar o horrível que resultava a notícia. Só Deus sabia quantos segredos teria falado esse traidor ao inimigo.

— Temos que parar esse Terror — sussurrou.

— Não me diga — respondi sarcástica, nos surpreendendo a ambas— Por fim o pegou, né? — Certo, não era nenhum segredo que guardava rancor a minha mãe, mas de onde diabos saiu àquela frase tão mal educada?

As duas ficamos nos olhando.

— Sinto — disse, e era verdade— Não sei por que disse isso.

— Está submetida a muita pressão. — levou mal e mesmo assim, ela encontrava motivos para justificar a sua pequena.

— Sim — respondi como uma tola. Suponho que era tão boa desculpa como qualquer outra— Pode ser. Karatos escapou. Vou ter que voltar a tentá-lo.

Minha mãe abriu a boca para opor-se, mas Ivy a estava chamando. Olhou a minha irmã por cima do ombro e logo voltou a me olhar.

— Eu direi a seu pai. Não faça nada até que tenha falado com ele.

Fiz com um leve movimento de cabeça.

— Vá com o Ivy — disse. Não quis que soasse como se a estivesse julgando, mas isso foi o que me pareceu.

Mas pelo visto minha mãe não percebeu.

— Tome cuidado — sussurrou com os olhos enchendo de lágrimas.

E então me abraçou. Não um abraço frouxo desses que se dão duas pessoas que se separam por um curto período de tempo, a não ser um abraço desesperado; o abraço de uma mãe preocupada com sua filha. Fez um nó na garganta e me arderam os olhos, mas consegui me conter.

Foi estranho, porque em baixo daquelas lágrimas e daquela vontade que tinha de devolver o abraço, podia ouvir uma voz me dizendo que aquele seria o momento perfeito para dar uma bofetada e puxar o cabelo. Não estava segura da quem pertencia essa voz.

Mas parecia muitíssimo à minha.





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Noah tinha muito mau aspecto. O que me recordou que estava acabando o tempo. Bateu na porta de minha casa na sábado às dez da manhã. Eu estava comendo uma torrada e tomando meu terceiro café para ver se assim tirava de cima aquele humor de merda que tinha.

— O que aconteceu? — perguntou nada mais ao entrar em meu apartamento, com o olhar fixo em meu rosto; na lembrança que Karatos me deixou. Uma amostra do que me aconteceria se voltasse a cruzar com ele.

Fosse como fosse, ia pegar esse bastardo.

— Karatos — respondi, fechando a porta de mau humor— Quem diabos acredita que fez isso?

Se Noah detectou o sarcasmo, fingiu não dar conta. Aproximou-se um pouco mais, invadindo meu espaço pessoal, como era seu costume, e observou atentamente a marca de Terror em meu rosto. Noah ia mal penteado e mau barbeado, e sob o rubor da raiva o via pálido. Pensei que era muito bonito.

Seus olhos se prenderam nos meus, e me custou sustentar o olhar. Já não havia vida nele, só fúria. Isso me assustou mais do que Karatos poderia me assustar. E fez que passasse o mau humor de repente.

— Estou bem, Noah.

Não acredito que acreditasse. Merda, se nem sequer acreditava eu mesma, mas para me ouvir dizer, tranquilizou-se um pouco.

Tocou a bochecha com dedos frios, com cuidado de não me fazer mais mal na pele que rasgou.

— Dói?

Fechei os olhos, invadida por uma emoção que não queria sentir. *Agora não*. Ver Noah tão preocupado por mim me fazia ter vontade de me esconder durante um momento. Tendo em conta tudo o que estava acontecendo, e comparado com o que ele podia perder, aquele arranhão era ridículo. Não ia me esconder. Eu era o bastante forte para sair à frente.

Peguei a mão e a separei do meu rosto, mas entrelacei meus dedos com os seus.

— Curarei. Nem sequer ficará cicatriz.

Sorriu satisfeito.

— Karatos não gostará. Nunca gosta. Para os porcos como ele, as cicatrizes e os roxos são como troféus.

Fiquei arrepiada ouvi-lo tão pesaroso. E me perguntei quantas cicatrizes teria ele. Não havia visto muitas no corpo, mas nem todas as cicatrizes estão fora. E não precisava ser psicólogo para saber isso.

— Como esta? — perguntei ansiosa por mudar de assunto de conversa.

— Estou bem — disse encolhendo os ombros.

Arqueei uma sobrancelha.

— E por que será que acredito que poderia estar sangrando pelas orelhas e me responderia



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

o mesmo?

Ele riu.

— Estou bem, doc. Não estou genial, mas vou indo.

Essas palavras me fizeram sentir tão bem que não posso nem descrever. Foi como se alguém tivesse aberto uma janela em meu interior e deixasse entrar toda a luz do sol. Provavelmente não deveria ter tantas esperanças, tendo em conta que eu era o único que se interpunha entre Noah e um Terror que queria possuí-lo, mas tinha.

Mais tarde ficaria com Antwoine para tomar um café, mas não queria que Noah acreditasse que o estava jogando.

— Quer passear?

Negou com a cabeça.

— Tenho que fazer um recado. Ligue-me quando terminar e diga onde posso a encontrar.

Havia algo mais reservado que de costume em sua expressão.

— O que está tramando?

— Além de mandona, fofoqueira — murmurou, e logo suspirou — vou ver meu advogado.

Noah tinha um advogado. Quer dizer, um advogado fixo. Às vezes me esquecia de que procedia de uma família enriquecida.

— Ah. — Assim que compreendi por que o ia ver fiquei triste.

— Vou fazer um testamento — confirmou ele.

— OH, Noah. Não. — De repente tive vontade de chorar.

Ele me rodeou com os braços e grudou a seu sólido peito.

— Tranquila, não passa nada. Se houver alguém que pode derrotar essa coisa, é você. Só quero deixar tudo preparado no caso.

Olhei-o com os olhos cheios de lágrimas.

— Não vai morrer. Quantas vezes tenho que dizer isso — por que tem a voz diferente?

Sorriu um pouco.

— Se tiver que voltar a me dizer que estou vivo. Promete que me ligará mais tarde?

Assenti. Não me ocorreu nada que dizer. Noah me beijou na porta antes de ir. Estive olhando enquanto descia e até que chegou à saída. Tinha os ombros erguidos e as costas retas, assim tinha a cabeça um pouco encurvada não deveria me preocupar tanto. Pensei que ambos estávamos aguentando melhor do que faria a maioria das pessoas se encontrassem em nossas circunstâncias.

Claro que eu seguia confiando em despertar e ver que tudo foi um sonho.

Por desgraça para mim, tratava-se de um mau sonho. Um que podia chegar a me matar.

Antwoine já estava sentado à mesa quando cheguei a nossa entrevista. Usava um casaco negro, calças negras e pulôver de pescoço alto vermelho. E cheirava muito bem.

— Vem de uma entrevista? — A pergunta soou mais incrédula do que pretendia.

Ele levantou as sobrancelhas cinza diante de minha pergunta tão brusca e empurrou um



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

copo de porexpan para mim. Um chá com leite. Que bom.

— Não venho de uma entrevista — me respondeu em uma voz tão baixa e culta que apenas reconheci. Soava diferente. Parecia diferente. Tinha o aspecto de ser um homem rico, seguro de si mesmo, majestoso e não aquele estranho que conheci dias atrás.

Franzi a testa.

— Por que tem a voz diferente?

Seus lábios esboçaram um enigmático sorriso.

— Esta é minha voz.

— E seu aspecto físico?

— Este é meu aspecto.

Mentiroso. Não sabia se dava uma bofetada ou começava a rir.

— Por quê?

— Pensei que seria mais fácil acreditar se parecia um pouco... Menos a mim no princípio.

Fiquei olhando, inclinei a cabeça para observá-lo desde todos os ângulos.

— E?

Seu sorriso não se estendeu, mas sim se voltou mais íntimo.

— Não queria dizer quem era até estar certo de que confiava em mim.

Fechei os olhos e me inclinei para frente.

— Pensou que tinha mais possibilidades de que não delatasse meu papai se parecia um pobre idoso.

Seus olhos faiscaram e ficou claro que não sentia o mínimo por ter tirado sarro. Parecia um pícaro Morgan Freeman.

— Algo pelo estilo. Morpheo pode sentir a tentação de me dar outra surra. Em troca, eu não tenho vontade de que volte a fazer.

Ri. Em certo modo era um alívio averiguar que Antwoine também era algo mais do que aparentava. Me fazia ter esperanças de que comigo pudesse passar o mesmo.

— Me diga, por que me chamou? — disse depois de beber um pouco.

— Sabe se Terror tem alguma debilidade? — atrevi-me a perguntar— Sabe?

Antwoine me olhou.

— Alguns sonhos permanecem, mas a maioria desaparece inclusive os sonhos mais horríveis.

— Karatos odeia saber que vai desaparecer. Quer ser importante.

Antwoine assentiu.

— Eu que o diga. E agora que sabe qual é sua debilidade, utiliza e seguro que poderá pôr de joelhos.

Pensei em Jackey Jenkins e em como deformei seus sonhos. Recorri a todos seus medos e os utilizei contra ela. Meti em sua cabeça e todos seus desejos e ilusões revoaram a meu redor como pássaros para uma mão cheia de penas.

Não sabia se podia fazer o mesmo com Karatos. No mundo dos sonhos não só teria que enfrentar sua mente, mas também seu corpo. Ele ali existia de verdade.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Antwoine deve ter visto o medo em meus olhos, porque se inclinou para frente e colocou uma mão em cima da minha.

— O que faz um Pesadelo, Dawn?

Olhei nos olhos e quase me perdi em sua sabedoria cor chocolate.

— Proteger os sonhadores.

Sorriu-me.

— Assim é. Você os protege de coisas como esse Terror. É mais forte que ele, tem sempre muito presente.

Ouvir falar de Karatos dessa maneira me ajudava muito. Prometi a mim mesma que lembraria isso frequentemente.

— Terei.

Uma mulher que levava uma bandeja com café e pãoes-doces deu um golpe a nossa mesa e fez que minha xícara derramasse um pouco pelos lados.

Incomodou-me.

Peguei-a pelo pulso e olhei nos olhos castanhos que desfaziam em desculpas.

— Aranhas — sussurrei.

Ela soltou a bandeja, que caiu no chão salpicando o café, chá e a refeição por todos os lados, e começou a gritar, tropeçando, como se estivesse pisando em insetos.

Uns insetos que não existiam.

Gesticulava e puxava a roupa. Tinha o rosto deformado de medo. Sorri.

— Mas o que fez menina?

Voltei-me para Antwoine.

— O que?

Ele arregalou os olhos e logo os fechou. Pegou uma colher e passou isso por trás.

— Olhe.

Tinha os olhos pálidos com cóis negros. Brilhavam em meio de meu rosto e davam muito medo. Que diabos me estava acontecendo? Por que me alegrei de fazer aquilo à mulher? Como podia pensá-lo sequer?

Afastei a mão de Antwoine e o medo se instalou em meu estômago.

— O que está acontecendo?

— Primeiro vá solucionar o dessa pobre mulher — disse ele sem deixar impressionar por minha mudança de atitude.

Olhei-a, estava chorando descontrolada, e vi que todo mundo a estava observando.

— Como posso arrumá-lo?

— Igual fez antes.

Não podia fazê-lo sem que outros se dessem conta, assim que me levantei.

— Sou psicóloga — disse a um curioso — Possivelmente possa ajudar.

Aproximei-me da mulher, que tinha os braços cheios de arranhões que fez ela sozinha. Tinha as bochechas cobertas de lágrimas e chorava suplicando às aranhas que parassem. Deus, o que



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

fiz?

Coloquei uma mão no ombro e o outro no queixo para obrigá-la que me olhasse.

— Não estão — disse, desejando que me acreditasse— As aranhas desapareceram. Só foi um sonho.

Funcionou. Demorou alguns segundos em reagir, mas de repente ficou quieta. Piscou e me olhou.

— O que aconteceu?

— Acreditava que tinha aranhas em cima — expliquei.

Ela me olhou confusa e logo observou o desastre que havia no chão.

— Sim. Pareceu que tinha aranhas por todo o corpo. — riu um pouco, morta de vergonha— Que tola.

Acompanhei-a para um novo pedido e a convidei. Era o mínimo que podia fazer. Ela pensou que só estava sendo amável.

Por fim retornei junto a Antwoine, que seguia me olhando como se eu fosse o menino da profecia.

— Aconteceu algo? — perguntou — Karatos tentou fazer o mesmo a seu amigo?

O sangue foi da cabeça. Literalmente.

— Como sabe?

Ele negou com a cabeça e me olhou como se fosse uma completa idiota.

— Temos que parar essa coisa. Esta mesma noite. E você tem que aprender a se controlar.

— O que fez? — quis saber, a ponto de me pôr tão histérica como a mulher das aranhas.

— Karatos deixou uma parte dele dentro de você, e está despertando seu lado escuro. Um poder como o que você tem, aqui é perigoso. Não pode exercê-lo como faria no mundo dos sonhos.

Meu lado escuro. Genial. Isso explicava meu mau humor. E por que assustei aquela pobre mulher. Apertei os lábios. Tinha que parar essa coisa. Antwoine tinha razão. Aquela mesma noite enfrentaria Karatos e poria ponto final a todo o assunto. Possivelmente o Terror levou parte de mim, mas tal como disse Antwoine, agora eu tinha parte dele. Assim sabia como encontrá-lo.

Podia derrotá-lo. Faria e voltaria a ser eu mesma. Salvaria Noah e destruiria o Terror Noturno. Com isso não ia ganhar o carinho dos inimigos de meu pai, mas nesse momento, o meu lado escuro importava um nada.

Procurei o olhar de Antwoine do outro lado da mesa.

— Vai ajudar?

A impaciência durou toda a noite, até que Antwoine chegou à casa de Noah exatamente as dez em ponto. Inclusive então, apesar de que sabia o que aconteceria, sentia muito positiva.

Podia fazê-lo. Não estava sozinha. Tinha Antwoine e meu pai ao meu lado, e este a sua vez tinha Verek. E também tinha Noah. Juntos podíamos derrotar Karatos. Ou isso era o que pensava cada vez que o olhava e via que estava mais cansado e pálido que no dia anterior.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Estava apagando.

Ele e Antwoine se avaliaram com o olhar desse modo que fazem os homens, e no final, parecia, deram o visto bom. De fato, Antwoine saudou Noah com a cabeça, como se estivesse dando sua aprovação ou sua bênção; o gesto me pareceu estranhamente divertido e simpático.

— Tenha isto — disse Antwoine enquanto eu colocava a capa com a adaga marae no braço esquerdo.

Era um bracelete que pus no pulso direito. Fechou de repente e se ajustou a meu braço como se fosse feito sob medida. O fechamento desapareceu e o bracelete adquiriu o aspecto de ser de uma só peça.

— O que é? — Provavelmente teria que ter perguntado antes que me pusesse isso.

— Uma cadeia succubus — explicou, me mostrando que ele usava no pulso— Na antiguidade, e me refiro há muito, muito, tempo, as succubus as prendiam nos haréns. Todas usavam um destes braceletes, e o amo e senhor levava um bracelete que os dominava a todos. Cada vez que queria estar com uma succubus, o único que tinha que fazer era pensar nela e puxar o bracelete. Também funcionava ao contrario: se uma das mulheres estava em perigo, o único que tinha que fazer era puxar o bracelete e ele aparecia correndo.

Fiquei olhando o precioso bracelete que me adornava o pulso, e logo olhei Antwoine.

— Como sabe todas estas coisas?

Ele não sorriu, mas tampouco se incomodou.

— Suponho que me dediquei a averiguar o máximo possível sobre o reino dos sonhos.

Sorri e estendi a mão.

— Como é possível que esta corrente possa existir no mundo real se proceder do mundo dos sonhos? Supõe que fosse dali nada dura mais de algumas horas.

— O que diz se aplica a objetos criados no mundo dos sonhos e na Terra, mas estes braceletes, igual a sua adaga, forjaram no submundo.

A raça de imortais a que pertencia meu pai recebia muitos nomes. Os gregos os batizaram e escreveram a historia em sua honra, igual aos romanos e os chineses, os fenícios e os astecas. E todos eles atribuíram nomes e habilidades diferentes, mas no fundo eram sempre as mesmas. O nome grego de meu pai era possivelmente o mais conhecido, assim normalmente era o que mais se utilizava. Os egípcios o chamavam Serapis. E para os hindus era na realidade uma mulher, a deusa Maia. Tentem encaixar o fato de que seu pai é um hermafrodita antropomórfico e me digam como ficam.

Fosse como fosse, qualquer ajuda que Antwoine pudesse me dar era muito bem recebida.

— Assim, se estiver em perigo, o único que tenho que fazer é puxar a corrente? — Fiz o gesto de que puxava— Mas você não poderá vir me buscar.

— Não, mas se tiver sorte, possivelmente possa tirar dali.

Isso não estaria nada mal.

— Genial.

Antwoine encolheu os ombros.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Provavelmente não precisara. Imagino que, se ouça gritar, seu pai solucionará as coisas à velocidade da luz, mas nunca está de mais estar preparado.

E estávamos. De fato, dez minutos mais tarde não me ocorreu nenhum motivo para seguir pospondo o inevitável. Chegou o momento.

Estava nervosa, e isso me prejudicava, do mesmo modo que a raiva parecia me beneficiar. O fato de ter público tampouco ajudava muito, e essa noite demorei mais que o habitual em abrir um portal ao mundo dos sonhos. Consegui criar uma pequena abertura com minha mente, mas logo tive que abri-la manualmente, como antes. Não era um retrocesso preocupante, mas não podia me permitir nenhum.

Quando o portal foi grande o bastante, eu estava suando por causa do esforço. Voltei-me para a direita e estendi a mão a Noah.

— Está preparado? — perguntei.

Notei os dedos frios quando os entrelaçou com meus. O calor o estava abandonando mais rápido do que eu queria aceitar. Agora já estava quase completamente branco, e o tom dourado de sua pele desapareceu com a perda da alma — Jung tinha razão e assim era como se chamava a fonte da criatividade— ou de seu ser interior.

Olhou nos olhos. Os de Noah pareciam quase vazios e os deixava completamente negros.

— Estou preparado.

Girei a cabeça e olhei de novo a Antwoine, que assentiu solene. Chegou o momento.

Noah e eu cruzamos o portal juntos, atravessamos a névoa do mundo dos sonhos e nos dirigimos para o que fosse que estivesse nos esperando ali.

## **CAPÍTULO 24**

— Deus santo.

Noah estava atônito olhando a seu redor. Ou possivelmente assustado, não estava segura. Possivelmente ambas as coisas de uma vez, porque o que captou sua atenção eram os redemoinhos de névoa.

E esta também se fixou nele. Quando aqueles furiosos redemoinhos cheiravam a um humano, enroscavam-se nele como uma serpente. Tinha os de garras afiadas e brutais. As garras eram para mim, para a anomalia. A Noah o único que queriam era mandá-lo a outro lado, a algum lugar que não tivesse o acesso proibido aos sonhadores.

Mas eu precisava que ficasse ali comigo, precisava o ter perto e não podia perder o tempo brigando com a névoa.

Tirei a adaga e a mantive no alto. Era uma lástima que não fosse maior. Iria muito mais rápido com uma espada, pensei.

A adaga marae vibrou em minha mão e mudou de forma. Observei-a enquanto se transformava, e senti como o punho de osso se movia sob meus dedos, estendendo-se igual à





TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

folha, que além se alargou. Quando terminou, sustentava uma espada em vez de uma adaga. O único que não mudou era a pedra lunar da manga.

— Isso fez você? — perguntou-me Noah com os olhos arregalados.

— Isso acredito. — Eu os tinha igual de exagerados.

Com a espada no alto, fui abrindo caminho. Ele segurava a minha mão com firmeza e caminhava atrás de mim. Não sei se era minha imaginação, mas me pareceu que a folha de minha nova espada brilhava um pouco quando se aproximava da névoa.

— Se afaste de meu caminho — ordenei com meu melhor tom de tia dura. Por dentro estava tremendo. Como podia derrotar Karatos se nem sequer conseguia atravessar a névoa? Como podia salvar Noah?

Para minha surpresa, a bruma afastou-se. Retirou formando um caminho, igual fez comigo antes. Possivelmente se lembrava de que terminei cortando-a.

— Pesadelo — sussurrou a névoa — Não um Pesadelo.

— Sou um Pesadelo — respondi me aproximando do começo do caminho. Podia ser uma armadilha, os muros brumosos poderiam nos encerrar dentro uma vez que cruzássemos. Então, a névoa roubaria Noah e o mandaria longe, e eu não tinha nem ideia do que me faria agora que já provou meu sangue.

— Vim por assuntos de Pesadelos — disse no caso — Venho pelo Terror Karatos.

— Karatos — disseram várias vozes dentro da névoa como se fossem uma só — O Terror. — Os muros de bruma seguiram em pé, e a única alternativa que me deixaram foi seguir pelo caminho. Acelerei a marcha e Noah, que obviamente percebeu de que algo não ia bem, apressou o passo.

Saímos da névoa e aparecemos na sala de espera da clínica do sonho.

— Bom dia, querida — me saudou Bonnie de sua mesa — sua primeira entrevista chegou. Está esperando em seu escritório.

Karatos. Podia sentir sua presença, e seguro que ele também podia sentir a minha. Estava jogando comigo. Bonnie não era uma invenção. Não era uma ilusão criada por Karatos, ela de verdade estava tendo aquele sonho. De algum modo, o Terror conseguiu levar o sonho de Bonnie até ali, ou o manipulou diretamente para que se ajustasse a seus planos; e era muito provável que no dia seguinte pela manhã, quando Bonnie despertasse, lembrasse-se de tudo.

Baixei a espada e sorri.

— Obrigado, almoçamos juntas mais tarde?

— Certo — me respondeu, piscando um olho.

Noah e eu dirigimos a meu escritório. Se tivermos sorte, Bonnie não daria importância a que ele estivesse comigo no sonho. Provavelmente, acreditaria que sonhou porque levava tempo especulando sobre nossa relação. Além dessa, eu não tinha mais explicações. E do que estava segura era de que a próxima vez que nos víssemos me perguntaria o que significava sonhar com uma espada. Teria que inventar que estava relacionado com o tamanho do pênis, ou algo pelo estilo.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Karatos nos esperava em meu escritório. O muito bastardo estava sentado em minha cadeira, e levantou o olhar para nos sorrir em quantos nos viu entrar.

— Começava a me perguntar se iriam aparecer, meninos.

— Se levante de minha cadeira agora mesmo — ordenei.

Ele seguiu sorrindo, com o que conseguiu me pôr nos nervos.

— OH, vá, o que pretende fazer com isso?

Segui seu olhar e vi que tinha os olhos fixos na espada. Devagar, devolvi a seu tamanho original.

— O que precisar. — Não era mero palavrório. Era a verdade. Cortaria em pedaços e passaria de ser um imbecil a ser um canapé, como dizia minha avó.

— Eu gosto Dawn, de verdade que sim.

— Economize isso por que não devolve Noah sua capacidade de sonhar e resolvemos isto da maneira antiga? — Deus, parecia tirada de um filme do oeste.

Karatos revirou os olhos um segundo e logo me olhou.

— Pois claro que vou devolver se não puder sonhar não me serve de nada.

Eu não sabia muito bem como funcionava o da posse, mas parecia, Noah tinha que sonhar para que Karatos pudesse instalar em seu corpo. Possivelmente os sonhos eram uma espécie de fluxo condutor?

Vi o Terror colocar uma mão no torso e tirar de dentro o que parecia um cristal do tamanho de sua palma. Brilhava tanto que inclusive doíam os olhos ao olhá-lo, e nele se refletiam todas as cores. Swarovski não podia nem comparar.

— É precioso, não acha? — perguntou-me, com voz cheia de orgulho— Assim que o vi, soube que o tinha que ter — sem dizer nada mais, olhou Noah.

O cristal era a alma dele, seu ser interior. Sua criatividade. E, sim, era precioso.

Karatos rodeou a mesa e se colocou diante de nós, ainda segurando o cristal na palma.

— Pega-o.

Vi que Noah estendia uma mão tremente para fazê-lo.

— Agora aproxima isso ao peito — indicou.

Noah fez, e ambos nos esquecemos de respirar durante uns segundos. Funcionaria? Era uma armadilha? Teria tempo de intervir antes que Karatos se apoderasse de Noah? Deveria chamar Morpheo? Não, antes tinha que levar Noah a um lugar seguro. Tinha que me assegurar de que Karatos estava anulado.

O cristal palpitou como se tivesse pulso e brilhou quando Noah o segurou contra sua camisa. A luz foi apagando devagar, à medida que seu corpo voltava a absorvê-la. Noah recuperou sua cor, e tanto suas mãos como suas bochechas adquiriram seu tom saudável de sempre. E seus olhos voltaram a resplandecer de vida.

Poderia ter chorado. Eu gostava tanto daquele homem...

— E agora me toca-disse Karatos dando umas palmadas.

E então atuei. Adaga na mão procurei em meu interior (não sei explicar como faz) e



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

segundos mais tarde encontrei em mim um poder tão forte que identifiquei como meu verdadeiro eu. Meu ser de Pesadelo. Peguei-o e emergi a superfície levando isso comigo, deixando que me envolvesse.

Demorei um segundo, possivelmente dois.

Karatos alcançou Noah quando eu abria um portal. Peguei Noah pelo braço e o empurrei para dentro do mesmo com todas minhas forças.

— Vai! — gritei. Ele duvidou, porque é desse tipo de homens que não gostam de deixar a uma mulher só diante do perigo, mas ao final fez o que pedia. Se sairmos daquela, ia comê-lo a beijos só por me escutar.

Karatos rugiu a minhas costas. Foi como se um caminhão de mercadorias pesadas me investisse por trás, e saí disparada contra a parede. Notei que o nariz quebrava pelo golpe, e que o lábio partia por vários lugares.

— Puta! — gritou o Terror.

Separei-me da parede. Ao fazê-lo, vi que deixou uma mancha de sangue. Deu-me a impressão de que também quebrou algumas costelas. Aquela briga não começou muito bem. Mas ao menos Noah estava a salvo, não?

Tinha que descobrir. Para meu alívio, vi que o portal se fechou. Karatos não podia abrir um novo, não possuía essa habilidade. Os únicos que podiam fazer éramos meu pai e eu.

Apoiei as costas na parede e sorri apesar do sangue que escorregava pelo rosto.

— Noah se foi.

Karatos se voltou para mim. Estava espetacular. Seus olhos pálidos destacavam na metade do rosto moreno, tinha as bochechas ruborizadas e os lábios repuxados, com sua perfeita e branca dentadura descoberta.

— Vou esfolá-la viva — me ameaçou.

Dei conta de que provavelmente podia fazer. No reino dos sonhos eu era imortal, ou ao menos isso acreditava, mas seguro que existia um milhão de maneiras de me matar que eu desconhecia. Por desgraça, tampouco tinha nem ideia de como matar Karatos.

— Não me diga que de verdade acreditava que ia secundar seus planos? — perguntei, enxugando o nariz com o dorso da mão. Não sabia por que me incomodava em fazê-lo, se não deixava de sangrar. Por sorte não muito depressa, porque se não a cabeça começaria a dar voltas. Entretanto, no final terminaria me afetando.

— Tinha minhas esperanças — disse ele convexo em minha mesa com um leve toque— Mas isto será muito mais divertido.

Engoli sangue. Que asco.

— Pois então comecemos de uma vez.

Ele riu.

— Vou sentir falta de nossas pequenas escaramuças, Dawn.

Inclinei a cabeça.

— Não se ponha sentimental comigo. Ainda não terminamos.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

Seus olhos pálidos se iluminaram.

— Logo terminaremos, e então irei por Noah, ou por outra pessoa. E depois disso, voltarei para por você.

Levantei a mão e coloquei o nariz, enquanto aproveitava para me curar. Pude fazê-lo pois ainda estava encorajada pela briga. Tinha que fanfarronar diante dele, assim que consegui imediatamente. Acredito que por fim começava a ficar tranquilo. Karatos observou atônito como me curava diante de seus próprios olhos.

— Já estou preparada — disse, brandindo a adaga— Vamos, ataca, cão.

OH, eu gostava tanto de provocá-lo...! Sentir o poder fluir por minhas veias. Minha visão se alterou e aguçou. Sabia que meus olhos ficaram iguais os dele. Podia sentir como meus músculos estiravam sob minha pele, e como ganhava força e elasticidade. Senti-me como a Mulher Maravilha.

Karatos correu para mim, mas eu consegui saltar de um lado e esquivar o ataque.

— Isso é tudo o que sabe fazer?

O comentário me custou um murro na mandíbula. Vi estrelas, mas sacudi a cabeça para limpar e mantive em pé. Ataquei a minha vez, e tive a satisfação de ouvir seu grito, mescla de surpresa e dor; movendo-se mais rápido que ele e dei em pleno tórax. Em sua camisa branca começou a aparecer uma mancha vermelha.

Saltei sobre os calcanhares, a adrenalina bombeava em minhas veias.

— Vou fode-la viva — ameaçou o Terror, me rodeando como um lobo faminto— E quando cruzar o outro lado, seu pai será o responsável por que conseguir.

Fechei os olhos.

— Por favor, mas se já disse que tinha ajuda.

Ele sorriu um pouco.

— Só disse você. As pessoas, aqui, estão anos esperando que Morpheo cometa um engano deste calibre. Primeiro trouxe para amante uma humana, e logo vai e tem uma filha mestiça, e agora deixa que um Terror ande solto pela Terra. Que tipo de rei é?

— Por que não o perguntamos em pessoa? — sugeri, mas dentro de mim tinha minhas dúvidas. De verdade todo aquilo estava relacionado com uma rebelião? Parecia, meu pai, igual a Julho César, tinha que cobrir as costas.

Por isso me disse que não levasse mais Noah ao mundo dos sonhos, porque sabia o que causaria problemas a ambos, em especial a ele. E apesar de tudo, Morpheo permitiu que Noah voltasse ali comigo para que pudéssemos salvar sua vida.

Eu tirei coisas do mundo dos sonhos que não deveria ter levado nunca, e trouxe outras. E meu pai jamais me proibiu isso, simplesmente me disse que não era muito boa ideia. Ele não queria que acreditasse que era um inseto estranho, mas era evidente que era inclusive ali.

— Vai começar a chorar? — Karatos gozou de mim com uma risada amarga— Não esbanje as lágrimas, Pequena Luz. O rei Morpheo só pensa em si mesmo. Certo que jogará aos leões se com isso consegue salvar a pele.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— Parece como se tivesse assuntos pendentes com seu pai, Karatos — respondi como se não me afetasse — Não mandou ir à terapia?

Voltou-me a atacar, mas desta vez consegui dar um chute no estômago, gesto que ele me agradeceu me segurando pelo queixo e batendo a cabeça contra a parede até que quebrou o gesso e começou a cair pelos ombros.

Igual a meus músculos, meus ossos também eram mais fortes. Graças a Deus, ou teria fraturado o crânio.

Deslizei até o chão e pisquei para ver se assim conseguia fazer retroceder a dor, embora não sabia como. Como diabos ia poder me concentrar se me doía tanto a cabeça?

— Já se rendeu? — perguntou Karatos me dando chutes nas costelas. Acredito que gritei— Mas acabarmos de começar... Bom, você sempre deu por vencida em tudo.

Ah, sim. Esteve esperando um comentário como esse. Rodeei o torso com um braço e me sentei contra a parede. Tinha a camisa negra suja de gesso, e as mãos empapadas de sangue. Minha adaga caída junto a minha coxa, no tapete, e a peguei.

Karatos estava sentado em minha cadeira e balançava para frente e para trás, como um menino, atrás de minha mesa, que punhas os pés para cima. Mudou de aspecto e era idêntico a um boneco que saía em um programa infantil que via de pequena no Canadá, uma marionete com o cabelo o pajem e bochechas ruborizadas. O condenado boneco me dava muito medo.

Ver uma versão adulta do boneco não me tranquilizava muito.

— Isto é patético — disse Karatos— De verdade dava medo um boneco?

Encolhi os ombros.

— Era horripilante.

O Terror moveu sua enorme e resplandecente cabeça de madeira e suas mechas de cabelo amarelo ondearam ligeiramente.

— Isto não é o que de verdade teme certo, Dawnie?

Fiquei quieta onde estava, tratando de parecer calma. A dor retrocedeu o suficiente para que pudesse me concentrar em curar as costelas. Quanto mais tempo perdesse ele escutando, mais tempo tinha eu para me recuperar.

— Não, suponho que não.

— O que de verdade teme — prosseguiu, agachando-se diante de mim— o que de verdade dá medo é ser um inseto estranho.

Merda.

— Vindo de uma criatura vestida como uma marionete, a frase perdeu muito efeito.

Karatos riu, com a risada do boneco. Estremeci.

— Procura ocultar embaixo esses comentários sarcásticos e irritantes, mas apesar de tudo eu posso ver seu interior, Dawn. E sei o que fez a Jackey Jenkins. Sei o que fez você a ela.

A última frase gelou o sangue.

— Eu nunca quis fazer mal.

— Não, mas você gostou verdade? — Uns enormes olhos inexpressivos se cravaram em mim



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

enquanto ele inclinava sua cabeça de madeira reluzente— Tem medo do que é. Tem medo de ser de verdade um inseto estranho. Sua boca quadrada de madeira se abriu de tudo, como se sorrisse— Tem medo de ser um monstro.

Durante um segundo fui incapaz de falar. Estava muito assustada e não sabia qual ia ser seu próximo movimento. Karatos não me defraudou. O rosto de madeira do boneco começou a derreter e em seu lugar apareceu um rosto humano. E sabem de quem era? Eu.

O Terror se converteu em mim. Sangue no rosto incluído. Era como olhar em um espelho, um espelho maléfico. Vi meus olhos mutantes e minhas pálidas bochechas. Vi as manchas de sangue que tinha na boca e no pescoço. Segurava inclusive uma réplica de minha adaga.

— Tem graça — disse meu outro eu com uma risada profunda que me fez estremecer— a coisa que mais teme do mundo é você mesma.

E então começou a rir e a rir. E quanto mais ria mais me zangava. Possivelmente eu tivesse medo do que era, mas sabia que podia controlá-lo. Eu tomava minhas próprias decisões, eu e ninguém mais. Uma das condições para ser terapeuta era subcolocar constantemente a terapia. Havia vezes em que era inclusive ridículo, mas podia afirmar sem temor a errar que conhecia a mim mesma da cabeça aos pés, e podia ver a verdade com toda clareza, inclusive embora não queria assumi-la.

E Karatos me proporcionou a resposta ao mencionar Jackey Jenkins. Eu utilizei os medos de Jackey contra ela, igual ele estava tratando de fazer comigo. Mas havia uma diferença: eu fiz melhor.

Com a adaga em uma mão, levantei a outra e segurei o Terror pelo pescoço da camisa, idêntica a que eu usava. Sorri cruelmente a meu próprio rosto.

— E você do que tem medo, Karatos?

Meus olhos em seu rosto piscaram atônitos. Sorri.

— Acredita que sabe tudo? De verdade acha que poderá sobreviver no mundo real? Vamos averiguar.

Empurrei-o para o portal que acabava de abrir atrás de seu ombro. Para me assegurar de que funcionava, dava um puxão ao bracelete que me deu Antwoine. Senti outro puxão em resposta e segurei Karatos com todas minhas forças. Ambos fomos parar no salão de Noah e rodamos como se fôssemos uma enorme meada.

Separamos, os dois ficamos caídos no chão de madeira.

Éramos duas pessoas idênticas.

Noah e Antwoine estavam ali, nos olhando horrorizados.

— Quem é quem? — perguntou Antwoine a Noah.

Karatos usava um bracelete idêntico ao meu, de modo que não havia maneira de nos distinguir.

Não olhei a nenhum dos dois, mas sim mantive o olhar fixo em Karatos e a adaga bem segura na mão.

— Se afaste — ordenei— Os dois!



TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

— A mandona é Dawn — disse Noah, bem antes de dar um chute a Karatos na cabeça, com tanta precisão e certeza que me encolheu o estômago. O Terror caiu para trás e bateu o chão com a cabeça.

— Se levante porco — ordenou Noah colocando-se de pé em cima dele, com as pernas separadas e os punhos fechados.

— Por isso o escolhi — disse minha outra versão do chão— Tem tanto ódio... Tanta raiva...

Ele respondeu dando outro chute. E outro. E outro. E quando Karatos tratou de levantar, Noah voltou a bater. Apesar de que ia a favor dele, senti náuseas. Sabia que aquela surra estava dando a Karatos, mas vê-lo bater com tanta violência a minha dupla impressionou. Graças a Deus que me distanciei. Mas não incomodava que o Terror tivesse meu rosto?

Este gritou e Noah voltou a bater. Saiu sangue pelo nariz quando a cabeça deu de novo contra o chão. *Chupe essa, bastardo.* Seguia gostando tanto da dor agora que era ele quem o sentia?

Tratei de me pôr em pé, mas só de me sentar doeu todo o corpo. Fiz uma pausa para recuperar o fôlego e então Noah cometeu o engano de me olhar.

Tudo aconteceu muito rápido. Apesar de não pertencer a esse mundo, Karatos seguia sendo muito forte e muito rápido, e assim que Noah baixou a guarda, ficou em pé, agarrou-o pelo cabelo e jogou a cabeça para trás. Eu gritei, não podia suportar ver como uma versão machucada e ensanguentada de mim mesma sorria ao fazer mal enquanto ele gemia de dor.

— Temos que ir, guri. — Karatos o empurrou para o portal que ainda seguia aberto. Ao ver que Noah caía, fiz provisão das forças necessárias para andar e ir atrás dele.

Mas não fui eu quem impediu que Noah cruzasse de novo para o mundo dos sonhos, onde o Terror sem dúvida o haveria possuído. Foi Morpheo quem segurou Noah pelos ombros.

— Tranquilo — disse e, com cuidado, empurrou-o para mim. Corri a seu lado e o rodeei com os braços, aliviada de que estivesse ali. Por fim chegou à maldita cavalaria. Senti seu quente abraço e não me importou ter ainda as costelas machucadas e sensíveis. Deixei que me estreitasse tão forte como quisesse, apesar de que tinha as mãos ensanguentadas pela surra que deu a Karatos.

Meu pai, que ia vestido com uma camisa azul escuro e jeans, parecia um operário da construção que se arrumou para ir a uma entrevista.

— Você — disse a Terror— Veem comigo.

Meu outro eu negou com a cabeça.

— Não.

Morpheo encolheu os ombros.

— Não tem escolha.

— Ficarei aqui — insistiu Karatos com a cabeça bem alta— Morrerei aqui.

E o faria em questão de minutos. Começaria a dissolver até ficar nada. Suponho que isso pareceu melhor que ter que enfrentar os que o mandaram ali.

Esteve mal que naquele instante sentisse lástima por aquela maldita coisa? Certo, meu pai





TWKliek

Kathryn Smith  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

provavelmente o teria destruído assim que chegassem ao mundo dos sonhos, mas era patético que decidisse morrer em um mundo que nem sequer era o seu.

Morpheo cruzou o salão com passo decidido. Colocou um braço ao redor dos ombros de Terror e por um segundo vi o aspecto que tínhamos meu pai e eu juntos. Vi o muito que nos parecíamos.

— Vamos para casa, pequeno sonho. Temos muito que falar.

Como, por exemplo, para quem trabalhava Karatos.

Este levantou a cabeça e olhou a meu pai como se fosse uma menina assustada.

— Não vai desfazer?

Morpheo sorriu como qualquer pai sorriria a seu filho.

— Não.

Possivelmente teria queixado se não tivesse ouvido a voz de meu pai em minha cabeça dizendo: *Desfazer, não. Refazer, sim.* Refazer; se não estava errada, isso era o equivalente ao reciclar dos humanos. Estranho, mas Karatos se converteria em outra coisa, em algo que não seria tão retorcido nem desagradável. Suponho que se poderia dizer que dava uma segunda oportunidade.

Não estava convencida de que a merecesse, mas isso não era da minha conta, mas sim do rei. O rei do mundo dos sonhos.

— Vou assegurar de que não tentará fugir — disse Morpheo enquanto fechava algo similar a um colar ao redor do pescoço de Terror. Parecia uma larga gargantilha dourada adornada com pedras preciosas. Ao ver como ficava Karatos, soube que ficaria muito bem, isso sim, quando não tivesse o rosto ensanguentado. Estava claro que o colar levava algum tipo de localizador. Não me importaria contar com um deles em meu arsenal particular algum dia.

Karatos recuperou sua forma original enquanto atravessava o portal, em direção aos membros da Guarda Real, responsáveis por sua custódia, que o esperavam do outro lado. Meu pai não o seguiu imediatamente. Em vez disso, voltou-se e abriu os braços.

— Está ferida?

Deixei de abraçar Noah para ir com ele, que me estreitou com delicadeza, e senti como uma agradável sensação me percorria dos pés a cabeça. Estava me curando. Neste mundo, ele também podia me curar.

Pelo visto, eu não era a única que fazia coisas que não deveria saber fazer.

— Arriscou muito ao fazer o que fez — murmurou. Eu não pude assentir com minha cabeça contra seu peito — Estou orgulhoso de você.

Estupendo! Agora ia começar a chorar. Sentia-me tão aliviada...

— Fará bem — murmurou contra meu cabelo, e tinha razão: encontrava-me muito melhor. Olhei.

— Como soube qual dos dois era eu?

O sorriso de meu pai foi leve e inclinado, mas sincero e muito doce.

— É minha filha. Reconheceria em qualquer parte.



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

E como se essa frase não fosse suficiente para me fazer chorar, deu um beijo na testa.

— E não se preocupe por sua mãe e por mim. Encontraremos a maneira de solucionar as coisas com sua outra família. De acordo?

Logo, depois de saudar Antwoine com um leve movimento de cabeça, Morpheo me soltou, encaminhou-se para o portal e o atravessou. Depois este se fechou e desapareceu sem deixar nem rastro do que aconteceu ali essa noite.

Noah e Antwoine correram a meu lado e celebramos juntos nossa vitória. Acredito que nenhum dos três terminávamos de acreditar no que acabava de acontecer. Nenhum de nós acreditava que tudo tivesse acabado.

— Está bem? — perguntei a Noah.

— Acredito — assentiu — E você?

Sorri e o abracei.

— Preciso tomar banho.

## **CAPÍTULO 25**

Duas semanas depois

— Levanta seu triste traseiro da cama. Vai chegar tarde.

Abri os olhos sem enfocar muito bem por culpa do sonho e me encontrei com o rosto sorridente de Noah.

— Meu traseiro não está triste.

Ele riu e desceu da cama. Usava uma camiseta branca e aquelas calças de pijama que eu gostava. Possivelmente sua irmã pequena não gostasse de mim, mas não podia dizer que não adorasse a seu irmão maior.

— Tem remelas. E vai chegar tarde ao seu primeiro dia de trabalho.

Esfreguei os olhos e me sentei. Estávamos em minha casa, e Dulce estava nos pés da cama, lambendo as patas. Cheirei o bacon e os ovos, e o aroma de café que saía da cozinha e grunhiu o estômago.

O despertador que tinha junto à cama marcava sete e quarenta. Não tinha que ir trabalhar até as nove.

— Não vou chegar tarde — disse, ao ver que ia.

Noah voltou a aparecer à cabeça pela porta com um sorriso de orelha a orelha.

— Se quer tomar banho, tomar café da manhã e fazer amor antes, sim.

Bom, dito desse modo... Saí da cama rindo. A vida era maravilhosa. Quase muito, mas não ia começar a me questionar isso depois de Karatos, Noah se recuperou cem por cento, e eu também. Aquela estranha sensação que passou o Terror Noturno seguia em meu interior, mas aprendi a controlá-la. Era como quando tem sintomas pré-menstruais. Meus pais se mantiveram fiéis a sua promessa de não me perguntar nada a respeito de minha outra família, nem voltaram a me pedir



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

que intercedesse em seu nome. E, graças a isso, agora não me importava visitar o mundo dos sonhos de vez em quando. Tinha melhor relação com Morpheo que com minha mãe, mas suponho que ainda havia esperanças para nós.

Enquanto, meu pai, o humano, aceitou uma entrevista com o especialista. O neurologista ia a Toronto no final de umas semanas, quando ficasse um pouco livre de trabalho. Eu não pensava muito nesse assunto, mas não era tão fria como para não fazer de vez em quando. O que mais me preocupava era como afetaria a minha família, se conseguiria ou não despertar a minha mãe. Morpheo e ela se comportavam como se isso não os inquietasse o mínimo, mas acredito que minha mãe começava a ter momentos de má consciência. E eu tratava de não me sentir mal por isso.

Tinha um trabalho novo. Na segunda-feira depois de derrotar Karatos, entrei na clínica e disse ao doutor Canning que ia. Ter que enfrentar meus medos, e à possibilidade de perder Noah, abriu os olhos. O doutor Canning era um estúpido, e estava farta de que me acozasse e me utilizasse. Agora podia trabalhar para quem quisesse e no domingo de noite me ofereceram a possibilidade de abrir minha própria clínica na prestigiosa clínica dos doutores Edward e Warren Clarke.

Foi ideia de Warren, não de Noah, o que fez que me resultasse mais fácil aceitar. E a oferta incluía Bonnie. Nos duas começávamos esse dia. Viva! Ali ia poder fazer algo bom com meu trabalho. Podia seguir com meus estudos sobre o sonho, mas também podia começar outros. Ultimamente tinha a teoria de que podia ajudar às pessoas de dentro de seus sonhos. Se pudesse entrar no que sonhava alguém que sofresse, por exemplo, de estresse pós-traumático e ver por mim mesma o horror ao que tinha que enfrentar, possivelmente pudesse assessorar melhor. E não só isso, possivelmente pudesse ir mudando o sonho pouco a pouco até obter que não fosse tão horrível. Podia ajudar meus pacientes a enfrentar seus problemas para que assim seu processo de cura fosse mais rápido. Tudo era muito excitante, e pela primeira vez em muito tempo sentia que podia contribuir algo positivo.

Tomei banho com toda pressa e fui à cozinha, onde Noah estava colocando os pratos para nós dois e para Lola, que o olhava com um sorriso de orelha a orelha. A minha amiga gostava muito do meu namorado, e isso eu gostava muito. E não me preocupava absolutamente que ela fosse tão bonita e simpática. Noah não a olhava como me olhava. Não tinha um quadro de Lola pendurado na parede de seu dormitório. Quando estava com ele, sentia-me pronta, divertida e sexy, e todos meus complexos desapareciam durante um momento. Assustava-me um pouco me apaixonar, mas não ia fazer nada para remediá-lo. Não depois de tudo o que tínhamos passado juntos.

Fazíamos planos para jantar com a família de Noah no fim de semana, e então veríamos se podia conquistá-los com a mesma facilidade com que ele conquistou as minhas amigas. O jantar foi ideia da mãe de Noah, assim não contava com que ela fosse me expor problemas. Sabia que a mulher gostava de Amanda, mas amava seu filho, e o que mais desejava no mundo era que Noah fosse feliz. Ao menos, isso queria acreditar eu. E quanto a sua irmã... Bom. Não ia deixar que uma



TWKliek

*Kathryn Smith*  
*Antes de Despertar*  
Crônicas do Pesadelo 01

adolescente me intimidasse.

Além disso, se comportava como uma bruxa sempre podia fazer que tivesse um pesadelo. Digo de brincadeira, é obvio. Mas possivelmente sim fizesse sonhar que ia um concerto de Wayne Newton várias vezes seguidas, ou sentá-la na primeira fila de um de Celine Dion. Se isso não a assustava na vida, nada faria.

Depois de tomar o café da manhã, Lola foi ao ginásio e Noah e eu voltamos para cama, apesar de que teria que ter aproveitado o tempo para me vestir. Fizemos amor rápido e sem muita sofisticação, rindo todo o momento. Não sabia o que aconteceria a nós dois, nem quanto tempo íamos durar, mas tínhamos chegado até ali e dava obrigado por isso. Quando terminamos, Noah ajudou a me vestir, e deixei que pusesse o brilho nos lábios. Adorava pintar os lábios, e eu gostava de parecer tão fascinante, quando, na realidade, seguia sendo só eu.

Não, não sabia se Noah ia acabar sendo o homem de meus sonhos, mas tinha a firme suspeita de que sim. Entretanto, de uma coisa estava certa: eu era a mulher dos seus.

*Fim*



**\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

*Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.*

*Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.*

*Respeite o grupo e as revisoras.*